CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

Priscilla Sayuri Fujiwara

PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL:
a representação sociodiscursiva e as estratégias enunciativas no discurso político

Belo Horizonte
2023

Priscilla Sayuri Fujiwara

PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL:
a representação sociodiscursiva e as estratégias enunciativas no discurso político

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Giani David Silva

Belo Horizonte
CEFET-MG
2023

Fujiwara, Priscilla Sayuri.
F961p Pandemia da covid-19 no Brasil : a representação sociodiscursiva e as estratégias enunciativas no discurso político / Priscilla Sayuri Fujiwara. – 2023.
236 f. : il.
Orientadora: Giani David Silva.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2023.
Bibliografia.

1. Análise do discurso. 2. Ethos. 3. Pathos. 4. Discurso político. I. Silva, Giani David. II. Título.

CDD: 401.41

Ficha elaborada pela Biblioteca - *campus* Nova Suíça - CEFET-MG
Bibliotecária: Rosiane Maria Oliveira Gonçalves - CRB6-2660

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS - NS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 9 / 2023 - POSLING (11.52.09)

Nº do Protocolo: 23062.036535/2023-94

Belo Horizonte-MG, 19 de julho de 2023.

PRISCILLA SAYURI FUJIWARA

PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL: A REPRESENTAÇÃO SOCIODISCURSIVA E AS ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS NO DISCURSO POLÍTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 13 de julho de 2023, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.ª Dr.ª Giani David Silva (Orientadora)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Dr. Ivan Vasconcelos Figueiredo
Universidade Federal de São João del-Rei

Prof. Dr. Antônio Augusto Braico Andrade
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

(Assinado digitalmente em 19/07/2023 10:42)
ANTONIO AUGUSTO BRAICO ANDRADE
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 2233045

(Assinado digitalmente em 02/08/2023 11:02)
GIANI DAVID SILVA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DIRGRAD (11.51)
Matrícula: 1534331

(Assinado digitalmente em 19/07/2023 13:25)
IVAN VASCONCELOS FIGUEIREDO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 308.467.088-92

Visualize o documento original em https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp informando seu número: **9**, ano: **2023**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **19/07/2023** e o código de verificação: **5f20361940**

Dedico esta pesquisa aos trabalhadores e trabalhadoras da saúde que, incansavelmente, enfrentaram a devastadora pandemia da covid-19 no Brasil, colocando suas vidas em risco para salvar outras.

AGRADECIMENTOS

Em memória de minha querida avó, Dona Hilda, desejo expressar minha mais profunda gratidão e reconhecimento por sua influência e impacto profundos em minha vida. Hilda Egashira Nakamura foi uma mulher filha de imigrantes, que estudou somente até o Ginásio, mas sempre me apoiou; ela acreditou em meu potencial e me orientou com as sábias palavras: “Estude, estude e estude”. Foi essa sabedoria que me guiou pelo mundo acadêmico, inspirando-me a perseguir meus objetivos com afinco.

Agradeço de coração à minha família, especialmente a minha mãe, Soraia Satiko Nakamura Fujiwara, e ao meu pai, Celso Iuquio Fujiwara, por terem me permitido sonhar e viver meu potencial. Desejo expressar minha gratidão ao meu companheiro de vida, Hugo Márcio Lemos Teixeira, que compartilha amorosamente seus sonhos, seus ideais e seu conhecimento comigo. Além de ser meu parceiro, ele é meu interlocutor, cujas contribuições inestimáveis contribuíram com meu pensamento crítico e minha abordagem acadêmica. Sem seu constante encorajamento ao longo dessa jornada, essa conquista não seria possível. Eu queria me ver com a doçura do seu olhar.

Meus sinceros agradecimentos à professora Dra. Giani David Silva, que gentilmente aceitou orientar minha pesquisa. Suas valiosas contribuições e *insights* compartilhados em nossas discussões sobre o tema desta dissertação foram fundamentais. Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Posling) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), por me proporcionar uma educação pública de qualidade, que foi essencial para a realização deste trabalho, e aos professores Dr. Claudio Humberto Lessa, Dr. Antônio Augusto Braico Andrade, Dr. Ivan Vasconcelos Figueiredo e Dra. Carla Barbosa Moreira, que colaboraram teoricamente para o seu desenvolvimento. Meus agradecimentos se estendem aos colegas de linha de pesquisa pelas trocas e apoio durante essa jornada. Agradeço também ao Dr. André Luiz Silva, pela revisão criteriosa do meu trabalho.

Desejo expressar minha gratidão à Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES-MG) e à Fundação Ezequiel Dias (Funed), nosso SUS MG, por me permitirem vivenciar diariamente a saúde pública, uma experiência fundamental para minha análise do discurso. Um

agradecimento especial à minha amiga Vivian Teixeira, que me encorajou a retornar à vida acadêmica, além de ter me auxiliado em momentos cruciais da pesquisa, e à Ana Paula Brum, que me ajudou a conciliar o trabalho na Funed com as aulas de mestrado.

O apoio dos meus amigos e amigas da Secretaria também foi fundamental para que eu pudesse me dedicar a esta pesquisa. Agradeço ao Antônio Cotta, Karen Moreira, Ricarda Caiafa, Thiago Bernardo, Renato Crispiniano, Francisco Machado, André Lanna, Fernanda Rosa, bem como a todos os colegas das Regionais de Saúde de Minas Gerais e em especial ao amigo Willian Pacheco.

Gostaria de estender meus agradecimentos aos meus amigos próximos e aos que dividiram comigo os tempos do Cólera e não soltaram a minha mão. Vocês foram meu suporte emocional ao longo de toda essa jornada de dissertação.

Por último e não menos importante, quero homenagear a Loulou, que foi meu apoio emocional, que ficou ao meu lado durante todo o desenvolvimento da pesquisa com sua companhia canina silenciosa.

Assim, a primeira coisa que a peste trouxe aos nossos concidadãos foi o exílio. (CAMUS, 1958/2019, p. 64).

RESUMO

O discurso político desempenhou um papel central na representação sociodiscursiva da pandemia da covid-19 (*Corona Virus Disease* 2019) no Brasil, que resultou em mais de 700 mil mortes no país entre 2020 e 2023. O ex-presidente da República Jair Bolsonaro, devido à sua posição social e legitimidade, conferiu veracidade a esse discurso. A partir da Análise do Discurso e a Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau, esta dissertação buscou evidenciar de que modo as estratégias enunciativas operaram no discurso político, como ato de linguagem, durante a crise sanitária. Foram analisados quatro vídeos, publicados no perfil pessoal de Jair Bolsonaro nas redes sociais digitais, que trataram do tema saúde pública e covid-19, em diferentes cenografias e situações comunicacionais, e que tiveram alto número de visualizações. As categorias analíticas utilizadas foram a construção de sua imagem (*ethos*), os elementos pathemicos em um discurso político populista (*pathos*) e as relações interdiscursivas polêmicas. A análise comparativa identificou estratégias discursivas comuns entre todos os enunciados, como o silenciamento da gravidade dos efeitos da covid-19, uma dramaturgia que encenou um discurso populista, a dicotomia e a polarização dos sentidos na representação sociodiscursiva da pandemia, por meio de estratégias pathemicas. Também foi observada a constante justificação em resposta às críticas, o uso de interdiscurso polêmico para reelaborar sentidos não verídicos e a utilização do interdiscurso para evocar imagens sociais que influenciaram os efeitos pathemicos. Cada microdispositivo analisado projetou um *ethos* discursivo específico, contribuindo para a eficácia do discurso e exercendo influência e persuasão.

Palavras-Chave: Análise do discurso. Teoria Semiolinguística. *Ethos*. *Pathos*. Representação sociodiscursiva.

ABSTRACT

The political discourse played a central role in the socio-discursive representation of the covid-19 pandemic (Corona Virus Disease 2019) in Brazil, which resulted in over 700,000 deaths in the country between 2020 and 2023. Ex-president of Brazil Jair Bolsonaro, due to his social position and legitimacy, conferred veracity to this discourse. Drawing upon Discourse Analysis and Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory, this dissertation sought to highlight how enunciative strategies operated in political discourse as a speech act during the health crisis. Four videos published on Jair Bolsonaro's personal profile on digital social networks, addressing the topics of public health and covid-19 in different scenographies and communicative situations, and with a high number of views, were analyzed. The analytical categories used were the construction of his image (ethos), pathemic elements in populist political discourse (pathos), and controversial interdiscursive relations. Comparative analysis identified common discursive strategies across all statements, such as downplaying the severity of the effects of covid-19, a dramaturgy that staged a populist discourse, dichotomy, and polarization of meanings in the socio-discursive representation of the pandemic through pathemic strategies. Constant justification in response to criticism was also observed, along with the use of controversial interdiscourse to reshape non-veridical meanings and the utilization of interdiscourse to evoke social images that influenced pathemic effects. Each analyzed microdevice projected a specific discursive ethos, contributing to the effectiveness of the discourse and exerting influence and persuasion.

Keywords: Discourse analysis. Semiolinguistic theory. *Ethos*. *Pathos*. Socio discursive representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dispositivo da encenação da linguagem 63
Figura 2 – Instâncias do dispositivo 99
Figura 3 – Vinheta estática de abertura com a marca do governo 105
Figura 4 – Símbolos nacionais em pronunciamento presidencial em rede nacional de televisão e rádio em 24 de março de 2020 106
Figura 5 – Entrevista do presidente da República ao apresentador Ratinho no Palácio do Planalto ...109
Figura 6 – Entrevista do presidente da República ao apresentador Ratinho no Palácio do Planalto e a bandeira do Brasil ao fundo 110
Figura 7 – Entrevista do presidente da República ao apresentador Ratinho no Palácio do Planalto e o brasão da República ao fundo 110
Figura 8 – Presidente Jair Bolsonaro em frente ao Palácio da Alvorada, no espaço conhecido como *cercadinho*, onde conversava com os seus apoiadores e imprensa 115
Figura 9 – O presidente Jair Bolsonaro moderou e participou da *live* com o presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães 119
Figura 10 – *Live* das quintas-feiras de Jair Bolsonaro com o presidente da Caixa com destaque para a divulgação do tratamento precoce não comprovado cientificamente, a hidroxicloroquina 122
Figura 11 – Presidente Jair Bolsonaro em pronunciamento oficial em cadeia de televisão e rádio 125
Figura 12 – Bolsonaro mantém a expressão mais séria durante todo o pronunciamento oficial até a imagem a seguir 135
Figura 13 – Bolsonaro nesse trecho muda a sua expressão séria para um sorriso irônico 135
Figura 14 – Bolsonaro gesticulando de forma energética quando questionado sobre a normalidade democrática 158
Figura 15 – Bolsonaro gesticulando de forma energética quando questionado sobre a normalidade democrática 159
Figura 16 – Bolsonaro gesticulando de forma energética quando questionado sobre a normalidade democrática 159
Figura 17 – Chegada do presidente ao *cercadinho* 161
Figura 18 – Chegada do presidente ao *cercadinho* 161
Figura 19 – Presidente Bolsonaro faz “joinha” para a imprensa de modo a reforçar o tom verbal de ironia 179
Figura 20 – Presidente Bolsonaro faz “joinha” para a imprensa de modo a reforçar o tom verbal de ironia 180

Figura 21 – Bolsonaro e Pedro Guimarães durante a *live* realizada na Biblioteca do Palácio do Alvorada 184
Figura 22 – Presidente Bolsonaro ri quando esquece o nome da doença que provoca a pandemia, coronavírus.....185
Figura 23 – O presidente Bolsonaro mostra as duas caixas de medicamentos sem comprovação científica para o tratamento da covid-19.....195
Figura 24 – Presidente Bolsonaro mostrando as caixas de dois medicamentos para o tratamento de casos da covid-19.....205
Figura 25 – O presidente mostra os medicamentos após o *zoom* nas duas caixas 206

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AD	Análise do discurso
Anvisa	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
Arena	Aliança Renovadora Nacional
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CEF	Caixa Econômica Federal
Cefet-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Covid-19	*Corona Virus Disease* 2019
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
EBC	Empresa Brasileira de Comunicação
EUc	Eu comunicante
EUe	Eu enunciador
FDA	*Food and Drug Administration*
Funed	Fundação Ezequiel Dias
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
G20	Grupo dos Vinte
MD	Ministério da Defesa
MRE	Ministério das Relações Exteriores
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
Opas	Organização Pan-Americana de Saúde
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PF	Polícia Federal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNI	Programa Nacional de Imunizações
Posling	Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens
Pros	Partido Republicano da Ordem Social
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
PRTB	Partido Renovador Trabalhista Brasileiro

PSD	Partido Social Democrático
PSL	Partido Social Liberal
Psol	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
RT-PCR	Reação da transcriptase reversa seguida pela reação em cadeia da polimerase
Sars-CoV-2	*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*
SBC	Sociedade Brasileira de Cardiologia
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SES-MG	Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
TS	Teoria Semiolinguística
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
TUd	Tu destinatário
TUi	Tu interpretante
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UTI	Unidade de Terapia Intensiva
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 18
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO 18
1.2 TEMA 24
1.3 JUSTIFICATIVA 25
1.4 PROBLEMA DE PESQUISA 27
1.5 OBJETIVOS 29
1.5.1 Objetivo Geral 29
1.5.2 Objetivos específicos 30
1.6 A PESQUISA 30

2 A (NOVA) DIREITA NO BRASIL 32
2.1 LIBERTARIANISMO, FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E ANTICOMUNISMO 32
2.2 BLOCOS DISCURSIVO-POLÍTICOS 36
2.2.1 Partido do Boi 37
2.2.2 Partido Teocrata 38
2.2.3 Partido da Ordem 40
2.2.4 Partido do Mercado 41
2.2.5 Partido dos *Trolls* 42
2.3 ELEIÇÕES 2018 45
2.3.1 Antes do bolsonarismo, Bolsonaro 47
2.3.2 A pós-verdade 48
2.4 O POPULISMO NO BOLSONARISMO 50

3 QUADRO TEÓRICO E A METODOLOGIA DE ANÁLISE 56
3.1 ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO A PARTIR DA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA 57
3.1.1 Discurso político: a política não pode agir sem as palavras 59
3.1.2 Situação e contrato de comunicação 61
3.2 *ETHOS* COMO ESTRATÉGIA DO DISCURSO POLÍTICO 64
3.2.1 *Ethos*, estereotipagem e cenografia 67
3.3 A ENCENAÇÃO DO *PATHOS* NO DISCURSO POPULISTA 71
3.4 IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS E O INTERDISCURSO 75
3.4.1 *Ethos* e imaginários sociodiscursivos 82
3.4.2 *Ethé* de credibilidade 84

3.4.3 *Ethé* de identidade 85
3.5 METODOLOGIA 87
3.5.1 Condição de identidade 90
3.5.2 Condição do dispositivo: lugar de mediação 91
3.5.3 Design metodológico 92
3.5.3.1 Design Metodológico – Etapa 1 93
3.5.4 Construção da imagem de si 94
3.5.5 Estratégias pathemicas 95
3.5.6 Relações interdiscursivas 95
3.5.6.1 Design Metodológico – Etapa 2 96
3.5.6.2 Design Metodológico – Etapa 3 97

4 ANÁLISE: SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO 98
4.1 CONDIÇÃO DE IDENTIDADE: LUGAR DE GOVERNANÇA 98
4.1.1 Instância política: sobre a legitimidade e características psicossociais 100
4.2 CONDIÇÃO DO DISPOSITIVO 102
4.2.1 Microdispositivo: pronunciamento do presidente da República em rede nacional de televisão e rádio 103
4.2.1.1 Situação de comunicação: características do microdispositivo 104
4.2.1.2 Situação de comunicação: identidades dos sujeitos e finalidade 105
4.2.1.3 Cena de enunciação 105
4.2.1.4 Contrato de pronunciamento oficial: a credibilidade 106
4.2.2 Microdispositivo: entrevistas jornalísticas 107
4.2.2.1 Situação de comunicação: características do microdispositivo 107
4.2.2.2 Situação de comunicação: identidades dos sujeitos e finalidade 108
4.2.2.3 Cena de enunciação 109
4.2.2.4 Contrato de entrevista: o diálogo possível? 111
4.2.3 Microdispositivo: fala no *cercadinho* no Palácio da Alvorada 114
4.2.3.1 Situação de comunicação: características do microdispositivo 114
4.2.3.2 Situação de comunicação: identidades dos sujeitos e finalidade 115
4.2.3.3 Contrato no "cercadinho": é possível ter acordos tácitos? 116
4.2.3.4 Cena de enunciação: uma nova cenografia 116
4.2.4 Microdispositivo: *lives* realizadas em perfis pessoais de redes sociais digitais 117
4.2.4.1 Situação de comunicação: características do microdispositivo 118
4.2.4.2 Situação de comunicação: identidades dos sujeitos e finalidade 119

4.2.4.3 Contrato das *lives*: uma comunicação direta 120
4.2.4.4 Cena de enunciação: a busca pelo efeito de verdade 121
4.3 QUADRO DESCRITIVO 122

5 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS ENUCIATIVAS: PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA EM REDE NACIONAL DE TELEVISÃO E RÁDIO 124
5.1 ANÁLISE: CENOGRAFIA DE UM *ETHOS* DE CREDIBILIDADE 124
5.2 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO 126
5.3 ANÁLISE: DISCURSO POPULISTA E O MOVIMENTO DOS AFETOS 128
5.4 ANÁLISE: DICOTOMIA ENTRE A CRISE ECONÔMICA X CRISE SANITÁRIA 129
5.5 ANÁLISE: AS FONTES DO MAL E OS CAUSADORES DA CRISE 130
5.6 ANÁLISE: SIGA O LÍDER "A VIDA TEM QUE CONTINUAR", "É SÓ UMA GRIPEZINHA" 132
5.7 ANÁLISE: *ETHOS* DE SALVADOR DO MERCADO X *ETHOS* DE DESUMANIDADE E INDIFERENÇA 132
5.8 ANÁLISE: *ETHOS* DE POTÊNCIA 134
5.9 ANÁLISE: "É SÓ UMA GRIPEZINHA" E "CLOROQUINA" E O *PATHOS* DE ESPERANÇA E TRANQUILIDADE 134
5.10 ANÁLISE: *ETHOS* DE HUMANIDADE? 137
5.11 ANÁLISE: GUIA SUPREMO E O *PATHOS* DA ESPERANÇA 137
5.12 QUADRO RESUMO: PRONUNCIAMENTO EM REDE DE TELEVISÃO E RÁDIO 138

6 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS ENUCIATIVAS: ENTREVISTAS JORNALÍSTICAS 141
6.1 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO PARA AS "MASSAS" QUE GOSTAM MUITO DO PRESIDENTE 141
6.2 ANÁLISE: *ETHOS* DE CHEFE, AS FIGURAS DO GUIA SUPREMO E "SENHOR DA GUERRA" 143
6.3 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICATIVA EM NOME DO POVO 143
6.4 ANÁLISE: MOVIMENTO DOS AFETOS DE TRANQUILIDADE E SEGURANÇA, *ETHOS* DE COMPETENTE E INTERDISCURSIDADE COM A CIÊNCIA 144
6.5 ANÁLISE: *ETHOS* DE CHEFE DE ESTADO, TUDO EM NOME DA SOBERANIA 145
6.6 ANÁLISE: *ETHOS* DE CHEFE NA FIGURA DO "SENHOR DA GUERRA" 147
6.7 ANÁLISE: RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS E O *PATHOS* POSITIVO DE TRANQUILIDADE, SEGURANÇA E ORGULHO NACIONAL 148

6.8 ANÁLISE: PANDEMIA COMO HISTERIA E OS EFEITOS PATHEMICOS NEGATIVOS DE ANGÚSTIA 151
6.9 ANÁLISE: DISCURSO POPULISTA COMO DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO 153
6.10 QUADRO RESUMO: ENTREVISTAS JORNALÍSTICAS....155

7 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS ENUCIATIVAS: FALA NO *CERCADINHO* NO PALÁCIO DO ALVORADA....157
7.1 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO: RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS, UMA RESPOSTA ÀS CRÍTICAS....157
7.2 ANÁLISE: O *ETHOS* MOSTRADO DE POTÊNCIA POPULISTA 158
7.3 ANÁLISE: ADVERSÁRIOS POLÍTICOS E O *PATHOS* DE ANTIPATIA....161
7.4 ANÁLISE: "O CAOS ESTÁ AÍ" E O *PATHOS* DA ANGÚSTIA 163
7.5 ANÁLISE: *ETHOS* SALVADOR OU *ETHOS* AUTORITÁRIO? 165
7.6 ANÁLISE: ADVERSÁRIOS POLÍTICOS E O *PATHOS* DE RESPULSA E ANTIPATIA II....167
7.7 ANÁLISE: *ETHOS* DE COMPETÊNCIA, O IMAGINÁRIO ULTRALIBERAL FATALISTA E A ESPERANÇA COM A CLOROQUINA 167
7.8 ANÁLISE: GUIA PROFETA, SOBERANO E VIRTUOSO....169
7.9 ANÁLISE: *ETHOS* DE POTÊNCIA E PAPEL DO ESTADO....170
7.10 ANÁLISE: *ETHOS* DE DESUMANIDADE E INDIFERENÇA, "A GENTE LAMENTA"....171
7.11 ANÁLISE: *ETHOS* DE COMPETÊNCIA E INTERDISCURSIVIDADE COM O CAMPO CIENTÍFICO E COM O MEDO COMUNISTA....173
7.12 ANÁLISE: *ETHO*S DE POTÊNCIA POPULISTA E A CLAQUE COMO ENUNCIADOR....174
7.13 ANÁLISE: "SENHOR DA GUERRA" E O UNIVERSO PATHEMICO 176
7.14 ANÁLISE: *ETHOS* DE POTÊNCIA, O PAPEL DO ESTADO, O ANTICOMUNISMO E O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO 177
7.15 ANÁLISE: O ENCERRAMENTO E O *ETHOS* DE TROLL 178
7.16 QUADRO RESUMO: FALA CERCADINHO DO PALÁCIO DA ALVORADA 181

8 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS ENUCIATIVAS: *LIVES* REALIZADAS EM PERFIS PESSOAIS DE REDES SOCIAIS 184
8.1 ANÁLISE: A CENOGRAFIA DE UM *ETHOS* DE HUMANIDADE 184
8.2 ANÁLISE: *ETHOS* DE HUMANIDADE E AS *LIVES* OFICIOSAS....185
8.3 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO E O *ETHOS* DE SOLIDARIEDADE....187
8.4 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO E A CONCESSÃO RESTRITIVA 188

8.5 ANÁLISE: *PATHOS* DE ANGÚSTIA E DE ANTIPATIA X *PATHOS* DE TRANQUILIDADE 189
8.6 ANÁLISE: IMAGINÁRIO ULTRALIBERAL E ANTICOMUNISTA 190
8.7 ANÁLISE: SILENCIAMENTO E O *ETHOS* DE CHEFE DA CRISE ECONÔMICA 190
8.8 ANÁLISE: CLOROQUINA COMO SABER DE CRENÇA 194
8.9 ANÁLISE: NO LUGAR DO SUS, O VOLUNTARISMO 196
8.10 ANÁLISE: *ETHOS* DE POTÊNCIA, DE CHEFE E DO CANDIDATOPOPULISTA 198
8.11 ANÁLISE: ADVERSÁRIOS X FIGURA DE SALVADOR 201
8.12 ANÁISE: *PATHOS* DE ANGÚSTIA.....203
8.13 ANÁLISE: *ETHOS* DE CHEFE, GUIA-PROFETA E A CLOROQUINA.....205
8.14 QUADRO RESUMO: *LIVE* REALIZADA EM PERFIS PESSOAIS DE REDES SOCIAIS 209

9 REPRESENTAÇÃO SOCIODISCURSIVA DA PANDEMIA NO BRASIL 212
9.1 QUADRO RESUMO COMPARATIVO.....213
9.2 O DISCURSO POPULISTA E A DRAMATURGIA DISCURSIVA.....206
9.2.1 Situação de declínio no discurso político bolsonarista 206
9.2.2 As fontes do mal 209
9.2.3 A figura do salvador.....210
9.3 O SILENCIAMENTO NO DISCURSO BOLSONARISTA.....213
9.4 A DICOTOMIA E AS EMOÇÕES 214
9.5 DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO.....216
9.6 INTERDISCURSO POLÊMICO E O SABER DE CRENÇA COMO FORMA DE REELABORAR SENTIDOS INVERÍDICOS.....217
9.7 IMAGINÁRIOS SOCIAIS ACIONADOS PARA ANCORAREM A PRODUÇÃO DE EFEITOS PATHEMICOS E DO *ETHOS* DE SALVADOR.....219
9.8 OS *ETHÉ* COM EFEITOS PATHEMICOS E OS EFEITOS PATHEMICOS PROJETANDO A IMAGEM DE SI DO ENUNCIADOR 221
9.9 OS ETHÉ MOSTRADOS E O DISCURSIVO.....221
9.9.1 O presidente chefe de Estado 222
9.9.2 O presidente candidato populista 223
9.9.3 O presidente *Troll*.....224
9.9.4 O presidente salvador 225

10 CONCLUSÃO 227

REFERÊNCIAS 231

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

> [...] a pandemia da covid-19 marca o final do século XX. (SCHWARCZ, 2020, p. 6).

A historiadora Lilia Schwarcz (2020), no ensaio "Quando acaba o século XX", afirma que o século terminou com a pandemia da covid-19, por se tratar de um acontecimento social que produziu uma crise, ao colocar em questão verdades já consolidadas e deixar mais evidente e vulnerável nosso lado humano. Enquanto a marca do século XX foi a tecnologia e a ideia de que ela nos emanciparia e libertaria, fazendo-nos acreditar que estávamos livres dos limites geográficos, corpóreos e temporais, um vírus invisível ao olho nu nos mostrou que estávamos equivocados.

Foram três meses entre o primeiro caso confirmado da covid-19, doença infecciosa causada pelo coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave (Sars-CoV-2; em inglês, *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, até o dia 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou o alerta máximo: a transmissão da doença havia atingido a escala de uma pandemia. Embora as autoridades sanitárias afirmassem que o termo "pandemia" se referia à distribuição geográfica de uma doença, e não à sua gravidade (OPAS, 2021), a doença produziu medo e insegurança.

Mais de três anos se passaram. Até o dia 12 de abril de 2023, a OMS já registrou 6,8 milhões de mortes e mais de 762 milhões de pessoas infectadas (WHO, 2023). Com 2,7% da população mundial, o Brasil concentrou 10% das mortes no mundo, ao registrar mais de 700 mil óbitos por covid-19. Tragicamente, o país está em segundo lugar no número de óbitos, atrás somente dos Estados Unidos.

Não bastasse o aumento exponencial de casos confirmados e óbitos, a situação era acentuada diante das desinformações geradas, principalmente, pelo então presidente da República, Jair Bolsonaro, que insistia em recomendar a cloroquina[1] e a sua derivada, a

[1] Segundo o *Informa SUS*, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR, 2020), sobre o uso indiscriminado de cloroquina para o tratamento precoce dos casos de covid-19: "No Brasil, a discussão sobre a recomendação do uso da cloroquina nos protocolos seguidos pelos médicos se tornou um caso político: por não concordarem com esse protocolo, dois Ministros da Saúde pediram demissão. Coube a um militar, que assumiu a pasta de forma interina, liberar a cloroquina para todos os pacientes de COVID-19. Em 20 de maio de 2020 foi divulgado o novo protocolo que recomendava o uso do da cloroquina para casos leves, moderados e graves de COVID-19.

hidroxicloroquina, como tratamentos precoces e para casos confirmados de covid-19, além de incentivar o descumprimento de todas as medidas de proteção individual, como o uso de máscara e distanciamento social; ele legitimou também o movimento antivacina. Como pesquisadora no campo da linguagem, jornalista e servidora pública no SUS, ademais vivi a crise sanitária, passei a ver colegas, amigos e familiares adoecerem e alguns até morrerem. O discurso político durante a pandemia permeou o meu trabalho e a minha vida pessoal, logo se tornou latente em minha pesquisa.

Quando os primeiros casos notificados no Brasil foram diagnosticados em 2020, eu ainda trabalhava como jornalista na Assessoria de Comunicação Social da Fundação Ezequiel Dias (Funed), no Governo de Minas Gerais, o primeiro laboratório no estado a realizar os testes de reação da transcriptase reversa seguida pela reação em cadeia da polimerase (RT-PCR), para a identificação do vírus Sars-CoV-2. A Funed é um dos principais Instituto de Ciência e Tecnologia no Brasil com pesquisas voltadas para o desenvolvimento de vacinas, soros e medicamentos, exames, análises laboratoriais e sequenciamento genético viral para o SUS.

Com o aumento dos casos confirmados pela doença, acompanhei como se deu a alta transmissibilidade do novo coronavírus e a necessidade de respostas rápidas das autoridades sanitárias, contando, principalmente, com o comportamento e colaboração da população como fator decisivo para a contenção da transmissão da doença no país. Após o aumento do número de casos no país e no estado, em dezembro de 2020, voltei a trabalhar na Assessoria de Comunicação Social da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES-MG), onde atuei como jornalista durante a segunda onda[2] epidemiológica de transmissão da doença e na divulgação da Campanha de Imunização.

Durante o período da pandemia, o chefe do executivo estadual à frente do Governo de Minas Gerais era o governador Romeu Zema, do partido Novo, eleito, principalmente, por

---

O objetivo desse protocolo era de uniformizar as orientações para os profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS). Dias depois, em 02 de junho de 2020, diante do aumento exponencial do uso não aconselhável da cloroquina, o Conselho Nacional de Saúde recomendou a suspensão imediata das orientações do Ministério da Saúde para manuseio medicamentoso precoce de pacientes com diagnóstico da COVID-19, como ação de enfrentamento relacionada à pandemia do novo coronavírus por não haver evidências científicas que justificassem a elaboração de um protocolo com recomendações para o uso de cloroquina e hidroxicloroquina para a prevenção da COVID-19".

[2] Segundo Moura EC et al (2022), em "Covid-19: evolução temporal e imunização nas três ondas epidemiológicas, Brasil, 2020–2022", a primeira onda foi entre 23 de fevereiro de 2020 a 25 de julho de 2020, quando foram notificados 7.677 óbitos semanais, segundo dados do Ministério da Saúde. A segunda, mais longa e mais letal, ocorreu entre 8 de novembro de 2020 e 10 de abril de 2021, que terminou com o triplo de óbitos: 21.141 mortes em uma semana. Já a terceira onda foi a mais curta, de 26 de dezembro de 2021 a 21 de maio de 2022, na qual ocorreram 6.246 óbitos no total.

seu apoio durante às eleições ao então candidato à Presidência, Jair Bolsonaro, em 2018. Alinhado politicamente ao governo federal, intitulava-se como liberal na economia e conservador nos costumes, o que também foi um desafio para a gestão do SUS em Minas Gerais, visto ser o sistema público de saúde um direito constitucional de todos e dever do Estado, que tem como princípios a universalização, equidade e integralidade dos serviços:

> O Sistema Único de Saúde (SUS) é um dos maiores e mais complexos sistemas de saúde pública do mundo, abrangendo desde o simples atendimento para avaliação da pressão arterial, por meio da Atenção Primária, até o transplante de órgãos, garantindo acesso integral, universal e gratuito para toda a população do país. Com a sua criação, o SUS proporcionou o acesso universal ao sistema público de saúde, sem discriminação. A atenção integral à saúde, e não somente aos cuidados assistenciais, passou a ser um direito de todos os brasileiros, desde a gestação e por toda a vida, com foco na saúde com qualidade de vida, visando a prevenção e a promoção da saúde[3].

A gestão das ações e dos serviços de saúde é solidária e participativa entre os três entes da Federação, ou seja, Ministério da Saúde, Estados e Município trabalham em rede, conforme determina a Constituição Federal. Cada ente tem suas corresponsabilidades. Aqui, em Minas Gerais, na SES, tivemos grandes desafios, como informar e esclarecer a população quanto às medidas preventivas, à gravidade da doença e à importância da vacinação como único, mais seguro e eficaz método para evitar as formas mais graves da covid-19.

Devido à velocidade de propagação da doença e para evitar o esgotamento dos serviços de saúde, especialmente de terapia intensiva, governos estaduais e prefeituras municipais no Brasil adotaram medidas para reduzir o contágio da covid-19 e a transmissão do vírus. Para regulamentar as ações das gestões, o governo federal publicou a Lei n° 13.979 no dia 6 de fevereiro de 2020, que normatizou medidas, como a de isolamento, quarentena e determinação compulsória de testes laboratoriais, vacinação e tratamentos médicos específicos para enfrentamento à transmissão do coronavírus. Era, na prática, as três esferas trabalhando integradas, alinhadas e em rede.

A partir da regulamentação, as ações preventivas poderiam ser adotadas tanto pelo governo federal, como pelos estaduais e os municipais, com a finalidade de promoção e preservação da saúde pública, devendo ser determinadas com base em evidências científicas e em análises sobre as informações estratégicas em saúde, com o tempo determinado e espaço

[3] BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema Único de Saúde. Disponível em: https://abre.ai/gf7U. Acesso em: 12 nov. 2022.

estipulado, como descrito na própria Lei. Isso ia ao encontro do cenário sanitário descrito pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2021), que afirmava que na região das Américas, uma em cada seis pessoas infectadas por covid-19 ficava gravemente doente e desenvolvia dificuldade em respirar. As pessoas idosas e as que tinham condições de saúde crônicas, como pressão alta, problemas cardíacos e do pulmão, diabetes ou câncer, tinham maior risco de ficarem gravemente doentes, demandando internações em leitos clínicos ou em Unidades de Terapia Intensiva (UTI), apesar de alertarem que "[...] qualquer pessoa pode pegar a covid-19 e ficar gravemente doente" (OPAS, 2021).

Mesmo sancionando a Lei, o posicionamento, pronunciamentos e atos do ex-presidente Jair Bolsonaro não refletiam uma preocupação em enfrentar a infecção causada pelo coronavírus como uma emergência de saúde pública e de importância internacional, levando a uma política deliberada contra a vida, como descrito pela historiadora Lilia Schwarcz (2020):

> Uma doença só existe quando se concorda que ela existe. É preciso mostrar para a população que estamos doentes. Se não temos diretrizes claras por parte do governo, se nosso presidente insiste em dar contraexemplos e apoiar aglomerações, não há argumentos que dê conta de se opor ao negacionismo de parte da população brasileira. (SCHWARCZ, 2020, p. 11).

Em decorrência de seu posicionamento pessoal frente às ações de saúde pública para o enfrentamento à pandemia, entrando em conflito com as recomendações da OMS, as estratégias de comunicação da Presidência tornaram-se objeto de investigação na Comissão Parlamentar de Inquérito no Senado (SENADO FEDERAL, 2021[4]), também conhecida como CPI da Pandemia, instalada em 27/4/2021. Uma das justificativas, de acordo com o senador Randolfe Rodrigues (SENADO FEDERAL, 2021), é que tais ações comunicativas levaram ao descontrole pandêmico, o que promoveu um genocídio no país.

Enquanto por um lado os órgãos de saúde, cientistas e epidemiologistas orientavam políticas de isolamento e distanciamento social para a diminuição de contágio, por outro, a figura de maior autoridade no país defendia que o melhor para a população seria a reabertura dos comércios, pois, assim, a economia "voltaria a girar". Essas orientações contraditórias provocavam muitas dúvidas na população, como descreve Avelar (2021, p. 351) acerca do posicionamento de Bolsonaro:

---

[4] BRASIL. Senado Federal. Atividade legislativa. CPI da pandemia. Disponível em: https://encurtador.com.br/hszJQ. Acesso em: 12 nov. 2022.

> Incentivou a população a desobedecer a medidas sanitárias de seu próprio ministro, governadores e prefeitos. Convocou manifestações contra o Congresso e contra o STF, para depois mentir e dizer que um vídeo que circulara em 2020 era de 2015. Repetidamente saiu, provocou aglomerações, apertou mãos e criou situações de contágio, não apenas diretamente, com seu próprio corpo, mas Brasil afora, por suas declarações.

As divergências quanto às medidas a serem adotadas entre a Presidência, o Ministério da Saúde (MS) e os governos estaduais foram frequentes, o que também levou às trocas constantes de ministros, sendo que, em um período de um ano, foram nomeados quatro ministros da Saúde. Quando a pandemia iniciou, o médico ortopedista, ex-deputado federal, Luiz Henrique Mandetta, ocupava o cargo desde o dia 1º de janeiro de 2019. Foi exonerado no dia 16 de abril de 2020, após defender medidas de isolamento social e orientar as recomendações da OMS para a população, em discordância com o entendimento de Jair Bolsonaro:

> O protagonismo que Mandetta ganhou ao liderar o combate ao coronavírus incomodou Bolsonaro. Em dado momento, a aprovação do Ministério da Saúde sob seu comando foi maior que a do presidente, segundo pesquisa Datafolha feita à época. Além disso, o apoio público de Bolsonaro ao uso da cloroquina no tratamento da covid-19, mesmo não havendo comprovação de sua eficácia, também foi motivo de discordância entre os dois (MOTTA, 2021).

Segundo o próprio Mandetta (2021), havia um descompasso sobre o entendimento da equipe do Ministério da Saúde a respeito da dramaticidade da pandemia e o restante do governo, o que ficou claro durante a posse da secretária de Cultura na época, Regina Duarte, assim como na viagem do então presidente aos Estados Unidos, em 7 de março de 2020, e em comportamentos da própria rotina do mandatário:

> O Palácio do Planalto vivia como se o novo coronavírus não existisse. No dia 4 de março ocorreu a cerimônia de posse da atriz Regina Duarte como secretária de Cultura. Fui convidado e compareci ao evento. O que eu presenciei foi um completo desprezo pelas medidas de prevenção contra o vírus. (MANDETTA, 2021, p. 71).

Após as divergências no enfrentamento da pandemia, foi nomeado como ministro da Saúde o médico oncologista Nelson Teich, que ficou pouco mais de um mês no cargo, entre os dias 16 de abril e 15 de maio de 2020. Da mesma forma que o antecessor, ele também defendia o isolamento social como medida de saúde pública, chegando a propor confinamento

total em cidades com maiores taxa de transmissão da doença. Um outro ponto de conflito entre o ex-presidente e o ministro era em relação ao uso da cloroquina no tratamento da covid-19:

> Teich vinha sendo cobrado por Bolsonaro para mudar o protocolo do Ministério da Saúde para o tratamento da covid-19. O presidente defendia a recomendação para o uso da cloroquina, enquanto o então ministro não considerava o medicamento uma solução. Além disso, Teich estava isolado, não tendo sido sequer consultado quando o governo federal editou um decreto que ampliava as atividades consideradas essenciais para incluir academias e salões de beleza. (MOTTA, 2021).

Para substituir o médico oncologista, foi nomeado pelo ex-presidente o general do Exército, Eduardo Pazuello, sendo o ministro que mais tempo permaneceu à frente da pasta da Saúde durante a pandemia, de 15 de maio de 2020 a 15 de março de 2021. Na gestão de Pazuello, o Ministério da Saúde lançou o protocolo de tratamento da covid-19[5], que recomendava a utilização da cloroquina para o tratamento de casos leves da doença. O anúncio do protocolo foi feito no dia 20 de maio de 2020, em coletiva de imprensa do Ministério da Saúde[6], assim como queria Bolsonaro.

Visto como subserviente ao presidente, "um manda, outro obedece", como Pazuello chegou a dizer durante a transmissão de uma *live* em outubro de 2020, a gestão do ministro tornou-se alvo de investigação pela CPI da Pandemia, devido à demora na negociação com laboratórios na compra de vacinas contra a covid-19 e pela omissão durante a crise sanitária no Amazonas, onde pacientes morreram asfixiados por falta de cilindros de oxigênio medicinal (SENADO FEDERAL, 2021).

Apesar dos recordes de mortes por covid-19 e a vacinação em ritmo lento, por erros de logística e falta dos imunizantes, o ex-presidente somente exonerou o ministro após a pressão de parlamentares do chamado "Centrão", que culminou com a instalação da CPI (MOTTA, 2021). O general foi substituído pelo médico e presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), Marcelo Queiroga, que foi ministro da Saúde até o final da gestão de Bolsonaro, em dezembro de 2022. De perfil técnico, Queiroga defendeu o isolamento social como forma de combate à pandemia e já se posicionou contrário ao "tratamento precoce" à base de cloroquina.

---

[5] MINISTÉRIO da Saúde apresenta novo protocolo para uso da cloroquina. **AgênciaBrasil**, 20 maio 2020. Disponível em: https://encurtador.com.br/ewNU6. Acesso em: 12 nov. 2022.

[6] TV BRASILGOV. Coletiva de imprensa no Palácio do Planalto sobre Covid-19. Brasília, 20 maio 2020. **YouTube**. Disponível em: https://encurtador.com.br/BFUY5. Acesso em: 12 nov. 2022.

Além das constantes disputas com seus ministros da Saúde, Bolsonaro estendeu a crise política às relações com os governadores, principalmente com o do estado de São Paulo à época, João Doria. Um dos pontos de divergência foi em relação à liderança exercida pelo governador frente às medidas de restrição de circulação. A partir do dia 24 de março de 2020, foi decretada, pelo governo do estado de São Paulo, quarentena em todos os 645 municípios. A medida impôs o fechamento do comércio, exceto serviços essenciais de alimentação, abastecimento, saúde, bancos, limpeza e segurança. Um outro ponto de conflito foi o desenvolvimento da primeira vacina regulamentada no Brasil contra a covid-19, pelo Instituto Butantan, em parceria com o laboratório chinês Sinovac, gerando ataques xenófobos do ex-presidente Bolsonaro e posicionamento crítico negacionista[7] ao imunizante.

Com a proximidade das eleições municipais, em outubro de 2020, a pressão de grupos econômicos acabou por levar à flexibilização das medidas restritivas, principalmente pelas gestões municipais, como ocorreu nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, onde seus respectivos prefeitos, Bruno Covas, Alexandre Kalil e Marcelo Crivella, tentavam se reeleger. Nelas, os chefes do executivo municipal lideraram as medidas que permitiram a reabertura do setor comercial, o que levou a um aumento de casos e mortes por covid-19, a chamada "segunda onda", e o colapso em Manaus, onde pessoas morreram por falta de leitos de internações e de medicamentos para sedação, os chamados "kit intubação".

Um marco importante da pandemia no Brasil foi o início da vacinação dos grupos prioritários, a partir de janeiro de 2021, estratégia coordenada a princípio pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI), do Ministério da Saúde, que desde 1973 é responsável pela erradicação da varíola e da poliomielite no Brasil e por imunizar contra pelo menos outras trinta doenças. Após dois anos da primeira pessoa a ser vacinada no Brasil, em abril de 2023, 80,56% da população brasileira já recebeu a segunda dose ou dose única da vacina, segundo o Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde (G1, 2023).

1.2 TEMA

[7] Sobre o negacionismo, é importante delimitar o nosso entendimento conforme definição estabelecida pela Academia Brasileira de Letras (ABL), como a "[...] atitude tendenciosa, que consiste na recusa de aceitar a existência, a validade ou a verdade de algo, como eventos históricos ou fatos científicos, apesar das evidências ou argumentos que o comprovam." (*apud* BRUCK, 2022, p. 21).

Não há discurso sem enunciação, sem dialogismo, sem apresentação de si e sem marcas no enunciado que convide o outro a compartilhar modos de pensar, de ver e de sentir. Essa síntese sobre a constituição do discurso de Ruth Amossy (2020) nos levou a refletir acerca do papel da linguagem e como se deu a representação sociodiscursiva da pandemia da covid-19 no Brasil.

O discurso político foi central nesse momento sócio-histórico brasileiro, sobretudo quando o sujeito enunciador foi o presidente da República, visto sua legitimidade como autoridade que ocupa o papel de gestor da crise sanitária que, no Brasil, superlotou hospitais, levou à morte mais de 700 mil pessoas e enlutou famílias em todo o país.

O tema desta pesquisa passou por compreender quais foram os sentidos elaborados acerca da pandemia e como foi representada no discurso político, que teve como sujeito enunciador o então presidente da República, Jair Bolsonaro. Controvérsias em torno da gravidade da transmissão da covid-19, o seu impacto na economia do Brasil, medidas de prevenção para evitar a disseminação da doença, quer seja individual ou coletiva, como o uso de máscara, isolamento social e restrição de circulação, além do polêmico e ineficaz tratamento precoce com o uso de cloroquina, tiveram seus sentidos analisados.

Mais do que os sentidos possíveis, buscamos identificar em nossa pesquisa como nos enunciados se deu a produção significativa. Por meio da análise do discurso (AD), evidenciamos de que forma as estratégias enunciativas buscaram produzir efeitos de verdade em parte da população brasileira. As estratégias elencadas para a análise passaram pela interdiscursividade polêmica; pela construção da imagem de si de um *ethos* de credibilidade e de identificação; e pelos elementos pathemicos encenados em um discurso político populista. Todas estratégias se relacionaram entre si e produziram imaginários sociodiscursivos.

1.3 JUSTIFICATIVA

Diante desse cenário de emergência em saúde causado pela pandemia da covid-19 e de uma nova realidade imposta por ela, uma profusão de discursos que passaram a circular e se entrelaçaram vieram à tona, do político ao científico, do midiático ao religioso. A crise sanitária foi representada de distintas formas nos diferentes discursos, elaborando representações sociais do que seria essa realidade ainda nova para muitos. Quais foram as estratégias enunciativas no discurso político do então presidente Jair Bolsonaro e como a

gravidade da pandemia e as formas de prevenção foram representadas do ponto de vista da linguagem? Essa pergunta nos provocou e nos motivou a desenvolver esta pesquisa.

Frente à resistência de parte da população brasileira em seguir as orientações da OMS para evitar a transmissão do vírus da covid-19, este estudo buscou identificar as estratégias do discurso político do presidente da República, Jair Bolsonaro, a partir das declarações recorrentes em suas falas negacionistas em que minimizou a gravidade da pandemia, representada aqui pelo enunciado "é só uma gripezinha". Tal postura contrastou com as recomendações das autoridades sanitárias e científicas, destacadas no depoimento da ex-coordenadora do PNI, Francieli Fantinato, na CPI no Senado, ao dizer que "o líder da nação" colocou em dúvida a eficácia dos imunizantes e "a politização do assunto chegou a um limite", já que, durante sua gestão do PNI, não recebeu do Poder Executivo vacinas suficientes e campanhas publicitárias efetivas para assegurar a imunização da população (EX-COORDENADORA..., 2021).

Nesse contexto, a linguagem ocupou papel central na construção dos significados que implicaram uma pandemia no Brasil. Como ela foi representada discursivamente pode ter sido um dos fatores de influência no comportamento das pessoas em adotarem as medidas de prevenção ou não. O discurso político, para Charaudeau (2018), é um processo de influência social, em que a ação política é condicionada pelo discurso que a motiva e lhe confere sentido. As relações de poder entre os sujeitos, no caso em estudo relações entre o poder público (presidente) e o seu auditório (população brasileira), passam pela linguagem, "[...] pela ação política e pela verdade em espaços de discussão e de persuasão, lugares onde os valores são construídos" (p. 39).

Valores esses relacionados à gravidade da pandemia da covid-19 no mundo e no Brasil influenciaram o posicionamento e ações dos entes federativos (municipal, estadual e federal) para o enfrentamento da crise sanitária e os principais métodos preventivos adotados pela população. Segundo Charaudeau (2018, p. 58), "[...] o discurso político se caracteriza por um jogo polêmico, que utiliza constantemente contratos e estratégias para convencer e seduzir o outro". Portanto, foi a partir da linguagem que as ações políticas, ou as não ações, foram sendo legitimadas, mesmo contrariando as orientações técnicas de autoridades sanitárias, científicas e de organismos internacionais, a despeito das evidências de realidade, como o aumento da transmissão e das mortes por causa da covid-19.

Assim que os primeiros casos da covid-19 foram confirmados no Brasil, observamos que o discurso político circulante teve como um dos principais enunciadores Jair Bolsonaro. A identidade social do locutor, no caso o papel de presidente da República, dá-lhe direito à palavra e funda a sua legitimidade de ser comunicante em função do estatuto e do papel que lhe são atribuídos pela situação de comunicação. Dada a importância de seu *status* social como presidente, que, para Amossy (2020, p. 91), precede a tomada da palavra e a condiciona parcialmente, pois "[...] o orador político pode assinalar em nome de que ele fala e apoiar-se na autoridade que suas funções lhe conferem", elegemos o discurso enunciado por Jair Bolsonaro como indispensável para analisar a representação da pandemia do vírus da covid-19 no Brasil.

É preciso pontuar que, nesta análise, estou na condição de sujeito interpretante. Além de pesquisadora, atuei durante a pandemia como jornalista, produzindo e interpretando os enunciados oficiais na esfera estadual de governo, em Minas Gerais. Também sou cidadã brasileira, que, como os demais brasileiros e brasileiras, vivenciou a pandemia com todas as suas dificuldades: escassez de informações que se atualizavam constantemente, medo de se contaminar e de ter seus familiares com a infecção e ansiosa por soluções que dependiam totalmente das autoridades públicas. Quando inseridos na crise ao qual o discurso está situado, Charaudeau (2019) afirma que é mais fácil a interpretação dos enunciados e a compreensão do modo de produção dos significados: "Compreenderemos o enunciado com mais facilidade porque somos sujeitos interpretantes (TUi) mergulhados na mesma crise, no momento de sua produção e, por isso, suscetíveis de estabelecer uma identificação com as testemunhas do real 'vivido'." (CHARAUDEAU, 2019, p. 51).

Isto posto, vejo que posso contribuir como sujeito-jornalista que trabalhou durante a crise sanitária na produção de enunciados midiáticos, e agora estou como sujeito-pesquisadora-interpretante da representação da pandemia no discurso político. Entender as estratégias enunciativas produzidas e de que forma produziram efeitos de verdade torna urgente e caro um olhar para os significados dos ditos e não ditos, e como fala a linguagem acerca do que é esta pandemia que ainda estamos vivendo.

1.4 PROBLEMA DE PESQUISA

"É só uma gripezinha", "quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda toma tubaína", "se a economia afundar, afunda o Brasil". Como uma espécie de vírus verbal,

as declarações do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, foram repetidas inúmeras vezes, circulando de formas diversas – durante declarações em cadeia de rádio e televisão em rede nacional, em entrevistas para os veículos de comunicação ou em suas *lives* periódicas postadas em suas redes sociais. Tais enunciados citados constituem parte do discurso analisado em nosso objeto de estudo linguístico.

Consideramos o discurso como o lugar onde o uso da linguagem é estruturado em função das condições de produção nas quais esses usos se manifestam (CHARAUDEAU, 2011). Dessa forma, algumas questões são basilares: quais foram as estratégias enunciativas e como a autoridade do enunciador e a construção da imagem de si consolidaram um imaginário de que a pandemia da covid-19 é "só uma gripezinha"? Qual foi o papel das emoções na persuasão do discurso político que pode ter engendrado dúvidas no interlocutor diante da dicotomia entre vida e economia? Como o discurso político estabeleceu relações interdiscusivas com outros enunciados e pode ter influenciado no comportamento das pessoas sobre as medidas de prevenção e tratamento da covid-19? Como o discurso relacionou-se aos comportamentos linguageiros dos sujeitos falantes, quais foram as categorizações de sentido e como se relacionam aos sistemas de conhecimento e de crenças aos quais os indivíduos ou grupos sociais aderiram?

Essas são algumas das indagações que nos guiaram por este trabalho para compreender como a pandemia da covid-19 no Brasil foi representada no discurso político e de que forma as estratégias persuasivas significaram a crise sanitária. Para isso, o objeto de análise teve como recorte os temas relativos à saúde pública em uma relação interdiscursiva com a ciência, com a economia e com a gestão pública, nos enunciados do então presidente da República, Jair Bolsonaro.

Julgamos que a nossa problemática é de cunho representacional e interpretativo, já que vamos analisar como se deu a representação sociodiscursiva dominante acerca do acontecimento causado pela pandemia. Partimos do pressuposto que o sujeito enunciador teve papel fundamental na origem das práticas discursivas que projetaram tais representações, sendo esse sujeito operador de categorias sociodiscursivas e portador de um imaginário social.

Por fim, em nosso *corpus* analítico, identificamos as marcas linguísticas que representaram de forma emblemática um sistema de valores, de crenças e de conhecimento sobre a pandemia e todas as suas intercorrências. Para a análise interpretativa dos efeitos do discurso na representação social, nos baseamos no que Charaudeau (2011) define como

fenômeno de significância, isto é, o resultado dos significados a partir da linguagem e a partir do próprio ato de transmissão.

> [...] a linguagem significa ao mesmo tempo em que transmite; é no próprio ato de transmissão que ela significa, com o efeito que produz sobre o outro, isto é, sua interpretação. Não colocar a questão dos efeitos é amputar o ato de linguagem de sua significação fenomênica, a saber que este ato é o resultado de uma coconstrução. (CHARAUDEAU, 2011, p. 8).

A linguagem foi tratada com um fenômeno que se dá em uma circunstância particular que a produz, sendo testemunha não somente do mundo, mas das condições que presidem sua construção. Aqui, a problemática de nosso estudo é comunicacional e descritiva, tendo como objetivo procurar saber como fala a linguagem. O objeto de estudo, neste caso, é empírico e a análise descritiva das situações de comunicação.

O sujeito comunicacional está no centro da linguagem, "[...] fala a linguagem e é falado por ela". É um sujeito de comunicação, "[...] ligado à empiria das trocas comunicativas, mas também está construído e teorizado em função da maneira pela qual se constroem e teorizam essas trocas" (CHARAUDEAU, 2011, p. 11). É a partir de uma problemática, tanto comunicacional descritiva, como representacional interpretativa, que definimos nossos objetivos de análise.

1.5 OBJETIVOS

A centralidade do discurso político enunciado pelo presidente da República durante a pandemia nos provocou a refletir acerca dos possíveis sentidos elaborados e como se deu a produção significativa das estratégias discursivas. Como já posto anteriormente, tais estratégias passaram pela interdiscursividade polêmica; pela construção da imagem de si de um *ethos* de credibilidade e de identificação; e pelos elementos pathemicos encenados em um discurso político populista. Para sua análise discursiva, elencamos os objetivos a seguir.

1.5.1 Objetivo Geral

Analisar os imaginários sociodiscursivos relacionados à pandemia do vírus da covid-19 no Brasil no discurso político do então presidente da República, Jair Bolsonaro, e o

modo como as estratégias interdiscursivas, a construção da imagem de si e os elementos pathemicos pode ter produzido efeitos de verdade em parte da sociedade brasileira.

1.5.2 Objetivos específicos

a) Evidenciar o interdiscurso estabelecido no discurso político do presidente com outros discursos e o poder de influência dele na construção das representações sociais sobre a pandemia;
b) investigar como o papel sociodiscursivo do enunciador e a construção da imagem de si (*ethos*) contribuíram para a circulação de imaginários sociodiscursivos de verdade em relação ao contexto social pandêmico;
c) interpretar de que forma os elementos de encenação das estratégias pathemicas constituíram as estratégias persuasivas do discurso político populista referente à pandemia da covid-19 no Brasil e quais foram os imaginários sociodiscursivos evocados.

1.6 A PESQUISA

A dissertação foi organizada em quatro partes para facilitar a compreensão e leitura das análises realizadas. Na primeira, no Capítulo 2 – *A (nova) direita no Brasil* –, apresentamos os principais imaginários e representações sociais associadas ao bolsonarismo, sendo eles o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e o anticomunismo. A partir da noção de Idelber Avelar (2021) de blocos discursivo-políticos temáticos, descrevemos a constituição do Partido do Boi, Partido Teocrata, Partido da Ordem, Partido do Mercado e Partido dos Trolls que, juntos, tornaram possível uma coalizão de antagonismos que o sistema político até então fracassava em representar. Abordamos também alguns elementos que marcaram as eleições em 2018 e que se mantiveram como prática política do governo federal, como o fenômeno da pós-verdade e o caráter populista bolsonarista.

Na segunda parte do trabalho, no Capítulo 3 – *Quadro teórico e a metologia de análise* –, apresentamos nossa abordagem na AD adotada, que é a Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau (2013; 2018; 2019), e os principais conceitos para este trabalho, como ato de linguagem, discurso político, situação e contrato de comunicação, imaginários e

representações sociodiscursivas. A partir da problemática e objetivos da nossa pesquisa, elegemos três estratégias enunciativas como nossas categorias de análise e que tiveram seu quadro teórico desenvolvido, a saber: construção da imagem de si (*ethos*), encenação pathemica (*pathos*) e relações interdiscursivas. Ainda no Capítulo 3, descrevemos o *design* metodológico da pesquisa.

A terceira parte engloba as análises discursivas realizadas no Capítulo 4 – *Análise: Situação de Comunicação* –, em que descrevemos a condição de identidade do enunciador e as condições do dispositivos, que incluem as características dos microdispositivos, as identidades dos sujeitos na situação de comunicação, as cenas de enunciação e os contratos de comunicação. O Capítulo 4 é encerrado com um quadro que resume de modo descritivo-comparativo a situação de comunicação dos diferentes dispositivos. As análises discursivas se estendem nos Capítulos 5, 6, 7 e 8, em que cada um dos microdispositivos (pronunciamento, entrevista, fala e *live*) tem suas estratégias enunciativas categorizadas e analisadas.

A quarta e última parte do trabalho é o Capítulo 9 – *Representação sociodiscursiva da pandemia no Brasil*. Nele, por meio de um quadro comparativo das análises do *corpus*, apresentamos as similitudes, recorrências e distinções nos enunciados analisados em cada um dos microdispositivos, o que caracterizou as estratégias enunciativas bolsonaristas na representação sociodiscursiva da pandemia no Brasil.

2 A (NOVA) DIREITA NO BRASIL

> Em épocas de crise, o ódio também fala ao coração. (MOURA; CORBELLINI, 2019, p. 59)

Brasil, 28 de outubro de 2018, segundo turno das eleições presidenciais. Jair Messias Bolsonaro foi eleito o 38º presidente do Brasil com 55,13% dos votos válidos, o equivalente a 57.797.847 de eleitores brasileiros que se identificaram com um discurso reacionário de extrema direita. Foi eleito pelo Partido Social Liberal (PSL), com a coligação "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", composta pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB). A disputa no segundo turno foi contra o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad, da coligação "O Brasil para todos", que incluía o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Republicano da Ordem Social (PROS), e teve 44,87 % dos votos válidos, ou seja, 47.040.906 dos votos.

As eleições presidenciais em 2018 foram uma das mais disruptivas e conturbadas na história do Brasil. Foi antecedida por escândalos políticos, principalmente em decorrência das investigações da Operação Lava Jato, realizada pela Polícia Federal (PF), que se configurou, posteriormente, na espetacularização do judiciário contra a corrupção e a lavagem de dinheiro, memeficação da política[8], discursos de ódio, ataques políticos, tentativa de homicídio ao então candidato Jair Bolsonaro, *fake news* e o fenômeno que se convencionou a ser chamado como "pós-verdade", ou seja, a primazia dos fatos com apelos emocionais e crenças pessoais em detrimento a dados objetivos, modelando a opinião pública.

2.1 LIBERTARIANISMO, FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E ANTICOMUNISMO

Para o cientista político Luis Felipe Miguel (2018), a direita nunca esteve ausente da política brasileira e o que ocorreu foi a reemergência, a visibilidade e relevância de grupos que assumem um discurso conservador ou reacionário, o que, não coincidentemente, ocorreu

[8] Segundo Silva (2020, p. 15), a memeficação da política "[...] é um processo onde o meme, considerado um morfema, se auto propaga de forma satírica, causando uma unidade de identificação entre pessoas. Pode ser um acontecimento, uma frase, um ato falho de uma figura pública. Qualquer situação real pode se tornar um meme e divulgada de forma veloz no ambiente digital por meio de montagens de figuras, vídeos ou paródias. A propagação do meme pode ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma".

após um longo ciclo de governos petistas à frente do executivo federal. A direita no Brasil é hoje a confluência de grupos diversos, que se uniram em torno do bolsonarismo de forma pragmática. Os setores mais extremados dessa direita são compostos de três eixos: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo anticomunismo.

O primeiro eixo é a ideologia libertariana, ou ultraliberal, baseada na "escola econômica austríaca". Muito popular nos Estados Unidos, ela prega "o menor Estado" possível e afirma que qualquer situação nascida de mecanismos de mercado é justa por definição, por mais desigual que possa parecer (MIGUEL, 2018). Segundo o cientista político, um ponto interessante e com pouca visibilidade é que, apesar de ser rotulada como ultraliberal, a relação do libertarismo no Brasil é crítica e tensa com o liberalismo clássico, sendo até mesmo considerada na verdade como ultrapassada pelos teóricos liberais mais tradicionais:

> O libertarianismo começa e termina no dogma da santidade dos contratos "livremente" estabelecidos, reduz todos os direitos ao direito de propriedade e tem ojeriza por qualquer laço de solidariedade social. Para liberais de feição mais canônica, não seria uma doutrina liberal e sim neofeudal: "Como o feudalismo, o libertarianismo concebe o poder político justificado como baseado numa rede de contratos privados". (FREEMAN, 2002 apud MIGUEL, 2018, p. 16).

Dessa forma, no Brasil, o libertarianismo é antagônico à solidariedade social estatal, o que identificamos em nossa análise discursiva como uma constante nos enunciados bolsonaristas. Miguel (2018) também pontua que os universos de sentidos são polarizados pelos seus porta-vozes, e Estado e mercado são postos como contraditórios, o que torna imanente a oposição entre liberdade e igualdade, em que a igualdade é em si uma ameaça à liberdade. Em nome de um estado mínimo, os liberais têm aversão a qualquer laço de solidariedade social. Adotam uma oposição permanente entre liberdade e igualdade, como se a igualdade, defendida pela esquerda, fosse uma ameaça à liberdade, bandeira da direita. O Estado é colocado como agente que impõe coercitivamente suas decisões, em detrimento do mercado, terreno do livre comércio, da liberdade econômica. Portanto, de um lado está a esquerda, o Estado, a coerção e a igualdade e, do outro, a liberdade, o mercado e a direita.

Esse conceito de liberdade, como uma ausência total de interferência externa, é posto como evidente sem qualquer tipo de questionamento por seus defensores. Outras tradições filosóficas liberais diferentes, que não operam com a dicotomia liberdade/igualdade, são silenciadas. São teorias que trabalham com as "[...] dicotomias liberdade/dominação (em que o problema central não é a interferência externa à ação individual, mas seu eventual caráter

arbitrário) ou liberdade/necessidade (que introduz o problema de privação material como obstáculo ao exercício da autonomia humana)" (MIGUEL, 2018 p. 17). São tradições em que a igualdade não inviabiliza a liberdade, muito pelo contrário, pois é por meio da igualdade de influência política e de recursos econômicos e materiais que a sociedade tem a base necessária para a liberdade de todos. Sem a igualdade, a liberdade pode se configurar em uma bandeira vazia de sentido, encobrindo múltiplas formas de opressão e dominação.

Em um enquadramento do debate, os programas sociais estimulariam a preguiça, desencorajando o esforço próprio, o que ganha corpo com o discurso meritocrático, "[...] que apresentava a desigualdade como a retribuição justa às diferenças entre os indivíduos". (MIGUEL, 2018, p. 21).

Ao encontro dessa linha de pensamento, a teologia da prosperidade também encampou o discurso meritocrático, ao tratar a fé como um investimento a ser retribuído por Deus em vantagens materiais. Somado à precarização das relações de trabalho, em que o trabalhador é despido de vínculo empregatício formal, o discurso de empreendedorismo faz com que o trabalhador precarizado veja a si mesmo como um capitalista em formação, dando corpo e colaborando com a visão de mundo meritocrático.

No Brasil, em uma frente unida entre os ultraliberais e o fundamentalismo religioso9, o Estado é o alvo, o grande inimigo comum, aquele que, além de regular as relações econômicas, reduz a autoridade patriarcal ao garantir a proteção aos direitos dos outros integrantes do núcleo familiar. Tal posicionamento reforça o papel da família tradicional e esvazia a tarefa de proteção social do Estado, gerando uma tensão com o liberalismo clássico, como lembra Miguel (2018, p. 17), pois o "[...] libertarianismo original, por sua convicção de que a autonomia individual deve ser sempre respeitada, levaria a posições avançadas em questões como consumo de drogas, direitos reprodutivos e liberdade sexual".

O fundamentalismo religioso se baseia na crença de verdade revelada, uma espécie de "[...] verdade eterna, absoluta, inquestionável e imutável, para além da histórica" (VIERA, 2018, p. 113), o que anula qualquer possibilidade de debate. A partir da formulação do "está escrito" na Bíblia sagrada, constrói-se uma visão de mundo, um modelo comportamental e de sociedade. Questionar a doutrina religiosa seria o mesmo que questionar o próprio Deus.

[9] Assim como em Miguel (2018), entendemos o fundamentalismo religioso como uma força política no Brasil, que ganhou mais força a partir dos anos 1990 com as eleições dos pastores de igrejas neopentecostais. Não iremos adotar o termo bancada evangélica, pois tal expressão ignora as diferenças entre os protestantes e deixa de lado também setores mais conservadores da Igreja Católica..

“Constrói-se assim um ambiente em que a dúvida é tomada como falta de reverência, temor e fé”. (VIERA, 2018, p. 113).

Os parlamentares e políticos fundamentalistas se opõem ativamente ao aborto, às políticas de combate à homofobia, sendo a favor de uma agenda religiosa moral. Acabam desempenhando o papel de novos coronéis da política brasileira e alinham-se a diferentes forças conservadoras no Congresso, numa ação para se fortalecerem mutuamente, de acordo com o senso de oportunidade. O objetivo do discurso com ênfase na agenda moral é manter o rebanho disciplinado, imunizando-o contra discursos contraditórios para, assim, fornecer às lideranças religiosas o seu capital político: a base popular com a qual eles negociam (MIGUEL, 2018). Veira (2018, p. 112) também aponta que o fundamentalismo religioso, da forma como é operado politicamente no Brasil, por sua concepção de mundo e seu modelo comportamental de funcionamento, é um “[...] risco à democracia, aos direitos humanos, ao Estado laico e à diversidade humana”.

Apesar de o anticomunismo estar ultrapassado com o fim da Guerra Fria, a ideia foi reciclada pela extrema direita com uma nova roupagem na América Latina e, sobretudo, no Brasil. A ameaça passou a ser o “bolivarianismo” venezuelano e a encarnação do comunismo no Brasil, representado principalmente pelo PT, o que gerou uma sobreposição entre anticomunismo e antipetismo. A fusão do antipetismo com o reacionarismo moral passou por uma leitura equivocada da obra de Antonio Gramsci e recebeu o nome de “marxismo cultural”, a teoria da conspiração da extrema direita, como descreve Miguel (2018, p. 20) sobre seus pressupostos:

> A noção de que a luta política tem, como momento central, a disputa por projetos e visões de mundo, torna-se, nas mãos de seus detratores à direita, uma estratégia maquiavélica simplória, com o objetivo de solapar os consensos que permitem o funcionamento da sociedade, por meio da manipulação das mentes. Gramsci é apresentado como alguém que bolou um “plano infalível” para a vitória do comunismo: é o Cebolinha do pensamento marxista.

Na prática, a derrubada do capitalismo e da “civilização ocidental” pelo comunismo se daria pela dissolução da moral sexual convencional e da estrutura familiar tradicional, esta considerada como a célula estruturante da sociedade, o que foi difundido principalmente por Olavo de Carvalho, o guru da direita brasileira, ao denunciar a “ditadura comunista gay” em formação no país.

2.2 BLOCOS DISCURSIVO-POLÍTICOS

Para o nosso trabalho de análise do discurso, não pretendemos fazer uma progressão histórica da origem da constituição política de Bolsonaro como candidato e nem de sua corrente de pensamento ou ideologia, muito menos nos ancorar na sociologia ou ciências políticas. Assim como Idelber Avelar (2021), em seu livro *Eles em nós: retórica e antagonismo no Brasil do século XXI*, para descrevermos a constituição do bolsonarismo, iremos trazer para esse trabalho o que o autor chama de "blocos político-discursivos", que, juntos, tornaram possível uma coalizão que expressassem os antagonismos que o sistema político até então fracassava ao representar, em decorrência do que Avelar (2021) nomeia como "colapso da administração de antagonismos no sistema político brasileiro" (p. 377).

Para descrever parte desses antagonistas que não se sentiam representados pelo sistema político, Avelar (2021) recorreu à pesquisa etnográfica da antropóloga Isabela Kalil (2018 apud AVELAR , 2021), publicada no artigo *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*, em que reconheceu dezesseis tipos de apoiadores, eleitores e potenciais eleitores: as pessoas de bem, a masculinidade viril, os *nerds*, *gamers*, *hackers* e *haters*, os militares e ex-militares, as "femininas" e "bolsogatas", as mães de direita, os homossexuais conservadores, os membros de minorias étnicas pró-Bolsonaro, os estudantes pela liberdade, os periféricos de direita, os meritocratas, os influenciadores digitais, os líderes religiosos, os fiéis religiosos, os monarquistas e os isentos. Segundo a antropóloga, mais de um tipo pode se combinar no mesmo sujeito, além do inevitável surgimento de novos tipos de apoiadores.

O mérito da pesquisa é nos confrontar com o caráter de uma lista impossível que desafia até mesmo as tipologias, que muitos de nós nem mesmo lembramos da existência. Essa multiplicidade no padrão de eleitores, segundo Kalil (2018), influencia a estratégia de comunicação de Bolsonaro, que segmentou as informações de acordo com os diferentes perfis de potenciais eleitores durante o primeiro turno das eleições em 2018:

> Para quem acompanha a trajetória de Bolsonaro parece haver uma série de contradições e incoerências em seus discursos. Esta forma de se comunicar e se posicionar em relação a assuntos polêmicos gerou uma reação do campo progressista que passou a identificar nele elementos como a falta de coerência, baixa capacidade de articulação política ou ainda a presença de posicionamentos desprovidos de sentido. No entanto, ao segmentar o direcionamento de suas mensagens para grupos específicos, a figura do "mito" – como é chamado por seus eleitores – consegue assumir diferentes formas, a partir das aspirações de seus apoiadores. (KALIL, 2018, p. 2).

Para representar essas tipologias de apoiadores, Avelar (2021) descreve a constituição de cinco blocos político-discursivos temáticos que compuseram o bolsonarismo, que são: o Partido do Boi, o Partido Teocrata, o Partido da Ordem, o Partido do Mercado e o Partido dos Trolls. Como uma crítica à obsolescência dos partidos tradicionais frente aos blocos temáticos que abalou o presidencialismo de coalizão, o autor nomina os blocos temáticos de partidos.

2.2.1 Partido do Boi

O Partido do Boi foi um dos primeiros a integrarem a coalizão bolsonarista, em 2012-13, quando Bolsonaro ainda era deputado federal e tinha trânsito no bloco do agronegócio. Em 2017, o Partido do Boi e da Soja já tinha aderido ao campo bolsonarista, ainda mais porque o armamento é uma questão decisiva para o setor, além dos alinhamentos de outras pautas defendidas pelo então deputado, como detalha Avelar (2021, p. 295):

> Paulista-Carioca de masculinidade caipira *fake*, homofóbica, anti-indígena e antiambiental, Bolsonaro sempre cultivou uma estética Barretos, de rodeio, que o tornou de fácil adoção por sojicultores do Mato Grosso e de Tocantins, pecuaristas do Mato Grosso do Sul, cafeicultores de Minas Gerais, vinicultores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Apesar das boas relações do agronegócio com o governo Lula e de todas as concessões e benefícios ao setor, o Partido do Boi não se reconhecia no governo. Avelar (2001, p. 295-296) afirma que uma das causas é devido à "estratégia zumbi" adotada pelo governo do PT, em que "[...] os setores dominantes da sociedade recebem todas as benesses, mas no interior de uma formação discursiva em que uma base inflada os ataca como inimigos". Assim, os setores dominantes, mesmo recebendo benefícios, não se reconheciam como governo. "O agronegócio sob o lulismo recebeu tudo a que aspirava, mas nunca se satisfez". Dessa forma, o Partido do Boi só iria permanecer apoiando o PT enquanto lhe fosse conveniente.

Parte do agronegócio apoiou Bolsonaro por questões econômicas, outra parte foi por conta da insurgência cultural "[...] plebeia e sertaneja do Brasil Profundo, que sentou raízes do Paraná ao interior de São Paulo, a Minas Gerais e ao Centro-Oeste" (AVELAR, 2021, p. 297). Já para outra ala foi a "[...] expressão do gozo armamentista de conquista de território",

alinhada à bandeira bolsonarista que é também importante para o agronegócio, pois a desregulamentação das armas é uma questão antiga para o setor, como lembra Avelar (2021, p. 298): "O Partido do Boi mantém, é claro, uma relação umbilical com a bancada da bala, que na coalizão bolsonarista encontrou sua morada privilegiada no que chamaremos aqui Partido da Polimilícia".

2.2.2 Partido Teocrata

Após a adesão do Partido do Boi e da Soja à coalizão bolsonarista, o Partido Teocrata foi incorporado em sua constituição. Avelar (2021) chama atenção para o fato de o bloco teocrata ser composto por católicos, e não somente evangélicos – apesar de sua expressiva representação ser das correntes pentecostais e neopentecostais do protestantismo. Um outro ponto destacado pelo autor é que as principais lideranças têm como objetivo uma intervenção e captura estatal e "[...] não qualquer tipo de regresso a uma leitura literal do texto bíblico" (AVELAR, 2021, p. 298), apesar de parecer o inverso. E o último ponto é a diferenciação entre o bloco dirigente e a base que ele mobiliza, que nem sempre é necessariamente e puramente obediente a ele.

Dessa forma, a partir de Paul Freston (2004 apud AVELAR, 2021), o autor salienta que o evangelismo no Brasil está atrelado à política, principalmente nos últimos anos, com a emergência de um corporativismo eleitoral evangélico, reposicionando-se no jogo de "[...] chantagens e vetos cada vez que mudava o governo" (p. 300). Isto porque, assim como o setor do agronegócio, o eleitorado evangélico tinha fraca identificação partidária com o petismo.

A consolidação da direita evangélica se deu em decorrência de alguns fatos, como a reação ao Plano Nacional de Direitos Humanos, a eleição de Marco Feliciano, em março de 2013, à Comissão de Direitos Humanos da Câmara, como pontua Avelar (2001, p. 300):

> A eleição de Feliciano revelava uma estratégia de ocupação de território inimigo que contrastava com a omissão e não ocupação de espaços que caracterizara a atuação de outras figuras anti-Direitos Humanos como [...] Jair Bolsonaro. Em março de 2013, Bolsonaro ainda era um apêndice da operação de Feliciano e Silas Malafaia; ele não era senão o apoiador que se instalou à porta para bater boca com manifestantes. Mas o bloco teocrata que viria a ser orgânico do bolsonarismo já estava constituído [...]

A estratégia de Marcos Feliciano era transformar a Comissão de Direitos Humanos em um palco para a consolidação do bloco teocrata. Enquanto isso, em estados como o Rio de Janeiro, em que a população evangélica é maior que a média nacional, o "[...] pentecostalismo ofereceu uma vasta rede de sociabilidade a populações pobres, precarizadas ou ameaçadas pela violência" (AVELAR, 2021, p. 302).

E é devido à violência e à falta de respostas da esquerda para os problemas de segurança pública, em um país com 58.459 homicídios no ano de 2015, 61.597 em 2016 e 64.078 em 2017[10], que o setor miliciano do bolsonarismo foi fortalecido, assim como o Partido Teocrata, formado por "[...] bispos, pastores, diáconos, obreiros e líderes religiosos comunitários que desenvolveram todo um discurso sobre segurança e crime" (AVELAR, 2021 p. 303), fundindo-se o discurso moral com o punitivista.

Todo o cenário descrito anteriormente, somado à teologia da prosperidade e ao empreendedorismo popular evangélico durante o crescimento econômico no período lulista, fortaleceu o Partido Teocrata, que não surgiu em oposição ao governo do PT, e sim à sua sombra, conforme descreve Avelar (2021, p. 305) sobre como se deu a transição para a direita:

> [...] cresceu à sua sombra, foi alimentado por ele e foi com ele copartícipe no pacto social lulista. Esse pacto repousava sobre alguns ganhos para os pobres no terreno do consumo, muita expansão de crédito e nenhuma transformação significativa de qualquer estrutura cidadã da sociedade brasileira. O discurso do lulismo acerca das conquistas dos brasileiros que acederam à universidade pela primeira vez em suas famílias graças ao Prouni era invariavelmente meritocrático, focado na conquista do indivíduo e na sua relação com a possibilidade aberta pelo programa estatal, jamais com alguma experiência cidadã que transcendesse o individual rumo ao comunitário não estatal. Entre o indivíduo e o Estado, não havia nenhuma construção de comunidade, iniciativa cidadã, dimensão coletiva. Nesse universo, o dos cotistas e dos beneficiários do Prouni, o evangelismo forneceria a experiência de comunidade logo canalizada para a guerra moral que se consolidou ao redor de temas como o aborto, as pesquisas com célula-tronco e a educação sexual a adolescentes.

Portanto, a incorporação do setor evangélico à política e a constituição de uma sociabilidade do setor resultou nas eleições em 2018, quando Haddad e Bolsonaro empatam no eleitorado católico, com uma diferença entre eles de 11 milhões de votos do eleitorado evangélico, apontando para um projeto teocrata que "[...] abraçou decididamente a coalização bolsonarista" (AVELAR, 2021, p. 307).

[10] Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019.

2.2.3 Partido da Ordem

Composto por procuradores, delegados, policiais, ex-policiais, milicianos e militares de baixa patente, o Partido da Ordem integrou a coalizão bolsonarista com o lema de "repressão ao crime" e com chamadas a "matar bandidos". O combate ao crime fundamentou discursivamente esses sujeitos, que, segundo Avelar (2021), são divididos em duas alas, sendo a primeira estabelecida pela relação entre milicianos, policiais, ex-policiais e delegados integrando o Partido da Polimilícia, especialmente no Rio de Janeiro, considerado seu grande laboratório. O bolsonarismo é um ramo desse partido, uma cria que se lançou como bloco amplo de extrema direita, ou seja, o Partido da Polimilícia é uma espécie de núcleo fundante do bolsonarismo. Já a segunda ala, do Partido da Lava Jato, formado por procuradores, policiais federais e, inclusive, alguns juízes, estabeleceu com o bolsonarismo relações mais circunstanciais e surgiu compondo o bloco antipetista e se fortaleceu com essa identidade, além de contribuir para construí-la. O seu surgimento se deu a partir do vácuo político deixado pelas não respostas às manifestações de junho de 2013 pelo governo da presidente Dilma Rousseff. "Nesse vácuo constituiu-se a ala lavajatista do Partido da Ordem." (AVELAR, 2021, p. 311).

O lavajatismo se configurou a partir da espetacularização midiática das operações policiais, do judiciário e das investigações no Brasil. Sua principal pauta era contra a corrupção, porém denúncias de irregularidades e ilegalidades cometidas pelos procuradores de Curitiba, chefiados na época por Deltan Dallagnol e pelo juiz Sérgio Moro vieram à tona no portal jornalístico *The Intercept Brasil*, na série *Mensagens Secretas da Lava Jato*.

Parte da imprensa corroborou os fatos denunciados pela Lava Jato, sobretudo em relação a políticos do PT, como a "maior história da corrupção na história do Brasil". O que, segundo Silva (2020, p. 32), fortaleceu o sentimento de antipetismo na opinião pública, devido ao foco de cobertura dos veículos de comunicação e divulgação seletiva das denúncias da Lava Jato, criando-se "[...] na opinião pública a ideia de que a corrupção começou no Brasil com o PT e que seus membros eram uma espécie diferente de todos os demais políticos". O antipetismo fomentado principalmente pela Operação Lava Jato tornou-se um dos pilares políticos temáticos do bolsonarismo. É importante também pontuarmos que, com esses apontamentos, não estamos negando que tenha havido falhas e corrupção nos governos do PT, mas sim que se deve investigar aquelas denúncias como de qualquer outro governo, seguindo o seu rito constitucional e jurídico.

2.2.4 Partido do Mercado

Para Bolsonaro se tornar uma alternativa viável de poder, não era suficiente o apoio do Partido do Boi, primeiro grande setor que apostou no bolsonarismo; nem a adesão massiva de segmentos populares que o Partido Teocrata promoveu; ou mesmo as credenciais antipetistas da ala lavajatista do Partido da Ordem e o núcleo fundacional da ala polimiliciana. Para se tornar possível, foi indispensável a adesão do Partido do Mercado à coalização bolsonarista, que se expressou apenas e em um único indivíduo, Paulo Guedes (AVELAR, 2021, p. 313):

> Mais que os filhos de Bolsonaro, mais que Sergio Moro, mais que o pastor Everaldo ou qualquer outro membro do Partido Teocrata, Paulo Guedes foi o avalista que possibilitou a viabilidade do bolsonarismo como alternativa eleitoral. Estritamente falando, foi a única figura, além de Bolsonaro, que teve em suas mãos a escolha de que o bolsonarismo não se constituísse.

Um dos momentos em que esse apoio foi fundamental aconteceu durante a convenção do PSL, em julho de 2018, que contou com a presença de Paulo Guedes no palco, além do quarteto do bloco bolsonarista: pelo Partido da Polimilícia, os dois filhos de Bolsonaro (Eduardo e Carlos Bolsonaro); o Partido da Ordem, com o general Augusto Heleno e a advogada Janaína Paschoal; e o Partido Teocrata, com o pastor e senador Magno Malta. Conforme Avelar (2021) descreve, Bolsonaro somente ficou tranquilo depois que Paulo Guedes o avalizou com um "candidato 'sincero', que não fazia 'negociata', e que já trazia a 'ordem' à qual o economista ultraliberal, ele próprio, iria juntar o 'progresso'" (p. 314).

O mosaico bolsonarista temático político era representado pelos oradores da Convenção, em que Guedes não era somente um nome entre os demais, era a pessoa que tornava possível que "[...] todos os demais falassem, o Super Bonder que colava os quatro partidos que compõem o bolsonarismo." (AVELAR, 2021, p. 314). Apesar de o economista ter sido o avalista da candidatura de Bolsonaro, ele não foi o fornecedor de seu discurso e é onde o Partido dos Trolls ganha sua relevância:

> A chapa Bolsonaro-Mourão não teria vencido se falasse como Guedes. Todo o discurso se gesta em outro lugar, longe dos cálculos econômicos de Guedes, em um espaço jovem, digital e subterrâneo para a maioria dos analistas, embora já multitudinário. (AVELAR, 2021, p. 315).

2.2.5 Partido dos *Trolls*

Para compreender como o Partido dos *Trolls* opera em relação ao bolsonarismo, alguns pontos levantados por Avelar (2021) são importantes para esta pesquisa, como os relativos ao conteúdo, circulação, grupos sociais integrantes e rede de sociabilidade. Vamos começar pelo conteúdo moldado pela extrema direita a partir de uma série de operações retóricas, como apresentadas por Avelar (2021, p. 315):

> Atuação reiterada nos mesmos veículos, registro extremamente agressivo contra o interlocutor ou o sujeito tematizado no discurso, desconsideração completa da diferença entre verdade factual, hipótese não fundamentada e pura invenção, modo hiperbólico do discurso, postulação permanente de algo oculto e adoção de uma ambiguidade acerca da seriedade ou não do enunciado e da crença ou descrença do sujeito enunciador nele.

A ambiguidade é um aspecto modulador e decisivo nos enunciados, pois, quando há incerteza sobre o estatuto dos enunciados, se verdadeiros ou falso, por exemplo, tem-se a garantia, em algum momento, de se negar o enunciado caso seja questionado ou desmentido. Essa ambiguidade dúbia do enunciado e do posicionamento perante o enunciador oferece o humor necessário para manter a atenção do público no ambiente volátil e sazonal das redes sociais. Assim, o *troll* opera intencionalmente de forma que verdade e mentira sejam mescladas ou confundidas.

Avelar (2021) define como *troll* a capacidade exponencial de intervir de forma repetida em uma conversa com o objetivo de inviabilizar as condições de um diálogo, ao transformá-lo em um eterno bate-boca. Um exemplo é “dinamitar” uma conversa e colocar em dúvida qualquer fato consensual, como a Terra ser plana, o dia ter 24 horas. Associada à ambiguidade, o enunciador não se compromete com nenhuma versão e desafia seu interlocutor a se explicar:

> O troll exige do outro “coerência” disseminando confusão e transformando o universo da conversa em um terreno em que é impossível que qualquer um seja “coerente”. Enquanto isso ele, o troll, põe fogo na conversa o tempo todo e dele, portanto, por definição, não se pode cobrar coerência. (AVELAR, 2021, p. 321).

Os ambientes das redes sociais são terrenos férteis para os *trolls*. Da predominância dos *blogs* em 2010 ao agito político-eleitoral mobilizador do *Twitter*, *Facebook* e *WhatsApp* em

junho de 2013 e em seguida no *YouTube*, a mudança dos perfis políticos dos usuários da internet também acontecia para, em sua maioria, antipetistas e de direita, formando uma coalizão em torno do bolsonarismo, como enumera Avelar (2021, p. 317):

> Na medida em que a coalizão se formava, iam se congregando em torno ao bolsonarismo os atores da internet pelos quais ele depois ficaria conhecido: as contas de Twitter e Facebook alinhadas com os perfis dos filhos de Bolsonaro, os alunos de Olavo de Carvalho, marcados por uma combinação peculiar de fundamentalismo cristão, anticomunismo e concepção conspiratória de política, os YouTubers de direita (quase todos pertencentes também à categoria anterior, dos alunos de Olavo), as comunidades de incels (jovens "celibatários involuntários", muitos caracterizados por forte misoginia), os terraplanistas, os monarquistas, pequenas comunidades conspiracionistas on-line e as associações que ganharam impulso a partir da mobilização para depor Dilma Rousseff, o Movimento Brasil Livre (MBL), o Revoltados On Line e o Vem Pra Rua, que participaram da formação de quadros que depois comporiam o bolsonarismo.

Uma das alas do Partido dos *Trolls* tem Olavo de Carvalho como guru da direita no Brasil. Ele passou a se rotular assim ainda na década de 1990 quando era considerado uma piada, mas isso foi até 2019, momento em que se tornou força política capaz de indicar ministros de Estado e influenciar as ideias das bases políticas de Bolsonaro. Em seus cursos, Olavo agregava uma coalizão de católicos tradicionais, anticomunistas, fundamentalistas, místicos, criacionistas, negacionistas climáticos e conspiracionistas.

Com um tom informal, em alguns casos obsceno, adotando muitas vezes baixo calão e falas "aparentemente simples e comuns", Olavo de Carvalho, por meio dessas estratégias, constrói uma imagem folclórica para se aproximar do público que o acompanha nas redes sociais. É essa abordagem que é replicada e predomina entre os olavistas-bolsonaristas, que, em nome de uma liberdade de expressão, fazem uso de uma linguagem escatológica, repletas de agressão ao interlocutor com o objetivo de preservar a denegação e impossibilitar qualquer tentativa de recuo (AVELAR, 2021).

Enquanto sistema de pensamentos, Silva (2020, p. 29) explica que as ideias do olavismo é a junção de várias teorias conspiratórias, como o globalismo, "[...] ideologia que defende que o mundo está dividido em três blocos distintos e prestes a ser dominado por um governo comunista global que vai nos impor uma doutrina avassaladora e perniciosa". Olavo trouxe também para a direita ideias de uma hegemonia cultural da esquerda, baseado em um enredo de marxismo cultural que vincula a academia científica aos planos de uma dominação global dos comunistas. Tal narrativa ancora-se no anticomunismo e impulsiona as refutações

de marcos consensuais da ciência ocidental, como a dúvida sobre a segurança e eficiência das vacinas. Foram essas as ideologias que direcionaram as políticas públicas do Brasil durante a pandemia.

Esse discurso circulou no *YouTube*, com muitos dos alunos de Olavo, e por mediações do *WhatsApp*, considerado por grande parte da população como a própria internet, local em que se faz de tudo, principalmente onde se encaminham as mensagens e elimina qualquer remissão à autoria. Os principais eixos que fundaram a rede sociabilidade no *WhatsApp* para a direita foi o bairro, a família, a igreja e a escola, levando a uma circulação digital estonteante de *meme*, como descreve Avelar (2021, p. 329):

> Nesse contexto, na compreensão dessas redes de sociabilidade bolsonaristas, importa o apagamento da origem e da autoria dos memes próprio do WhatsApp: as peças são repassadas porque vêm do Seu João da padaria, da Tia Maria, do pastor. Como aquelas são pessoas que jamais lhe mentiram e nunca o enganariam, o meme tem o selo de confiabilidade do último sujeito que o repassou. O meme não apenas se valida pelos laços de confiança entre os sujeitos, mas ele reforça esses laços, porque, junto com o que se convencionou chamar *fake news*, também circulavam nesses grupos frases de autoajuda e ânimo empreendedorista, mensagens religiosas, pequenas peças de saber popular, macetes, receitas, mandingas e muita, muita trollagem puramente cômica, do gênero palhaçada de internet, especialmente em vídeos e memes.

Como um *troll*, o presidente repetiu inúmeras mentiras em sucessão e que foram amplificadas em compartilhamento por *WhatsApp*. Ora para confundir, ora para silenciar e até mesmo para produzir outros sentidos, a covid-19 foi rotulada como uma gripezinha, que de tão leve, se o próprio Bolsonaro a pegasse, nada lhe aconteceria por seu "histórico de atleta". Insistentemente, promovia aglomerações com manifestantes, violando as recomendações sanitárias; afirmava que a chegada do calor eliminaria o vírus; que a hidroxicloroquina seria a cura ou tratamento para a covid-19.

É também no contexto do Partido dos *Trolls* que trazemos a relação entre o bolsonarismo, a rede de sociabilidade moldada pelo *WhatsApp* e as categorias de "verdadeiro" ou "falso", por ser um fenômeno que nos chama atenção e que não pode ser ignorado. Porém não é o nosso objetivo acadêmico distinguir quais enunciados são verídicos. Não que não seja importante, mas, para a nossa pesquisa em estudos da linguagem e análise do discurso, o objeto de estudos é como os sentidos são produzidos.

Antes mesmo da pandemia, o bolsonarismo sabotava os alicerces da democracia, que era bombardeada por meio de confusões, intimidações e provocações, jogando uns contra

os outros, difamando, produzindo e circulando *fake new*s e recuando quando necessário. A imprensa, opositores políticos e nem mesmo aliados eram poupados, como foi o caso do ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, reforça Avelar (2021 p. 348): "Plantar pistas falsas para a imprensa e depois desmenti-la, livrando no processo a conhecida guerra de guerrilha contra a sua credibilidade. Mesmo no interior do governo, consolidou-se a política de decepar ou submeter ao ostracismo ministros ou secretários."

2.3 ELEIÇÕES 2018

Bolsonaro se elegeu mesmo após elogiar torturadores, assassinos e defender o legado dos 21 anos de ditadura militar. Parte de seus eleitores, foram de pessoas que se identificaram como "de direita", corrente que passou a ser reconhecida como bolsonarismo[11], tomando de empréstimo o nome do então candidato à Presidência da República. Silva (2020, p. 28), em sua dissertação sobre o discurso bolsonarista, enumera algumas de suas características:

> [...] popularização, normalização e banalização de um discurso de ódio anticientificista, populista, com rastros fascistas e revestido de uma pseudodemocracia. Não se apresenta mais de forma dura ou clássica, ao contrário, muitas vezes vem por meio de um discurso de humor que toma uma proporção enorme via redes sociais. Essa prática populista é infinitamente maior e mais complexa que a figura de Jair Bolsonaro enquanto enunciador e sujeito e certamente não sobreviveria sem dois pilares político-eleitorais: o olavismo e o lavajatismo.

O termo "bolsonarismo" passou a ser utilizado para caracterizar as práticas populistas que, associadas às ideias neoliberais e autoritárias, estão embutidas nas falas do então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, assim como nas falas de seus apoiadores políticos. Assim, o bolsonarismo não tem necessariamente como o seu único autor o próprio Bolsonaro. Ele engloba também aqueles enunciados que sustentam e fortalecem um discurso ultraconservador de extrema direita, baseado na moralização e polarização da política.

Os enunciados bolsonaristas incitam a normalização do discurso de ódio, que, com fundamentos moralistas e religiosos, se tornam uma verdade inquestionável de enfretamento às ideias comunistas da esquerda. São discursos atravessados pelo conceito de pós-verdade, *fake news* e o que Silva (2020, p. 34) chama de "memeficação do discurso político de ódio":

[11] É importante pontuar que este trabalho não tem como objetivo explicar o bolsonarismo, visto ainda ser uma questão em aberto e fenômeno em curso.

> Um gênero discursivo que não é apresentado de forma dura ou clássica, mas por meio do humor e que se sustenta cada vez mais por meio das redes sociais. Muitas vezes são discursos interpretados de forma folclórica, lúdica e juvenil e é esse tipo de manifestação que vemos em diversas entrevistas concedidas por Jair Bolsonaro em suas redes sociais, já que é o principal canal de comunicação com a população instituído por ele. São tipos de discursos com um efeito perverso, pois muitas vezes o ódio se apresenta de forma sutil com censura, autoritarismo e a relação de poder amalgamados.

Anteriormente às eleições, foram vários os "partidos" temáticos e blocos discursivos que passaram a orbitar de forma pragmática em torno do bolsonarismo, sendo este uma dentre as várias expressões da direita no Brasil (DIEGUEZ, 2022), culminando com a campanha eleitoral, em que Jair Bolsonaro se comprometeu com reformas liberais na economia e com um discurso ultraconservador de direita. Colocou-se como contrário à corrupção, à velha política, ao PT e ao próprio sistema político.

Algumas questões e fatos influenciaram nas eleições e se tornam importante para a pesquisa, pois, a partir da descrição do contexto eleitoral, teremos a dimensão de certos imaginários circulantes que levaram uma parte dos eleitores a eleger Jair Messias Bolsonaro. Segundo Moura e Corbellini (2019), a vitória de Bolsonaro tem razões estruturais já estabelecidas para além do episódio do atentado no dia 6 de setembro de 2018, quando Bolsonaro foi ferido com uma facada no abdômen, o que levou a uma comoção entre seus eleitores. Em pesquisas telefônicas diárias, os chamados *tracking*, um dia antes do atentado, Bolsonaro tinha quase 20% de votos espontâneos, o que já o colocava no segundo turno. Moura e Corbellini (2019, p. 23) citam pelo menos três dessas razões estruturais:

> (1) a desmoralização das elites políticas e do conjunto do sistema partidário tradicional provocada pela Lava Jato (talvez esta seja a maior herança da operação sob a perspectiva do eleitor); (2) o aprofundamento da crise na segurança, que adquire o status de maior problema nacional na percepção da opinião pública; e (3) o crescimento da importância das redes sociais, particularmente a disseminação do WhatsApp como nova plataforma de comunicação, que revoluciona a competição eleitoral e o modo de fazer campanha política no Brasil. Acima de tudo, essa era a eleição dos eleitores indignados e "empoderados" pelo telefone celular.

A eleição em 2018 não foi uma batalha de argumentos e nem o resultado de uma racionalização sobre as necessidades do povo brasileiro. Pelo contrário, foi a junção e explosão de sentimentos represados, de emoções e de valores. Uma manifestação de ira, de ódio contra tudo que está aí: "Uma soma de preconceitos, de intolerâncias e de antissentimentos que se

alimentaram numa frente virtual contra um inimigo comum: o *establishment* político e especialmente o PT." (MOURA; CORBELLINI, 2019, p. 28). O ódio contra o sistema político foi o foco do sentimento mobilizado por Bolsonaro, principalmente contra o PT. E foi esse sentimento dominante no público que o levou para o segundo turno. Bolsonaro matinha a sua rede mobilizada e em processo contínuo de expansão e de engajamento.

Outro fenômeno que vamos trazer é a propagação sem precedentes de notícias falsas disseminadas, principalmente por *WhatsApp*, durante as eleições no Brasil em 2018. Como pontua Moura e Corbellini (2019), é importante observar que as *fake news* sempre estiveram presentes em campanhas eleitorais, não são nenhuma novidade. A diferença com o contexto atual é que antes não existiam celulares e muito menos redes sociais. Não que houvesse uma relação direta entre os resultados das eleições e as *fakenews*, visto a complexidade desse tipo de análise, mas é importante levar em consideração esse fenômeno, que caracteriza parte da relação entre Bolsonaro e seus eleitores.

2.3.1 Antes do bolsonarismo, Bolsonaro

Capitão reformado do exército, Jair Messias Bolsonaro[12] foi vereador na cidade do Rio de Janeiro por dois anos, entre 1989 e 1991 e deputado federal pelo Rio de Janeiro por sete mandatos, de 1991 a 2019. Eleito presidente em 2018, exerceu o seu mandato de 2019 a 2022. Natural de Glicério, no interior de São Paulo, em 21 de março de 1955, foi registrado em Campinas, porém foi no Rio de Janeiro que fez sua carreira política.

Durante a campanha presidencial, se autointitulou como *outsider*, ou seja, "fora do sistema", apesar dos 30 anos de vida pública, colecionando manifestações e posicionamentos polêmicos, como descreve Moura e Corbellini (2019, p. 23):

> [...] defendeu publicamente a tortura e a ditadura militar, disse que o ex-presidente Fernando Henrique merecia ser "fuzilado", chamou uma jornalista de vagabunda, falou a uma deputada federal que não a estupraria porque não merecia e afirmou que

[12] CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Biografia do(a) Deputado(a) Federal Jair Bolsonaro**. Disponível em: https://abrir.link/eThJf. Acesso em: 01 maio 2023.

> negros quilombolas não servem nem pra procriar, além de colecionar frases criticadas pelo sentido homofóbico. Bolsonaro usou e abusou, em sua trajetória pública, de todo o enxoval politicamente incorreto.

Outro exemplo que ilustra seus posicionamentos aconteceu um ano e meio antes das eleições, em abril de 2016, no plenário da Câmara Federal, durante a sessão especial de deliberação sobre a autorização para a abertura do processo de impedimento contra a presidenta da República, Dilma Rousseff. O deputado federal Jair Bolsonaro ignorou os protocolos e, com um sorriso no rosto, chocou grande parte da população quando fez o seu pronunciamento de votação:

> Neste dia de glória para o povo brasileiro, um nome entrará para a história nesta data pela forma como conduziu os trabalhos desta Casa: Parabéns, presidente Eduardo Cunha! [interrupção da Mesa]. Perderam em 1964. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve… Contra o comunismo, pela nossa liberdade […] pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff! [interrupção da Mesa]. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo, e por Deus acima de todos. O meu voto é "sim". (CONGRESSO NACIONAL, 2020 apud STARLING, 2022, p. 73-74).

A historiadora Heloisa Murgel Starling (2022), no livro *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*, aponta esse episódio como o que cacifou Jair Bolsonaro como uma liderança capaz de aglutinar e mobilizar a direita com um pronunciamento que expôs os "[...] andaimes do projeto de poder que Bolsonaro contrabandeou para o perímetro do Executivo, a partir de sua posse na Presidência da República, em janeiro de 2019". (STARLING, 2022, p. 75).

Eu mesma quando o acompanhei ao vivo pela televisão naquela tarde de domingo, somente me pareceu ser um político excêntrico que estava aproveitando a oportunidade para se diferenciar entre os 513 parlamentares que iriam de forma repetida justificar seu voto baseados em valores morais, conservadores e na família. Não foi somente isso, como o desenrolar dos fatos nos anos seguintes nos mostraram, culminando com a eleição dele, apesar de toda improbabilidade.

2.3.2 A pós-verdade

O jornalista britânico D'Ancona (2018) coloca o ano de 2016 como o marco temporal que lançou a era da pós-verdade de forma definitiva. Uma nova fase marcada pelo embate político e intelectual, em que as ortodoxias e instituições democráticas passaram a ser abaladas por um populismo ameaçador. Isto porque, a prática política passou a ser percebida com desconfiança em um jogo de soma zero em detrimento de uma disputa de ideias. Até mesmo a ciência passou a ser tratada com desprezo e suspeição. Da mesma forma, "[...] a racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia". (D'ANCONA, 2018, p. 19).

Também em 2016, o *Oxford Dictionaries* escolheu a pós-verdade como a palavra do ano, definindo-a como as "[...] circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal" (2016 apud D'ANCONA, p. 20). Nas práticas políticas, a verdade deixou de ser um valor, a honestidade e a exatidão deixaram de ser consideradas prioridades. A veracidade e os fatos perderam a importância, assumindo seus lugares a audiência e o impacto dos fatos alternativos. O que passou a ser central foi a convicção, em que a verdade se tornou uma questão de crença, independentemente dos fatos.

Mesmo a veracidade não sendo um valor, D'Ancona (2018) pontua que mentiras, manipulações e falsidades políticas não podem ser consideradas o mesmo que a pós-verdade:

> A novidade não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à conivência. A mentira é considerada regra, e não exceção, mesmo em democracia [...] Não esperamos mais que os nossos políticos eleitos falem a verdade: isso, por enquanto foi eliminado do perfil do cargo ou, no mínimo, relegado de forma significativa da lista de atributos requeridos. (D'ANCONA, 2018, p. 34).

Portanto, para o autor, o que é novo na pós-verdade é a forma como uma narrativa emocional e as crenças retomaram com primazia em relação à verdade em uma extensão global de interconexão de um cenário digitalizado. D'Ancona (2018) aponta algumas condições que formam a base social da pós-verdade, como o colapso da confiança nas instituições políticas, o que ocorreu também com o jornalismo, campanhas de desinformação com uma difusão de mentiras com o objetivo de esconder a verdade para confundir o público e criar controvérsias onde não existia antes. Nesse contexto de desidentificação com instituições que antes nos pareciam fornecer verdades incontestes, que inclui as políticas, a mídia e até mesmo a ciência,

somado à atuação de *trolls* na política e uma política de *trolls*, abre-se lacunas para que "novas verdades" se constituam, ou verdades alternativas.

Outro fator relevante foram as tecnologias, os algoritmos nas redes sociais e *sites* de busca que acabaram por levar a um filtro bolha. As pessoas passaram a consumir aquilo que gostam e a evitar o que não é familiar. "A consequência é que as opiniões tendem a ser reforçadas, e as mentiras, incostestadas" (D'ANCONA, 2018, p. 53). O mundo da pós-verdade deixa de ser um processo de avaliação racional e conclusivo do que seria a verdade e passa a ser as escolhas daquelas realidades mais confortáveis.

2.4 O POPULISMO NO BOLSONARISMO

O populismo é um fenômeno social e político complexo e teoricamente amplo, chegando a ser impreciso, não consensual e até mesmo contestado entre os acadêmicos. Por ser parte do contexto do nosso *corpus* em nossa análise discursiva, ousamos recorrer a alguns conceitos, para amparar nossa análise, principalmente de acadêmicos que estudam o populismo no Brasil e na América Latina e não o reduzem a movimentos de esquerda ou de direita.

Dessa maneira, faremos uso de algumas noções teóricas, mais especificamente a chamada "política populista contemporânea", de acordo com o recorte que Newton Bignotto (2022) faz no ensaio *Bolsonaro e o bolsonarismo entre o populismo e o fascismo*, a partir das leitura de Pierre Rosanvallon (2020 apud BIGNOTTO, 2022). Traremos também Barros e Lago (2022) que, no livro *Do que falamos quando falamos de populismo*, apresentam como o conceito se desenvolveu histórica e politicamente no Brasil ao longo dos anos, traçando uma comparação entre o populismo lulista e o bolsonarista.

Para Bignotto (2022), um dos elementos constitutivos do populismo é quando regimes e governantes atuam e insistem na distinção do corpo político entre "eles e nós", pouco importando ser uma separação fantasiosa, pois o que está em jogo é impulsionar e estimular a ação dos aderentes aos movimentos mais radicalizados contra um elemento externo que possa ameaçar o corpo político.

No caso do Brasil, Bignotto (2022) pontua que o "perigo comunista" é historicamente uma referência constante que ronda o país, apesar de não ter fundamento algum na realidade. No entanto, é eficaz para a extrema direita, como podemos observar nas

manifestações recentes, como “A nossa bandeira jamais será vermelha”, uma referência direta ao PT em associação à ideia de anticomunismo.

Na teoria populista da democracia, Pierre Rosanvallon (2020 apud BIGNOTTO, 2022, p. 141) aponta três pilares de sustentação que elucidam partes da organização política do bolsonarismo. O primeiro elemento é a preferência pela democracia direta, como descreve conceitualmente:

> [...] a preferência dada à democracia direta, donde a importância dos referendos populares; uma visão polarizada da soberania popular, que leva à rejeição dos corpos intermediários e ao ataque às instituições, como a magistratura, que não são oriundas do voto; e a ideia de que é possível apreender o sentido de manifestações espontâneas da chamada vontade geral.

A partir dessa perspectiva, Bignotto (2022) afirma que a identificação do regime bolsonarista com o populismo é evidente. Por meio das redes sociais e do *cercadinho*[13], por exemplo, Bolsonaro busca manter seu contato direto com o povo, negando a importância de intermediários, como sindicatos, associações, entidades representativas e até mesmo as instituições parlamentares, como o Congresso Nacional. Bolsonaro se ampara nesse contato direto com manifestantes que o apoiam, chegando até mesmo a criticar outros poderes, com ameaças em fazer uso da violência para efetivar suas ideias.

O segundo pilar é o fato de as emoções serem mobilizadas constantemente pelos movimentos populistas para manter os liderados engajados e buscar a adesão de novos membros. Nesse jogo de emoções, as lideranças se apresentam como os capazes de elucidar os sentidos escusos de uma série de ações, complôs ocultados pelas elites ao povo, como detalha Rosanvallon (2020 p. 32 apud BIGNOTTO, 2022, p. 142):

> Essas teorias do complô pretendem demonstrar que, por trás da opacidade e da complexidade aparente do mundo político ou econômico real, se esconde uma ordem de poder perfeitamente simples e racional. Elas conferem sentido a eventos dos quais os indivíduos sentem que são meros joguetes, reduzidos ao estado de peões manipulados, ou espectadores manipulados. Elas reorganizam o caos do mundo e propõem uma forma de retomada do funcionamento das coisas denunciando seus mestres.

[13] O *cercadinho* ficou popularmente conhecido como o espaço localizado no lado externo do Palácio da Alvorada, perto da guarita de segurança da residência oficial da Presidência, onde Bolsonaro falava com seus apoiadores, gravava vídeos para as redes sociais e atendia à imprensa.

Esse aspecto do populismo – teorias do complôs e apelo às emoções –, esteve presente nos governo de Jair Bolsonaro em várias esferas, como nas políticas internacionais adotadas que tensionaram, por diversas vezes, as relações com países tradicionalmente parceiros do Brasil, até mesmo nas atuações dos conselheiros mais próximo de Jair Bolsonaro, como seus filhos e o grupo informal participante do "gabinete do ódio", que o aconselhava ideologicamente em questões estratégicas, passando ainda pelos adeptos do pensamento de Olavo de Carvalho.

Uma questão problemática é quando ações concretas, políticas públicas e decisões governamentais são orientadas por tais emoções mobilizadas que sustentam os complôs políticos. O que esvazia uma agenda construtiva para o país e torna o bolsonarismo destituído de conteúdos claros. E é nesse cenário que o complotismo ampara um simulacro de uma espécie de racionalidade para dar conta da complexidade da cena política, ditando regras comportamentais do movimento bolsonarista e influenciando diretamente as ações do governo federal.

Um último ponto na natureza dos regimes populistas atuais é o lugar central na democracia que a noção de povo ocupa e como ela é articulada como justificativa para as ações do governo. Não se trata aqui do povo-cidadão, sujeito de direitos, inclusive os universais, mas sim um povo concreto e material, colocado em oposição a outro imaginário contra, o "eles", imaginário contra o qual é preciso lutar e confrontar.

O comportamento que estrutura o populismo brasileiro praticado no governo Bolsonaro opera apelando para a totalidade do povo, como se essa forma fosse o único método democrático de fazer valer sua soberania. Em contrapartida, em prol de uma nova política e da "soberania do povo", os líderes populistas atacam a imprensa, os partidos políticos, o aparelho judicial e os demais poderes e esferas de governo.

Bignotto (2022, p. 144) problematiza que, nesse sentido, tais comportamentos populistas se aproximam dos movimentos fascistas em sua constituição, como segue:

> Nesse sentido, eles se parecem muito com os movimentos fascistas em seu momento de constituição. Apelando para a luta contra a "velha política", reabilitando torturadores, negando a história da ditadura e seu caráter violento, o bolsonarismo apela para um povo que só tem direito à existência quando o apoia e adota suas ideias.

Não vamos detalhar conceitos sociológicos a respeito das teorias que explicam o surgimento e estabelecimento do regime fascista, pois não iremos usar tais categorias na análise.

Porém, não podemos deixar de trazer à tona os limites por vezes ultrapassados pelo bolsonarismo em direção a um governo autoritário, como pontuados por Bignotto (2022). O que nos importa é trazer os traços populistas no bolsonarismo a serem explorados na análise discursiva, principalmente os relativos às emoções mobilizadas nesse meio.

Para complementar a leitura de Bignotto (2022), Barros e Lago (2022) aproximam o populismo de uma performance política – uma espécie de teatralidade – que não é necessariamente negativa, falsa ou demagógica. Ela não é necessariamente boa ou ruim, mas sim uma lógica política que constrói identidades coletivas. O que está em jogo não é se o discurso é ou não populista, mas sim quais traços que o tornam populista em menor ou maior grau. Nesse sentido, três traços do populismo são considerados pelos autores e que valem ser destacados por suas relações com nosso *corpus*: "(1) o populismo envolve um discurso que opõe o 'povo' às 'elites', os 'de baixo' contra os 'de cima'; (2) o populismo é esteticamente transgressivo, irreverente, culturalmente 'popular'; e (3) o populismo é uma força capaz de transformar instituições." (BARROS; LAGO, 2022, p. 13).

Assim como o "eles e nós" que Bignotto (2002) trouxe para o nosso trabalho, de modo similar ocorre a oposição discursiva entre o "povo" e "elite", ou melhor, "povo" contra a "elite". Aqui as categorias de "elite" e "povo" são políticas e não sociológicas ou econômicas, de estratificação social. Elite não é necessariamente rico ou burguesia e povo não significa pobre ou proletariado.

Isso quer dizer que, no populismo, o que é considerado é que haja a construção de identidades coletivas em que se opõe, de um lado, os "de baixo" e, de outro, os "de cima". Como o entendimento de Barros e Lago (2022) não é de um único populismo, mas de populismos, tal oposição pode assumir feições que ameacem a democracia liberal e podem ser necessárias à medida que os conflitos de ideias e posições divergentes colocam em xeque as formas de dominação. A ameaça à democracia se dá quando o antagonista é apresentado como um inimigo que precisa ser eliminado para a pacificação social.

O segundo traço que Barros e Lago (2022) nos trazem é o potencial do populismo de quebrar regras, transgredir, romper com a ordem estabelecida, sobretudo no que tange à ordem estética de fazer política, isto é, "[...] tudo aquilo que é sensível, ao que é percebido pelos nosso sentidos" (p. 70). Essa característica performativa do populismo está também associada às crises, já que as transgressões, ao superar tabus que podem ser ou emancipatórios ou

fantasiosos e conspiracionistas, criam pânico moral ou até mesmo discriminação contra grupos subalternos se fizerem uso de um discurso intolerante.

Portanto, o populismo não depende sempre de um líder carismático. Barros e Lago (2022) afirmam que as análises performativas têm apontado que o chefe populista costuma encarnar uma transgressão estética. A partir de suas falas e atos, ele ostenta o que vem de "baixo" em oposição a tudo que vem do "alto", a começar pela alta cultura:

> Nesse sentido, a transgressão do populismo costuma romper com tudo o que seria "refinado", "sofisticado", "erudito", "fino", "elegante", e por consequência "bem-comportado" e "contido". Por contraste, pode-se afirmar que o líder populista é "malcomportado". Ele quebra protocolos, o que costuma significar que ele é informal, corporal, bruto, vívido – em outras palavras, culturalmente "popular". Contudo, assim como no caso do antagonismo entre "povo" e "elite", a transgressão populista pode se expressar de diversas formas, com diversas consequências para a democracia liberal. (BARROS; LAGO, 2022, p. 89).

Por fim, as transformações institucionais é outro traço do populismo, sendo compreendidas como instituição não apenas as entidades físicas com prédios e funcionários, mas as regras de uma vida em comunidade, tanto as escritas, como os acordos tácitos, claro não podendo ser ignoradas as alterações que o populismo faz nas legislações, nas políticas públicas e na democracia liberal. De acordo com Barros e Lago (2022), o populismo reacionário pode destruir a divisão de poderes, o que leva a concentração de poder nas mãos de uma única liderança, consolidando instituições que reafirmem e consolidem as hierarquias sociais em detrimento e discriminando outros setores subalternizados.

Sobre as relações de causa e consequência em relação aos regimes populistas, vamos considerar que não existem fatos que determinem necessariamente o surgimento ou não do populismo. Ele está mais relacionado a uma resposta à vulnerabilidade. A partir de Judith Butler (2004 apud BARROS; LAGO, 2022), os autores entendem como vulnerabilidade tanto aquela relacionada aos grupos sociais subalternizados e aqueles que estão com condições precárias de trabalho e de vida. Os autores chamam atenção ainda para uma vulnerabilidade "ontológica" (LEFORT, 1986 apud BARROS; LAGO, 2022, p. 76) que atinge a todos e é produzida pela própria modernidade, em que as formas de autoridade tradicionais são colocadas em questão.

> A vulnerabilidade "ontológica" está ligada à angústia e ao desamparo dessa experiência de perda de certezas; ela reflete a angústia de perder seu lugar num mundo em que mais do que nunca "tudo o que é sólido desmancha no ar", como diriam Marx

> e Engels. E é nas diferentes respostas a essa vulnerabilidade “ontológica” que os vários tipos de populismo se distinguem.

Com a modernidade, há uma dissolução das certezas, campo propício para as emoções e os discursos que prometem segurança, e é o que promete o populismo reacionário. Ele atribui à causa da angústia ontológica a um inimigo ameaçador, ocultando o fato de que a vulnerabilidade é irremediável. Nessa busca pela segurança, o populismo tenta construir uma ideia de “povo” como uma comunidade hermética e protegida de tudo o que é diferente. A questão é que essa segurança é fantasiosa e não consegue lidar com a vulnerabilidade que nos atravessa. É um populismo sem causa.

3 QUADRO TEÓRICO E A METODOLOGIA DE ANÁLISE

> A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder dos homens. (CHARAUDEAU, 2019, p. 7).

Antes mesmo da pandemia da covid-19 chegar ao Brasil, com a confirmação dos primeiros casos da doença, os sujeitos políticos já se posicionavam e buscavam representar discursivamente o impacto da epidemia na saúde coletiva, na economia, no país e na vida dos brasileiros, bem como apresentar medidas para enfrentar a crise sanitária. O presidente do Brasil não se comportou de forma diferente. Apesar das poucas informações científicas sobre a doença, suas formas de contágio, prevenção e tratamento, Jair Bolsonaro se adiantava em declarações para a imprensa, em redes sociais e para seus eleitores, principalmente.

Tais declarações são o nosso objeto de pesquisa nesta dissertação e vamos estudá-las como atos de linguagem no campo teórico e metodológico da AD, mais especificamente a Teoria Semiolinguística, fundada por Patrick Charaudeau. Dessa forma, a partir do conceito de discurso como atos de linguagem e do entendimento de Charaudeau de sujeitos da linguagem (destinatário, interpretante, enunciador e comunicante) em um contrato de comunicação político, em que os sujeitos se relacionam por meio de um ritual sociolinguageiro, buscamos descrever a inter-relação do processo de produção e interpretação pelos sujeitos no *corpus* aqui delimitado.

É importante também pontuar que consideramos o discurso analisado como discurso político, assim como é apresentado por Charaudeau (2018), devido à identidade social dos sujeitos como atores políticos, ao processo de influência social e persuasão e à situação de comunicação em que os enunciados se desenvolvem. De forma complementar, iremos trabalhar com o entendimento de Benveniste (1989 apud FLORES; TEIXEIRA, 2005) de enunciação.

Para elucidarmos como o papel sociodiscursivo do enunciador e a construção da imagem de si (*ethos*) contribuíram para a circulação de imaginários sociodiscursivos de verdade em relação ao contexto social pandêmico, em nossa análise, trabalhamos com as noções de *ethos* em Amossy (2016; 2020), sujeito linguageiro e as categorias dos *ethé* de credibilidade e identificação no discurso político em Charaudeau (2018) e vocalidade e cenografia para a compreensão do *ethos* em Maingueneau (1997; 2016).

A partir da tradição retórico-discursiva, interpretamos de que forma os elementos de encenação das estratégias pathemicas dramatizaram o discurso político populista frente à

pandemia da covid-19 no Brasil, e quais foram os imaginários sociodiscursivos evocados para a constituição do *ethos*. Para isso, abordamos o conceito de *pathos* em Charaudeau (2007), que incorpora tanto as emoções, como a construção da imagem de si às estratégias discursivas dramatizantes. A relação entre *ethos* e *pathos* também é compreendida em nossa pesquisa por meio do modelo da tridimensionalidade dos meios de persuasão, que considera que os meios ou dimensões da persuasão (*ethos*, *pathos* e *logos*) são copresentes, complementares e integrados (MENEZES, 2007).

A questão do *ethos* e do *pathos* também passa por estratégias enunciativas ancoradas em imaginários e saberes que são acionados pelo diálogo com outros discursos já estabelecidos. Conceitos como imaginários sociodiscursivos e representações sociais (CHARAUDEAU, 2018) foram fundamentais nesta dissertação, complementados pela relação do interdiscurso e da polêmica em Maingueneau (1997).

3.1 ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO A PARTIR DA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

Como anteriormente pontuado, a principal base teórico-metodológica proposta para este estudo é a AD, a partir dos pressupostos da Teoria Semiolinguística. Para isso, é imprescindível recorrer às obras de Patrick Charaudeau (2013; 2018; 2019) para a análise do *corpus.*

A partir de Charaudeau (2019), entendemos que o discurso enunciado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro são atos de linguagem que circulam em um mundo social e se relacionam com os universos de pensamentos (políticos, científicos ou religiosos), bem como com os valores que se impõem em nosso atual tempo histórico.

A linguagem para a Semiolinguística é um objeto opaco, em que o processo de comunicação não é resultado de uma única intencionalidade, sendo necessário levar em conta quais são as possíveis intenções declaradas pelo presidente explicitamente, a partir daquilo que diz e como diz durante o ato de linguagem e da relação que une o emissor aos receptores de forma implícita.

Nesse sentido, em nossa análise do discurso político, é necessário considerar o enunciado como um objeto duplo, constituído de um explícito – o que foi manifestado pelo dito – e de um implícito, que é o lugar de sentidos múltiplos que dependem das circunstância de comunicação em que são significados, ou seja, “[...] o mundo como uma totalidade que inclui

o contexto sócio-histórico e as relações que se estabelecem entre o emissor e o receptor". (CHARAUDEAU, 2019, p. 17).

O objeto do conhecimento no campo teórico semiolinguístico, de acordo com Charaudeau (2019, p. 20), é o que "[...] fala a linguagem através do como fala a linguagem, um constituindo o outro (e não um após o outro). O mundo não é dado a princípio. Ele se faz através da estratégia humana de significação". Portanto, o ato de linguagem em nossa análise pressupõe a possibilidade de diferentes leituras a que ele é suscetível de sugerir, englobando os processos de produção e de interpretação. Em outras palavras, a nossa análise do ato de linguagem em estudo não pretende dar conta da totalidade da intenção do sujeito comunicante, no caso, Jair Bolsonaro. O que pretendemos não é apenas o ponto de vista do presidente e nem dos sujeitos interpretantes, mas, sim, os possíveis interpretativos que podem surgir ou se consolidarem no lugar de encontro dos dois processos, o de produção e o de interpretação.

Outro ponto importante é a noção de enunciação e sua relação com o sujeito; para isso, iremos trabalhar com o entendimento de Benveniste (1989), de que a enunciação transforma a língua em discurso. É um ato individual de apropriação da língua pelo locutor, por meio do aparelho formal da enunciação, que atua como dispositivo para que a linguagem possa ser enunciada. "Esse aparelho nada mais é que a marcação da subjetividade na estrutura da língua" (BENVENISTE, 1989, p. 82), em que o locutor é o parâmetro, a condição necessária da enunciação.

Benveniste (1989 apud FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 92) coloca "[...] o sujeito em um quadro intersubjetivo da linguagem, no qual este se constitui pela co-referência dialética com o outro". Em outras palavras, na análise da enunciação, os interlocutores referem-se e coreferem-se na atribuição de sentido às palavras. Cada locutor se apresenta como sujeito ao se referir a si mesmo como "eu" e ao outro como "tu".

Nesse sentido, para Flores, Teixeira (2005, p. 34), "[...] a linguagem é condição de existência do homem e como tal ela é sempre referida ao outro, ou seja, na linguagem se vê a intersubjetividade como condição da subjetividade". É a partir da intersubjetividade que se pode pensar em subjetividade, de maneira que o sujeito, para se propor como tal na linguagem, precisa estar, ele mesmo, constituído pelo outro.

Outra questão de destaque na teoria da enunciação de Benveniste (1989) relevante para nossa análise é que a cada momento em que o locutor se apropria do aparelho formal da

enunciação produz um novo uso, de forma irrepetível, pois jamais as categorias fundamentais da enunciação, como tempo, espaço e pessoa, são permanentes no uso da língua.

Sobre a articulação entre sujeito e a estrutura no enunciado, assim como Benveniste (1989) afirma sobre a linguística da enunciação, percebemos ser necessário delimitar que o sujeito não é propriamente nosso objeto de estudo, mas, sim, a representação que a enunciação faz dele. O que quer dizer que o que iremos estudar é a enunciação do sujeito, e não o sujeito em si. Portanto, nosso objeto é a análise da enunciação de Jair Bolsonaro como sujeito locutor em uma relação de intersubjetividade com o outro ("tu"), e não a análise do presidente propriamente dita.

3.1.1 Discurso político: a política não pode agir sem as palavras

Para fins metodológicos, os enunciados da Presidência da República foram categorizados para esta análise como discurso político. Conforme Maingueneau (2015), o gênero do discurso se orienta a partir da esfera de atividades políticas, do campo discursivo e do lugar de atividade. Já Charaudeau (2018) afirma que o discurso é tornado político a partir de sua situação de comunicação, como é o caso de *corpus* desta tese, em que os enunciados estão em uma esfera política e cidadã, no campo discursivo público e institucionalmente vinculados ao governo federal.

Outro ponto importante que consideramos é a relação entre a linguagem e a política. Segundo Charaudeau (2019, p. 7), "[...] a linguagem é um poder e talvez o primeiro poder do homem". É uma atividade humana que se desdobra em um teatro social, cuja encenação é o resultado de vários componentes que exigem competências discursivas (situacional, semiolinguística e semântica). Charaudeau (2018, p. 21) ainda afirma que "[...] o governo da palavra não é tudo na política, mas a política não pode agir sem a palavra".

De acordo com a sua posição, papéis no dispositivo e a complexidade da estruturação do campo político, devido aos entrecruzamentos dos diversos setores da sociedade, uma das categorias no discurso político é aquela que se refere às instâncias, que, segundo Charaudeau (2018, p. 55), são definidas "[...] de acordo com seus atributos identitários, os quais, por sua vez, definem sua finalidade comunicacional". Desta maneira, a partir da noção de instância, o autor afirma que, na análise do discurso político e dos fatos políticos, evita-se reduzir apenas às personalidades psicológicas e sociais dos atores, ou se interessar apenas pelas

ideias veiculadas pelos discursos, "[...] sem levar em conta a natureza das instâncias do dispositivo".

Portanto, dada a complexidade do campo político em decorrência dos diversos entrecruzamentos produzidos entre os diferentes setores de atividades e situações de comunicação, o discurso político é fabricado em três lugares: um lugar de governança, um lugar de opinião e um lugar de mediação. A instância política está no lugar de governança, onde também se encontra a instância adversária; no lugar de opinião, encontra-se a instância cidadã; e a instância midiática está no lugar de mediação. Charaudeau (2018, p. 18) distingue as instâncias políticas como aquelas que são delegadas e assumem a realização da ação política e, por outro lado, a instância cidadã como aquela que "está na origem da escolha dos representantes do poder."

A instância política é o espaço em que os atores têm o poder de fazer, decidir, agir, além do poder de fazer pensar, ou seja, de manipulação. Por conta disso, nesta instância busca-se a legitimidade, autoridade e credibilidade, em um jogo não explícito movido pelo intuito de ocupar o lugar de poder e nele se manter.

> Portanto, o discurso da instância política pode apenas se dedicar a propor programas políticos quando se trata de candidatar-se aos sufrágios eleitorais, a justificar decisões ou ações para defender sua legitimidade, a criticar as ideias dos partidos adversários para melhor reforçar a sua posição e a conclamar o consenso social para obter o apoio dos cidadãos, tudo com a ajuda de diversas estratégias de persuasão e sedução. (CHARAUDEAU, 2018, p. 56).

A instância política engloba diversos status, como chefe de Estado, chefe de governo, ministro, deputados; e situações com pronunciamentos oficiais, entrevistas e campanha eleitoral. De acordo com a diversidade de situações, a instância política tem como seu parceiro principal a instância cidadã, a qual estabelece relações diversas segundo a maneira como é imaginada.

Já a instância adversária está no mesmo lugar da governança por ser movida por motivações similares ao propor ao cidadão um projeto de sociedade, fazendo uso das mesmas estratégias discursivas em um discurso sistemático de crítica ao poder vigente. Em oposição à instância política, ela representa uma parcela da opinião cidadã, adotando a mesma noção do termo cidadã que Charaudeau (2018) utiliza em seu sentido amplo, como aqueles que fazem parte de um regime democrático. Assim, a instância cidadã é colocada como "[...] aquela que

se encontra em um lugar em que a opinião se constrói fora do governo" (CHARAUDEAU, 2018, p. 58), em um discurso que se constrói com o objetivo de interpelar o poder governante.

A instância política e a cidadã têm como elo a midiática, que se encontra fora da governança e se vale de diferentes modos de mediação em um papel de informantes, em um duplo dispositivo: o de exibição em busca de credibilidade e o de espetáculo que corresponde à busca por cooptação ao dramatizar a narrativa dos acontecimentos.

Dessa forma, para legitimar suas ações políticas por meio da linguagem, a instância política da Presidência da República fez uso de estratégias persuasivas em busca do convencimento da instância cidadã dos fundamentos do seu programa e das decisões e ações de enfrentamento à pandemia, em seu proveito político, como pode ser fundamentado na citação a seguir sobre a natureza do discurso político:

> O discurso político não esgota, de forma alguma, todo o conceito político, mas não há política sem discurso, esse é constitutivo daquela. A linguagem é o que motiva a ação, a orienta e lhe dá sentido. A política depende da ação e se inscreve constitutivamente nas relações de influência social, e a linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos, é o que permite que constituam espaços de discussão, de persuasão e de sedução nos quais se elaboram o pensamento e a ação política. A ação política e o discurso político são indissociavelmente ligados, o que justifica pelo mesmo raciocínio o estudo político do discurso. (CHARAUDEAU, 2018, p. 39).

O discurso político é o lugar de engajamento do sujeito, de justificação de seu posicionamento e de influência do outro. Segundo Charaudeau (2007a, p. 247), na cena política, ocorre uma expectativa de poder entre a instância política e a instância cidadã, em que a primeira está direcionada a um “agir sobre o outro” que deve ser acompanhado de uma “exigência de submissão ao outro”, orientada em direção à “produção de efeito".

3.1.2 Situação e contrato de comunicação

De acordo com o quadro teórico de Charaudeau (2018), em um ato de comunicação durante nossa fala, por mais que tenhamos e preservemos uma liberdade relativa que permita a nossa individualização discursiva, que é o que nos caracteriza de forma exclusiva, precisamos seguir normas e convenções da linguagem que são compartilhadas socialmente.

É possível entender como se dá essa liberdade relativa dos sujeitos ao comparar a comunicação humana com a encenação em um teatro. Da mesma maneira que acontece em uma encenação, em um enunciado, nós representamos, por meio de atos de linguagem, que são

espetáculos relacionais diversos, em que alguns papéis estão previstos e outros são improvisados.

Esses papéis previstos, de acordo com as normas sociais compartilhadas, podem ser melhor compreendidos a partir da noção e descrição de situação de comunicação como um quadro de referência que os indivíduos de uma comunidade social se ancoram e reportam quando iniciam uma comunicação, assim como abordado por Charaudeau (2013):

> A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico. Como se estabelecem tais restrições? Por um jogo de regulação das práticas sociais, instauradas pelos indivíduos que tentam viver em comunidade e pelos discursos de representação, produzidos para justificar essas mesmas práticas a fim de valorizá-las. Assim se constroem as convenções e as normas dos componentes linguageiros, sem as quais não seria possível a comunicação humana. (CHARAUDEAU, 2013, p. 67).

A situação de comunicação é onde se instituem as restrições que determinam as expectativas de troca entre os sujeitos. Tais restrições são procedentes da "[...] identidade dos parceiros e do lugar que eles ocupam na troca, da finalidade que os religa em termos de visada, do propósito que pode ser convocado e das circunstâncias materiais nas quais a troca se realiza" (CHARAUDEAU , 2004, p. 5). É esse conjunto que Charaudeau (2011) chama de contrato de comunicação, que condiciona, em parte, o sujeito falante por meio de instruções discursivas que deverá seguir para proceder seu ato de enunciação.

Para atingir seus efeitos, o discurso político caracteriza-se por um jogo polêmico e utiliza-se constantemente de contratos e estratégias para convencer e seduzir o outro. O conceito de contrato de comunicação em Charaudeau (CHARAUDEAU, 2020) é central para a TS, definida como o conjunto das condições em que se realiza qualquer ato de comunicação. "O contrato de comunicação define essas condições em termos de desafio psicossocial pelo viés de seus componentes situacionais e comunicacionais" (CHARAUDEAU, 1995, p. 162 apud CHARAUDEAU, 2020, p. 132), constituindo, assim, nos seres de linguagem, uma "memória coletiva" ancorada "sócio historicamente".

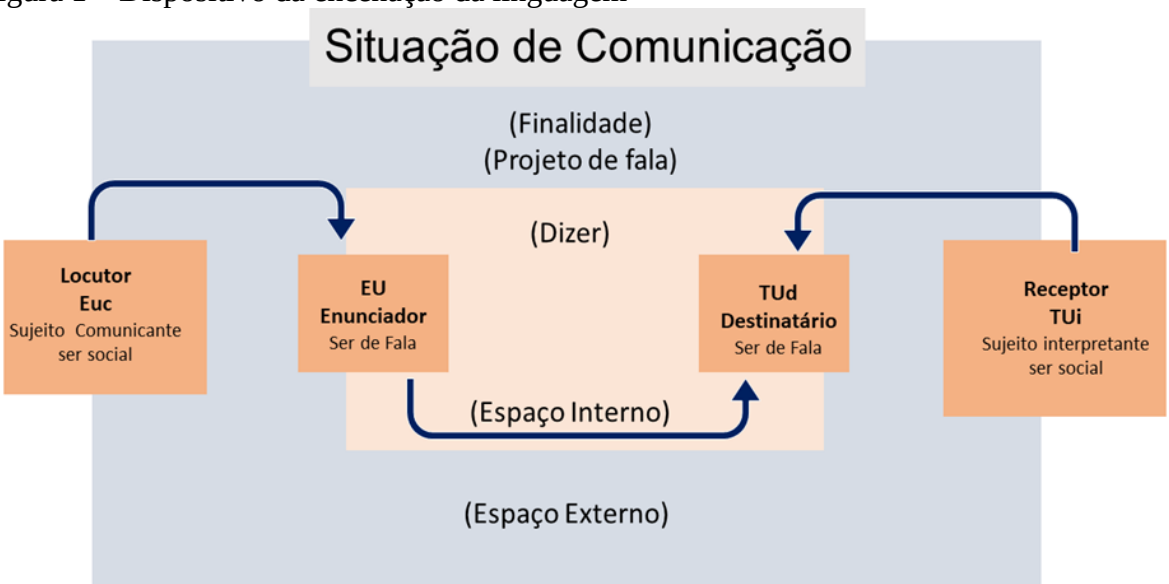
O contrato de comunicação é uma espécie de ritual sociolinguageiro no qual está inserido não somente o sujeito falante, mas as duas partes do ato de linguagem, que dependem de um implícito codificado que as coloca em um mesmo terreno de convivência discursiva e que lhes permite produzir/interpretar o enunciado. A partir da noção de contrato, pressupõe-se que os sujeitos que pertencem a um mesmo corpo de práticas sociais possam chegar a um acordo

sobre as representações linguísticas dessas mesmas práticas. “Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de reconhecimento análoga à sua.” (CHARAUDEAU, 2019, p. 56).

Para a nossa pesquisa, esse conceito também é fundamental, pois, a partir de sua descrição, será possível identificar o que permite aos sujeitos de linguagem realizar a troca linguageira e a construção de sentido, por meio de um reconhecimento mútuo de traços identitários, que os definem como sujeitos do ato de linguagem (identidade), e do objetivo do ato (finalidade). É também a partir do contrato que é possível entender qual é a constituição do objetivo temático da troca linguageira (propósito) e quais as coerções materiais que determinam o ato e sua relevância (circunstâncias). “Do ponto de vista do sujeito interpretante, é o que permite compreender, em parte, um ato de comunicação sem que se conheçam todos os detalhes.” (CHARAUDEAU, 1983 apud CHARAUDEAU, 2020, p. 132).

Para ser bem-sucedido no ato de linguagem, o sujeito comunicante faz uso de contratos e estratégias. Logo, o *ethos* como estratégia enunciativa foi fundamental em nossa análise, compondo um dos objetivos desta investigação. Para Charaudeau (2019), as estratégias de poder são resultado de “[...] um jogo de ser e de parecer entre o estatuto social dos sujeitos do circuito comunicativo (EUc/TUi) e o estatuto linguageiro dos sujeitos que a manifestação linguageira constrói (EUe/TUd).” (p. 62).

Figura 1 – Dispositivo da encenação da linguagem



Fonte: Charaudeau (2019).

O ato de linguagem é composto por dois circuitos de produção de saberes, um espaço interno, também chamado de circuito de fala configurada, que é onde se encontram os seres de fala, no caso a imagem de um sujeito enunciador (EUe) e de sujeito destinatário (TUd), relacionados a um saber ligado às representações linguageiras das práticas sociais. Já o circuito externo à fala configurada é onde se encontram os sujeitos comunicantes e os sujeitos interpretantes, relacionados a um saber associado ao conhecimento da organização do real, que os sobredeterminam.

Logo, o mundo falado tem uma dupla representação, de acordo com o espaço que ocupa (interno ou externo), "[...] quando esse mundo é considerado no circuito de fala, corresponderá a uma representação discursiva; se ele for considerado no circuito externo, como testemunha do real, corresponderá a uma representação da situação de comunicação". (CHARAUDEAU, 2019, p. 53). No ato de linguagem, o sujeito enunciador espera que os contratos que está propondo ao sujeito-interpretante sejam bem percebidos e que as estratégias empregadas na comunicação produzam os efeitos visados. (CHARAUDEAU, 2019).

Como esta pesquisa teve por objeto de estudos o discurso político durante a pandemia do vírus da covid-19 no Brasil, esse foi o contexto sócio-histórico constituinte dos sentidos elaborados e visados, bem como dos efeitos do discurso. A análise desta pesquisa está ancorada no contexto, entendido aqui como os aspectos das condições de produção que condicionam a situação de comunicação e o posicionamento interdiscursivo. A partir de então, uma das etapas da nossa análise é a descrição da situação de comunicação, que engloba, segundo Charaudeau (2011), a identidade dos sujeitos, a finalidade da situação, os dispositivos envolvidos e suas circunstâncias materiais. É esse conjunto que constitui o contrato de comunicação, que restringe e orienta discursivamente o sujeito falante em seu ato de enunciação.

3.2 *ETHOS* COMO ESTRATÉGIA DO DISCURSO POLÍTICO

A noção de *ethos* surge com a Retórica de Aristóteles (384-322 a.C) e ganha proeminência nos estudos da Análise do Discurso nos anos 80 conforme Amossy (2020) descreve. Aristóteles (1991 apud AMOSSY, 2020) trabalha o conceito de *ethos* como recurso retórico discursivo. O processo de persuasão do discurso se baseia em estratégias discursivas relacionadas tanto com o campo da razão quanto com o campo da emoção. Um dos pontos

fundamentais na arte da persuasão seria a qualidade das provas inerentes ao discurso e utilizadas pelo orador. Por isso, o sujeito político que deseja promover a aceitação do público sobre suas ideias precisa levar em conta as três provas retóricas propostas por Aristóteles: *ethos*, *pathos* e *logos*. O *ethos*, relaciona-se à construção das imagens do sujeito e que contribui para a assegurar a sua credibilidade e autoridade, reside no caráter moral do orador. Já o *pathos* está ligado ao campo dos sentimentos, se apresentando quando os ouvintes são levados a sentir emoções por meio do discurso, como tristeza, alegria, amor ou ódio (tais emoções seriam capazes de alterar o juízo do público sobre o orador e suas ideias). O *logos*, em contrapartida, se relaciona ao campo da razão, onde a persuasão se dará pelo discurso, pela verdade (ou o que parece verdade) apresentada pelo orador.

Na TS, os seres de fala são sujeitos que ocupam o centro do ato de linguagem. O ato de linguagem é composto por um sujeito que enuncia e por outro que recebe e interpreta o que foi dito. Assim, as identidades desses sujeitos são construídas por meio das imagens produzidas pelo discurso no ato de linguagem.

Como já pontuado, o discurso político é um lugar, como afirma Charaudeau (2018), repleto de máscaras, um jogo de estratégias e uso de meios discursivos que podem persuadir e seduzir os interlocutores. Portanto, o discurso é representação, produção de identidades, construção de sentidos que precisam ser identificados e discutidos, sobretudo no discurso político, em que as palavras e estratégias discursivas utilizadas pelo enunciador têm muito a revelar. Os sujeitos, individual ou coletivamente, são representados por meio das relações e das diferenças entre o emissor e o receptor no contrato e em determinadas situações de comunicação.

O papel dos seres de fala é fundamental para compreendermos como as representações sobre a pandemia da covid-19 no Brasil são postas em funcionamento na linguagem, por meio de estratégias enunciativas, principalmente quando amparadas na autoridade e na legitimidade do presidente da República. A partir da questão, “quem o texto faz falar?” ou “quais sujeitos o texto faz falar?”, vamos fundamentar nossa análise nas noções de *ethos* em Amossy (2016; 2020), sujeito linguageiro no discurso político em Charaudeau (2020) e vocalidade e cenografia na compreensão do *ethos* em Maingueneau (2008; 2016).

Primeiramente, vamos delimitar alguns pontos em nossa abordagem teórica. A noção de *ethos* em Amossy (2020) é parte do quadro teórico da Análise Argumentativa. A

argumentação, como entendida pela nova retórica, é um ramo da AD na medida em que nos ajuda a compreender o funcionamento discursivo, como pontua a autora:

> Não há discurso sem enunciação (o discurso é o efeito da utilização da linguagem em situação), sem dialogismo (a palavra é sempre, como diz Bakhtin, uma reação à palavra do outro), sem apresentação de si (toda fala constrói uma imagem verbal do locutor), sem o que poderia chamar "argumentatividade" ou orientação, mais ou menos marcada do enunciado, que convida a outro a compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir. Em suma, todo discurso supõe o ato de fazer funcionar a linguagem num quadro figurativo ("eu" – "tu"); está imerso na trama dos discursos que o precedem e o cercam; produz, de bom ou de mau grado, uma imagem do locutor e influencia as representações ou as opiniões de um alocutário. Nesse sentido, o estudo da argumentação e do modo como ela se alia aos outros componentes na espessura dos textos é parte integrante da análise do discurso. (AMOSSY, 2020, p. 12).

A argumentação é uma dimensão constitutiva no discurso, porém, em nosso trabalho, não nos aprofundamos em uma análise argumentativa, e sim nas estratégias enunciativas que se apoiam na força da fala do locutor para exercer influência e persuadir o outro, e adapta-se a seus alocutários e à visão que eles têm das coisas. É nesse adaptar para dar força à sua fala que o orador constrói a imagem de si discursivamente, "[...] com o objetivo de contribuir para a eficácia de seu dizer" (AMOSSY, 2020, p. 79), que é o que os retóricos chamam de *ethos*.

Alinhada à corrente francesa contemporânea, para Amossy (2020), a AD é uma disciplina que relaciona a fala a um lugar social e a quadros institucionais que ultrapassam a oposição texto/contexto, isso quer dizer que, para esclarecer como se dá o funcionamento do discurso, é preciso considerar "[...] o estatuto do orador, as circunstâncias sócio-históricas em que ele toma a palavra ou a pena, a natureza do auditório visado, a distribuição prévia dos papéis que a interação aceita ou tenta frustrar, as opiniões e as crenças que circulam na época" (p. 11). O contexto e a sua relação com o orador são fatores que constroem o discurso e cuja análise interna deve ser levada em consideração.

Ainda para Amossy (2020), tanto o locutor, como o auditório são atravessados pela fala do outro, pelas ideias e evidências de uma época, sendo, dessa forma, condicionados pelas possibilidades de seu tempo. Dessa forma, a compreensão do sujeito integra as estratégias argumentativas, discursivas e enunciativas. A imagem que o orador constrói de si em seu discurso, o *ethos*, contribui para a eficácia de seu dizer e para a força de sua fala.

Como posto por Amossy (2020), na produção do discurso, existe certo controle, e um deles refere-se ao que ela chama de "ritual", que se relaciona com a eficácia do discurso e

do orador, o que fortalece para nós a importância da análise da construção da imagem de si do presidente da República e seus efeitos de verdade acerca da gravidade da pandemia. Os rituais definem também a posição no enunciado que deve ocupar os gestos, o comportamento, as circunstâncias e todos os demais signos que acompanham o discurso verbal. Portanto, nos contratos comunicacionais estabelecidos pela situação de comunicação, os rituais, ao estabeleceram previamente a posição no enunciado do orador, pré-formatam no auditório uma imagem prévia, o que Amossy chama de *ethos* prévio.

3.2.1 *Ethos*, estereotipagem e cenografia

Retornando ao quadro conceitual de Amossy (2016; 2020), o *ethos* é constituído pelo *ethos* prévio e o discursivo, em que o primeiro é baseado no papel que o orador exerce em seu espaço social a partir de suas funções institucionais, seu *status*, seu poder, somado ao estereótipo e à representação coletiva acerca de si: "Ele precede à tomada da palavra e a condiciona parcialmente. Ao mesmo tempo, deixa no discurso traços tangíveis que podem ser identificados, ora nas marcas linguísticas, ora na situação de enunciação que está na base da troca." (AMOSSY, 2020, p. 90). O *ethos* prévio é constituído pela relação do orador com o auditório, as crenças compartilhadas entre eles e a representação coletiva – ou estereótipo – que lhe é atribuída.

O *ethos* discursivo, ou simplesmente *ethos* ou *ethos* oratório, é a imagem construída pelo locutor em seu discurso, sendo um dos componentes de força ilocutória. Essa imagem elaborada pelo locutor apoia-se e se sustenta no *ethos* prévio, ou seja, nos elementos preexistentes, como a ideia que o público tem do orador antes mesmo que ele tome a palavra, ou a autoridade conferida por sua posição institucional como presidente da República e o seu *status.*

Para investigarmos como se deu a construção da imagem de si nos enunciados, segundo Adam (1999b apud Amossy, 2020, p. 91) é importante analisar, no nível discursivo:

> – A imagem que deriva da distribuição de papéis inerente à cena genérica e à escolha de uma cenografia (os modelos inscritos no discurso);
> – A imagem que o locutor projeta de si mesmo em seu discurso, tal como ela se inscreve na enunciação, mais do que no enunciado, e a maneira como ele reelabora os dados pré-discursivos.

O orador político pode sustentar o seu discurso e apoiar-se na autoridade de seu *status* institucional e em sua representação prévia. Porém, Amossy (2020) afirma que é necessário conhecer a situação de troca para inferir que a autoridade é considerada no *ethos* prévio. É importante conhecer o campo político, científico e intelectual de que participa o locutor, e se ele está autorizado a se apropriar dos assuntos que aborda e o gênero que seleciona.

Na TS de Charaudeau (2018), o *ethos* não é uma imagem exclusiva daquele que fala, "[...] ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz" (p. 115). O *ethos* é o cruzamento do olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro vê. "Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso - o que ele sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem". (CHARAUDEAU, 2018, p. 115).

A noção de estereotipagem é essencial para construção da imagem de si, que precisa ser reconhecida pelo auditório para parecer legítima e é necessário que esteja inserida em representações compartilhadas, a partir de modelos culturais prévios. "A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado". (AMOSSY, 2016, p. 125).

Para que o orador aproxime o seu *ethos* discursivo de estereótipos que favoreçam o efeito de seus enunciados, ele faz uso de uma encenação verbal do eu em que se esforça para colocar em evidências, corrigir ou apagar alguns traços atribuídos a si. "É a partir daí que se pode ver como a imagem prévia do locutor é remodelada por um discurso que ora a reforça, ora se dedica a transformá-la." (AMOSSY, 2020, p. 92).

Em Charaudeau (2018), o *ethos* é uma fusão das identidades discursivas e sociais do sujeito falante, sendo a identidade social do locutor aquela que lhe dá direito à palavra e que funda sua legitimidade em função de seu papel atribuído pela situação de comunicação, somada à sua identidade discursiva no ato de comunicação. O *ethos* tem uma dupla identidade resultante daquilo que se é e daquilo que diz que é, ou ocultando o que ele é pelo que diz:

> O sujeito aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si. O sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos (CHARAUDEAU, 2018, p. 115).

A remodelação do que se é, para a construção de si discursivamente, seja apagando e ocultando, reforçando ou ressignificando os seus sentidos, remete-nos ao que Eni Orlandi (2007) chama de "silenciamento" dos sentidos, na constituição do sujeito de linguagem. Devido à incompletude da própria linguagem, o silêncio não deriva do dizer para significar e nem do sentido das palavras, e sim da significação, da relação significativa do som e do sentido, já que o "[...] o silêncio não se reduz à ausência de palavras. As palavras são cheias, ou melhor, são carregadas de silêncio. Não se pode excluí-lo das palavras assim como não se pode por outro lado, recuperar o sentido do silêncio só pela verbalização". (ORLANDI, 2007, p. 67).

Há um processo de produção de sentidos silenciados em que o não dito tem uma dimensão diferente do implícito, em que todo dizer algo tem uma relação com o não dizer. O silêncio é o indício de uma instância significativa, como um horizonte em que outros sentidos são produzidos. Dessa forma, a partir da análise da imagem de si discursivamente (re)significada do presidente, acompanhada do conhecimento da situação de enunciação em que pese as influências e relações políticas, sociais e econômicas, associada às representações prévias do orador em sua autoridade e legitimidade como chefe do executivo federal, pode-se ver como se estabelece um *ethos* capaz de contribuir para o caráter persuasivo da enunciação.

No discurso político, segundo Charaudeau (2018), impera um jogo de máscaras, que é o que constitui a nossa identidade em relação ao outro, não sendo as máscaras necessariamente aquilo que esconde a realidade. De acordo com a situação de comunicação é possível serem estabelecidas várias identidades, portanto várias máscaras, que, ao serem analisadas, trazem à tona o que é dito e não dito, pois "[...] as máscaras é o que constitui nossa identidade em relação ao outro. Em outros termos, no que é dito, há sempre o que é dito e o que não o é, um não dito que, entretanto, também se diz" (CHARAUDEAU, 2018, p. 6). Isto tal qual o "silenciamento" em Eni Orlandi (2007, p. 11), em que "as próprias palavras transpiram silêncios".

O não dito também está presente no entendimento de *ethos* em Maingueneau (2016), o qual, a partir de Ducrot (1984 apud MAINGUENEAU, 2016), afirma que o *ethos* na verdade se mostra – pois ele não é dito em afirmações autoelogiosas – na aparência, na fluência, na entonação severa ou calorosa, na escolha das palavras. Do mesmo modo, em sua noção de *ethos*, Maingueneau (2016) discorre sobre a posição dos sujeitos dentro da esfera discursiva. Para o autor, o *ethos* é constituído de uma voz e um corpo enunciante, inscrito historicamente em uma situação, pressuposto e validado na enunciação. O pesquisador francês também faz

uma distinção entre *ethos discursivo* e *ethos prévio*. Neste último, o coenunciador pode já dispor de representações prévias do *ethos* do enunciador, no caso de uma figura pública e política como o presidente da República, por exemplo, ou apenas ter expectativas decorrentes de vestígios de posicionamentos políticos ou pertencimento a um gênero do discurso. Como para Maingueneau o *ethos* está ligado ao ato de enunciação, é importante pontuar que, para o autor, "[...] o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale". (MAINGUENEAU, 2016, p. 71).

Dessa forma, para o teórico, o *ethos* mostrado pode também ser analisado a partir de uma determinação da vocalidade, o "tom", associada ao corpo do enunciador e às determinações físicas psíquicas, atribuídas pelas representações coletivas à personagem do orador. É o tom que irá dar destaque, relevo, valoração de palavra ou expressão, resultando em um fiador (MAINGUENEAU, 2008a apud PIAIA, 2021). É a junção do caráter e da corporalidade:

> O "caráter" corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à "corporalidade", ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de se mover no espaço social. O *ethos* implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar. (MAINGUENEAU, 2016, p. 72).

Outro ponto importante que Maingueneau (2016, p. 74) traz é a "[...] diversificação do *ethos* em razão das especificidades dos tipos e gêneros de discurso". Para o linguista, o *ethos* é parte constitutiva da cena de enunciação, que se compõe de três cenas, que Maingueneau (2008; 2016) chama de cena englobante, referente ao gênero do discurso atribuindo um estatuto pragmático; cena genérica, relativa ao contrato associado ao gênero; e cenografia, que é construída pelo próprio texto e é "[...] maquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra, ela legitima um enunciado que, por sua vez deve legitimá-la". (MAINGUENEAU, 2016, p. 76). Dessa forma, o discurso em seu desenvolvimento pretende instituir uma situação de enunciação que o torna pertinente, portanto "[...] a cenografia não é, pois, um quadro, um ambiente, como se o discurso ocorresse em um espaço já construído e independente do discurso, mas aquilo que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala". (MAINGUENEAU, 2008, p. 69).

O enunciador a que se refere Maingueneau (2016) não é um "ponto de origem estável" com diferentes formas de se expressar. Como parte da cena de enunciação, o *ethos* tem o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência, sendo parte pregnante da cena de enunciação, e não se restringindo a um meio de persuasão. O discurso, para o Maingueneau (2008, p. 69), "[...] não resulta da associação contingente de um 'fundo' e de uma 'forma'; não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e do modo de legitimação de sua cena de fala". Os conteúdos desenvolvidos pelo discurso permitem ou não especificar e validar determinado *ethos*, bem como sua cenografia, por meio da qual esses conteúdos surgem.

3.3 A ENCENAÇÃO DO *PATHOS* NO DISCURSO POPULISTA

Os movimentos dos afetos no discurso político de Jair Bolsonaro são uma de suas marcas. Não seria diferente durante a pandemia, em que uma população emocionalmente vulnerável diante da crise sanitária, econômica e política se torna suscetível aos caminhos que apontam soluções fáceis. A noção de *pathos* abordada nesta análise é a partir da tradição retórico-discursiva, especificamente a proposta por Charaudeau (2007a; 2007b), que incorpora tanto as emoções, como a construção da imagem de si às estratégias discursivas dramatizantes.

Segundo Charaudeau (2007a, p. 240), a relação entre o sujeito e o objeto "imaginado" é mediada, e a "[...] emoção pode ser percebida na representação de um objeto em direção ao qual o sujeito se dirige ou busca combater". Para o autor, as emoções podem ser ditas como representacionais e são relativas aos conhecimentos do sujeito, às informações que ele recebeu ao longo de sua vida e às experiências e aos valores que lhe são atribuídas. Por isso, as emoções e sentimentos estão ligados às crenças.

A *panthemia* é constituída por um conjunto de figuras em um discurso socialmente codificado, em determinada situação de comunicação a partir dos sujeitos envolvidos nos enunciados. Segundo Charaudeau (2007b, p. 2), para a análise das emoções, são considerados na AD "[...] os mecanismos de intencionalidade do sujeito, os da interação social e a maneira como as representações sociais se constituem", o que nos leva aos efeitos pathemicos do discurso, em que "[...] as emoções são de ordem intencional, estão ligadas a saberes de crença e se inscrevem em uma problemática da representação psicossocial" (p. 2).

Dessa forma, a AD não tem meios metodológicos para estudar a emoção como uma realidade manifestada na vivência de um sujeito. O que ela pode tentar analisar é o processo discursivo em que a emoção é colocada como um efeito visado (ou suposto) e sem a garantia sobre o efeito produzido:

> Assim, a emoção é considerada fora do vivenciado, e apenas como um possível surgimento de seu "re-sentido" em um sujeito específico, em situação particular. Mesmo procurando os vestígios de emoção em um sujeito que fala no momento de troca interlocutória ou na construção dramatizante de uma narrativa susceptível de produzir emoção, estamos sempre em uma perspectiva de efeito: no primeiro caso, é o interlocutor (ou o analista) que é alvo (voluntário ele involuntário) dessa visada, no segundo caso, é o destinatário-público (leitor, espectador, telespectador) que é receptáculo dessa visada. (CHARAUDEAU, 2007b, p. 5).

Na identificação dos efeitos pathemicos visados, podemos localizar uma dupla enunciação. A primeira é a enunciação da expressão pathemica, que pode ser tanto elocutiva – que visa produzir um efeito pela descrição ou manifestação do estado emocional em que o locutor se encontra – como alocutiva – que faz uso da descrição ou manifestação do estado emocional que o outro deveria se encontrar –, sendo que ambas se dão por meio de uma construção identitárias. Já a segunda enunciação é a descrição pathemica que propõe ao destinatário uma cena dramatizante susceptível de produzir efeito pathemico.

O efeito pathemico pode ser obtido pelo uso de certas palavras e ainda quando nenhuma palavra remete a um universo emocional, ou seja: "Dito de outro modo, o efeito patêmico pode ser obtido tanto por um discurso explícito e direto, na medida em que as próprias palavras têm uma tonalidade patêmica, quanto implícito e indireto, na medida em que as palavras parecem neutras deste ponto de vista." (CHARAUDEAU, 2007b, p. 7).

Posta a identificação de marcas-vestígios do pathemico, Charaudeau (2007b) constata três tipos de problemas. O primeiro é quando há palavras que descrevem de maneira transparente as emoções, mas o seu surgimento não significa que o sujeito sinta as emoções descritas e muito menos que irá produzir tal efeito pathemico no interlocutor. O segundo se dá quando há palavras que não descrevem as emoções, porém levam o interlocutor a um universo pathemico de acordo com seu contexto e situação de emprego. Por fim, o terceiro e último ocorre no momento em que o enunciado não comporta palavras "patemisantes", mas leva a efeitos pathemicos desde que os sujeitos tenham conhecimento da situação de enunciação. Portanto, a construção discursiva do sentido nos três problemas, bem como produção de efeitos

pathemicos visados, depende "[...] das inferências que os parceiros do ato de comunicação podem produzir, e que estas inferências dependem do conhecimento que esses parceiros podem ter da situação de enunciação" (CHARAUDEAU, 2007b, p. 8).

Trabalhamos também com o modelo que Menezes (2007) chama de "tridimensionalidade dos meios de persuasão", que considera que os meios ou dimensões da persuasão (*ethos, pathos* e *logos*) estão copresentes e integrados, atuando de maneira interdependente e complementar, em que "[...] uma dimensão depende da outra para se realizar" (MENEZES, 2007, p. 323). A presença e a validação das emoções são estratégias dirigidas à persuasão do discurso, tanto quanto as imagens de si que o orador produz como a própria racionalidade. Portanto, a persuasão é produto dos três meios, apesar da predominância de um deles, conforme o tempo social, espaço, situação de fala e finalidade persuasiva. A predominância, que não deve ser confundida com exclusividade, determina que "[...] as três dimensões são partes do mesmo projeto de fala – aquele que se apresenta numa mesma cena enunciativa [...]" (MENEZES, 2007, p. 321).

O ex-presidente, por meio de estratégias discursivas pathemicas, tende a tocar a emoção e sentimentos de seus interlocutores, de maneira a seduzir ou lhes fazer medo. O *pathos* deve ser visto como estratégia persuasiva na busca de efeitos possíveis em determinada relação comunicativa. Recorrendo à tradição aristotélica, Menezes (2007) pontua que, por meio da razão e do discurso, os sentimentos, os afetos e as paixões são estratégias para exercer a persuasão sobre o outro, não se contrapondo a um projeto racional, sendo parte da razão e vice-versa, atuando de forma integrada e complementar.

> [...] o uso da linguagem se dá por um determinado sujeito, em relação a um outro sujeito e ao quadro de finalidades que orienta o seu discurso. Quer dizer, toda ação patêmica se coloca de um ponto de vista racional: agir sobre o outro, numa perspectiva própria da relação discursiva. (MENEZES, 2007, p. 319).

Os elementos pathemicos, suas visadas e efeitos também foram analisados em nossa pesquisa, sobretudo em sua relação aos valores compartilhados na constituição do discurso populista. Como afirma Menezes (2007), as emoções, paixões e sentimentos são vistos como uma dimensão integrante das provas persuasivas ou como efeitos discursivos pretendidos, o que ocorre a partir de determinados usos da linguagem ou componentes das estratégias discursivas.

Charaudeau (2007a, p. 245) chama esse processo de “dramatização”, “[...] que consiste em provocar a adesão passional do outro atingindo suas pulsões emocionais”. Na mediação representacional, por meio das emoções, o sujeito pode buscar tocar o outro de modo que ele não faça reflexões sobre a fala em questão e se deixe levar pelos movimentos de seus afetos.

A dramaturgia discursiva seria a encenação de uma reação emocional da massa frente a uma crise, uma situação de declínio em que o povo é vítima, o que produz a tópica de angústia diante da crise causada pela figura de um culpado, representando uma fonte do mal. O inimigo ou o agressor não é determinado de forma precisa na dramaturgia, é posto como uma classe ou categoria que age na surdina, jogando com a possibilidade de complôs, acionado tópicas como a de antipatia. Antagonizando com a fonte do mal e do inimigo, a figura do salvador é projetada na imagem de si do enunciador populista.

O *ethos* de potência, por meio de um comportamento oratório de denúncias, gestos de indignação e frases de efeitos ou ironia, constitui a dramaturgia discursiva. O entendimento da tridimensionalidade dos meios de persuasão de Menezes (2007) se encontra com a dramaturgia discursiva de Charaudeau (2007); nesse ponto, a partir do momento em que um *ethos* com finalidades pathemicas, que exalta valores de um líder incontestável que se faz porta-voz deles, aciona imaginários sociais e crenças pessoais, como valores comunitários e de idealidade social:

> Neste caso, pode-se dizer que esta estratégia discursiva de tendência populista é constitutiva da democracia na medida em que o posicionamento da instância política a conduz a se opor a um adversário, a se colocar como líder incontestável e a exaltar valores de idealidade social. O recurso aos efeitos pathemicos é constitutivo do discurso político. (CHARAUDEAU, 2007a, p. 250).

A noção da tríade da dramaturgia discursiva nos ajudou a categorizar os elementos pathemicos no discurso em análise. A encenação do *pathos*, por meio de estratégias discursivas dramatizantes, constitui os fenômenos de democracias populistas. O populismo é um movimento de massa que nasce em uma situação de crise social. Essa massa é formada por pessoas que se agregam em torno de um inconsciente coletivo, e a figura populista se coloca como representante do povo na sua soberania popular, contra as elites, consideradas responsáveis pela situação de crise. O populista não traz uma solução reparadora e até mesmo

é considerado suspeito de proteger seus próprios privilégios. Esse movimento pode se reunir sob uma liderança carismática que gere identificação, como explica o autor:

> Mas este movimento mais ou menos insurgente, em si mesmo não organizado (não é um movimento de partido nem sindicato), tem necessidade de se manifestar e constituir uma força de contra-poder, de se reunir sob a conduta de um líder que seja suficientemente carismático para constituir um suporte de identificação para que esta agregação de indivíduos posso se amalgamar em um Eu-ideal, representante transcendental de uma nova, porém ilusória, entidade coletiva. (CHARAUDEAU, 2007a, p. 248)

Vemos que a noção de dramaturgia discursiva tem aderência ao nosso *corpus* de análise. A crise sanitária e econômica é vista como a situação em declínio em que o povo é vítima, tendo uma fonte do mal sob a figura de um culpado. Nessa tríade, o povo precisa de um salvador para livrá-lo de tal condição, e a constituição desse salvador se dá a partir da construção de uma imagem de si de potência, por meio de enunciados em que ocorram denúncias e gestos de indignação diante da situação. Lança-se mão, então, de frases de efeito ou irônicas. "[...] instaurar-se como salvador não é somente invectivar o mundo, é também exaltar valores e se fazer de porta-voz dele." (CHARAUDEAU, 2007, p. 250). Quais valores são esses? Esta é uma das problemáticas de nossa análise: compreender como os elementos pathemicos evocam os imaginários sociodiscursivos.

3.4 IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS E O INTERDISCURSO

Para compreender o que são os imaginários sociodiscursivos, Charaudeau (2017) parte das noções de real e realidade e de sua relação com o conceito de representações sociais, este apresentado como uma mecânica de construção do real. De acordo com o autor, a realidade é a empiria do mundo, um lugar a-significante, que é independente e indiferente ao ser humano. Enquanto que, o real é o mundo estruturado, construído pela atividade de significação que o homem exerce por meio da linguagem, que nomeia e qualifica os seres, acontecimentos e objetos do mundo, ou seja, o real é a realidade empírica formatada por intermédio da linguagem pelo homem ao representar socialmente o mundo. Em outras palavras, o real significado é construído por meio das representações sociais. Nesta relação entre a realidade e real, as representações sociais constroem a significação sobre os objetos do mundo, o que resulta em imaginários, como descreve Charaudeau (2017, p. 578):

> O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação.

Tais imaginários podem ser classificados como sociodiscursivos e se materializam em signos sintomas por meio da fala, como resultado da atividade de representação social, que leva à construção de "[...] universos de pensamento, lugares de instituição de verdades, e essa construção se faz por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos." (CHARAUDEAU, 2017, p. 579).

Ainda para o autor, esse processo de construção de imaginários sociodiscursivos são engendrados pelos discursos compartilhados por grupos sociais, que operam por meio de representações sociais, que por sua vez ancoram-se em saberes de conhecimento e de crença. Os saberes podem ser projetados como afeto (*pathos)*, como a imagem de si *(ethos)* ou como argumento racional *(logos).* Portanto, os imaginários criam valores e desempenham o papel de justificação da ação social e se depositando na memória coletiva. Desta maneira, de acordo com a prática social em que se insere, um mesmo imaginário pode ter um valor positivo ou negativo.

O imaginário, como uma interpretação da realidade que se dá a partir da relação que o homem estabelece com essa realidade, por meio de sua experiência e significados, é representada a partir da linguagem. Estar doente por covid-19 e viver uma pandemia era uma experiência nova para os mais de 200 milhões de brasileiros em 2020. A representação sociodiscursiva do que seria a doença passou pelas interpretações elaboradas e que foram compartilhadas nos atos de linguagem, constituindo o imaginário acerca dessa nova realidade a partir dos imaginários já existentes.

As representações nos atos de linguagem foram produzidas principalmente pelas autoridades sanitárias e oficiais, legitimadas pelos cargos institucionais, como ocorreu nos enunciados analisados. Como exemplo, lembramos que a pandemia da covid-19 no Brasil foi apresentada como uma "gripezinha" causada por um "vírus chinês". As medidas para reduzir a transmissão da doença, como o isolamento social, foram enunciadas no discurso político como

um desrespeito ao direito de ir e vir do cidadão, e que iria “quebrar a economia do país”. Apesar da ausência de comprovação científica do “tratamento precoce”, a hidroxicloroquina foi apresentada como a cura da covid-19, em detrimento das vacinas, estas sim com estudos clínicos com grupos de controle, uma das etapas do desenvolvimento dos imunizantes há décadas, além de rigorosa avaliação das agências reguladoras.

O que mais nos intriga não é o que foi dito, o tema dos enunciados, mas como fala a linguagem quando diz. A persuasão passa por estratégias enunciativas que, em nossa análise, ancora em imaginários que são acionados pelo diálogo com outros discursos já estabelecidos. Conceitos como imaginários sociodiscursivos e representações sociais (CHARAUDEAU, 2217; 2018) são acionados pelas relações interdiscursivas, estabelecendo um discurso polêmico (MAINGUENEAU, 1997), e são fundamentais nesta dissertação para compreender como significam os atos de linguagem.

As representações são partilhadas por sujeitos e é uma forma de conhecer o mundo. Elas têm uma tripla dimensão: a cognitiva, que organiza mentalmente a percepção; a simbólica, como interpretação do real; e a ideológica, ao atribuir valores que desempenham o papel de normas societárias. Com a função de interpretar a realidade, as representações sociais são “[...] constituídas pelo conjunto das crenças, dos conhecimentos e das opiniões produzidos e partilhados pelos indivíduos de um mesmo grupo a respeito de um dado objeto social” (CHARAUDEAU, 2018, p. 190). No campo do discurso, como posto pelo autor, os imaginários são instrumentalizados com fins de persuasão. É importante ressaltar que a interpretação do discurso político considera a linguagem em sua incompletude e opacidade, em que “[...] toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano”. (CHARAUDEAU, 2018, p. 8).

A produção do sentido se dá segundo modos de interação e a identidade dos sujeitos. Iremos partir da premissa que o discurso político do presidente da República durante a pandemia forma um sistema de pensamento, resultado de uma atividade discursiva em que aponta um ideal político, princípio que irá servir de referência para a construção de opiniões e posicionamentos. “É em nome dos sistemas de pensamentos que se determinam as filiações ideológicas, e uma análise do discurso deve se dedicar a descrevê-los a partir de textos diversos.” (CHARAUDEAU, 2018, p. 8).

Dessa forma, a pandemia e seus efeitos tiveram seus sentidos deslocados por meio do discurso enunciado pelo então presidente, que fez uso de seu saber de crença carregado de juízos de valores e com visadas particulares não transparentes. Nessa toada, Charaudeau (2018) nos alerta que o discurso político busca ser o discurso de verdade, em que são definidos quais são os sistemas de valores que estabelecem o elo social de uma pluralidade para viver em conjunto em um espaço determinado, o que torna fundamental pesquisarmos como a pandemia foi representada no discurso político.

Os sistemas de valores podem ser descritos a partir da análise dos imaginários de verdade no discurso, como explica Charaudeau (2018, p 190): "[...] a verdade relaciona-se com o discurso. Não se pode dizer que ela é apenas discurso, mas não se pode representá-la senão por meio da linguagem, pois é a linguagem que ao mesmo tempo funda e configura os sistemas de valores". Ou seja, as representações sociais nos imaginários sociodiscursivos são produtos desses sistemas de valores, em que a verdade não é para a AD objeto de conhecimento e discussão, e sim a força de veracidade. "Vê-se que o discurso político é um lugar de uma verdade de mãos atadas, de faz-de-conta, já que o que é considerado não é tanto a verdade desta fala lançada publicamente, mas sua força de 'veracidade'." (CHARAUDEAU, 2007, p 248).

A abordagem de Charaudeau (2018) considera a representação social como um fenômeno cognitivo-discursivo geral, que sustenta os sistemas de saber, nos quais há os saberes de conhecimento e os de crença. No contexto de crise sanitária, iremos analisar como se deu a organização do enunciado da representação social sobre a gravidade do novo coronavírus no discurso político, entendendo aqui as representações sociais como uma atividade de conceituação do que é o mundo, como explica Charaudeau (2018):

> Essa atividade de conceituação funda-se ao mesmo tempo sobre uma consciência afetiva, que decorre da relação de desejabilidade que o sujeito mantém com os objetos do mundo, e sobre uma consciência racional, oriunda dos discursos de justificação relativos à experiência de mundo que ele produz, apoiando-se sobre os conhecimentos adquiridos e sobre os julgamentos herdados. (CHARAUDEAU, 2018, p. 195).

É por meio das representações sociais compartilhadas nos atos de comunicação que se cria um elo social. Em nosso estudo, investigamos como as representações foram constituídas por crenças, conhecimentos e opiniões a respeito da gravidade da doença causada pela covid-19 e suas implicações na saúde coletiva de uma população. Para compreender como se deu a constituição das representações sociais, partimos da identificação de dois tipos de saberes nos

enunciados em relações às estratégias discursivas, são eles: saberes do conhecimento, que visam a estabelecer um significado a partir de uma razão científica, uma verdade sobre os fenômenos do mundo; e os saberes de crença, que sustentam um julgamento sobre o mundo, em que o sujeito determina sua avaliação pessoal dos fatos.

Há casos em que os dois tipos de pensamentos não têm seus limites e distinções bem definidos, e um tipo de saber é apresentado no lugar de outro. As normas e o julgamento moral, que depende de uma crença, estruturaram-se no discurso político como uma norma universal, fazendo com que uma verdade de crença se passe por uma verdade de conhecimento, o que se dá principalmente quando articulada por estratégias enunciativas interdiscursivas, afetadas por emoções em um discurso que tem como o EUe um sujeito legitimado por sua autoridade.

Charaudeau (2007b) relaciona as representações sociodiscursivas com os saberes de crença e os enunciados circulantes, o que fundam os imaginários sociodiscursivos, como explicar o autor:

> As representações sociodiscursivas são como mini-narrativas que descrevem seres e cenas de vida, fragmentos narrados (Barthes dizia "parcelas de discursos") do mundo que revelam sempre o ponto de vista de um sujeito. Esses enunciados que circulam na comunidade social criando uma vasta rede de intertextos se reagrupam constituindo aquilo que chamo de um "imaginário sociodiscursivo". Eles são o sintoma desses universos de crenças compartilhadas que contribuem para construir ao mesmo tempo um ele social e um eu individual (por exemplo, o imaginário da falta, do pecado, do poder). Esse imaginário, segundo a tradição retórica retomada por Barthes, são tipos de tópicos que diferentes imagens vêm preencher com a ajuda do enunciado. (p. 4-5).

As crenças são constituídas por saberes em torno de valores socialmente compartilhados pelos sujeitos. Para desencadear um estado emocional, o sujeito mobiliza uma ou várias das redes inferenciais propostas pelos universos de crenças disponíveis, em determinada situação em que os sujeitos se encontram. Diante do desencadeamento do estado emocional, pode-se culminar em julgamentos dos enunciados, sejam da ordem moral ou psicológica. (CHARAUDEAU, 2007b).

Dessa forma, a definição por analisar o conteúdo do canal do ex-presidente se deu pelo imaginário de verdade que a autoridade representa pelo cargo oficial. Esses enunciados têm seus efeitos de sentido na população articulados por meio de estratégias enunciativas interdiscursivas, em que os imaginários são acionados e as representações sociodiscursivas são estabelecidas. Como afirma Maingueneau (2015, p. 28), o "[...] discurso só adquire sentido no

interior de um imenso interdiscurso". Qualquer tipo de intervenção política, para ser compreendida, precisa ser relacionada aos discursos concorrentes, aos discursos anteriores e aos enunciados que estão circulando na mídia. "Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras." (MAINGUENEAU, 2015, p. 28).

Para complementar o entendimento de como são estabelecidas as relações interdiscursivas, Maingueneau (1997) recorre aos termos de universo, campo discursivo e espaço discursivo. Antes de apresentá-los, é importante delimitar o entendimento do autor de formação discursiva a partir de sua função de integração entre os textos dos diversos gênero em conjuntos mais vastos, ora reunidos em torno de um tema ou vários temas, o que permite constituir um *corpus* heterogêneo relativos a categorias não reconhecidas, ao reunir enunciados originários de diversos tipos, como explica Maingueneau (2015, p. 83): "[...] a formação discursiva não recobre uma realidade homogênea. Em função do critério em virtude do qual se reúnem textos que nela se integram, podemos distinguir diversos tipos de formação discursivas." Ainda para o autor, a análise do discurso, a partir das formações discursivas, não implica em identificar um motor oculto e único que levaria os conjuntos de enunciados em uma formação homogênea.

Dessa forma, o universo discursivo refere-se ao "[...] conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura" (MAINGUENEAU, 1997, p. 116), englobando todos os enunciados de uma mesma época. Na AD, não é possível representar todo o universo discursivo, apesar de ser um conjunto de formações discursivas necessariamente finito.

O campo discurso é o "[...] conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região". (MAINGUENEAU, 1997, p. 117). Em nosso *corpus* de análise relativo às formações discursivas enunciadas pelo presidente da República acerca da pandemia da covid-19 no Brasil, para que possamos evidenciar as relações interdiscursivas estabelecidas, iremos considerar as formações nos campos religioso fundamentalista, econômico liberal, epidemiológico científico e político de extrema direita. Nenhum campo discursivo existe isoladamente, pois há uma intensa circulação de uma região a outra do universo discursivo, e essa circulação se dá em um espaço discursivo. Dessa forma, a escolha dos campos discursivos se deu pelas relações no espaço com o nosso *corpus*, fundamental para a compreensão dos

enunciados. Conforme Maingueneau (1997, p. 117), o espaço discursivo "[...] delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados".

O interdiscurso, a troca e relações estabelecidas entre os campos levam a uma eficácia dos discursos ao provocar a adesão dos sujeitos, em um tipo de rede de remissões de um campo para outro por meio de citações explícitas, esquemas tácitos ou captações, pois "[...] confrontando com um discurso de certo campo, um sujeito encontra elementos elaborados em outro lugar, os quais, intervindo sub-repticiamente, criam um efeito de evidência". (MAINGUENEAU, 1997, p. 117).

Para essa interpretação em que o interdiscurso é objeto, Maingueneau (1997) explica que a identidade discursiva é construída na relação com o outro, na interação entre as formações discursivas. Para o autor, a interdiscursividade é constitutiva, "[...] um discurso não nasce, como geralmente é pretendido, de algum retorno às próprias coisas, ao bom senso, etc., mas de um trabalho sobre outros discursos" (p. 117-118). Mesmo que não haja qualquer marca de marca de um outro discurso, toda e qualquer unidade de sentido pode estar inserida em uma relação com um outro discurso do qual deriva sua identidade.

A interação entre dois discursos que têm uma posição de delimitação recíproca, segundo Maingueneau (1997, p. 120), "[...] pode ser compreendida como um processo de 'tradução' generalizada, ligada a uma interincompreessão". Isso quer dizer que, em uma mesma formação discursiva pode haver um Outro, por exemplo, sob a forma de uma citação, em que o enunciador traduz o enunciado desse Outro ao interpretá-lo por meio de suas próprias categorias. Portanto, o enunciado na formação discursiva pode ser lido tanto em seu direito, ou seja, quando pertence ao seu próprio discurso, ou em seu avesso, a partir da distância constitutiva que o separa de um ou vários discursos, ambos os modos traduzidos e interpretados pelas categorias do enunciador. Maingueneau (1997) defende que, em um espaço discursivo, o sentido não pode ser considerado como algo estável relacionado a uma posição fixa absoluta. O sentido está em movimento e se constrói no intervalo entre as posições enunciativas, e não surge ocasionalmente do exterior: "Nesta perspectiva, as eternas polêmicas que as formações discursivas estão envolvidas não surgem de forma contingente do exterior, mas são a atualização de um processo de delimitação recíproca, localizando na própria raiz dos discursos considerados." (MAINGUENEAU , 1997, p 120).

Na luta entre as vozes sociais é onde ocorre a rejeição em que cada um define sua identidade em um dialogismo polêmico (MAINGUENEAU, 1997), a partir de assuntos controversos. É por meio das relações polêmicas e da rejeição que cada um define sua identidade em uma constante alternância de papéis. “Não existe, pois, polêmica 'em si' que possa ser abstraída dos discursos considerados: o discurso constrói, em um mesmo movimento, sua identidade e sua relação com os discursos, os quais lhe permitem estabelecê-la.” (MAINGUENEAU, 1997, p 122).

Ao olhar para os atos de linguagem do ex-presidente Bolsonaro, precisamos considerar sua heterogeneidade. Em nossa análise, identificamos as duas posições ali constituídas: a do presidente e aquela em oposição à qual ele se constrói, seja em oposição ao que é enunciado por outros políticos ou pelas autoridades sanitárias, estabelecendo entre si relações dialógicas polêmicas. O que importa no discurso não é tanto a palavra propriamente dita, mas a maneira como o debate é estruturado e tecido.

Em uma polêmica, todas as dimensões da discursividade podem estar implicadas, como o *ethos* e os imaginários sociais. A polêmica não se instaura de imediato, ela se legitima a partir da repetição de uma série de outras polêmicas que definem a própria “memória polêmica” em imaginários sociodiscursivos. Quando um discurso novo emerge, ele faz surgir uma redistribuição dessas memórias e pode ser mobilizado por duas tradições, a que o funda e a que ele instaura, pouco a pouco.

Nas relações interdiscursivas que analisamos em nosso *corpus* – relações estabelecidas entre os enunciados do presidente e os discursos de *outrem* ali citados –, é importante para nós que a análise leve em consideração a noção de dialogismo polêmico (MAINGUENEAU, 1997). O dialogismo polêmico se dá a partir de assuntos controversos que giram em torno de alguns pontos e deixam na sombra outras zonas imensas. Tais assuntos são levantados em dois domínios: as zonas que já foram objetos de debate e as que ainda não.

No primeiro domínio, o discurso filtra, entre os enunciados contra ele dirigidos, os temas aos quais lhe parece impossível não responder; no segundo, ele mesmo define pontos que, no conjunto dos textos dos adversários, lhe parecem particularmente importantes. De um lado como do outro, o analista postula que as “escolhas” são reveladoras e permitem invalidar ou corroborar hipóteses (MAINGUENEAU, 1997).

3.4.1 *Ethos* e imaginários sociodiscursivos

Charaudeau (2018) chama atenção para as circunstâncias em que o *ethos* é produzido, que não ocorre de forma totalmente voluntária, sendo em grande parte a elaboração discursiva da imagem de si não consciente, não coincidindo "[...] com o que o destinatário percebe, reconstruído ou construído" (p. 116). Isso quer dizer que o destinatário pode construir um *ethos* do locutor não desejado, não visado, o que é frequente na comunicação política.

É importante pontuar a relação da identidade do sujeito com as representações sociais e os imaginários sociodiscursivos, em que "[...] a identidade do sujeito passa por representações sociais: o sujeito falante não tem outra realidade além da permitida pelas representações que circulam em dado como 'imaginários sociodiscursivos'". (CHARAUDEAU, 2018, p. 117).

Nesse sentido, para Maingueneau (2002 apud CHARAUDEAU, 2018), o tom é o fiador de um caráter e de uma corporalidade, sendo esse corpo ancorado nos imaginários sociais construídos, pois depende muito da visão que uma sociedade tem do corpo. Em suma, o *ethos* apoia-se em um duplo imaginário corporal e moral, em um imaginário que aqui se corporifica.

Na mesma linha, vamos retomar em Amossy (2020) a noção de estereótipos, posto por Charaudeau (2018, p. 117) como um *ethos* coletivo, que é aquele que "[...] corresponde a uma visão global, mas à diferença do *ethos* singular, ele é construído apenas pela atribuição apriorística de uma identidade que emana de uma opinião coletiva em relação a um outro grupo".

Vamos considerar que o *ethos* não pode ser separado das ideias, ou seja, as ideias, segundo Maingueneau (2002 apud CHARAUDEAU, 2018, p. 117), são construídas por maneiras de dizer que passam por maneiras de ser. E essa maneira de dizer irá passar ao mesmo tempo por ser crível e por uma identificação à pessoa que fala. Na análise do discurso, o *ethos* de credibilidade é construído a partir da junção da relação da identidade social com a discursiva, "[...] entre o que o sujeito quer parecer e o que ele é em seu ser psicológico e social". (CHARAUDEAU, 2018, p. 137).

Ser crível refere-se a fazer seu interlocutor crer no poder de fazer do político da ideia defendida por ele. Já o suporte de identificação é o esforço de gerar adesão do interlocutor a suas ideias, a partir da adesão a sua pessoa. Discursivamente, Charaudeau (2018) categoriza os *ethé* a partir do desenvolvimento de figuras identitárias no discurso político que se agrupam em *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação.

3.4.2 *Ethé* de credibilidade

Diferentemente da legitimidade, que deriva de aspectos de uma identidade social do sujeito, a credibilidade é o resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante que leva os outros a julgá-lo como digno de crédito. A credibilidade no discurso político é complexa e deve evocar três condições, a condição de sinceridade ou de transparência, se o que é dito é verdade; condição de performance, se tem os meios de colocar em prática o que anuncia ou promete; e a condição de eficácia, que leva o sujeito a provar que tem os meios de fazer o que promete e que os resultados serão positivos. Para responder a essas condições, o político busca construir para si o *ethos* de sério, de virtuoso e de competente.

O *ethos* de sério depende das representações que cada grupo social faz de quem é sério e de quem não é. É construído com a ajuda de índices corporais e mímicos (postura do corpo e expressões faciais), índices comportamentais (capacidade de autocontrole e energia frente ao trabalho) e índices verbais (tonalidade vocal).

O *ethos* de virtude se ancora na condição de transparência e sinceridade, em que o político precisa demonstrar fidelidade e uma imagem de honestidade pessoal, lealdade e "falar o que pensa" de forma direta. Como representante do povo, busca "dar o exemplo":

> O *ethos* de "virtude" é uma resposta a expectativas fantasiosas da instância cidadã, na medida em que esta, ao delegar um poder, procura fazer-se representar por um homem ou por uma mulher que seja modelo de retidão e de honradez, ao menos, em uma visão nobre da política. De maneira geral, o *ethos* de "virtude" se faz acompanhar por uma atitude de respeito para com o cidadão: o político deve ser transparente, não deve se valer de embustes, deve ser direto. (CHAREADEAU, 2018, p. 124).

Já o *ethos* de competência demonstra saber e habilidades, sejam elas advindas de funções exercidas, experiência adquirida, estudos ou herança. Não basta ter conhecimento de sua atividade, mas é preciso provar que tem os meios, poder e a experiência necessários para atingir os objetivos das ideias apresentadas, obtendo igualmente resultados positivos.

A imagem de credibilidade dos atores políticos pode ser afetada por fatos que contradizem suas declarações ou até mesmo por adversários ou demais atores que as questionem. Para preservar sua imagem de credibilidade, o político pode fazer uso do discurso de justificação de seus atos, como forma de contrapeso à crítica que o provocou por meio de três estratégias: a negação, a razão superior e a não intencionalidade. (CHARAUDEAU, 2018).

A estratégia de negação "[...] consiste em rejeitar a denúncia, em contestar a acusação e declará-la nula e improcedente, o que significa que não há o que justificar" (CHARAUDEAU, 2019, p. 127). Ao negar a acusação, pode inverter os papéis e valores, ao transformar o acusador em perseguidor, o que o exime de justificações.

A razão superior é uma estratégia para justificar o porquê o ato foi realizado, e os motivos podem ser a razão de estado; as orientações políticas que os elegeram, de forma a reforçar a sua legitimidade; a lei e a legalidade da ação e do estado de fato; e em nome do realismo, o popular sacrificar um membro para salvar um corpo.

Por fim, a estratégia de não intencionalidade faz uso dos argumentos de inocência (ordem natural das coisas, obediência), ignorância (em relação aos fatos, participação não consciente, erro de cálculo), circunstâncias ou a responsabilidade coletiva para livrar seu autor da posição de acusado.

3.4.3 *Ethé* de identidade

Para compreendermos como os *ethé* de identificação são construídos, é importante entendermos que o *ethos* político é o resultado das relações complexas entre os traços pessoais, de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações e as expectativas dos cidadãos que, por meio de imaginários, atribuem valores negativos e positivos a essas maneiras de ser, conforme descreve Charaudeau (2018, p. 137):

> No discurso político, as figuras do *ethos* são ao mesmo tempo voltadas para si mesmo, para o cidadão e para os valores de referência. É assim com os *ethé* de credibilidade, e também com os de identificação, cujas imagens, dessa vez, são extraídas do afeto social: o cidadão, mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade na do político.

A construção do *ethos* é produto da relação triangular entre o enunciador, o interlocutor e um terceiro ausente, que é o portador da imagem ideal de referência. O enunciador apoia-se nessa imagem ideal de referência, e o interlocutor adere ao enunciador por meio dessa mesma imagem ideal de referência.

Para constituir os *ethé* de identificação, imagens voltadas para esse enunciador são evocadas, como o de potência, de caráter, de inteligência, de humanidade. Outros, como o de

chefe, são mais orientados para o cidadão, a partir de uma relação necessária entre o enunciador e o interlocutor.

O *ethos* de potência tem como fiador a figura da virilidade sexual. Em versões populistas, o papel do corpo é exaltado como prova de verdade, com encenações que exaltam a força, "[...] a apresentação de si como vociferador pela voz e pelo verbo, exercendo uma violência verbal (insultos, ameaças ou bravatas) em relação aos adversários políticos" (CHARAUDEAU, 2018, p. 139). O *ethos* de caráter se apoia na "força do espírito" em detrimento da do corpo e em figuras que fazem uso da provocação, polêmica, advertência, "força tranquila", controle de si, coragem, orgulho, firmeza e moderação. O *ethos* de inteligência se refere ao homem culto, com astúcia e malícia e evoca um imaginário coletivo em que a inteligência é percebida pela forma como fala e age na vida pública e na privada. Por fim, o *ethos* de humanidade constitui um imaginário de "ser humano", ao demonstrar sentimentos e compaixão com o sofrimento alheio, bem como suas fraquezas, seus gostos e gerar intimidade.

O *ethos* de chefe é demonstrado por meio da figura do guia supremo, do guia soberano e do guia comandante. O guia supremo é apresentado como um guia superior que conduz um grupo como um pastor, de forma tranquila e com sapiência; como um guia profeta que a partir do passado se volta para o futuro, sendo visionário, carismático e inspirado. São líderes com tendência a projetarem uma imagem de um ser divino ao evocar um chefe profético que anuncia acontecimentos futuros. O chefe soberano se diferencia do guia, ainda que possam ser confundidos. É o que funda a legitimidade do político, como explica Charaudeau (2018, p. 157):

> Ela é o imaginário cujas características serão vistas mais além. Trata-se aqui de ver como o político pode construir para si um *ethos* do que lhe permite assumir uma posição de fiador dos valores até o ponto de confundir-se com eles. Ele pode fazê-lo de diferentes maneiras. De um lado, proferindo discursos que lembram quais são seus valores, de modo a encarnar-se neles: falar da democracia, da soberania do povo, que devem ser as grandes linhas de um projeto da identidade nacional, do político, celebrando o povo, o país, o regime institucional.

O *ethos* de comandante trata-se da imagem do senhor da guerra, que atua de forma autoritária e agressiva, com declarações contra inimigos próximos, em uma luta entre o bem e o mal. Se coloca como portador de uma força sobrenatural para combater o mal:

> Numerosos líderes de países orientais, africanos procuraram construir para si essa figura de comandante e, com razão, foram chamados, ou são ainda chamados, de "líderes populistas", pois essa imagem é destinada a arrastar todo um povo atrás de si, em direção à sua salvação. (CHARAUDEAU, 2018, p. 160).

Por fim, o último *ethos* de identificação que iremos tratar em nossa análise é o da solidariedade, aquele que demonstra sofrimento pela dor alheia, um ser que está atento às necessidades dos outros, que as compartilha e se torna responsável por elas, não se mostrando diferente dos demais membros do grupo, ao compartilhar valores. "Todo movimento de solidariedade passa por um processo de identificação de um grupo por meio de uma ideia, de um valor". (CHARAUDEAU, 2018, p. 164).

Para a análise dos *ethé*, iremos considerar alguns procedimentos linguísticos que contribuem para sua fabricação, como modos de expressão que produzem efeitos no *ethos*. Os procedimentos expressivos caracterizam a enunciação da palavra em sua forma oral, partindo da ideia de que cada locutor tem uma maneira de falar que lhe é própria e que depende de comportamentos e de papéis sociais repertoriados. A partir da vocalidade, os *ethé* são projetados por um bem falar, que demonstra uma posição elevada na hierarquia social; um falar forte que evoca o imaginário de potência, um líder político poderoso e combativo; um falar tranquilo que aciona os *éthe* de caráter, de inteligência e de chefe e um falar regional que demonstra simplicidade e humanidade.

Os procedimentos enunciativos permitem tornar explícito o ponto de vista do locutor e se apresentam em enunciação elocutiva, a qual permite ao enunciador se colocar em cena em modalidades de compromisso, convicção, confissão e de rejeição. Apresenta-se ainda em enunciação alocutiva que implica seu locutor no mesmo ato de linguagem em modalidades de tratamento, de interpelação e de solicitação. E, por fim, a enunciação delocutiva se dá como se ninguém estivesse implicado. "A enunciação delocutiva faz o auditório entrar em um mundo de evidência e, empregada no discurso político, paramenta o orador como se fosse um soberano, pois ele é colocado acima da massa e se faz portador de uma verdade estabelecida" (CHARAUDEAU, 2018, p. 179), fazendo uso de frases infinitivas, impessoais e nominalizadas.

3.5 METODOLOGIA

Como já apontado na fundamentação teórica, no tópico anterior, a abordagem metodológica adotada ancora-se nas categorias analíticas da TS, que, por meio da pesquisa

qualitativa e empírica dos enunciados, diante de uma problemática comunicacional, representacional e interpretativa, permite-nos elucidar algumas questões discursivas, como a dos possíveis interpretativos a partir de representações sociodiscursivas organizadas a partir de elementos enunciativos.

Para tal atividade de elucidação, a pesquisa foi voltada para a análise dos processos de produção e interpretação do discurso, com atenção aos problemas sociodiscursivos das estratégias de persuasão interdiscursivas, a construção da imagem de si, as emoções na linguagem e as representações sociais engendradas. A construção do *corpus* relacionou-se a essa problemática discursiva na medida em que determinou o objeto, o ponto de vista de análise e o questionamento por oposição a outros questionamentos possíveis. As Ciências da Linguagem fazem parte, então, das disciplinas de *corpus*, que, por meio da compilação de dados linguísticos, seja sob a forma de textos escritos ou orais e de documentos diversos, constituem o objeto de análise (CHARAUDEAU, 2011). Portanto, elencamos um posicionamento teórico e conceitos que estivessem atrelados ao nosso objetivo de pesquisa.

Na definição do *corpus*, consideramos três problemas referentes a sua constituição. Primeiramente, a coleta de dados que dependia da disponibilidade da materialidade linguística; em seguida, a importância do material; e, por fim, seu valor de representatividade. Dessa forma, escolhemos para analisar os atos de linguagem no discurso político da Presidência da República que se materializaram nos vídeos do canal oficial no *YouTube* de Jair Bolsonaro (https://www.youtube.com/user/jbolsonaro).

O recorte temporal do período dos vídeos selecionados para a nossa pesquisa abrange a confirmação dos primeiros casos do novo coronavírus no Brasil, em março de 2020, quando ocorreram as declarações iniciais do presidente da República anunciando seu posicionamento referente às medidas sanitárias para reduzir a transmissão da doença. Em atenção à representatividade do *corpus*, selecionamos quatro vídeos em microdispositivos distintos, bem como cenas genéricas e cenografias que nos dessem a possibilidade de comparações. Levamos em conta ainda, em nosso recorte, vídeos do campo discursivo referente ao tema covid-19 e saúde pública, considerando critérios como popularidade e dispositivos distintos para o qual foram originalmente produzidos, de forma que possibilitasse uma comparação das estratégias enunciativas adotadas, bem como analisar as várias oposições, polêmicas que ocorreram no campo discursivo da saúde, da epidemiologia, como a polêmica

entre a formação discursiva defensora da cloroquina e a formação discursiva contrária, defensora do não uso do medicamento.

Evidentemente, nenhum *corpus* pode englobar a totalidade do universo discursivo do contexto histórico. Tivemos o cuidado de realizar um recorte temporal do objeto em análise de forma que abarcasse um dos principais momentos históricos e epidemiológicos no país durante a pandemia, para termos uma representatividade que nos levasse a uma construção de um *corpus* de forma racional.

O contexto ocupa um papel significante para Charaudeau (2019), pois a atividade de elucidação das estratégias persuasivas (interdiscursividade, pathemicas e construção da imagem de si) se dá pelo percurso da manifestação linguageira em função de um contexto:

> [...] cujos dados variam, a fim de fazer com que surjam, dessas confrontações sucessivas, conjuntos significantes, testemunhos da relação do ato de linguagem com as suas condições de produção-interpretação. Vemos que não se trata mais de retornar a um lugar de explicação, mas sim de um jogo de deslocamentos de um lado para outro, gerador de uma intertextualidade aberta, lugar de conflito entre um sujeito coletivo e um sujeito individual. (CHARAUDEAU, 2019, p. 18).

A análise das circunstâncias, dos sujeitos e dos atos de linguagem tiveram como referência o quadro teórico de Charaudeau (2019) de situação de comunicação e o seu contrato de comunicação. Como um *corpus* de discurso só pode ser constituído por um conjunto de produções linguageiras em situação de uso, o contexto situacional deve, então, ser considerado tanto quanto os demais para formar o *corpus*.

O contexto situacional trata-se do aspecto que concerne, nas condições de produção, não somente aos pressupostos de posicionamento interdiscursivos, mas ao condicionamento da própria situação de comunicação. A situação de comunicação refere-se à identidade dos parceiros do ato de linguagem, a finalidade da situação, os dispositivos e as circunstâncias materiais. É esse conjunto o que Charaudeau (2011, p. 8) chama de "contrato de comunicação", o qual restringe o "[...] sujeito falante, dando-lhe as instruções discursivas que deverá seguir para proceder a seu ato de enunciação".

Seguida essa abordagem, na primeira etapa do nosso trabalho, descrevemos os espaços externos na situação de comunicação e seu contrato de comunicação em que os vídeos da nossa análise se encontram, para uma posterior análise das estratégias enunciativas nos atos de linguagem. Por questões metodológicas, antes de apresentarmos as análises das estratégias enunciativas propostas nesta pesquisa, descrevemos as restrições estruturais das situações

comunicacionais que constituem o nosso *corpus* e como se estabelece o contrato de comunicação. Chamamos atenção para a diferenciação entre a situação de comunicação e as estratégias enunciativas, que não podem ser confundidas, como reforçado por Charaudeau (2018, p. 52): "Não se misturam, portanto, situações e estratégias de comunicação, sendo toda situação de comunicação estruturada segundo um dispositivo que assegura um lugar determinado aos parceiros da trocas."

Logo após, descrevemos nos próximos tópicos desta dissertação, os dados externos em uma situação de troca. Foram consideradas aquelas condições que, no campo de uma prática social determinada, constituem as regularidades comportamentais dos indivíduos que aí efetuam trocas e as constantes que caracterizam essas trocas e que permanecem estáveis por um determinado período. Nesse sentido, são elas (CHARAUDEAU, 2013): condição de identidade, ou seja, as identidades dos parceiros engajados na troca e seus traços identitários que interferem no ato de comunicação; condição de finalidade, sendo aquela que requer que todo ato de linguagem seja ordenado em função de um objetivo, de uma visada em uma problemática de influência em que cada parte busca incorporar o outro em sua própria intencionalidade; condição de propósito, que delimita o universo de discurso tematizados; e a condição de dispositivo, referente às circunstâncias materiais em que se desenvolve o ato de comunicação e o leva a ser elaborado de forma particular.

3.5.1 Condição de identidade

Charaudeau (2019) afirma que o sujeito locutor do *corpus* ocupa o centro de uma situação de comunicação, onde ele irá estabelecer uma relação com um parceiro interlocutor em um espaço de troca. É nessa relação, na situação de comunicação, que o sujeito aciona estratégias enunciativas em função dos efeitos que pretende produzir em seu interlocutor. Um *corpus* de discurso só pode ser constituído por um conjunto de produções linguageiras em situação de uso. Dessa forma, o contexto situacional deve ser levado em conta tanto quanto os componentes internos do ato de comunicação.

Em nossa pesquisa esse conceito também foi central, pois, a partir de sua descrição, é possível identificar o que permite aos sujeitos de linguagem a troca linguageira e a construção de sentido, por meio do reconhecimento, um ao outro, em seus traços identitários que os

definem como sujeitos do ato de linguagem (identidade), do reconhecimento do objetivo do ato (finalidade).

Para compreendermos as condições de identidade, consideramos a noção de "instância do dispositivo" no discurso político, "[...] dada a complexidade da estruturação do campo político, decorrente dos múltiplos entrecruzamentos que se produzem entre os diferentes setores de atividades da prática social, e as diferentes situações de comunicação" (CHARAUDEAU, 2018, p. 55).

A partir da noção de instância do dispositivo em Charaudeau (2018), considerarmos em nosso trabalho três lugares de operacionalização do discurso político: um lugar de governança, um de opinião e outro de mediação, sendo o primeiro onde se encontra a instância política e seu duplo antagonista que é a instância adversária; o segundo é a instância cidadã; e o terceiro a midiática.

Iremos considerar ainda as instâncias de produção e recepção de acordo com a identidade que cada ator ocupa na comunicação midiática (CHARAUDEAU, 2013), em que a instância de produção tem o duplo papel em termos de objetivos ao produzir informação: um de fazer saber; e outro de propulsor do desejo, ao consumir as informações e captar seu público. Em relação à instância de recepção, ela pode ter como alvo o intelectivo, que é considerado capaz de avaliar seu interesse com relação àquilo que lhe é proposto a partir da capacidade de pensar ou o alvo afetivo, que é "[...] aquele que se acredita não avaliar nada de maneira racional, mas sim de modo inconsciente através de reações de ordem emocional" (CHARAUDEAU, 2013, p. 81).

3.5.2 Condição do dispositivo: lugar de mediação

Para desenvolvermos a condição do dispositivo, nossa referência será o *Discurso das Mídias*, de Charaudeau (2013). Assim como a condição de identidade, iremos trabalhar com a noção de instância do mesmo autor, em que o lugar de mediação ocupa uma instância midiática e de produção, como já descrito e citado anteriormente (CHARAUDEAU, 2018). Para Charaudeau (2013), o ato de comunicação tem suas particularidades de acordo com as circunstâncias materiais em que se desenvolve, que pode ser mais bem compreendido a partir do ambiente em que o ato se inscreve, o lugar físico que os parceiros ocupam e o canal de transmissão utilizado, como detalha o autor acerca de suas características:

> O dispositivo constitui o quadro topológico da troca, que é mais ou menos manifesto, mais ou menos organizado. Em certos casos, é objeto de uma montagem cênica pensada de maneira estratégica, como nas mídias televisuais (debates, emissões de variedades e jogos) ou na publicidade; em outros casos, interfere muito pouco, como nas conversas espontâneas, embora mantenha certas características. O dispositivo é o que determina variantes de realização no interior de um mesmo contrato de comunicação. (CHARAUDEAU, 2013, p. 70).

Em suma, todo ato de comunicação ocorre em um determinado ambiente físico que impõe restrições para sua realização, ou seja, "[...] a cada situação de comunicação atinente a um contrato, associa-se um dispositivo particular que constitui as condições materiais *ad hoc* de realização do contrato, em relação com outros componentes e com um quadro de restrições" (CHARAUDEAU, 2013, p. 70). Esse é o papel do dispositivo comunicacional.

Isso quer dizer que o dispositivo é um componente do contrato de comunicação indispensável para qualquer interpretação possível das mensagens. Assim como uma peça de teatro não tem muito sentido sem o seu dispositivo cênico, o mesmo ocorre com o dispositivo constituído por um ou vários tipos de materiais como suporte na formatação de uma mensagem e, dessa forma, contribuindo para lhe conferir sentido. O conteúdo não se constrói sem a forma, afinal a mensagem não é independente do suporte.

Na prática social do discurso político, Charaudeau (2018, p. 53) afirma que o emprego do dispositivo depende das condições materiais em que se desenvolve a troca linguageira. É o dispositivo que irá estruturar a situação na qual se desenvolvem as trocas, "[...] ao organizá-la de acordo com os lugares ocupados pelos parceiros de trocas, a natureza de sua identidade, as relações que se instauram entre eles em função de certa finalidade".

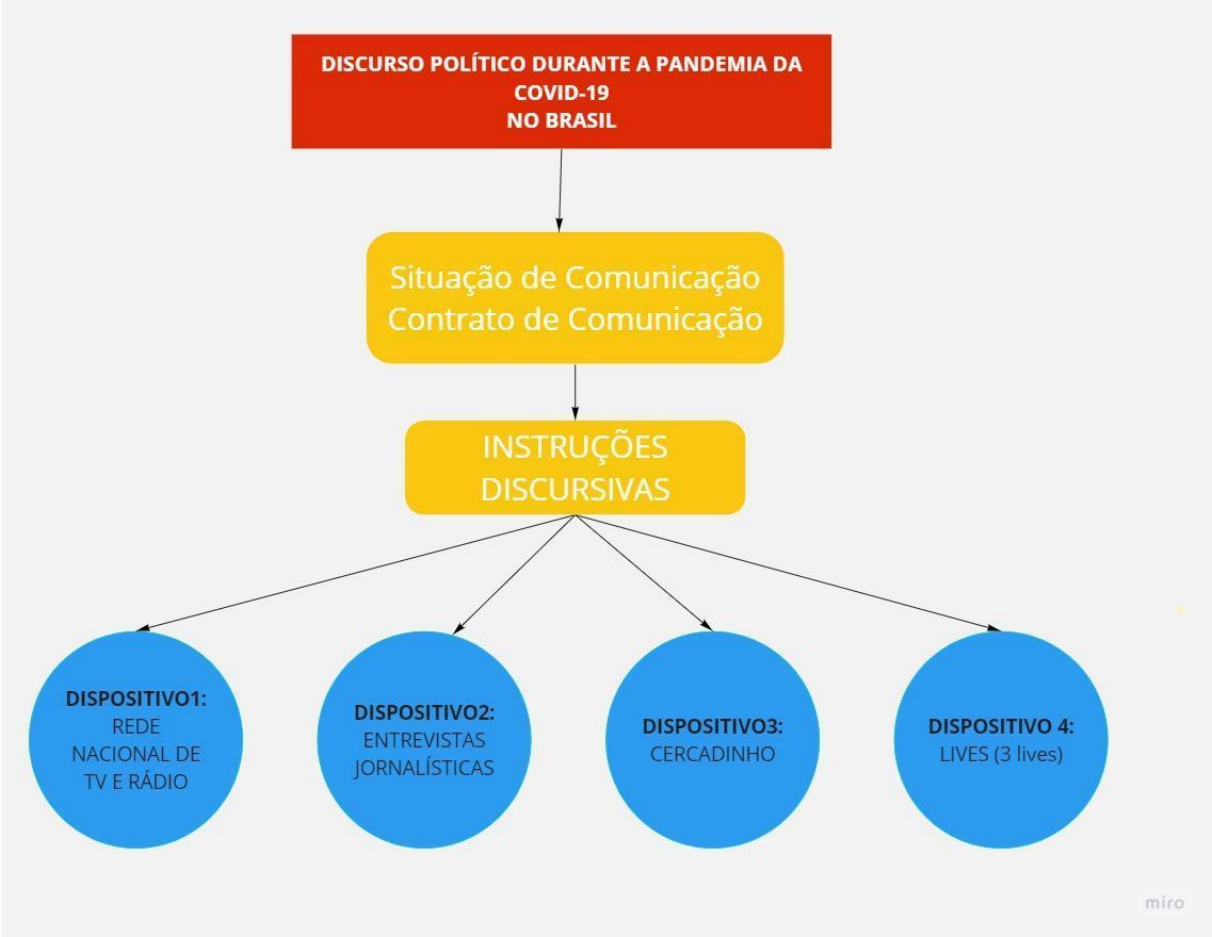
3.5.3 Design metodológico

Estabelecidas as condições de análise descritiva dos dados externos da situação de comunicação e o nosso entendimento conceitual acerca da elaboração dos enunciados em relação às restrições situacionais, vamos agora à aplicação teórica dessas variáveis em nosso *corpus* investigativo.

Na segunda etapa da análise, a partir da diferenciação dos microdispositivos, categorizados metodologicamente como 1) pronunciamento do presidente[14] em rede nacional de televisão e rádio; 2) entrevistas jornalísticas; 3) fala em frente à residência oficial para a imprensa e apoiadores, local popularmente chamado de *cercadinho*; e 4) *live* realizada em perfis de redes sociais, elucidamos as análises das estratégias enunciativas interdiscursivas, a construção da imagem de si e os elementos pathemicos em cada um dos dispositivos.

3.5.3.1 Design Metodológico – Etapa 1

[14] O termo presidente será adotado para nominar o microdispositivo "1) pronunciamento do presidente em rede nacional de televisão e rádio" para facilitar o entendimento e porque o espaço de comunicação é destinado ao presidente da República e não à Jair Bolsonaro. O mesmo irá acontecer no desenvolvimento das análises discursivas e nas descrições das categorias, já que Bolsonaro fala em nome do cargo de ocupa.



3.5.4 Construção da imagem de si

Em cada um dos quatro microdispositivos elencados, interpretamos como o papel sociodiscursivo do enunciador e a construção da imagem de si articulam um imaginário de verdade nas formações discursivas no enunciado político. Para isso, descrevemos o *ethos* pré-discursivo do presidente Bolsonaro no Capítulo 2, a partir de seu *status* institucional, sua trajetória política e alianças ideológicas, os estereótipos e as representações compartilhadas socialmente. Foi estruturada ainda uma análise de seu *ethos* discursivo, seja pela interpretação do dito e do não dito, esse considerado como o *ethos* mostrado da imagem projetada de si e seus papéis inerentes à cena. Levamos em consideração para o entendimento de *ethos* a análise da cenografia, a cena genérica e a englobante.

3.5.5 Estratégias pathemicas

Para interpretar de que forma os elementos de encenação das estratégias pathemicas constituíram as estratégias persuasivas do discurso político populista referente à pandemia da covid-19 no Brasil, e quais foram os imaginários sociodiscursivos evocados, partimos de uma análise descritiva dos elementos da dramaturgia discursiva encenada (CHARAUDEAU, 2007a). Descrevemos, considerando os signos-sintomas, qual é a situação de declínio em que o povo é vítima, gerando um sentimento de angústia, quais são as fontes do mal e como são figuradas no papel de um culpado, produzindo efeitos de antipatia, orientando o afeto contra um agressor ou simplesmente um inimigo e, por fim, como se deu a construção da imagem de potência do salvador, por meio de um comportamento oratório de denúncias, de indignação e de frases de efeito. A partir da tridimensionalidade dos meios de persuasão, identificamos ainda como as emoções no discurso se relacionam com as características próprias do orador.

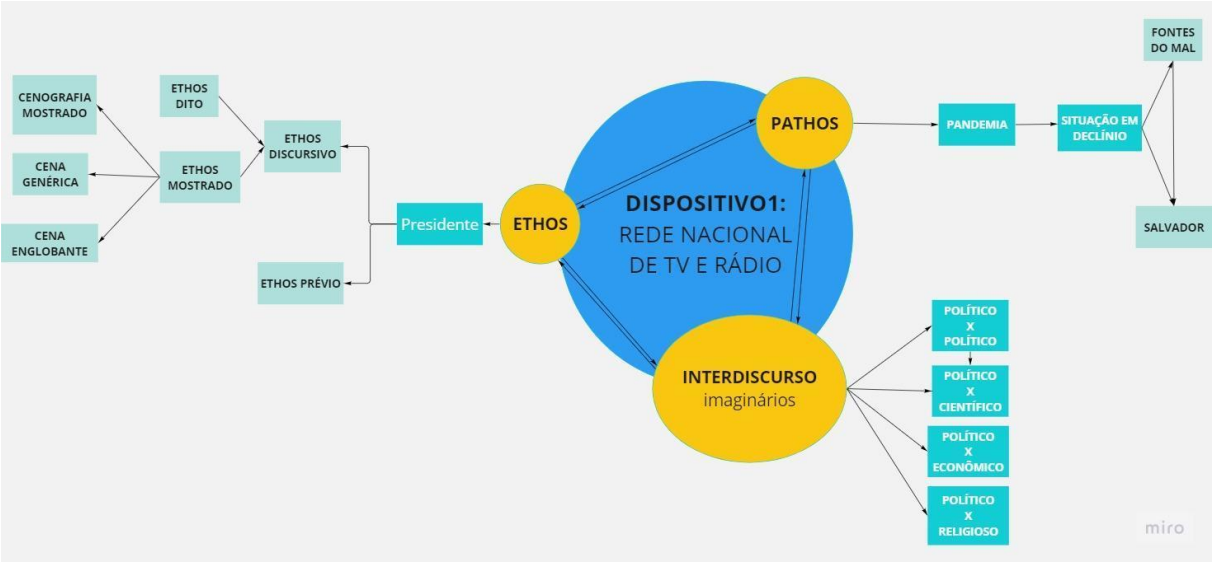
Para a análise, iremos usar a proposição por tópicos (ou imaginários sociodiscursivos) que Charaudeau (2007b) adotou para estruturar o universo de pathemização das mídias, a partir da relação entre os sujeitos e o seu comportamento enunciativo. Os tópicos são duplamente categorizados em: "o tópico da 'dor' e seu oposto, a 'alegria'; o tópico da 'angústia' e seu oposto, a 'esperança' ; o tópico da 'anti-patia' e o seu oposto, a 'simpa-patia' ; o tópico da 'repulsa' e seu oposto, a 'atração'" (p. 11).

3.5.6 Relações interdiscursivas

Evidenciamos no discurso político quais são os imaginários sociodiscursivos recorrentes e como as relações interdiscursivas com outros enunciados (científico, político, econômico e religioso) influenciaram na representação da pandemia, na constituição da imagem de si e nos efeitos pathemicos.

O método de pesquisa para analisar a representação sociodiscursiva da pandemia da covid-19 no Brasil, das estratégias enunciativas baseadas na mobilização do interdiscurso e na projeção de *ethos* e de *pathos* do discurso político, ancoradas em imaginários sociais estabelecidos na memória discursiva, pode ser esquematizada conforme quadro abaixo:

3.5.6.1 Design Metodológico – Etapa 2



A nossa interpretação partiu dos seguintes temas centrais de polêmica: “pandemia x gripezinha”, “economia x saúde” e “medidas preventivas x tratamento precoce”. Para este estudo, o impacto das palavras não obedece a um critério quantitativo, pois, como explica Charaudeau (2011, p. 18), “[...] o importante é que se inscrevam numa certa rede discursiva e que façam eco a um sistema de expectativa mais ou menos consciente”. Mesmo não atendendo um critério quantitativo de recorrência, tais temáticas têm influência social, integrando uma rede discursiva com enunciados anteriores, de outros autores e opositores. Dessa forma, será levado em conta o efeito social das palavras em determinada situação de comunicação e seu poder de influência.

3.5.6.2 Design Metodológico – Etapa 3

Por fim, na última etapa da pesquisa, consolidamos as interpretações a partir de um quadro comparativo das análises dos microdispositivos em que apontamos as semelhanças, o que tem em comum nas estratégias enunciativas apesar dos distintos microdispositivos, e as diferenciações entre si, que levam a possíveis efeitos de sentido na constituição das representações discursivas da pandemia a partir do discurso político.

4 ANÁLISE: SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

> Uma forma conveniente de travar conhecimento com uma cidade é procurar saber como se trabalha, como se ama e como se morre. (CAMUS, 1958/2019, p. 9).

A partir deste capítulo, vamos apresentar as análises do *corpus* – o enunciado do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia do novo coronavírus no Brasil. Para isso, foram selecionados quatro vídeos em que os temas covid-19 e saúde pública foram abordados, levando em conta critérios como popularidade em dispositivos distintos que possibilitasse uma comparação das estratégias enunciativas adotadas.

Antes de apresentarmos a análise propriamente dita, vamos descrever, primeiramente, a situação de comunicação, as condições de identidade dos sujeitos no discurso político e as condições dos dispositivos elencados para o *corpus*. Em seguida, os contratos comunicacionais e os contextos discursivos de cada um dos quatro vídeos são apresentados separadamente, bem como a análise discursiva do *corpus*, de acordo com as categorias definidas e apresentadas na metodologia: estratégias pathemicas, a imagem de si e as relações interdiscursivas estabelecidas no enunciado.

Finalizamos o Capítulo com um quadro resumo, em que as categorias descritas serão dispostas de forma comparativa para nossa análise, o que irá fundamentar a segunda etapa do nosso trabalho no capítulo seguinte, em que apresentamos quais são os possíveis efeitos de sentidos produzidos para representar sócio discursivamente a pandemia da covid-19 no Brasil.

4.1 CONDIÇÃO DE IDENTIDADE: LUGAR DE GOVERNANÇA

Para descrever as condições de identidade dos parceiros envolvidos na situação e contratos de comunicação do *corpus* em análise, adotamos a noção de instâncias proposta por Charaudeau (2018). Segundo o autor, o dispositivo identitário do discurso político é dividido em duas instâncias, uma política e outra cidadã, ademais de três lugares de fabricação do discurso, que são os lugares de governança, de opinião e de mediação.

Na governança, encontram-se duas instâncias, uma política e sua antagonista, a adversária. No lugar de opinião, está a instância cidadã; e, no de mediação, a midiática. Nos enunciados em análise, temos na instância política o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, no papel de chefe de Estado, antagonizado com os seguintes atores políticos, que

foram postos de forma regular por ele como adversários: 1) veículos de comunicação que não eram alinhados ao governo federal[15]; 2) governadores – sobretudo os de São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal; 3) presidente[16] do Senado Federal, Davi Alcolumbre; 4) presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia; 5) Supremo Tribunal Federal (STF); e a 6) elite política.

Já a instância midiática, de mediação e de produção, temos como atores 1) veículos de comunicação que estão alinhados com as políticas do governo federal e 2) os próprios canais de divulgação de Jair Bolsonaro em perfis de mídias sociais.

Na instância cidadã, em um lugar de opinião e de recepção, temos 1) público-militante alinhados ao governo federal; 2) público-cidadão-eleitor: trabalhadores formais e informais e setor empresarial; 3) público heterogêneo formado por ouvintes, telespectadores e internautas, conforme representado no esquema a seguir:

Figura 2 – Instâncias do dispositivo

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

[15] É importante observar que o presidente coloca o ator "veículos de comunicação" em uma instância de governança, como se fosse adversário político na relação de troca, não sendo tratado de forma homogênea, como mediador.

[16] Assim como a adoção do termo presidente para se referir a Jair Bolsonaro será adotado, quando o seu discurso em análise for em decorrência do cargo que ocupa, os termos presidentes do Congresso Nacional e Câmara dos Deputados também serão mantidos.

Para a elaboração do esquema, é importante ressaltar que nessa relação entre produção e recepção foi levado em conta não somente uma "transmissão" de saber entre as duas instâncias, mas a capacidade entre as instância de "[...] se confrontar com os acontecimentos que se produzem no mundo ou inteirar-se de sua existência, e de construir, a esse respeito, um certo saber" (CHARAUDEAU, 2013, p. 72). Mais à frente, com o desenvolvimento da análise, iremos ver como a construção desse saber se dá a partir dessa relação produção-recepção.

4.1.1 Instância política: sobre a legitimidade e características psicossociais

Iremos dar um pouco mais de atenção à instância política enunciadora, devido à influência nas estratégias discursivas, afinal, o campo político é encenado pelos sujeitos mediante relações de legitimidade, credibilidade e de cooptação. O sujeito enunciador central nos quatro vídeos que estamos analisando foi o presidente da República, Jair Bolsonaro. Sua legitimidade se funda em um direito adquirido constitucionalmente. Foi o 38º presidente do Brasil, com mandato de 1º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022. Eleito em outubro de 2018 pela coligação "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" (PSL/PRTB), quando obteve 57.797.847 dos votos, o que equivale a 55,13% do eleitorado brasileiro, segundo dados do portal oficial do governo federal.

O ator político, presidente Jair Bolsonaro, por meio da legitimidade, justifica seus feitos e gestos. Isso em nome de um valor que o Estado Democrático de Direito lhe confere, por meio da maioria dos votos nas eleições presidenciais, que deve ser reconhecido e aceito por todos os membros de um grupo. O reconhecimento ocorre em virtude de seu cargo institucional que ocupa como chefe de Estado – o que lhe dá poder de fazer ou dizer em nome de um estatuto.

Em uma democracia representativa, Charaudeau (2018, p. 64) aponta que é a legitimidade que "[...] dá a toda instância de palavra uma autoridade de dizer". Portanto, a legitimidade depende das normas institucionais da Constituição Federal que rege o Estado Democrático de Direito brasileiro, o que lhe atribui *status* e poderes como presidente. É a partir da identidade social do sujeito político que a legitimidade projeta sua força e influência nos sentidos das palavras, estabelecendo uma relação contínua em que "[...] o ser de palavra é 'duplo'. Uma parte dele é construído pela legitimidade e outra pelo discurso, sendo que as duas se interpelam" (CHARAUDEAU, 2018, p. 64).

Para a compreensão das relações de legitimidade, é importante lembrar que a agenda de campanha de Bolsonaro foi conservadora e reacionária nos costumes, liberal na condução da economia, de orientação política de extrema direita. Como já descrito no primeiro capítulo desta dissertação, cinco blocos discursivos apoiaram sua candidatura: Partido do Boi, Partido Teocrata, Partido da Ordem, Partido do Mercado e Partido dos Trolls (AVELAR, 2021), apoiando-se em três eixos principais, o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do anticomunismo. E foi essa agenda, legitimada pelos eleitores de Jair Bolsonaro, que o elegeram em 2018, apesar de expor seu programa sem nenhuma censura ou cuidado diplomático:

> Poucos candidatos foram tão cândidos na exposição de propósitos em geral inconfessáveis – a retirada de direitos trabalhistas, a relativização dos direitos humanos, a negação pura e simples de problemas ambientais, o flerte incômodo com posições autoritárias, um revisionismo histórico relativo à ditadura militar no mínimo preocupante. (ROCHA, 2021, p. 5).

Nesse sentido, sua posição de soberania é fundada em um imaginário social de legitimidade baseado no mandato presidencial, soberania que lhe dá um caráter de um terceiro todo-poderoso. “Ela representa uma verdade absoluta e se encontra depositária de um ideal social. É assim que surge seu caráter sagrado, pois não há sacralidade sem soberania.” (CHARAUDEAU, 2018, p. 70).

Em suma, o presidente representa, fala e age em nome da República Federativa do Brasil. Ao mesmo tempo, é a própria Presidência, sendo portador dos valores que constituem seu poder. Concomitantemente, o soberano é o todo-poderoso – intocável em nome de seu poder tutelar representativo, por meio de seu mandato, adquirido provisoriamente em decorrência do resultado eleitoral O soberano é também o responsável que deve prestar contas de seu fazer durante o período de sua gestão.

A identidade social do locutor, como presidente da República, dá-lhe o direito à palavra e funda sua legitimidade de ser comunicante em função do estatuto e do papel que lhe são atribuídos pela situação de comunicação. De partida, estamos pontuando a identidade social de Bolsonaro, como presidente da República, pois ela precede a tomada da palavra e condiciona parcialmente seu sentido. “De fato, o orador político pode assinalar em nome de que ele fala e apoiar-se na autoridade que suas funções lhe conferem.” (AMOSSY, 2020, p. 91).

Apesar da legitimidade ser baseada em um mandato, Charaudeau (2018) ressalta que tal noção não pode ser confundida com a credibilidade do enunciador. A primeira irá determinar um direito do dizer ou de fazer, enquanto a segunda é a capacidade do sujeito de dizer ou de fazer. Dessa forma, "[...] questionar a legitimidade é questionar o próprio direito e não a pessoa; questionar a credibilidade é questionar a pessoa, uma vez que ela não apresenta provas de seu poder de dizer ou de fazer". (CHARAUDEAU, 2018, p. 67).

Também não se pode confundir a autoridade com a legitimidade, visto que a primeira está associada a um processo de influência e de submissão do outro, em uma relação EU-TU em que o EU está em uma posição que lhe permite obter do TU um comportamento (fazer-fazer) ou concepções (fazer-pensar e fazer-dizer) que não teriam sem a intervenção desse EU:

> A autoridade vem então se somar à legitimidade. Ela decorre do fato de que um sujeito, para confirmar sua posição de legitimidade, necessita exercer uma sanção sobre aqueles que não querem se submeter, recorrendo, eventualmente, à violência para se fazer obedecer. O ato de autoridade pode tirar vantagem de uma posição de legitimidade, mas ele é um excedente que revela as modalidades de ação do sujeito. (CHARAUDEAU, 2018, p. 68).

Tanto a credibilidade, quanto a autoridade foram analisadas na produção pelo enunciador de seu *ethos*, como estratégia enunciativa na construção da representação sociodiscursiva da pandemia da covid-19 no Brasil.

4.2 CONDIÇÃO DO DISPOSITIVO

Tentamos selecionar para o nosso *corpus* analítico quatro vídeos que representassem dispositivos distintos e situações comunicacionais com contratos diversos. Foram elencados conteúdos que estão entre os mais visualizados em março de 2020. A diversidade entre os dispositivos é valiosa para nossa análise, pois o dispositivo integra parte da significação do discurso político, já que é como fiador do contrato de comunicação, ao organizar e regular o campo de enunciação de acordo com normas de comportamento específicas.

Para fins metodológicos, consideramos que o macrodispositivo conceitual, aquele que estrutura a situação de comunicação, é o discurso político; já os microdispostivos materiais, aqueles que especificam suas variantes, são os categorizados como: 1) pronunciamento do

presidente em rede nacional de televisão e rádio; 2) entrevistas jornalísticas; 3) fala em frente à residência oficial para a imprensa e apoiadores, também popularmente chamado de *cercadinho*; e 4) *live* realizada em perfis de redes sociais digitais, como segue detalhado a seguir:

Quadro 1 – Descrição dos vídeos que serão analisados

Vídeo / Título	Ministro	Data	Microdispositivo	Tempo
Dois dedos de prosa com Ratinho (*SBT*). 376.506 visualizações	Mandetta	21/03/2020	Entrevista	50 minutos e 27 segundos
Pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro, em cadeia nacional de TV e rádio, sobre covid-19 546.691 visualizações	Mandetta	24/03/2020	Pronunciamento	5 minutos e 11 segundos
Fala do presidente Bolsonaro na saída do Palácio da Alvorada 1.230.990 visualizações	Mandetta	25/03/2020	*cercadinho*	16 minutos e 46 segundos
Live de toda quinta-feira com o presidente Jair Bolsonaro (26/03/2020). Temas na descrição do vídeo. 431.289 visualizações	Mandetta	26/03/2020	*Live*	36 minutos e 40 segundos

Fonte: Elaborado pela autora com base no perfil de Jair Bolsonaro no *YouTube* (https://encurtador.com.br/chntW) set. 2021 a jul. 2022.

4.2.1 Microdispositivo: pronunciamento do presidente da República em rede nacional de televisão e rádio

Nesta etapa da dissertação, cada um dos microdispositivos será descrito a partir das características materiais do dispositivo; das identidades dos sujeitos e possíveis visadas discursivas; da constituição da cena de enunciação; e do contrato de comunicação. No

Pronunciamento do presidente da República em rede nacional de televisão e rádio, evidenciamos os efeitos do caráter oficial de uma comunicação pública e governamental na cena genérica ancorados na situação de comunicação, na cenografia e nas identidades dos sujeitos comunicantes.

4.2.1.1 Situação de comunicação: características do microdispositivo

Veiculado no dia 24 de março de 2020, o "Pronunciamento do presidente em rede nacional de televisão e rádio" é o primeiro vídeo que analisamos. Com duração de 5 minutos e 11 segundos, a declaração presidencial em cadeia nacional era regulamentada pela Lei nº 13.844. Toda rede nacional de emissoras de televisão e rádio tem a obrigação de retransmitir gratuitamente o pronunciamento do governo federal no mesmo horário, interrompendo sua programação temporariamente. No caso do discurso deste trabalho, o vídeo foi transmitido das 20h30 às 20h35. Tanto a geração de imagens, como a produção foi realizada pela Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

O microdispositivo em análise é um espaço oficial destinado ao uso dos chefes dos três Poderes, de ministros de Estado, presidentes de Tribunais Superiores, como o STF e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Em grande parte, são gravados e transmitidos na íntegra, com discursos preparados anteriormente para a leitura e o texto disponibilizado em *sites* oficiais da Presidência[17].

O pronunciamento na íntegra também foi disponibilizado no perfil pessoal de Jair Bolsonaro, na plataforma de vídeo *YouTube*, obtendo 549.614 visualizações[18], sendo o 42º vídeo mais popular dentre os postados no canal do mandatário. Foi o terceiro pronunciamento oficial de Bolsonaro em cadeia de rádio e televisão em que o tema pandemia da covid-19 foi tratado (BOLSONARO, 2020).

[17] É importante pontuar que foram feitas duas consultas ao material, a primeira para a coleta das informações para o projeto de pesquisa de qualificação desta dissertação, em setembro de 2021. Na segunda consulta, durante a pesquisa, em julho de 2022, todos os pronunciamentos da Presidência da República foram retirados do ar.

[18] Dados consultados em 3 jul. 2022.

4.2.1.2 Situação de comunicação: identidades dos sujeitos e finalidade

O ato de linguagem do *corpus* tem como sujeito enunciador (EUe) o chefe de Estado, o presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro, que tem como desafio persuadir o sujeito interpretante (TUi) população cidadã brasileira de seu poder e competência na condução da crise sanitária que assolava o país, visto que o ministro da Saúde, Luiz Mandetta, e o governador de São Paulo, João Doria, ganhavam protagonismo na gestão das ações em saúde no mês de março de 2020.

Dessa forma, o presidente realizou quatro pronunciamentos oficiais em cadeia de rádio e televisão sobre as ações institucionais do Governo Federal de enfrentamento à pandemia no Brasil. Em nossa análise, elegemos o que aconteceu no dia 24 de março de 2020 devido à repercussão e popularidade mensuradas pelo número de visualizações, como já citado anteriormente.

4.2.1.3 Cena de enunciação

Considerado um espaço de comunicação pública e governamental para divulgação de assuntos de extrema relevância, o uso político-partidário é vedado. O tom oficial do pronunciamento do microdispositivo se dá em meio a uma série de protocolos, como o aviso sonoro, acompanhado de vinheta estática de abertura com a marca do governo[19], presença visual compondo a cena de enunciação com símbolos nacionais, como a bandeira do Brasil e o brasão da República, que acionam no imaginário a ideia de nação e de comunicado oficial, como é possível identificar na Figuras 3 e 4.

Figura 3 – Vinheta estática de abertura com a marca do governo

[19] É importante diferenciar aqui que a marca de governo é vinculada a uma gestão específica, como a que está em análise, é referente ao período presidente de Jair Bolsonaro. Por um outro lado, a bandeira do Brasil e demais símbolos nacionais representam o Estado, enquanto nação, para além de um governo específico.

Fonte: Disponível em: https://l1nq.com/NTTwM. Acesso em: 5 jul. 2022.

Figura 4 – Símbolos nacionais em pronunciamento presidencial em rede nacional de televisão e rádio em 24 de março de 2020

Fonte: Disponível em: https://l1nq.com/NTTwM. Acesso em: 5 jul. 2022.

O enquadramento adotado é o plano médio frontal para fortalecer o efeito de proximidade entre o locutor (presente) e o interlocutor do ato de linguagem (não presente), com inserção de créditos de identificação e marcas de acessibilidade, como tradutor de libras e legendas.

4.2.1.4 Contrato de pronunciamento oficial: a credibilidade

No pronunciamento oficial, está implicitamente codificada uma expectativa da imagem do sujeito enunciador devido à situação de comunicação do microdispositivo "rede nacional de televisão e rádio" estabelecida pela cena genérica de comunicação pública e governamental. A cena validada mobiliza determinados tipos de *ethos* na memória quando se refere aos pronunciamentos oficiais, sobretudo o de credibilidade a partir de uma imagem de seriedade por meio de uma postura do corporal rígida, uma expressão pouco sorridente, somado a uma capacidade de autocontrole diante das adversidades, reafirmados por um tom firme e comedido, sem efeitos oratórios ou frases de efeitos. Espera-se também que sejam mobilizados afetos da tópica de tranquilidade e segurança, próprios do papel de um chefe de Estado.

4.2.2 Microdispositivo: entrevistas jornalísticas

No microdispositivo *Entrevistas jornalísticas*, descrevemos as características materiais, bem como o contexto político referente ao veículo de comunicação onde originalmente ela foi transmitida – *Programa do Ratinho*, no *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT). Deu-se ênfase às identidades dos sujeitos na situação de comunicação e a seu impacto no contrato de comunicação de uma entrevista.

4.2.2.1 Situação de comunicação: características do microdispositivo

O segundo vídeo analisado é a entrevista do presidente Bolsonaro para o veículo de comunicação Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) para o quadro *Dois dedos de prosa*, do *Programa do Ratinho*, e foi transmitido no dia 20 de março de 2020. O programa diário foi veiculado a partir das 22 horas (BOLSONARO, 2020b).

Além da transmissão na televisão, a entrevista foi disponibilizada no perfil do programa na plataforma de vídeo YouTube, com 1,6 milhão de visualizações, e no perfil de Jair Bolsonaro, obtendo mais de 370 mil visualizações[20]. O tema principal da entrevista foi a pandemia e as medidas adotadas pelo governo federal. Outros temas, como relação com o Legislativo, com a imprensa e demais atores do Executivo, também foram abordados.

[20] Dados consultados em 5 jul. 2022.

Apesar da entrevista ter sido gravada, não houve edição do conteúdo, tendo sido disponibilizada na íntegra tanto na televisão, como nas redes sociais digitais. Gravado no Palácio do Planalto, em Brasília (DF), os cinquenta minutos foram divididos em três blocos de perguntas e respostas.

É importante ressaltar que o SBT era alinhado e aliado ao governo Bolsonaro. Inclusive, o genro do dono da emissora foi o ministro das Comunicações durante o governo de Bolsonaro, Fábio Faria, ocupando o cargo entre os anos de 2020 a 2022. (MATOSO; CASTILHOS; PARREIRA, 2020).

4.2.2.2 Situação de comunicação: identidades dos sujeitos e finalidade

A entrevista em *Dois dedos de prosa* foi concedida por Jair Bolsonaro na condição de sujeito enunciador (EUe) presidente da República alinhado politicamente a um sujeito destinatário (TUd) presente, o apresentador Carlos Roberto Massa, mais conhecido pela sua alcunha, Ratinho. Sobre a identidade do entrevistador Ratinho, é importante destacar que ele teve um papel como agente político partidário. Foi vereador em Jandaia do Sul (PR) e deputado federal pelo Paraná pelo Partido da Reconstrução Nacional (PRN), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)[21] e Aliança Renovadora Nacional (Arena)[22], cargos ocupados entre as décadas de 80 e 90. Seu filho, Ratinho Júnior, atualmente é governador do Paraná pelo Partido Social Democrático (PSD), após ser reeleito em 2022. Outros dois sujeitos destinatários (TUd) a serem considerados, apesar de não estarem presentes na entrevista, é a instância adversária integrada por políticos de oposição, a imprensa não alinhada politicamente e o público simpatizante às políticas bolsonaristas.

Apesar de ser uma entrevista com caráter jornalístico, é importante descrevermos o Programa do Ratinho enquanto programa televisivo como um gênero midiático tal qual definido por Gomes (2007), já que tal situação específica irá mudar e influenciar na dimensão discursiva em análise, na cena de enunciação, nos sujeitos destinatárias projetados e no contrato de comunicação:

> A notícia é discurso e, como tal, um conjunto de convenções que ajudou a configurar o jornalismo como uma instituição socialmente reconhecida e no interior do qual

[21] Atualmente, MDB.
[22] Partido ligado à ditadura militar.

> fazem sentido as noções de imparcialidade e objetividade e as distinções entre fato e ficção, informação e entretenimento. Naturalmente, a notícia televisiva é um discurso que é estruturado pelos discursos mais amplos da televisão. A notícia, seja ela ouvida no rádio, lida nos jornais ou vista na televisão, ganha muito de sua configuração das características do próprio meio no qual ela aparece. Daí a importância de analisarmos as configurações da notícia como um gênero discursivo em relação às características que ela ganha quando elaborada para transmissão na televisão. (GOMES, 2007, p. 10)

No SBT desde 1998, Ratinho é reconhecido pelo seu sensacionalismo e imprevisibilidade no palco[23]. Em 2021, em uma declaração durante o programa *Turma do Ratinho*[24], na rádio *Massa FM*, de propriedade do apresentador, defendeu a intervenção militar e políticas higienistas de retirada de moradores de rua de circulação.

4.2.2.3 Cena de enunciação

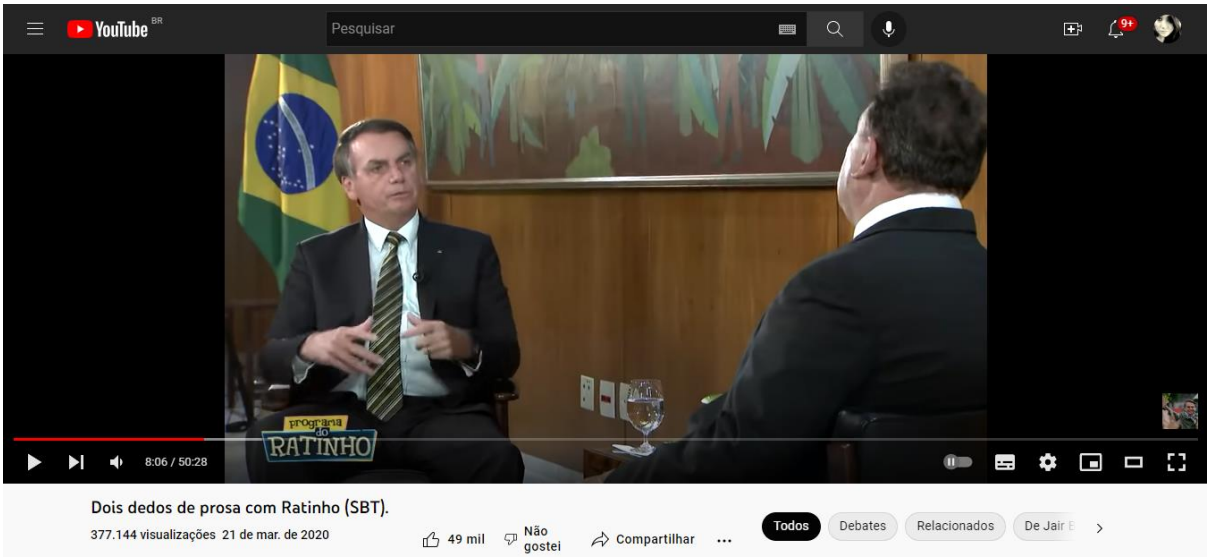
Na cena de enunciação, os dois interlocutores ficaram sentados próximos, frente a frente, e entre eles havia uma mesa de apoio, produzindo ora uma cenografia de uma conversa amistosa, ora de uma entrevista. Por se tratar de uma entrevista oficial da Presidência da República, ao fundo, o símbolo nacional da bandeira do Brasil e o brasão das armas nacionais compuseram o cenário, além dos dois quadros da modernista Djanira da Motta: *Praia do Nordeste* e *Colheita de banana*, o que produziu um tom oficial de seriedade, conforme Figuras 5, 6 e 7.

Figura 5 – Entrevista do presidente da República ao apresentador Ratinho no Palácio do Planalto

[23] Disponível em: https://encurtador.com.br/aDLP9. Acesso em: 12 nov. 2022.
[24] Disponível em: https://encurtador.com.br/cpzER. Acesso em: 12 nov. 2022.

Fonte: Disponível em: https://encurtador.com.br/quHL4. Acesso em: 3 jul. 2022..

Figura 6 – Entrevista do presidente da República ao apresentador Ratinho no Palácio do Planalto e a bandeira do Brasil ao fundo



Fonte: Disponível em: https://encurtador.com.br/quHL4. Acesso em: 3 jul. 2022.

Figura 7 – Entrevista do presidente da República ao apresentador Ratinho no Palácio do Planalto e o brasão da República ao fundo

Fonte: Disponível em: https://encurtador.com.br/quHL4. Acesso em: 3 jul. 2022.

Os símbolos nacionais representam o Brasil, a identidade de nação no mundo e os fundamentos constitucionais, como soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político.

4.2.2.4 Contrato de entrevista: o diálogo possível?

A situação dialógica desse microdispositivo é baseada no contrato de fala da cena genérica de uma entrevista jornalística, mais especificamente, a entrevista política governamental oficial. Segundo Charaudeau (2013), a entrevista política é assim definida em decorrência da identidade do entrevistado e pelo seu propósito relativo à vida cidadã, que se presume pôr à disposição da opinião pública julgamentos e análises. O vídeo trata de uma troca linguageira em que os dois parceiros, entrevistado e entrevistador, têm direito a uma alternância dos turnos de fala.

Em uma situação de entrevista, conforme Charaudeau (2013) descreve, há uma diferenciação de *status* dos papéis dos atores, em que um é o "questionador" e o outro é o "questionado-com-razões-para-ser questionado", em que: "A alternância de fala se acha então regulada e controlada pela instância entrevistadora segundo suas finalidades" (p. 213). Dessa forma, quando se trata de uma cena genérica de uma entrevista jornalística, o contrato midiático impõe que entrevistador e entrevistado sejam ouvidos por um terceiro ausente, o ouvinte, estabelecendo uma relação triangular entre os atores. O ouvinte é parte da análise da imagem

de si elaborada discursivamente por Bolsonaro, visto ser ele um segundo TUd destinatário. O presidente Bolsonaro é um ator representante de um grupo que participa da vida política e cidadã com poder de decisão e de pressão. Sabe que será interpretado pelos ouvintes de várias formas e, por isso, não diz exatamente as coisas da forma como pensa.

Por sua vez, o entrevistador Ratinho, em um contrato de entrevista jornalística política, teria como papel desocultar as intenções de Bolsonaro, por meio de perguntas que provocasse no entrevistado respostas em que "é-preciso-dizer-a-qualquer-preço":

> O entrevistador, por seu turno, tenta tirar do convidado o máximo de informações e fazer aparecer as intenções ocultas deste, com o auxílio de um jogo de questionamento sutil alternando, ou misturando, falsa inocência, falsa cumplicidade, provocação, e trazendo à luz as posições contraditórias do convidado; mas ele deve, sobretudo, parecer sério e competente, mostrando que conhece bem o domínio em questão. (CHARAUDEAU, 2013, p. 215).

Devido ao contexto anterior de conflito por parte do presidente com a imprensa, é uma prática da Presidência conceder entrevistas somente para veículos e jornalistas alinhados discursivamente ao governo federal. Dessa forma, apesar do contrato estabelecido pela cena genérica de uma entrevista jornalística política oficial, relativa ao gênero político, nem sempre o contrato de uma entrevista jornalística é o que ocorre.

Espera-se das entrevistas que os atores envolvidos cumpram seu papel de entrevistador e/ou entrevistado, porém a cena validada de uma entrevista do *Programa do Ratinho*, quando tem como entrevistado o presidente Bolsonaro, é de uma cenografia relativa a uma conversa entre amigos, tamanha a intimidade do diálogo para além dos temas de interesse público – o que pode ser percebido por algumas marcas no discurso.

Uma das marcas é a alternância de turnos mais constante tal qual um bate-papo, fazendo uso da repetição pelo apresentador do que foi dito no turno anterior por Bolsonaro, para rearfirmá-lo ("Ponta Porã, do lado"); de expressões literais de concordância ("concordo", "Eu já fiz isso, várias vezes", "E é verdade, é verdade") e a complementação constante pelo entrevistador do que era dito pelo entrevistado como forma de realizar de fato a enunciação ("Vai pelo mato", "A Coreia também já entrou na descendente", "Tinha muito aposentado lá", "Vai passar"), como pode ser observado nas sequências a seguir transcritas da entrevista:

> **RATINHO (4:47):** Existe a possibilidade do senhor convocar as forças armadas para ajudar toda essa situação?

BOLSONARO (4:51): Eu não preciso nem falar isso para o nosso Ministro da Defesa, João Fernando. A nossa tropa, marinha, exército, aeronáutica, estão preparados, prontos. Coordenar, com comando coordenado caso se necessite da nossa, nossa presença, como sempre aconteceu na história do Brasil, as Forças Armadas nunca se furtaram do seu dever. Então nós temos hospitais de campanha prontos, os nossos meios todos para atender a distribuição de alimento, é segurança, a conhecida GLO, Garantia da Lei e da Ordem. Essas coisas mas como sempre...
RATINHO (5:27): Concordo.
BOLSONARO (5:28): As Forças Armadas já estão prontas para atender o anseio popular.
RATINHO (5:30): O governo fechou a fronteira com a Venezuela para evitar a disseminação da doença. Agora, parece que fechou outras fronteiras também. Vai fechar todas?
BOLSONARO (5:38): Olha só Ratinho, eu não posso fugir da verdade, Ratinho. Eu conheço um pouco da fronteira de 17 mil km do Brasil. Uma grande parte de fronteira seca. Venezuela. Você é… fecha ali a BR, na cidade Pacaraima, então pela pista não passa ninguém. Mas aí o pessoal vai começar a ir pelo lado, fugir.
RATINHO (5:58): Vai pelo mato.
BOLSONARO (5:58): Vai pelo mato, vai mulher acabar sendo estuprada, vai homem ser assassinado, vai ter uma miséria ali com toda certeza. Então o que que nós estamos fazendo lá. É fazendo uma contenção parcial, grande parte da população não passa. Agora, o comércio está aberto. Paraguai, Paraguai, mesma coisa. Você vai em Pedro Juan Caballero, tá certo. Temos vizinho ali, outra Ponta Porã.
RATINHO (6:23): **Ponta Porã, do lado.**
BOLSONARO (6:23): Se você bobear, você não tá com um pé no Paraguai e outro no Brasil.
RATINHO (6:27): Eu já fiz isso, várias vezes.
BOLSONARO (6:28): Então, (risos) tem Paraguai casado com brasileira, tá, tem brasileiro que trabalha no Paraguai e vice-versa, como você vai impedir isso daí. Você não tem como fechar.
RATINHO (6:36): Mas está fechado ou não?
BOLSONARO (6:36): Tá fechado, basicamente, as medidas nessa fronteira vai ser um aconselhamento, uma divulgação, uma propaganda.
(...)
RATINHO (23:26): A economia estava caminhando bem até o momento da crise do coronavírus, e agora, nós estamos correndo algum perigo em relação à economia? Depois dessa crise?
BOLSONARO (23:31): A gente não quer, a projeção nossa era 2% nesse ano, falei com o Paulo Guedes agora há pouco, ele falou que não quer falar em projeção. Lógico que nós vamos fazer o melhor. Alguns dizem, se não entrar em recessão, né, tá bem. É o que estão fazendo. É um período, assim como na China já, a curva já entrou na descendente, tá certo? A Itália tá lá praticamente entrando também na descendente.
RATINHO (23:56): A Coréia também já entrou na descendente.
BOLSONARO (23:57): Vai... Nós vamos passar por esse momento, tá?
RATINHO (24:01): E o senhor acha que vai durar essa crise do coronavírus?
BOLSONARO (24:04): Pode durar no máximo mais cinco, seis meses, um momento triste, podemos ter um momento triste pela frente, não será como a Itália, no meu entender, que a população da Itália. A imprensa sempre leva para a maldade, eu comparei a população da Itália parecida com a população de Copacabana, que eu conheço muito Copacabana, por eu ser de lá. Eu entregava cartas pessoalmente, por vários anos, com a minha equipe, eu entregava carta pessoalmente, que eu não pagava (inaudível)
RATINHO (24:28): Tinha muito aposentado lá.
BOLSONARO (24:30): Geralmente é esse, é um senhorzinho uma senhorinha, um casal de velhinhos. Se chegar neles, a chance de entrar em óbito é grande, porque já tem uma série de problemas. Então assim, se chegar lá uma gripe qualquer, é isso agora, o que acontece em parte da imprensa né? O cara entrou em óbito e tinha, tinha

> dado positivo para, para o vírus. E tava lá, diabetes não sei o que. É disso que morreu, do coronavírus. O que que eu faço? Eu não quero levar o pânico à população brasileira, o meu, a minha missão como chefe de estado é levar a verdade e dizer para ele que isso vai chegar, por favor.
> **RATINHO (25:11): Vai passar.**
> **BOLSONARO (25:12):** Vai passar, vai passar, não tem como. Você vai viver isso aí, você vai, essa onda vai passar por cima de você, talvez eu tenha adquirido a doença, como disse agora pouco, e você. E um mês atrás, 20 dias atrás, já acabou, já estamos imunes, estamos ajudando a imunizar o Brasil. Que o vírus bate em nós e não passa para terceiros, você vai passar por isso. Agora o pânico é terrível. Tem até uma história, até que eu tá vendo esses dias aí que, não sei quem, antigamente um cara prometeu para o outro. "Eu vou matar dez mil pessoas naquela cidade", ele foi lá e voltou. O cara falou, "mentiroso, você não matou dez mil, você matou 100 mil." (pausa) Ele falou, "não os outros 90 foi de pânico, foi de histeria".
> **RATINHO (25:49): E é verdade, é verdade.** (grifos nossos).

O contrato estabelecido pelo programa, que é restringido principalmente pelo perfil do entrevistador e do canal de televisão, pode levar o sujeito interpretante a uma expectativa de uma entrevista sem confrontos e sem perguntas desconfortáveis. Os temas, as perguntas e as respostas chegaram a ser previsíveis. Portanto, em uma entrevista jornalística política, sem perguntas provocadoras e inconvenientes que levem a uma resposta difícil, com entrevistadores que complementam a fala do interlocutor e alternam turnos para reforçar a ideia do presidente, a mecânica é "[...] 'previsível demais para ser honesta, isto é, para ser credível" (CHARAUDEAU, 2013, p. 217), colocando em dúvida a credibilidade que o enunciador presidente buscou projetar.

4.2.3 Microdispositivo: fala no *cercadinho* no Palácio da Alvorada

O microdispositivo *Fala no cercadinho no Palácio da Alvorada* é inédito. Descrever sua situação de comunicação, que inclui características do dispositivo e dos sujeitos no ato de linguagem, bem como os possíveis contratos de comunicação, cenografia e elementos da cena de enunciação, é fundamental para a análise discursiva proposta neste trabalho, como vemos a seguir.

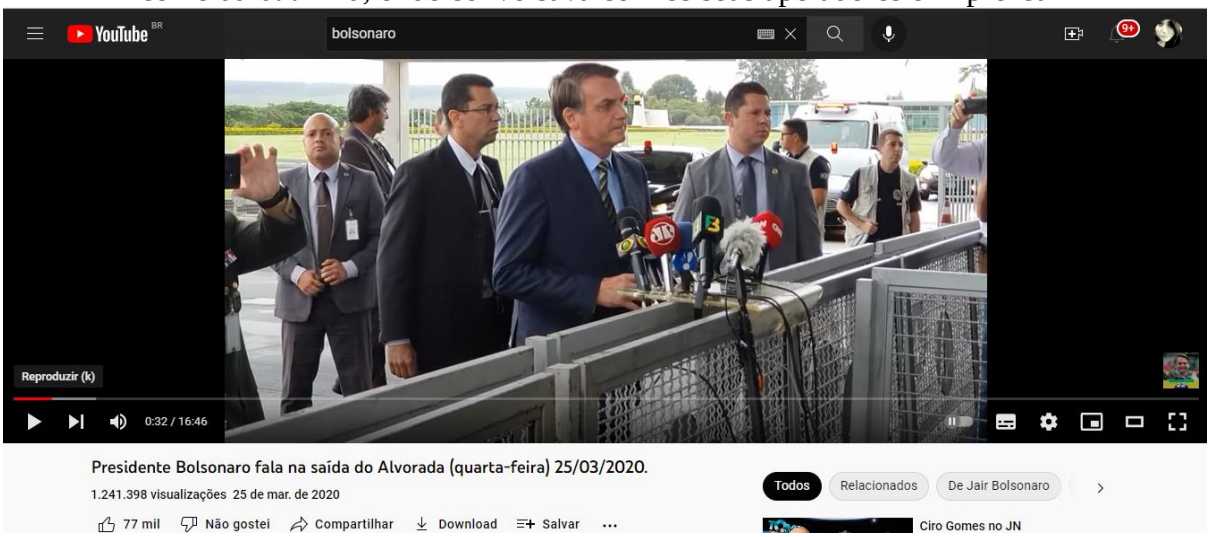
4.2.3.1 Situação de comunicação: características do microdispositivo

A "fala" do presidente em frente à residência oficial no Palácio da Alvorada para a imprensa e apoiadores, chamado popularmente por *cercadinho*, é o microdispositivo do terceiro vídeo que analisamos. Em cerca de 16 minutos, Bolsonaro conversou presencialmente,

principalmente com seus apoiadores, e respondeu às perguntas da imprensa de forma seletiva. O vídeo gravado no local foi disponibilizado na íntegra, sem edições, em suas páginas pessoais em perfis de redes sociais. No *YouTube*, de onde o vídeo foi extraído, foram mais de 1,2 milhão de visualizações[25]. Por ser um espaço em que os veículos de comunicação fazem cobertura diária, parte do enunciado foi editado pelos telejornais, repercutindo na imprensa seu pronunciamento (BOLSONARO, 2020c).

O *cercadinho* é um espaço localizado no lado externo do Palácio da Alvorada, perto da guarita de segurança da residência oficial da Presidência, onde um grupo de apoiadores de Bolsonaro o aguardava diariamente. O local era uma espécie de palanque político mesclado com coletiva de imprensa. Ao lado do grupo de apoiadores, jornalistas aproveitavam a oportunidade para uma rápida entrevista.

Figura 8 – Presidente Jair Bolsonaro em frente ao Palácio da Alvorada, no espaço conhecido como *cercadinho*, onde conversava com os seus apoiadores e imprensa



Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

4.2.3.2 Situação de comunicação: identidades dos sujeitos e finalidade

As cenas, os papéis e as representações são previstos de acordo com interesses e regras elaborados por Jair Bolsonaro, que, como sujeito comunicante (EUc), buscava favorecer sua imagem, ao usar o espaço de fala para criticar a imprensa à medida que seus apoiadores o

[25] Dados consultados em 3 jul. 2022.

ovacionam; utilizar para interlocução com seus apoiadores; justificar suas ações e criticar adversários, de forma que podia se posicionar sem o direito à réplica.

Dessa forma, Jair Bolsonaro está na situação de comunicação como um EUe político *troll*, e os sujeitos destinatários (TUd) presentes são os jornalistas de veículos da grande mídia (televisão, rádios, jornais e portais) – postos aqui como adversários –, além de apoiadores aliados, os militantes. Indiretamente, como sujeitos destinatários, são projetados ainda a classe política adversária, os veículos de comunicação não alinhados politicamente e os apoiadores de Bolsonaro que não estavam presentes. Como veremos no contrato no *cercadinho*, é importante pontuar que uma das características do microdispositivo é que em alguns momentos os apoiadores presentes alternavam seu papel de sujeito destinatário (TUd) para sujeito enunciador, incorporando o papel do EUe Claque.

4.2.3.3 Contrato no "cercadinho": é possível ter acordos tácitos?

O espaço de comunicação não era coordenado. Informalmente, era dividido em duas partes, a primeira em que Bolsonaro fazia seu comunicado e a segunda em que ele respondia a algumas perguntas da imprensa. Seus apoiadores durante sua fala comentavam, expressavam o apoio e, eventualmente, respondiam algumas perguntas feitas por Bolsonaro ou interagiam.

Avesso às liturgias do cargo e aos rituais que estabelecem a relação com a imprensa em uma coletiva tradicional, Bolsonaro transformou o espaço com informalidade, em que apoiadores e imprensa se misturavam. Nele, o presidente podia abordar os assuntos que achasse relevante, sem se sentir obrigado a responder à imprensa, usando o *cercadinho* para "[...] recados a adversários, afagos a simpatizantes, demissão de auxiliares, futricas". (MATTOS, 2019).

4.2.3.4 Cena de enunciação: uma nova cenografia

Apesar da informalidade, o *cercadinho* foi estratégico, não obstante era sua primeira agenda logo que deixava a residência oficial. Além da imprensa, a própria equipe do presidente registrava os pronunciamentos, que eram postados em suas redes sociais, principalmente no *YouTube*, como é relatado pela revista *Veja* (MATTOS, 2019):

> Auxiliares do presidente afirmam que ele passou a tornar-se mais presente no local após seus conselheiros – entre eles o filho Carlos – criticarem os cafés da manhã que fazia com jornalistas. A avaliação é a de que apenas pautas negativas eram publicadas na imprensa. Já na porta de casa, Bolsonaro apenas responde às perguntas quando elas lhe interessam, escapa dos contraditórios, manda os recados quando necessário e ainda garante sua presença no noticiário logo pela manhã. (MATTOS, 2019).

A decisão por atender ou não à imprensa não seguia nenhuma liturgia, a não ser as tentativas de Bolsonaro em evitar críticas a suas ações, como ele expressou, "[...] eu não vou falar com a imprensa, porque eu não preciso falar. O que eu li hoje, (vocês) inventam tudo, então podem continuar inventando aí" (BOLSONARO, 2020c), sendo aplaudido por seus apoiadores. Como o *cercadinho* era um espaço que não havia sido explorado pelos presidentes anteriores, os limites e as restrições contratuais que caracterizam a situação de comunicação foram criadas a partir do próprio ato de linguagem do presidente Bolsonaro.

No vídeo em análise, temas como pandemia e a forma como os governos federal e estaduais estavam lidando com a pandemia, do ponto de vista da gestão pública, eram abordados, principalmente os referentes aos aspectos econômicos da crise. A participação de seus apoiadores na instância cidadã era controlada, seja por causa da integridade física de Bolsonaro, seja para assegurar que não haveria críticas a seus posicionamentos. Todos passavam por revistas para que nenhum manifestante levasse cartazes, camisetas ou se posicionasse contrário ao governo.

Além disso, o *cercadinho* ficava ao lado de uma guarita de segurança, onde o espaço permitido para a imprensa e os apoiadores era delimitado por cercas, o que deu a alcunha ao local de *cercadinho*. Por fim, assim que Bolsonaro descia do carro para seu pronunciamento, ele era escoltado por seguranças, impondo às demais instâncias ali presentes toda a força do estado e os limites de um possível diálogo.

4.2.4 Microdispositivo: *lives* realizadas em perfis pessoais de redes sociais digitais

Por último, iremos descrever o microdispositivo *Lives realizadas em perfis pessoais de redes sociais digitais*, que é uma situação de comunicação político-midiática inédita adotada por Bolsonaro, por meio de canais não oficiais. Descrevemos e identificamos algumas características recorrentes do microdispositivo e dos sujeitos do enunciado. Por se tratar de um formato de comunicação direta criado por Bolsonaro, seus termos e contratos foram

estabelecidos por ele, que teve como uma das possíveis finalidades produzir um efeito de autenticidade.

4.2.4.1 Situação de comunicação: características do microdispositivo

O quarto vídeo analisado tem como microdispositivo as *lives* que eram transmitidas ao vivo no perfil pessoal das redes sociais – *Facebook*, *YouTube* e *Instagram* – de Jair Bolsonaro, que ocorriam semanalmente às quintas-feiras, desde de março de 2019, sendo interrompidas após o segundo turno das eleições presidenciais em 2022, quando o então presidente foi derrotado nas urnas. As *lives* periódicas foram uma prática iniciada durante a campanha eleitoral para a Presidência em 2018, e se tornou uma rotina às quintas-feiras desde quando assumiu o cargo (CAVALCANTE, 2022).

Algumas dessas *lives* também eram transmitidas pelo programa de rádio *Os pingos nos is*, do grupo *Joven Pan*, que era apresentado por Vitor Brown, com comentários de Augusto Nunes, José Maria Trindade e Guilherme Fiuza, sendo veiculadas pela rádio, pelo canal fechado *Joven Pan News* e em suas redes sociais. A *Jovem Pan* (2002)[26], em sua página na internet, afirma que aborda "[...] temas políticos de modo crítico, num formato de bate-papo e discussão aberta".

O canal *Foco do Brasil*, no *YouTube*, também transmitia as *lives* e, em sua descrição, afirmava que o seu principal trabalho era divulgar as ações da Presidência da República, "[...] o principal trabalho do Foco do Brasil é a publicação de conteúdo jornalístico das ações do presidente da República, de seu governo, do nosso Brasil e do mundo". (FOCO DO BRASIL, 2022). Além dos canais citados, as *lives* eram disponibilizadas no perfil no *YouTube* da *Folha Política*.

O vídeo selecionado foi transmitido no dia 26/03/2020, chegando a 431.289 visualizações no perfil do *YouTube* de Bolsonaro, com 36 minutos, sem edição ou efeitos gráficos ou sonoros, como é possível ver na Figura 8.

[26] Disponível em: https://encurtador.com.br/ptBV6. Acesso em: 27 ago. 2022.

Figura 9 – O presidente Jair Bolsonaro moderou e participou da *live* com o presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães

Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

A média de duração do conteúdo das *lives* era de uma hora e se dividia em duas partes. Bolsonaro apresentava informações institucionais relativas à gestão, comentários e críticas de matérias veiculadas na imprensa, projetos aprovados ou discutidos nas instâncias do Poder Legislativo e que fosse de seu interesse, além de juízos de valores em relação à atuação política de seus adversários.

4.2.4.2 Situação de comunicação: identidades dos sujeitos e finalidade

Para reforçar e complementar as informações abordadas pelo chefe do Executivo, eram convidados ocupantes de cargos de confiança de primeiro escalão, como ministros, secretários, presidentes de estatais e lideranças de seu bloco político no Legislativo. O convidado da transmissão analisada foi o economista Pedro Guimarães, então presidente da Caixa Econômica Federal (CEF), demitido em junho de 2022 após denúncias de assédio sexual. De perfil liberal, era próximo ao ministro Paulo Guedes e com experiência em processos de privatização de bancos estatais (QUEM É PEDRO GUIMARÃES..., 2018).

Dessa forma, os sujeitos comunicantes (EUc) desse vídeo são dois, Pedro Guimarães, como o EUe economista liberal, e Jair Bolsonaro, como o EUe candidato populista, que ora se alternaram e passaram a ser os sujeitos destinatários (TUd).

Apesar de as *lives* acontecerem nas redes pessoais de Jair Bolsonaro, por se tratar de uma autoridade pública, os demais canais de imprensa também as acompanhavam para coberturas jornalísticas, porém sem interagir diretamente com o presidente. Era um espaço totalmente unívoco e sem nenhuma contestação, Bolsonaro fez uso do microdispositivo para produzir suas versões dos fatos, dar respostas a adversários políticos e justificar as medidas adotadas.

Portanto, são considerados como sujeitos destinatários das *lives* a base política bolsonarista (Partido do Boi, Partido Teocrata, Partido da Ordem, Partido do Mercado e o Partido *Trolls*) que integram seus três principais eixos de sustentação – libertarianismo, fundamentalismo religioso e anticomunismo. Assim como nos demais microdispositivos, outros dois sujeitos destinatários (TUd) a serem considerados são políticos de oposição e a imprensa não alinhada politicamente com o presidente.

4.2.4.3 Contrato das *lives*: uma comunicação direta

Jair Bolsonaro é o primeiro presidente a adotar esse formato de comunicação direta com a população, o que lhe deu uma liberdade para definir e moldar os termos do contrato de comunicação. Sem a intermediação dos veículos de comunicação, todas as *lives* eram coordenadas pelo próprio Bolsonaro, que definia os turnos de fala de cada participante, bem como os temas abordados.

Em parte da transmissão, como mediador, Bolsonaro abria para perguntas previamente selecionadas de jornalistas dos canais que transmitiam o conteúdo. Como os

jornalistas não estavam presentes no mesmo espaço físico onde ocorriam os pronunciamentos, os áudios das perguntas eram enviados para um dos assessores da equipe presidencial pelo *WhatsApp*, que os disponibilizava para que os convidados e Bolsonaro respondessem, simulando uma entrevista.

No caso do vídeo selecionado, com 36 minutos de duração, não teve a parte de perguntas, e os principais temas abordados foram os serviços da Caixa, o auxílio emergencial e o posicionamento da Presidência da República diante da pandemia.

É importante ressaltar que a participação do público se restringia a comentar nas redes sociais em que eram transmitidas as *lives*, sem interação direta. O público das transmissões eram os eleitores de Bolsonaro e simpatizantes, alinhados ideologicamente com sua agenda. Por ser um canal direto, sem passar pela mediação da imprensa, a expectativa do público era ter acesso às informações factuais, sem cortes, edição ou manipulação, o que provocava um efeito de veracidade. Além do terno e gravata, em algumas *lives*, Bolsonaro também fazia questão de usar camisas de times de futebol, principalmente quando algum campeonato estava em fase decisiva, com a intenção de projetar uma imagem de simplicidade.

4.2.4.4 Cena de enunciação: a busca pelo efeito de verdade

É um espaço político partidário, com roteiro planejado previamente, apesar de transparecer ser improvisado, o que produzia efeito de verdade. Transmitido ao vivo, o conteúdo continua disponibilizado publicamente nos canais citados anteriormente, onde pode ser assistido na íntegra, sem edições, da mesma forma que foi transmitido ao vivo. Além dos convidados, dividiam o mesmo espaço físico com Bolsonaro sua assessoria que, vez ou outra, era acionada durante situações em que ele se esquecia de alguma informação ou dado.

O cenário escolhido para as *lives* era a biblioteca do Palácio da Alvorada, sua residência oficial. Ao fundo, ficava a prateleira de livros e a mesa de reunião fazia as vezes de uma bancada, onde Bolsonaro e seus convidados se apoiavam. Quando não estava presente em Brasília, esse cenário era alterado, porém era colocado ao fundo a bandeira do Brasil, de forma a gerar identificação com seu público apoiador.

Na mesa, além de papéis com informações preparadas por sua assessoria, estrategicamente foi colocada duas caixas de hidroxicloroquina, uma do laboratório Apsen e outra do medicamento genérico.

Figura 10 – *Live* das quintas-feiras de Jair Bolsonaro com o presidente da Caixa com destaque para a divulgação do tratamento precoce não comprovado cientificamente, a hidroxicloroquina

Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

4.3 QUADRO DESCRITIVO

Para sintetizar os principais pontos da descrição da situação de comunicação, contratos e cenas de enunciação, elaboramos o Quadro 2, com comparativos que irão nos guiar na análise discursiva dos microdispositivos nos Capítulos 5, 6, 7 e 8.

Quadro 2 – Situação de comunicação, contratos e cenas de enunciação dos microdispositivos

Dispositivo	EUc	EUe	TUd	TUi	Contrato	Cena genérica
Pronunciamento do presidente da República em rede nacional de televisão e rádio	Jair Bolsonaro	Presidente chefe de Estado	População brasileira Adversários políticos Imprensa “adversária”	Telespectadores em geral	Pronunciamento com credibilidade do poder público	Comunicação pública e governamental
Entrevistas jornalísticas que apoiem o governo federal	Jair Bolsonaro	Presidente alinhado politicamente	Apresentador alinhado politicamente Público simpatizante às políticas bolsonaristas Adversários políticos Imprensa “adversária”	Ratinho Telespectadores em geral	Bate-Papo amistoso midiatizado	Entrevista jornalística política oficial
Fala no cercadinho no Palácio do Alvorada	Jair Bolsonaro	Político *troll*	Militância Imprensa “adversária” Adversários políticos	Apoiadores políticos Jornalistas Classe política	Fala informal agressiva	Fala informal
Lives realizadas em perfis pessoais de redes sociais	Jair Bolsonaro Pedro Guimarães	Candidato populista Economista liberal	Base política bolsonarista Adversários políticos Imprensa “adversária”	Apoiadores políticos Jornalistas Classe política	Comunicação pessoal direta sem intermediários	Live política

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

5 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS ENUCIATIVAS: PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA EM REDE NACIONAL DE TELEVISÃO E RÁDIO

> É impossível prever a desgraça. (CAMUS, 1958/2019, p. 28).

5.1 ANÁLISE: CENOGRAFIA DE UM *ETHOS* DE CREDIBILIDADE

A opção pelo pronunciamento oficial para se dirigir à população naquele momento não foi aleatória, pois a cena genérica de uma comunicação pública e governamental carrega um tom de seriedade, por consequência uma imagem de credibilidade que se legitima pelo papel de chefe de Estado, o sujeito enunciador, que se fazia necessário diante da circunstância de insegurança provocada pelas primeiras confirmações de casos da covid-19 no Brasil e críticas à condução da crise adotada pelo presidente da República.

Para contrapor o seu *ethos* prévio conhecido e reconhecido pelos seus interlocutores de um político vulnerável a acessos de cólera e rompantes diante de temas controversos, Bolsonaro buscou, durante o pronunciamento oficial, projetar a imagem de seriedade, apoiando-se em índices comportamentais e verbais, como uma fala mais pausada, tom firme e comedido, por meio de uma elocução mais serena, além de construções e escolhas de palavras simples.

A tentativa de reconstituição de seu *ethos* buscou ocultar sua impulsividade e agressividade diante das situações. Dessa forma, Bolsonaro apresentou um *ethos* mostrado a partir de uma vocalidade de um bem falar, em um monólogo previamente elaborado com o objetivo de situar sua elevada posição hierárquica, a presidencial. O seu tom de voz não foi forte e nem fraco, com uma dicção mais lenta e pausada, o que passou um efeito de controle de si e preocupação em ser entendido. Ao longo do pronunciamento, a única alteração em sua vocalidade se deu para reforçar o tom irônico ao falar “gripezinha ou resfriadinho”, demonstrando seu desprezo e ridicularizando a gravidade da covid-19, o que iremos detalhar mais à frente.

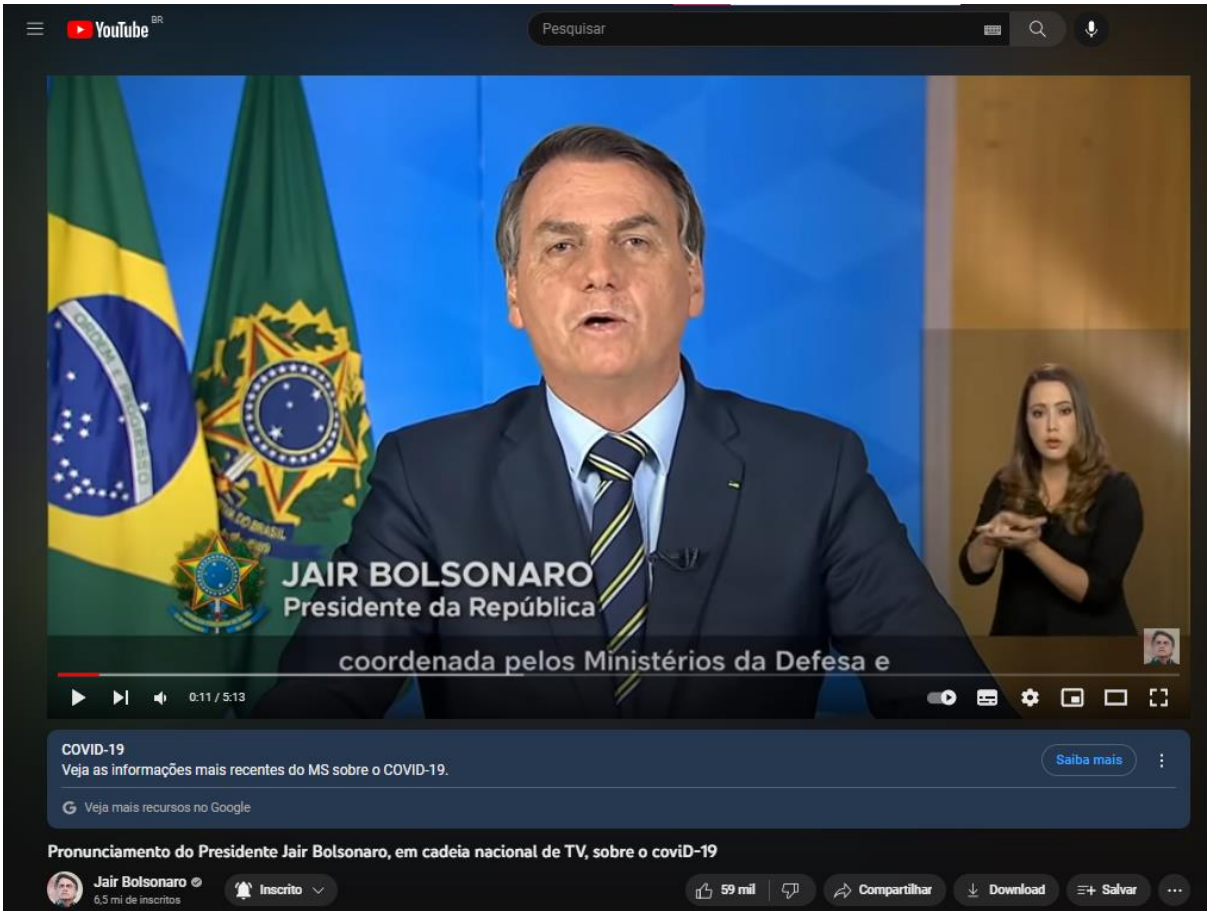
Essa maneira de falar do locutor vai ao encontro do fiador de chefe de Estado da cenografia constituída, afastando-se de seu *ethos* prévio de potência e virilidade, que foi constantemente acionado, devido ao seu falar forte recorrente em outras cenas genéricas compartilhadas massivamente com seus destinatários e que será analisado em outros

microdispositivos. É importante observarmos que essa estratégia pode gerar no interpretante um estranhamento e desconfiança de sua imagem de seriedade que o EUe presidente chefe de Estado buscou projetar.

A intenção da projeção de um *ethos* de seriedade se mostrou ainda a partir da formalidade materializada na escolha do terno mais escuro e neutro e a opção por um cenário com os símbolos nacionais. Alguns índices corporais e mímicos reforçaram uma imagem de seriedade, como a postura corporal mais rígida e firme, o olhar fixo em direção à câmera, logo, em direção ao destinatário, como se falasse diretamente a ele.

Antes da projeção do *ethos* dito no pronunciamento oficial, a cenografia validada e o *ethos* mostrado antecipam e constituem o *ethos* do enunciador de credibilidade, por meio de marcas na linguagem de seriedade citadas. Tal estratégia fortaleceu a figura e papel de chefe de Estado do enunciador.

Figura 11 – Presidente Jair Bolsonaro em pronunciamento oficial em cadeia de televisão e rádio



Fonte: Disponível em: https://l1nq.com/NTTwM. Acesso em: 5 jul. 2022.

5.2 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO

A partir do decreto do Ministério da Saúde de transmissão comunitária[27] do novo coronavírus em todo país, no dia 20 de março de 2020 (VALENTE, 2020), e o registro da primeira morte (SP REGISTRA..., 2020) pela doença em São Paulo, no dia 17 de março do mesmo ano, o pronunciamento em cadeia de rádio e televisão foi uma resposta discursiva a uma série de críticas ao presidente Bolsonaro, como a demora em adotar medidas efetivas de controle da epidemia no Brasil, a insistência em minimizar a gravidade da doença e o desrespeito pessoal às orientações técnicas das autoridades em Saúde (OMS, MS e pesquisadores), como distanciamento social e o uso de máscaras. As críticas partiram da imprensa, dos especialistas em saúde pública e de outros atores políticos. Manifestações da população como "panelaços" também foram registrados no dia 18 de março (SÃO PAULO, RIO..., 2020).

Em um discurso de justificação para contrapor as acusações de inércia de sua gestão e suas atitudes negacionistas, Bolsonaro listou as ações adotadas pelo seu governo e iniciou seu pronunciamento assumindo a preocupação com a transmissão da covid-19 no mundo e no Brasil, como segue no trecho (1), ao afirmar que o governo estava em alerta, representado pela figura de linguagem "sinal amarelo":

> (1) BOLSONARO (00:04): Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo.

O enunciador, ao afirmar que os 29 brasileiros que regressaram para o Brasil de Wuhan são "nossos irmãos" que foram "resgatados" pelos Ministérios da Defesa (MD) e das Relações Exteriores (MRE), busca evocar os *ethé* de virtude, humanidade e de salvador, ademais busca demonstrar que tais ações diante de um cenário de crise são conduzidas pela área militar do governo, o que aciona a confiança em sua base política do Partido da Ordem. Dessa

[27] A transmissão comunitária é uma modalidade de circulação na qual as autoridades de saúde não conseguem mais rastrear o primeiro paciente que originou as cadeias de infecção, ou quando esta já envolve mais de cinco gerações de pessoas. Ela difere dos casos importados (quando uma pessoa adquire o vírus em viagens ao exterior) e da transmissão local (quando alguém é contaminado por contato com alguém infectado em outro país). As situações de transmissão comunitária significam que o vírus está mais disseminado, demandando cuidados mais efetivos (VALENTE, 2020).

forma, projeta a imagem de um presidente patriota, fiel a seus cidadãos e benevolente, que, em um ato heroico, salva os brasileiros na China (e da China), de uma situação de perigo, vinculando o país asiático a um imaginário relativo à ameaça e ao medo do comunismo, com a intenção de acionar em parte da população afetos de alívio e segurança.

Bolsonaro continuou seu enunciado produzindo um discurso de justificação no enfrentamento à pandemia, ao listar as medidas tomadas, como podemos observar no trecho 2.

> (2) BOLSONARO (00:19): Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído. E, desde então, o Dr. Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas.

Antes de avançarmos com a análise, é importante pontuar que o *ethos* prévio de Bolsonaro não o validava com habilidades e competência técnica para que apresentasse propostas sanitárias para o controle da epidemia e do agravamento dos casos, por consequência das mortes em decorrência do novo coronavírus. Apesar da legitimidade do cargo que ocupava autorizar seu discurso, ele não tinha credibilidade por competência para enunciá-lo.

Portanto, distante e sem domínio do campo discursivo científico e das políticas em saúde, o presidente buscou associar seu *ethos* e fundamentar suas decisões ancorando-se na imagem crível do então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, construída em suas coletivas diárias, quando apresentava o cenário epidemiológico e medidas adotadas pelo MS.

Além de associar a imagem do presidente às medidas técnicas tomadas pelo ministro, Bolsonaro usou o pronome de tratamento “doutor” como adjetivo, uma qualificação para reforçar o papel de médico do gestor, que, no imaginário social, são os profissionais com maior grau de competência para lidar com uma crise sanitária. O protagonismo do então ministro provocou divergências políticas com o presidente, gerando discordância em relação às decisões e medidas adotadas pelo MS, gerando críticas da instância adversária a Bolsonaro. Estabelecer uma relação interdiscursiva, ao citar medidas adotadas pela Presidência a partir do que estava sendo feito pelo MS, pode ser uma tentativa de pacificar a relação tensa com Mandetta, demonstrando integração e alinhamento entre a Presidência e o MS.

Em suma, Bolsonaro tentou construir um *ethos* de competência e de um gestor eficiente, ao mostrar que o governo federal estabeleceu diálogo com os secretários de saúde e que isso levou às decisões e ações técnicas que resultaram em um “planejamento estratégico”,

“excelente trabalho”, “preparação do SUS” e “atendimento de possíveis vítimas”, negando, dessa forma, a acusação de inércia de seu governo frente à epidemia, com um discurso de justificação que aponta as medidas de seu governo alinhado ao MS.

5.3 ANÁLISE: DISCURSO POPULISTA E O MOVIMENTO DOS AFETOS

Os *ethé* de identificação no discurso em análise, principalmente os que sustentaram a imagem do locutor como um salvador perpassaram por efeitos pathemicos, ao buscar tocar o afeto do cidadão, encenando uma dramaturgia discursiva, em que o líder político denunciou uma situação em declínio e crise. Com a vulnerabilidade causada pela crise sanitária, as promessas que articularam emoções, que prometiam uma segurança fantasiosa e criavam inimigos imaginários em um confronto entre o “bem e o mal”, “nós contra eles”, tinham mais chances de influenciar a população e constituir um discurso populista, estratégia também articulada no discurso de justificação.

Em um discurso populista e de justificação, a primeira coisa que Bolsonaro fez foi buscar elaborar uma imagem de liderança política e chefe de Estado, ao se colocar diante do cidadão como o salvador na figura do “senhor da guerra”, que precisou enfrentar o desemprego causado pela histeria promovida pelos veículos de comunicação, conforme iremos analisar nos excertos (3) e (4).

> (3) Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o **pânico**, a **histeria** e, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para **salvar vidas e evitar o desemprego em massa**. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.
>
> (4) Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País. (grifos nossos).

A figura do “senhor da guerra” foi valorizada pela figura pathemica do medo, ao relatar uma possível crise econômica vindoura causada pelo desemprego, situação em declínio que precisaria ser enfrentada por um salvador. Além disso, o efeito de angústia em relação às mortes causadas pela pandemia foi deslocado discursivamente para o desemprego em massa.

Para compreendermos melhor como se deu esse deslocamento, é preciso analisar a cenografia constituída pelo enunciador na sequência (4), que engendrou o discurso em análise.

Em março de 2020, a Itália era o epicentro da epidemia do coronavírus. Sobrecarregando os serviços de saúde, as pessoas iam a óbito sem conseguir atendimento médico, devido ao agravamento rápido da doença, alta letalidade, transmissibilidade e ausência de leitos médicos disponíveis. Sendo assim, a cobertura dos veículos de comunicação se voltaram para o país europeu, o primeiro no ocidente a enfrentar a epidemia em nível crítico.

Considerando o momento (aumento de óbitos) e locais (Itália em comparação ao Brasil) que constituem na cenografia no trecho (4), Jair Bolsonaro buscou produzir o efeito da tópica de tranquilidade em relação à pandemia, que ela não era perigosa, ao criticar os veículos de comunicação por espalharem "uma sensação de pavor", tendo como argumento que o número de óbitos que ocorriam na Itália não iriam se repetir no Brasil, já que o país europeu tem um "grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso".

No mesmo trecho, identificou "os meios de comunicação" e a "mídia" como fontes do mal, isto é, os causadores de uma histeria e de um pavor desnecessário diante do "vírus", o que, por sua vez, iria gerar "desemprego em massa" e crise econômica. Tal estratégia teve a intenção de produzir um efeito pathemico de antipatia em relação à "mídia".

Os vértices do discurso populista estão postos: a dicotomia, as fontes do mal e o salvador. Discursivamente, Bolsonaro produziu uma dicotomia pathemica. Mobilizou, de um lado, o medo em relação à crise econômica e o "desemprego em massa" e, do outro, a pandemia, que, incrivelmente, o enunciador associou a uma tópica de tranquilidade. A dicotomia pathemica foi produzida pelo segundo vértice, que é a fonte do mal, representada pela "mídia", os "meios de comunicação" que criaram histeria e pavor, causadores da crise econômica. Para enfrentar a mídia, Bolsonaro se colocou como a liderança política, o chefe de Estado, o salvador que iria conter o "pânico" e a "histeria", "contra tudo e contra todos". Os vértices aqui apontados foram apresentados no início do pronunciamento presidencial e serão desenvolvidos e aprofundados ao longo deste trabalho.

5.4 ANÁLISE: DICOTOMIA ENTRE A CRISE ECONÔMICA X CRISE SANITÁRIA

Baseada em uma dicotomia pathemica, Bolsonaro estabeleceu uma dicotomia dos afetos entre as crises econômica e sanitária. Em uma inversão de valores e afetos, a gravidade e os efeitos pathemicos da crise sanitária foram deslocados para a crise econômica, como representada no trecho (3), em que o locutor optou pelo uso positivo da expressão "salvar vidas"

para levar à tópica tranquilidade, em vez de fazer uso da expressão “evitar mortes”, o que poderia gerar efeitos negativos, ainda mais com as projeções dos epidemiologistas que a covid-19 levaria a mais de 200 mil mortes no Brasil.

Já a expressão “evitar o desemprego em massa” associada à crise econômica, por meio da figura do medo, poderia produzir o efeito de angústia. A locução adjetiva “em massa” tornou o desemprego muito maior e abrangente, reforçando ainda mais o medo e a angústia nas pessoas, pois sua sobrevivência como cidadão consumidor foi associada à capacidade produtiva. Ou seja, o desemprego “em massa” pode representar a morte do indivíduo e da sociedade, além de prejuízos para as forças produtivas.

Para parte de sua base política ultraliberal, antagônica à solidariedade social estatal, os universos de sentidos são polarizados e Estado e mercado são postos como contraditórios, tendo aversão a qualquer laço de solidariedade social. Dessa forma, a crise econômica foi muito mais ameaçadora para sua base política que uma crise sanitária. E disso o enunciador Bolsonaro sabia. Qualquer orientação de redução da circulação e contato entre as pessoas, como uma ação de prevenção, foi vista como restrição e ameaça à liberdade, principalmente em relação à “liberdade econômica”. A liberdade para sua base política é um valor universal, constitucional e indiscutível.

Portanto, na dramaturgia discursiva, o quadro de crise social encenado não foi a pandemia, e sim a crise econômica, causada pelo “pânico” e “histeria” produzidos pelos veículos de comunicação, representados pelo mote “fique em casa”. Para minimizar os efeitos pathemicos negativos, a gravidade da doença foi relativizada em detrimento do “desemprego”.

5.5 ANÁLISE: AS FONTES DO MAL E OS CAUSADORES DA CRISE

Para se ter um salvador, é necessário um mal a combater. Ainda no trecho (3), para projetar um *ethos* de chefe, o enunciador se apoiou na figura do salvador em uma enunciação elocutiva (“tínhamos que conter naquele momento”, “Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos”), ao se referir à imprensa, posta pelo enunciador em uma instância adversária que deveria ser “contida” por propagar pânico e histeria. A figura do salvador foi acionada quando o enunciador justificou seu posicionamento (“contra tudo, contra todos”) em prol de “estratégias para salvar vidas e evitar o desemprego”.

Após o trecho (4), em que o enunciador acusou a imprensa de espalhar “pavor” e “histeria”, Bolsonaro a parabenizou por pedir “calma e tranquilidade”. Ou seja, quando a imprensa noticia fatos referentes ao coronavírus, está espalhando “pavor”, atentando contra o “equilíbrio” e a “verdade” (5), como segue a seguir:

> (5) Contudo, percebe-se que de ontem para hoje parte da imprensa mudou o seu editorial: pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom, parabéns, imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós.
>
> (6) O **vírus** chegou, está sendo enfrentado por nós e **brevemente passará**. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade.
>
> (7) Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. (grifos nossos).

Ao incutir à imprensa o papel de disseminadores de “histeria”, “pavor” e “pânico”, ele torna improcedente e desqualifica as críticas, rejeitando as denúncias, invertendo papéis e valores. Da mesma forma, Bolsonaro elaborou em seu enunciado que os governadores e prefeitos eram fomentadores da “terra arrasada” (7), que, no imaginário político, é aquele agente público que atua sempre como oposição para destruir qualquer coisa que possa ser proveitosa ao inimigo.

Assim, a partir do enunciado “algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa”, Bolsonaro vinculou as medidas de prevenção a uma tópica de angústia, com o uso dos léxicos que figuram o medo, como “proibição”, “fechamento” e “confinamento”, o que levaria ao “desemprego em massa”. Medo e angústia causados pelas decisões tomadas pelas “autoridades estaduais e municipais”.

A imagem do “senhor da guerra” integra o *ethos* prévio do presidente, visto seu histórico militar. Ele é discursivamente reforçado por Bolsonaro, ao fazer declarações que polarizem o campo político e transformem o adversário (imprensa e agentes políticos) em um inimigo contra o qual é preciso lutar. Dessa forma, os causadores das mortes e da crise econômica não era a pandemia, e sim a instância adversária política, que estava causando o “pânico” e a “histeria”, como foi representado discursivamente nas sequências (4) e (7).

5.6 ANÁLISE: SIGA O LÍDER “A VIDA TEM QUE CONTINUAR”, “É SÓ UMA GRIPEZINHA”

Para gerar um possível efeito de tranquilidade e segurança na população, apesar da alta mortalidade por covid-19, em um contexto em que não havia vacinas e muito menos medicamentos comprovados cientificamente, a pandemia foi reduzida a um “vírus”, ou seja, a algo invisível a olho nu e que “brevemente passará” (6).

Fazendo uso desse efeito de tranquilidade e segurança, o enunciador exerceu seu *ethos* de chefe, no trecho (6), ao ordenar à população que “a vida tem que continuar”, “os empregos devem ser mantidos”, “o sustento das famílias preservado”, e que as pessoas precisariam “voltar à normalidade”, negando discursivamente a existência e as mortes causadas pela epidemia. Em uma inversão da relação de causa e consequência, as medidas de prevenção para evitar a transmissão da doença foram postas como a causa de um possível desemprego e de uma crise econômica.

5.7 ANÁLISE: *ETHOS* DE SALVADOR DO MERCADO X *ETHOS* DE DESUMANIDADE E INDIFERENÇA

O presidente posicionou-se em favor da manutenção dos empregos, associado aos valores de “verdade” e “equilíbrio” (5), como uma razão superior para justificar todas as medidas que adotou e que desrespeitaram as orientações para evitar a circulação do vírus da covid-19. A razão superior era o próprio mercado e sua lógica de operacionalização, que vai ao encontro da base política econômica que elegeu Bolsonaro, o que reforçou sua legitimidade. Seus adversários – governadores, prefeitos e imprensa – passaram a ocupar, no enunciado de Bolsonaro, o lugar de uma elite causadora da crise, enquanto o presidente era o salvador que determinava que “a vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado”; era preciso voltar à “normalidade”, como se não estivéssemos vivendo uma crise sanitária.

Em um momento em que as pessoas estavam morrendo, o presidente, ao eleger como uma razão superior o mercado e a manutenção de empregos em detrimento da vida, pode constituir um *ethos* de indiferença e até mesmo de desumanidade, sobretudo por parte daqueles que não são favoráveis ao mandatário. Já a sua base de apoio, formada principalmente por

empresários, devido a seus interesses econômicos, percebem-no como um salvador diante de uma crise fabricada pela imprensa e pelos adversários políticos de Bolsonaro. Como cronologicamente esse é o primeiro vídeo em nossa análise, essa identidade discursiva irá constituir o *ethos* prévio de Bolsonaro nas análises seguintes.

Ainda para reforçar a tópica de tranquilidade e segurança diante da crise sanitária, além de reduzir uma pandemia de escala mundial a um vírus de proporção microscópica negando sua gravidade, o presidente produziu uma série de justificativas em seu pronunciamento para relativizar a doença, tratando-a como "histeria" e "pavor", como se lê nos trechos a seguir:

> (8) O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde.
>
> (9) No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

Em um esforço para normalizar a letalidade e mortalidade da covid-19 e gerar uma tópica de tranquilidade e serenidade em relação à pandemia, o presidente afirmou de forma impessoal seu próprio ponto de vista, por meio de uma enunciação delocutiva que o "grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos", que "raros são os casos fatais de pessoas com menos de 40 anos de idade" e que "90% das pessoas não teriam qualquer manifestação da doença caso se contamine" (8).

A enunciação delocutiva em terceira pessoa foi posta por Bolsonaro como uma voz da verdade que não dependia dele. A delocução o fez portador de uma verdade, como se fosse uma figura soberana, ao estabelecer quais são as medidas certas a serem adotadas, fundamentado seu discurso de justificação. Em novembro de 2022, a situação epidemiológica em Minas Gerais desmente as declarações do presidente, quando18,68% das pessoas que tiveram covid-19 não só tiveram sintomas, mas precisaram ser hospitalizadas, e mais de 3.000 pessoas com menos de 40 morreram em decorrência da doença.

Ao longo da sequência (8), o enunciador reforçou sua preocupação com a crise econômica em detrimento das mortes que poderiam ocorrer. Baseado nessa voz da verdade, Bolsonaro questionou as medidas sanitárias de prevenção, como o distanciamento social, que

fez com que as aulas passassem a ser realizadas de forma remota (“Então por que fechar escolas?”).

O uso do verbo “fechar” pode ter um efeito negativo de angústia em mães e pais com filhos em idade escolar, como se não houvesse a possibilidade de aulas em modalidade não presencial e o ano letivo tivesse que ser obrigatoriamente interrompido, visto que as escolas estão fechadas. Por consequência, um efeito de antipatia pode também ser produzido em relação àqueles considerados responsáveis pela decisão de “fechar as escolas”, decisão tomada por alguns governos estaduais e municipais para evitar aglomerações em locais fechados e preservar o distanciamento social.

5.8 ANÁLISE: *ETHOS* DE POTÊNCIA

Apesar de Bolsonaro ser considerado grupo de risco, por ter mais que 60 anos, como forma de gerar uma sensação de normalidade em relação à situação epidemiológica no país, ele buscou produzir em seu enunciado um *ethos* de potência, ao afirmar no trecho (9) que, caso tivesse a doença, não teria que se preocupar, pois “nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”.

Uma das imagens mais exploradas por Bolsonaro é o seu *ethos* de potência, sendo ele já esperado em seus pronunciamentos. Não foi diferente durante a crise sanitária, em que ele exaltou sua força a partir do seu corpo e “histórico de atleta”, que não se abalaria caso fosse contaminado pela covid-19. Dessa forma, ele associou a imagem de fraqueza àqueles que tivessem a doença e morressem ou adquirissem sua forma grave e precisassem de respiradores para conseguir se manter vivos, justificando, dessa maneira, a ausência de ações de vigilância epidemiológicas e até mesmo incentivando a não adoção de medidas preventivas, ao vinculá-las à demonstração de vulnerabilidade.

5.9 ANÁLISE: “É SÓ UMA GRIPEZINHA” E “CLOROQUINA” E O *PATHOS* DE ESPERANÇA E TRANQUILIDADE

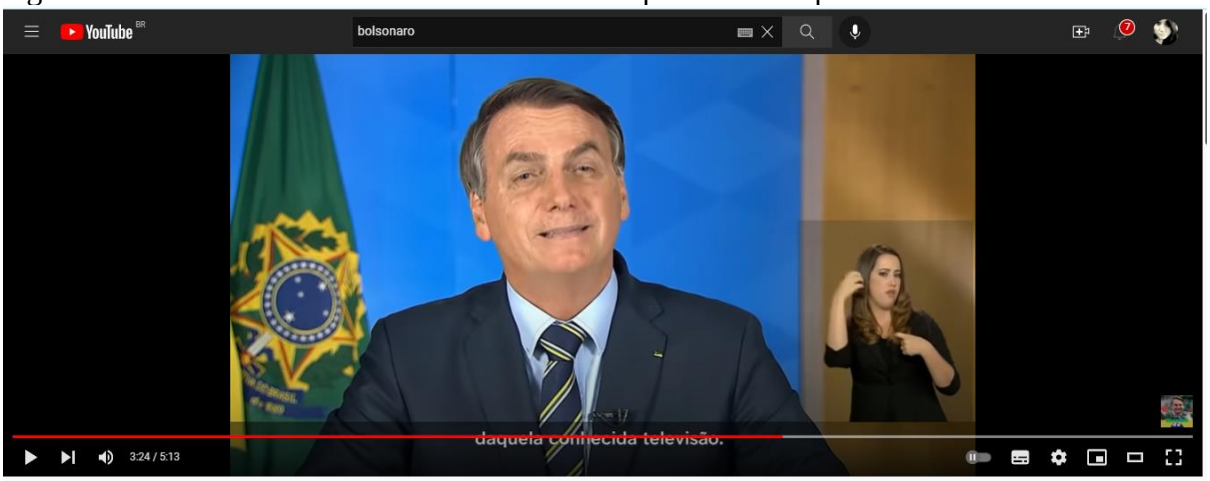
Ainda nesse trecho é importante observarmos o índice corpóreo do enunciador e como ele se relaciona com os índices verbais. Apesar de se manter com uma expressão predominantemente séria em todo o pronunciamento, no trecho (9), o enunciador sorriu

levemente com uma expressão de ironia, ao citar o médico Drauzio Varella e a *Rede Globo de Televisão*, quando se referiu ao “conhecido médico, daquela conhecida televisão”, de forma a ridicularizar, criticar e invalidá-los.

Figura 12 – Bolsonaro mantém a expressão mais séria durante todo o pronunciamento oficial até a imagem a seguir

Fonte: Disponível em: https://l1nq.com/NTTwM. Acesso em: 5 jul. 2022.

Figura 13 – Bolsonaro nesse trecho muda a sua expressão séria para um sorriso irônico



Fonte: Disponível em: https://l1nq.com/NTTwM. Acesso em: 5 jul. 2022.

Para justificar seu posicionamento acerca da gravidade da pandemia e a ausência de medidas mais austeras, o presidente minimizou os sintomas da covid-19, e o fez

discursivamente, ao se referir a um depoimento do médico Drauzio Varella e ao chamar o novo coronavírus de “gripezinha”, em um contexto em que pouco se sabia sobre a doença (“quando muito, serei acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão”). Tratar com ironia e resgatar uma afirmação descontextualizada do médico na *Rede Globo* como forma de apontar falsas contradições são estratégias enunciativas para esvaziar a credibilidade da imprensa, contribuindo para a construção que Bolsonaro fez dela, como a propagadora de histeria.

No trecho (9), a tópica de esperança foi produzida a partir de um medicamento não comprovado cientificamente para o tratamento da covid-19, a cloroquina, que mesmo em fase de testes já era anunciada em cadeia nacional pelo presidente da República como tratamento para a doença:

> (10) Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite**.**
>
> (11) Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença.

Mesmo sem comprovação científica da eficácia da cloroquina no tratamento de casos da covid-19, Bolsonaro se apoiou na imagem de duas instituições de saúde com credibilidade, a *Food and Drug Administration* (FDA), que é a agência reguladora ligada ao departamento de saúde do governo norte-americano, e o Hospital Israelita Albert Einstein, para justificar e produzir um efeito de verdade e confiança quanto ao uso do medicamento para o tratamento dos casos individuais do coronavírus.

A cloroquina foi apontada como um remédio para a doença e para a pandemia, logo, para a crise econômica, o que promoveu um efeito pathemico de tranquilidade e calma para a população. A espinha dorsal que Bolsonaro defendeu em seu pronunciamento foi a encenação de calma e tranquilidade, por meio do uso da cloroquina, que se tornou a justificativa para o presidente defender a não adoção das principais medidas de contenção da epidemia naquele momento, como distanciamento social, que, segundo o enunciador, iria provocar o desemprego em massa. A esperança foi reforçada por Bolsonaro pela fé, ao invocar Deus para capacitar “cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença” (10).

5.10 ANÁLISE: *ETHOS* DE HUMANIDADE?

Após as críticas por sua indiferença às mortes em decorrência da pandemia e em uma tentativa de demonstrar um *ethos* de humanidade, o presidente rendeu homenagens aos profissionais de saúde que atuaram nos serviços de saúde. Nesse sentido, buscou demonstrar sentimentos e compaixão, como segue:

> (12) Aproveito para render minha homenagem a todos os profissionais de saúde - médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores - que na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam.
>
> (13) Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos. Deus abençoe nossa Pátria querida.

Se as homenagens aos profissionais de saúde foi uma tentativa de humanizar a imagem de Bolsonaro, de certa forma elas podem substituir e apagar o silêncio presidencial diante das mortes e do sofrimento da população que só aumentavam, o que pode ser interpretado como indiferença à tragédia das mortes que acontecia ou aconteceriam no país. É uma forma de negar as mortes por epidemia de coronavírus no Brasil.

5.11 ANÁLISE: GUIA SUPREMO E O *PATHOS* DA ESPERANÇA

Por meio de uma enunciação elocutiva em primeira pessoa, acompanhada do verbo "venceremos", para denotar compromisso, Bolsonaro projetou uma figura de guia supremo. A figura do chefe soberano foi reforçada ao apontar para um futuro em que o "vírus" seria "vencido", e os brasileiros teriam "orgulho" de um "novo Brasil", acionando o imaginário de soberania associado ao religioso.

A tópica de esperança ao final do pronunciamento e as figuras de guia supremo buscaram dar à sua imagem um caráter divino, um "pai" e "inspirador do espírito" ("Deus abençoe nossa Pátria querida"), ao mesmo tempo em que se colocou como um chefe em defesa da pátria, resgatando valores nacionalistas e de soberania ao "novo Brasil", à "grande nação" e se amparando em uma modalidade de convicção ("acredito em Deus").

5.12 QUADRO RESUMO: PRONUNCIAMENTO EM REDE DE TELEVISÃO E RÁDIO

Cena Englobante: Discurso Político **Cena Genérica: Comunicação pública e governamental** **Microdispositivo: Pronunciamento do presidente da República em cadeia de rádio e televisão** **Data: 24/3/2022**	
Ethé mostrado	*Ethos* de sério => produzir credibilidade Tom de seriedade, comedido, elocução serena, firme, bem falar, efeito de controle de si, figurino neutro, cenário oficial, postura rígida, olhar fixo em direção à câmera. Contrapor o *ethos* prévio de agressividade, potência e virilidade, necessário em um contexto social de insegurança e vulnerabilidade.
Ethé dito	Discurso de justificação => *Ethos* de virtude Presidente patriota, fiel a seus cidadãos e benevolente, que em um ato heroico, salva os brasileiros na China (e da China – imaginário anticomunista), de uma situação de perigo, produziu afetos de segurança e alívio, figura de um salvador baseado na virtude. Discurso de justificação => *Ethos* de gestor competente Relação interdiscursiva com vocabulário técnico em saúde e de gestão para contrapor o *ethos* prévio de um não especialista em saúde. Imaginário do "doutor". Lista as ações realizadas pelo governo federal. *Ethos* de chefe => figura do salvador e "senhor da guerra" Liderança política que irá lutar contra o inimigo (desemprego causado pela histeria, por sua vez, promovida pelos meios de comunicação). Conter o pânico e a histeria, contra tudo e contra todos. Siga a ordem do líder, "a vida tem que continuar" para a "redenção". *Ethos* de chefe => figura do guia supremo Aponta para o futuro: o "vírus" será "vencido", e os brasileiros terão "orgulho" de um "novo Brasil", acionando o imaginário de soberania nacionalista associado ao religioso. *Ethos* de desumanidade => salvador do mercado (não eleitores) Mercado como razão superior, restabelecer a economia, os empregos devem ser mantidos, o sustento das famílias deve ser preservado, e que é preciso voltar à "normalidade". *Ethos* de potência Histórico de atleta, em oposição à imagem de fraqueza daqueles que têm a doença e morrem ou os que têm a forma grave e precisam de respiradores para conseguir se manter vivos, justificando a ausência de ações de vigilância epidemiológicas e até mesmo incentivando a não adoção de medidas preventivas, ao vinculá-las à demonstração de vulnerabilidade. *Ethos* de humanidade

Cena Englobante: Discurso Político **Cena Genérica: Comunicação pública e governamental** **Microdispositivo: Pronunciamento do presidente da República em cadeia de rádio e televisão** **Data: 24/3/2022**	
	Homenagens aos profissionais de saúde, silêncio presidencial diante das mortes e do sofrimento da população que só aumentavam, o que, de forma não explícita, pode produzir um *ethos* de indiferença.
Efeitos pathemicos	Angústia e medo => desemprego em massa, crise econômica e medidas de prevenção Proibição, confinamento, desemprego em massa, fechar escolas, ameaça à liberdade econômica. Tranquilidade => pandemia e crise sanitária A pandemia é uma histeria, pavor desnecessário. O vírus logo passará, é preciso voltar à normalidade. Reduziu uma pandemia de escala mundial a um vírus de proporção microscópica. Relação interdiscursiva com a ciência – "não atinge pessoas com menos de 40 anos", "raros são os casos fatais de pessoas com menos de 40 anos de idade" e que "90% das pessoas não teriam qualquer manifestação da doença caso se contamine", "gripezinha" (tom irônico). Esperança => cloroquina Aciona a fé pessoal ao invocar Deus para capacitar "cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença". Efeito de verdade e confiança ao mencionar a agência reguladora do governo norte-americano e o Hospital Israelita Albert Einstein para justificar a não adoção das principais medidas de contenção da epidemia. Antipatia => mídia Fonte do mal, causadora de histeria e responsável por espalhar o pavor e pânico. Atipatia => Governadores e prefeitos Imaginário de terra arrasada. Simpatia => Bolsonaro Atua em nome da verdade, equilíbrio, projeta a imagem de salvador.
Relações interdiscursiva	POLÍTICA X POLÍTICA ● Reponde as críticas da imprensa, especialistas em saúde e adversários políticos => discurso de justificação ● Cita o trabalho do MS => pacificar relação conflituosa politicamente ● Reforça o imaginário ultraliberal A crise econômica é muito mais ameaçadora para sua base política que uma sanitária. Prevenção (restrição de circulação para evitar aglomerações) pode ser vista como ameaça à liberdade, principalmente à "liberdade econômica". ● Traz o imaginário terra arrasada => antipatia a governadores e prefeitos. ● Fomenta o medo do comunismo => resgate na China (da China).

Cena Englobante: Discurso Político **Cena Genérica: Comunicação pública e governamental** **Microdispositivo: Pronunciamento do presidente da República em cadeia de rádio e televisão** **Data: 24/3/2022**	
	POLÍTICA X RELIGIÃO ● Traz o imaginário religioso Aciona a fé pessoal, ao invocar Deus para capacitar "cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura da covid-19". ● Fomenta o imaginário religioso-nacionalista Aciona a tópica de esperança ao final do pronunciamento e as figuras de guia supremo, por meio da imagem de um ser divino, um "pai" e "inspirador do espírito" ("Deus abençoe nossa Pátria querida"), ao mesmo tempo em que se coloca como um chefe em defesa da pátria, resgatando valores nacionalistas e de soberania que irá liderar o país ao "novo Brasil", à "grande nação" e se amparando em uma modalidade de convicção, "acredito em Deus". POLÍTICO X CIÊNCIA Relação interdiscursiva com a ciência => produzir efeito de tranquilidade "Não atinge pessoas com menos de 40 anos", "raros são os casos fatais de pessoas com menos de 40 anos de idade" e que "90% das pessoas não teriam qualquer manifestação da doença caso se contamine".

6 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS ENUCIATIVAS: ENTREVISTAS JORNALÍSTICAS

> Já não havia então destinos individuais, mas uma história coletiva que era a peste e sentimentos compartilhados por todos. (CAMUS, 1958/2019, p. 145).

6.1 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO PARA AS "MASSAS" QUE GOSTAM MUITO DO PRESIDENTE

Assim como no pronunciamento político oficial analisado anteriormente, parte do vídeo em análise *Dois dedos de prosa*, do *Programa do Ratinho* (SBT)" foi uma resposta aos enunciados circulantes de outros atores políticos que estavam assumindo um protagonismo discursivo (governadores e o ministro da Saúde), em um contexto de insegurança provocado pelas primeiras confirmações de casos de covid-19 no Brasil.

Para se justificar e rebater as críticas relativas à condução da crise sanitária, sobretudo após a participação de Bolsonaro em atos de apoiadores que provocou a aglomeração de uma multidão em frente ao Palácio do Planalto no dia 15 de março, o presidente da República passou a ceder entrevistas para veículos de comunicação e entrevistadores que estivessem alinhados às políticas defendidas por ele, com o objetivo de legitimar e conseguir adesão do público a suas decisões.

Por se tratar de veículos de comunicação alinhado politicamente ao governo federal, o enunciador adotou um tom de intimidade com o apresentador Ratinho, chegando até mesmo a ser amistoso e sorridente, com uma postura firme, mas sem ser rígida, o que o tornou mais popular, aproximando-se de uma figura de salvador. A vocalidade foi relaxada, com mais efeitos oratórios e espaços para narrativas e metáforas com efeitos pathemicos, tornando mais acessíveis os temas tratados, ao aproximá-los da população. Adotou ainda um vocabulário técnico-científico, o que acionou um *ethos* de credibilidade, e outro bélico, para demonstrar o seu papel de liderança por meio do *ethos* de chefe, na figura do "senhor da guerra". O figurino formal, sóbrio em tons neutros, e o cenário da entrevista em um espaço oficial deram seriedade para os *ethé* de chefe e de competência.

A primeira pergunta do entrevistador descreveu a identidade dos parceiros na situação de comunicação, na cena englobante do discurso político em uma cena genérica de entrevista jornalística-política em um veículo televisivo. No papel de entrevistado, temos o

presidente da República, Jair Bolsonaro, e no de entrevistador, Ratinho. Já na outra ponta, apesar de a televisão ser um veículo de comunicação para o público em geral, projeta-se que o auditório de um programa popular (STYCER, 2021), como o do *Programa do Ratinho*, seja de um público da classe econômica C, predominantemente acima de 35 anos e que "gosta muito" do presidente. Segundo o próprio apresentador, mesmo os que não gostam querem saber como o governo federal irá conduzir a crise sanitária, como grifado no trecho (1):

> (1) **RATINHO (0:11):** presidente Bolsonaro, muito obrigado por nos receber aqui. Nosso programa é um programa popular, mas um programa que tem um (1.1) **público grande que gosta muito do senhor**. **E além, tem aqueles que também não gosta mais que assiste o programa e querem saber - o que que nós vamos fazer nessa crise.**
>
> Presidente, o mundo está passando por uma grave crise com a pande, com essa pandemia do coronavírus, né? O que o governo tá, como é que o governo tá fazendo para segurar essa barra?
>
> **BOLSONARO (0:39):** Olha, o primeiro caso no Brasil apareceu no final de fevereiro, tá? E até lá estávamos esperando tudo acontecer. O grande sinal de alerta para nós foi quando nós fomos buscar algumas dezenas de brasileiros que estavam lá no interior da China. Houve uma operação de guerra praticamente, coordenado pelo Ministério da Defesa. E ali acendeu a luz amarela para nós.
>
> (1.2) Então qual é a missão nossa? Nós vamos passar por isso, nós iríamos passar por isso. A primeira missão, é não levar o pânico, a histeria. O que que podemos fazer e todos os Ministérios aqui, Ratinho, como você já foi parlamentar e como eu fui, **deve lealdade ao povo e ao seu presidente e não a partido político.** Então todos começaram a trabalhar nesse sentido, aguardando chegar o dia D, como agora chegou, chegou o dia D. (grifos nossos).

A primeira pergunta foi sobre a forma que o governo iria segurar a "barra da pandemia do coronavírus". Na resposta, nenhuma política pública de saúde foi citada por Bolsonaro para evitar as mortes. Ao contrário, a pandemia foi relativizada, descrita como "histeria" e "pânico", naturalizando as mortes como um acontecimento inevitável, com a afirmativa "nós vamos passar por isso, nós iríamos passar por isso", silenciando a gravidade da pandemia no Brasil.

Portanto, se discursivamente o enunciador projetou que as mortes e internações por agravamento da covid-19 era "histeria" e "pânico" como um fenômeno natural da vida, da mesma maneira, foi esvaziada a responsabilidade do gestor do governo federal em tomar decisões e conduzir ações para reduzir ou evitar as mortes pela pandemia. Naturalizar um fenômeno social e epidemiológico foi uma forma de reelaborar novos sentidos para representar a gravidade da epidemia no Brasil e silenciar as responsabilidades da Presidência da República.

De forma mais direta, o enunciador já colocou logo de início a hipótese de que a pandemia não passava de uma histeria, que não exigia ações em saúde de contenção da crise.

6.2 ANÁLISE: *ETHOS* DE CHEFE, AS FIGURAS DO GUIA SUPREMO E "SENHOR DA GUERRA"

Também nesse trecho (1.2), Bolsonaro buscou evocar o *ethos* de chefe quando se dirigiu aos cidadão, ao público telespectador do programa ("Então qual é a missão nossa?"), principalmente àqueles que já eram seus eleitores. Acionou as figuras do guia supremo ao afirmar que a missão do governo federal era "não levar o pânico, a histeria", ou seja, conduzir a população para superar o cenário de caos, como o salvador diante da situação de crise.

A figura de comandante, de "senhor da guerra" foi acionada por meio da representação da pandemia como uma batalha, com o uso conotativo do "Dia D", para expressar um momento de urgência e decisivo no cenário epidemiológico. A conotação "operação de guerra" realizada pelo MD, em conjunto com o MS, para ilustrar a repatriação de brasileiros na China, descolou do âmbito da Saúde as ações para lidar com a pandemia no Brasil e transferiu para a competência da segurança pública, como uma guerra fosse, esvaziando, assim, o sentido de salvar vidas para o de lidar com as mortes que são próprias de uma guerra, essas inevitáveis e naturalizadas discursivamente. Além disso, devido à disputa pela liderança e espaço político no imaginário, Bolsonaro procurou fortalecer o seu *ethos* de chefe, fundamentando-se na figura do "senhor da guerra", mesmo em um cenário social e epidemiológico que demandava um protagonismo do MS.

6.3 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICATIVA EM NOME DO POVO

O presidente sustentou ainda seu *ethos* e sua legitimidade fiando-se em valores como a soberania do povo, ao afirmar que a classe política (ministros e parlamentares) devia "lealdade ao povo e ao seu presidente e não a partido político", em uma tentativa de persuadir seus interlocutores de sua legitimidade baseada na soberania para a condução da crise sanitária que assolava o país.

É importante problematizarmos aqui o que é "povo" para Bolsonaro e como ele fez uso dos vários sentidos possíveis. Estratégia característica de lideranças populistas, o povo a que o enunciador se refere não é o povo cidadão, sujeito de direitos, mas um povo concreto,

material, o “cidadão de bem” – seu eleitor, que é posto em oposição ao povo cidadão, contra o qual é preciso lutar. Associado a esse entendimento, Bolsonaro apelou à totalidade de um povo com se ele fosse homogêneo, com uma única vontade e necessidade, e usou esse apelo como se fosse o único método democrático de fazer valer sua soberania, buscando deslegitimar a soberania dos demais representantes políticos que não estão alinhados às decisões dele, pois não seguem a vontade popular. A figura da soberania projetou o *ethos* de chefe para acima dos conflitos e disputas, próprias de regimes antidemocráticos.

Ao citar que a classe política deve “lealdade ao povo e ao seu presidente”, o enunciador estabeleceu uma relação interdiscursiva em resposta ao ministro da Saúde, Luiz Mandetta e ao governador de São Paulo, João Doria, que ganhavam protagonismo na gestão das ações em saúde, no mês de março de 2020, o que gerou conflitos e disputas políticas, já que estes se orientavam a partir de recomendações técnicas das autoridades em saúde e da comunidade científica, em detrimento das determinações de Bolsonaro.

6.4 ANÁLISE: MOVIMENTO DOS AFETOS DE TRANQUILIDADE E SEGURANÇA, *ETHOS* DE COMPETENTE E INTERDISCURSIDADE COM A CIÊNCIA

No trecho a seguir (2), após posicionar seu *ethos* de chefe ancorado nas figuras de soberania e de comandante “senhor da guerra”, o presidente buscou associar a covid-19 à tópica da tranquilidade, de forma equivocada e contrária aos dados científicos. Em uma enunciação elocutiva, com o uso do pronome “você”, o enunciador colocou o interlocutor em um papel de uma pessoa imune ao coronavírus, “você já pode ter sido contaminado em dezembro, em janeiro, e era assintomático, não deu nenhuma coriza nada em você, e você agora tá aí como um elemento tranquilo, que pode o cara vir tossir na tua cara que não tem problema nenhum”, como segue:

> (2) **Ratinho (1:37):** Começou a chegar.
>
> **BOLSONARO (0:39):** Então a primeira coisa, nós temos que **alongar a curva da contaminação.** Você já pode ter sido contaminado em dezembro, em janeiro, e era assintomático, não deu nenhuma coriza nada em você, e você agora tá aí **como um elemento tranquilo,** que pode o cara vir tossir na tua cara que **não tem problema nenhum**. Assim é mais da metade do povo.
>
> (2.1) Então qual é a separação? Alongar e alongar por que? Em especial para atender os idosos, que são os mais propensos a contrair o vírus e ter, realmente, um agravamento dos outros problemas que ele tem. Eu tô, depois de amanhã, eu faço 65

> anos de idade. Diferente dos meu filho, que tem 40, e do teu, que talvez você com essa idade aí.
>
> (2.2) Então é essa é a nossa missão, acalmar a população. Por exemplo, **eu sou o chefe de Estado**. **Eu tenho que dar exemplo**, eu não tenho que ficar escondido aqui, com meu atendimento médico vip, de primeira, e deixar o povão para lá. Eu tenho que tá, no meu entender, sempre que possível ao lado do povo brasileiro. (grifos nossos).

Apesar de seu *ethos* prévio não o legitimar como competente discursivamente para enunciar quem está imune ou não à covid-19, Bolsonaro, por meio de uma relação interdiscursiva, fez uso de um vocabulário técnico na tentativa de construir um *ethos* de competência a respeito do tema. Os conceitos de "alongar a curva da contaminação" e "assintomático" foram apresentados de forma imprecisa cientificamente, reelaborados, com objetivo de produzir novos sentidos. Por terem um tom técnico e serem utilizados pelo presidente da República, tais termos tiveram efeito de verdade.

Fazendo uso de um *ethos* de competência que se ancora em termos técnicos epidemiológicos traduzidos do discurso científico, Bolsonaro tentou manter mobilizado o afeto de tranquilidade da população em relação à pandemia, como no trecho (2.1), em que, por meio do interdiscurso polêmico, o presidente reforçou a ideia de que a covid-19 é uma doença que não acometia pessoas novas, deixando intencionalmente à margem uma série de informações.

Tal estratégia persuasiva pathemica tem como objetivo a adesão da população às medidas de isolamento vertical[28] (QUAL A DIFERENÇA..., 2020), em que somente pessoas do grupo de risco – idosos e pessoas com doenças com comorbidade ficariam isoladas em casa. Jovens e pessoas saudáveis poderiam circular sem restrições. Porém, foi omitido por ele que a OMS era contra o isolamento vertical, já que jovens saudáveis poderiam, sim, contrair e transmitir a doença para um grupo mais vulnerável, aumentando a taxa de transmissão.

6.5 ANÁLISE: *ETHOS* DE CHEFE DE ESTADO, TUDO EM NOME DA SOBERANIA

Após mobilizar o afeto de tranquilidade quanto à gravidade da covid-19, ao afirmar que a doença era inevitável e que a maioria assintomática não transmitiria o vírus (2.2), Bolsonaro fez uso de enunciações elocutivas "eu sou o chefe de Estado", "eu tenho que dar o

[28] No isolamento vertical, apenas as pessoas do grupo de risco ficam em casa. No caso da covid-19, o grupo de risco é formado por idosos e pessoas com diabetes, hipertensão (pressão alta), problemas cardíacos, obesidade e outras doenças que afetam os sistemas respiratório, imunológico ou neurológico. Nesse caso, jovens e saudáveis poderiam circular normalmente. Durante muito tempo da pandemia da covid-19, a OMS foi contra essa forma de isolamento, uma vez que os jovens podem contrair e transmitir a doença para os mais vulneráveis e o número de contaminados pode aumentar rapidamente (QUAL A DIFERENÇA..., 2020).

exemplo", "eu não tenho que ficar escondido aqui". O presidente se colocou em cena na entrevista, reforçando sua imagem de chefe e acionando a figura de soberania do povo, "eu tenho que tá, no meu entender, sempre que possível ao lado do povo brasileiro", com o intuito de justificar seu comportamento e garantir adesão dos destinatários ao não cumprimento das medidas preventivas, como o isolamento e o distanciamento social, recomendadas naquele momento pela OMS para reduzir a transmissão e "achatar a curva" epidemiológica.

A despeito do MS orientar a população para que evitasse aglomerações e mantivesse o distanciamento social para dificultar a transmissão da SARS-Cov-2, no dia 15 de março de 2020, uma série de atos de apoio ao governo Bolsonaro ocorreram em várias cidades no Brasil, como Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Pará (CIDADES BRASILEIRAS..., 2020).

No dia, Bolsonaro participou do ato em Brasília (BOLSONARO DESCUMPRE..., 2020) e cumprimentou apoiadores com aperto de mão, sem o uso de máscara, desrespeitando as orientações do corpo técnico do MS e dos governos estaduais. O tema ainda era recente quando a entrevista para o *Programa do Ratinho* ocorreu, no dia 20 de março, sendo uma das pautas de perguntas, como segue no trecho (3).

> (3) **RATINHO (2:41):** Muita gente criticou o senhor porque o senhor foi cumprimentar as pessoas é, é… No domingo logo que começou, dia 15. O que o senhor pensa disso?
>
> **BOLSONARO (2:50):** Primeiro, Ratinho, eu não convoquei nada para o dia 15. Era um movimento espontâneo né, aí desses grupos aí que faz esses movimentos.
>
> Eu fui convencido a desestimular o movimento. Dia 13, ou 12, eu fui para televisão e desaconselhei e eu falei que devia ser repensado. O povo foi de qualquer maneira às ruas. A pandemia, se eu não me engano, foi dia 11 ou 12, a poucos dias antes do movimento que estava a todo vapor.
>
> Bem, que que eu fiz? Eu não participei, não convoquei, nunca falei enquanto presidente da República em fechar Congresso, fechar Supremo. Nunca falei e acabou chegando o dia 15.
>
> Por volta de meio-dia, já tinha quase, praticamente, tinha acabado o movimento em Brasília, São Paulo foi à tarde. Eu vim aqui nesse prédio que você tá aqui agora, aqui a casa onde despacho e o povo tava ali fora, eu desci para ver o povo e não resisti à tentação, fui lá e apertei a mão deles. Dois dias antes tinha dado uma prova negativa do meu sintoma, então eu fui, eu não contaminei ninguém.
>
> Poderia até ser contaminado por alguém. Bem dia 17 fiz mais um exame. Deu resultado negativo de novo, **eu tenho que demonstrar que eu estou junto com o povo brasileiro** e eles me ouvem em grande parte, mas não são os meus empregados, muito pelo contrário, **eu que devo lealdade a eles**, apenas foi esse o meu gesto. A

> intenção não é desafiar ninguém, **nem ajudar a falar que o Mandetta, nosso ministro está fazendo um trabalho excepcional, falar, desautorizar, nada disso.**
>
> **Eu sou o chefe, eu sou aquele general que tá na frente de combate e não tá lá atrás na retaguarda. É isso que aconteceu, mais nada.** (grifos nossos).

Para justificar e explicar sua postura durante os atos no dia 15 de março de 2020, o presidente manteve o uso das figuras de soberania popular em defesa do povo – "eu tenho que demonstrar que eu estou junto com o povo brasileiro", "eu que devo lealdade a eles" – e do "senhor da guerra" – "eu sou aquele general que tá na frente de combate e não tá lá atrás na retaguarda" –, fazendo uso de uma enunciação elocutiva em primeira pessoa, que novamente colocou o entrevistado em cena, defendendo valores em nome do povo para legitimar suas ações e posições. Tais figuras foram reforçadas por meio de verbos modais que acionaram um sentido de compromisso de um *ethos* de chefe, como em "eu tenho que", "eu devo", "eu sou", com a intenção de tornar incontestável a postura de Bolsonaro durante as manifestações.

6.6 ANÁLISE: *ETHOS* DE CHEFE NA FIGURA DO "SENHOR DA GUERRA"

Ao longo da entrevista, diante da disputa polêmica no imaginário social pelo *ethos* de chefe e em torno dos posicionamentos divergentes entre o ministro da Saúde e o presidente, Bolsonaro, reiteradamente, apontou o MD como protagonista na condução de uma possível crise.

> (5) **RATINHO (4:47):** Existe a possibilidade do senhor convocar as forças armadas para ajudar toda essa situação?
>
> **BOLSONARO (4:51):** Eu não preciso nem falar isso para o nosso Ministro da Defesa, João Fernando. A nossa tropa, marinha, exército, aeronáutica, estão preparados prontos, coordenar, com comando coordenado caso se necessite da nossa, nossa presença, **como sempre aconteceu na história do Brasil, as Forças Armadas nunca se furtaram do seu dever.**
>
> Então nós temos hospitais de campanha prontos, **os nossos meios todos para atender a distribuição de alimento, é segurança, a conhecida GLO, Garantia da Lei e da Ordem**. Essas coisas, mas como sempre... (grifos nossos).

Bolsonaro apontou o MD como protagonista para liderar a crise sanitária e enumerou seus mecanismos, como hospitais de campanha, distribuição de alimentos e,

principalmente, a medida Garantia da Lei e da Ordem[29] (BRASIL, 2013). Dessa forma, produziu o *ethos* de chefe, mais uma vez, em uma demonstração de força bélica na figura do "senhor da guerra" disposto a adotar medidas extremas contra seus adversários políticos.

O enunciado no trecho (5) foi ainda uma resposta interdiscursiva de demonstração de força bélica (e não política) ao protagonismo daqueles que por Bolsonaro foram posicionados como adversários no campo político, como o MS e alguns governadores e prefeitos que adotavam medidas de restrições de circulação, definindo regras locais de isolamento, a despeito das orientações e crenças pessoais do presidente.

Enquanto por um lado, a figura bélica reverberava medo e intimidação em seus desafetos políticos, por outro, com apoiadores que integravam a audiência do programa, Bolsonaro pode acionar afetos relacionados à segurança e o sentimento de nacionalismo, visto que, no imaginário compartilhado entre grande parte dos eleitores de Bolsonaro, as operações militares de GLO têm um efeito positivo de tranquilidade, por ser uma medida de garantia da ordem.

6.7 ANÁLISE: RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS E O *PATHOS* POSITIVO DE TRANQUILIDADE, SEGURANÇA E ORGULHO NACIONAL

Sistematicamente, durante a entrevista, Bolsonaro encenou uma dramaturgia discursiva em que os afetos foram mobilizados por meio de relações interdiscursivas e pela projeção da imagem de si, como iremos identificar nos excertos a seguir, principalmente para gerar tranquilidade e esperança aos brasileiros quanto ao cenário epidemiológico no país.

> **(19) RATINHO (23:26):** A economia estava caminhando bem até o momento da crise do coronavírus, e agora, nós estamos correndo algum perigo em relação à economia? Depois dessa crise?
>
> **BOLSONARO (23:31):** A gente não quer, a projeção nossa era 2% nesse ano, falei com o Paulo Guedes agora há pouco, ele falou que não quer falar em projeção. Lógico que nós vamos fazer o melhor. Alguns dizem, se não entrar em recessão, né, tá bem. É o que estão fazendo. É um período, assim como na China já, a curva já entrou na descendente, tá certo? A Itália tá lá praticamente entrando também na descendente.
>
> **RATINHO (23:56):** A Coreia também já entrou na descendente.

[29] Realizadas exclusivamente por ordem expressa da Presidência da República, as missões de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) ocorrem nos casos em que há o esgotamento das forças tradicionais de segurança pública, em graves situações de perturbação da ordem.

BOLSONARO (23:57): Vai... Nós vamos passar por esse momento, tá?

(20) RATINHO (24:01): E o senhor acha que vai durar essa crise do coronavírus?

BOLSONARO (24:04): Pode durar no máximo mais cinco, seis meses, um momento triste, podemos ter um momento triste pela frente, não será como a Itália, no meu entender, que a população da Itália. **A imprensa sempre leva para a maldade, eu comparei a população da Itália parecida com a população de Copacabana, que eu conheço muito Copacabana, por eu ser de lá**. **Eu entregava cartas pessoalmente**, por vários anos, com a minha equipe, eu entregava carta pessoalmente, que eu não pagava (inaudível)

RATINHO (24:28): Tinha muito aposentado lá.

BOLSONARO (24:30): Geralmente é esse, é um senhorzinho uma senhorinha, um casal de velhinhos. Se chegar neles, a chance de entrar em óbito é grande, porque já tem uma série de problemas. Então assim, se chegar lá uma gripe qualquer, é isso.

Agora, o que acontece em parte da imprensa né? O cara entrou em óbito e tinha, tinha dado positivo para, para o vírus. E tava lá, diabetes não sei o que. É disso que morreu, do coronavírus. O que que eu faço?

Eu não quero levar o pânico à população brasileira, o meu, a minha missão como **chefe de estado é levar a verdade** e dizer para ele que isso vai chegar, por favor.

(20.1) RATINHO (25:11): Vai passar.

BOLSONARO (25:12): Vai passar, vai passar, não tem como. Você vai viver isso aí, você vai, essa onda vai passar por cima de você, talvez eu tenha adquirido a doença, como disse agora pouco, e você. E um mês atrás, 20 dias atrás, já acabou, já estamos imunes, **estamos ajudando a imunizar o Brasil**. Que o vírus bate em nós e não passa para terceiros, você vai passar por isso. Agora o pânico é terrível.

Tem até uma história, até que eu tá vendo esses dias aí que, não sei quem, antigamente um cara prometeu para o outro. "Eu vou matar dez mil pessoas naquela cidade", ele foi lá e voltou. O cara falou, "mentiroso, você não matou dez mil, você matou 100 mil." (pausa) Ele falou, "não os outros 90 foi de pânico, foi de histeria".

RATINHO (25:49): E é verdade, é verdade.

BOLSONARO (25:51): É verdade, é histeria isso daí. É isso, não adianta eu falar "fiquem calmos" ou então "extremamente calmos", então, "espera uma guerra". Primeiro que eu estou me violentando. Alguns dizem que eu deveria "pedir desculpa, por isso, por aquilo, dizer, alertar, da verdade", eu não quero histeria porque isso atrapalha.

Tem certo chefe de estado por aí, até prefeito, já falando - ele decretar a interdição do Aeroporto, fechando shopping, fechando estradas federais, é inadmissível isso. Quando você fala em fechar aeroporto, Ratinho, pode ter um parente, um amigo nosso, um ser humano aguardando um fígado que viria lá de Fortaleza aqui para Brasília. Não vem mais, vai morrer esse cara porque fecharam aeroporto, isso é uma histeria.

RATINHO (26:38): Acaba morrendo muito mais gente nessa histeria, do que…

BOLSONARO (26:42): Vão morrer alguns do vírus? Sim, vão morrer. Alguns por estar com deficiência, outros porque vai acontecer, vai pegar o cara no contrapé, vai acontecer, lamento.

> A minha mãe tá com 92 anos de idade, magrinha, se pegar nela qualquer coisa, coitada da minha mãe, eu acho que ela nos deixa, tá? Agora não podemos criar esse clima todo que está aí, prejudica a economia.
>
> Uma pessoa que vive da informalidade geralmente é uma pessoa, geralmente é uma pessoa, que não ganha bem e leva seus alimentos para casa, tua família como dificuldade. Se ele perde esse emprego, vai ficar pior. Alguém da família, no estado de inanição chegando o vírus, tem mais chance de entrar em óbito do que estivesse praticando a informalidade.
>
> (20.2) Agora, o que que eu vejo no Brasil aqui. Não são todos, mas muita gente tá, para dar uma satisfação para o seu eleitorado, toma providências absurdas, como eu te falei agora pouco, fechando shopping, tem gente que quer fechar a igreja, quer fechar a igreja, último refúgio das pessoas, né?
>
> Lógico pastor vai saber conduzir lá o seu culto, ele vai ter consciência, o pastor ou padre, se a igreja tá muito cheia, falar alguma coisa, ele vai decidir lá, até porque a garantia de culto né e proteção ambiente do meio da garantido pela Constituição.
>
> Não pode um prefeito, um governador chegar, "não vai ter culto" ou "não vai ter mais missa" e isso que a gente tem que falar para a sociedade. "Olha, vamos passar por isso, a onda, a uma chuva tá vindo aí, você vai se molhar. Agora se você botar uma capinha aqui tudo bem passa. Agora se você entrar em parafuso, você vai morrer afogado embaixo na chuva, pô!" (grifos nossos).

Bolsonaro estabeleceu relações interdiscursivas de seu enunciado político com o científico, reorganizando, por meio de traduções e interpretações pessoais, conceitos epidemiológicos como "curva descendente", grupo de risco, letalidade, comorbidade e imunidade coletiva. O uso de um vocabulário e sentidos que remetem a um discurso técnico, médico e científico projetou um *ethos* de competência e de credibilidade em parte do público, produzindo um efeito de verdade.

Tais relações interdiscursivas podem ser observadas nos trechos (19) e (20), em que Bolsonaro inferiu erroneamente que a pandemia no Brasil teria uma duração breve de "cinco, seis meses", pois, na China e na Itália, a "curva já entrava na descendente". Segundo Rodrigues (2020) explica, no InformaSUS (2020), da UFSCar, a expressão "achatar a curva" é um conceito epidemiológico que se tornou popular na imprensa e nas redes sociais durante a pandemia da covid-19 como forma de estimular o distanciamento social, ao representar graficamente as fases de evolução de uma epidemia, em que a "ascensão, estabilização e declínio da curva estão de acordo com os dados dos estágios de transmissão do coronavírus, que incluiu as três fases previstas pelos especialistas da área da saúde".

A mesma relação interdiscursiva é estabelecida no trecho (20), ao extrair do contexto científico para o político conceitos epidemiológicos com sentidos outros. A partir do

conceito de grupo de risco, Bolsonaro comparou a população de idosos da Itália com a do Brasil, que, por ser maior no país europeu, o enunciador justificou que a crise do coronavírus no Brasil não teria grandes consequências aqui (“não será como a Itália”), pois, segundo o presidente, a letalidade de uma gripe – não somente a covid-19 – entre idosos era maior por causa das comorbidades pré-existentes, como segue no trecho (20.1).

Fiando-se em relações interdiscursivas do campo científico, o presidente atenuou as mortes, a letalidade da covid-19, comparando-a a uma gripe e questionou se os óbitos se davam mesmo pelo vírus SARS-CoV-2 ou em decorrência de comorbidades pré-existentes, culpando a imprensa pela divulgação de dados errados para gerar pânico, ao estabelecer um uma controvérsia polêmica. Na controvérsia polêmica em torno das causas dos óbitos, algumas questões foram deixadas de lado em sombras imensas, como a subnotificação de casos e óbitos em decorrência dos poucos testes disponíveis e limitações produtivas dos laboratórios públicos oficiais, além de não informar que as comorbidades elevavam o risco de agravamento da covid-19, não sendo, portanto, a causa do contágio e muito menos dos óbitos.

Por fim, o último conceito extraído pelo presidente do discurso científico para o político que iremos pontuar é o de imunidade coletiva no trecho (20.1), em que afirma que as pessoas que tiveram covid-19 estavam imunes e iriam ajudar a imunizar o Brasil, ao afirmar que “já acabou, já estamos imunes, estamos ajudando a imunizar o Brasil. Que o vírus bate em nós e não passa para terceiros”. Todos os sentidos reelaborados no enunciado na cena englobante do discurso político por Bolsonaro tiveram uma visada de efeitos de segurança, a partir da representação sociodiscursiva enunciada acerca da pandemia da covid-19, como uma doença que, como uma gripe comum, iria afetar somente idosos com comorbidade, em que a maioria das pessoas sequer tinha sintomas e ainda iria “ajudar a imunizar o Brasil”. Esse enunciado pathemico também visou a atiçar o orgulho nacionalista de grande parte do eleitorado bolsonarista. Com isso, com a descrição de uma cena dramatizante em que a crise sanitária duraria apenas por mais “cinco, seis meses” foi produzido um efeito de esperança, em que o destinatário foi levado a confiar no fim da pandemia e ansiar por isto.

6.8 ANÁLISE: PANDEMIA COMO HISTERIA E OS EFEITOS PATHEMICOS NEGATIVOS DE ANGÚSTIA

No trecho (20), Bolsonaro descreveu como “histeria” e “pânico” a divulgação pelos veículos de comunicação das mortes no Brasil que ocorreram por causa do coronavírus, o que levou governadores e prefeitos decretarem medidas locais de isolamento social, fechamento provisório de comércio não essencial e restrição de circulação intermunicipal, adotadas para minimizar a circulação do vírus SARS-Cov-2 no Brasil.

O uso das palavras “histeria” e “pânico” tem uma conotação pathemica e descreve de maneira transparente a pandemia e suas implicações, representando-a de forma explícita e direta. De forma indireta, Bolsonaro estabelece uma relação de causa e consequência entre a histeria como a causa das mortes que eventualmente ocorreriam no Brasil.

Para a análise dessa relação estabelecida, iremos destacar três cenas dramatizadas durante a entrevista. O nosso objeto não é o modo de organização narrativo, mas é importante pontuar seu uso no discurso do enunciador para produzir efeitos de verdade das estratégias pathemicas visadas.

No primeiro trecho (20.1), Bolsonaro contou a história de um diálogo em que narrou, de forma alegórica e fantasiosa, uma sucessão de fatos em uma lógica em que a histeria levaria, em uma relação causal, à morte, “tem uma história até, que eu tava vendo esses dias aí que, não sei quem, antigamente um cara prometeu para o outro. ‘Eu vou matar dez mil pessoas naquela cidade’, ele foi lá e voltou. O cara falou, ‘mentiroso, você não matou dez mil, você matou 100 mil.’ (pausa). Ele falou, ‘não os outros 90 foi de pânico, foi de histeria’”.

Já no segundo trecho narrado de uma cena hipotética (20.2), o presidente qualificou como histeria as medidas preventivas de fechar aeroportos para reduzir a circulação, que foram adotadas pelas autoridades locais, já que poderiam levar à morte, como ilustrado na enunciação: “Não vem mais, vai morrer esse cara porque fecharam aeroporto, isso é uma histeria”.

No último excerto (20.3), o presidente buscou estabelecer um efeito de angústia em uma enunciação pathemica em que descreve uma situação em que os trabalhadores informais e suas famílias iriam morrer, caso tivessem covid-19, por estarem desnutridos em consequência da falta de renda, “alguém da família, no estado de inanição chegando o vírus, tem mais chance de entrar em óbito do que estivesse praticando a informalidade”.

Por meio de uma enunciação que mobilizou o afeto de angústia e que representou um estado de perigo para o sujeito, Bolsonaro na entrevista propôs ao destinatário a narrativa de uma cena dramatizante susceptível de produzir medo e terror. As cenas narradas e descritas são muito próximas da vivência do destinatário, que já estavam vulneráveis emocionalmente

devido ao cenário de incertezas, o que tornou a representação sociodiscursiva verossímil, ainda mais quando enunciadas pelo presidente Bolsonaro, que carregava consigo a legitimidade do cargo.

6.9 ANÁLISE: DISCURSO POPULISTA COMO DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO

A situação de crise encenada pelo presidente não foi a pandemia, e sim a histeria e o pânico. Ou seja, não foi a pandemia que causou as mortes, a crise econômica e o desemprego, mas foram as medidas de contenção da doença, tais medidas adotadas pelos governadores e prefeitos – a classe política –, incentivados pela divulgação de dados da imprensa. A classe política – governadores e prefeitos – e a imprensa "que sempre leva na maldade" foram os culpados, as fontes do mal na dramaturgia discursiva elaborada pelo presidente.

Ao estabelecer "culpados" pela situação de crise, seus adversários políticos e a imprensa, Bolsonaro visou gerar efeito de antipatia, em que foram colocados como malfeitores, provocando desaprovação e até mesmo uma rejeição violenta. Os destinatários foram susceptíveis ao efeito de antipatia, já que grande parte deles compartilha o mesmo universo de saber do presidente. Como Bolsonaro fora eleito com um posicionamento de antipolítica e antissistema, as críticas aos veículos tradicionais de comunicação, a adesão e identificação dos destinatários ao projeto discursivo apresentado foi coerente.

Nesse triângulo da dramaturgia política, quais e como foram estabelecidos o *ethos* visado no enunciado? Para justificar a inércia do governo federal, a pandemia foi representada discursivamente como uma "histeria", em decorrência do "pânico" provocado pela classe política – como se dela Bolsonaro não pertencesse – e pelos veículos tradicionais de comunicação.

Portanto, Bolsonaro adotou um posicionamento liberal fatalista e não se responsabilizou pela gestão do governo federal em conduzir ações de contenção da crise em saúde, ocultando as responsabilidades do Estado, ao normalizar as mortes como fenômenos naturais e inevitáveis e comparar com uma chuva, projetando intencionalmente um *ethos* de indiferença em relação à crise sanitária, como enunciado no trecho (2.3): "Vão morrer alguns do vírus? Sim, vão morrer. Alguns por estar com deficiência, outros porque vai acontecer, vai pegar o cara no contrapé, vai acontecer, lamento".

Ao representar a pandemia como uma “histeria”, Bolsonaro, incorporou a imagem do salvador e construiu a figura de um guia supremo, que iria levar a verdade para enfrentar o caos, ou seja, como uma entidade superior, ele guiaria o país em meio ao pânico e à histeria provocados pela imprensa maldosa e políticos preocupados com as eleições, como no enunciado elocutivo em que destacamos algumas marcas linguísticas para expressar seu compromisso com a “verdade”: “Eu não quero levar o pânico à população brasileira, o meu, a minha missão como chefe de Estado é levar a verdade e dizer para ele que isso vai chegar, por favor”.

Para haver um “nós/bem” é preciso de um “eles/mal”. O enunciador associou as medidas adotadas por seus adversários políticos para a prevenção da transmissão da covid-19 a critérios eleitorais, como segue no trecho (20.2), ao dizer que “muita gente tá, para dar satisfação para o seu eleitorado, toma providências absurdas”. Tal estratégia segue a lógica de polarização do “nós x eles”, do “bem x mal”. Para fortalecer a polarização moral e um afeto de antipatia em relação aos gestores políticos que adotavam e implantavam medidas de prevenção em suas cidades e estado, Bolsonaro ainda reforçou que seus adversários políticos estavam fechando igrejas, “último refúgio das pessoas”, estabelecendo uma relação discursiva polêmica com base moral e pathemica, omitindo a possibilidade de cultos e missas serem realizados de forma não presencial, pela internet, como em alguns casos já ocorriam com as transmissões pela televisão (“Não pode um prefeito, um governador chegar, ‘não vai ter culto’ ou ‘não vai ter mais missa’ é isso que a gente tem que falar para a sociedade”).

A encenação da dramaturgia discursiva estabeleceu um discurso populista e de justificação. Buscou encenar ainda efeitos pathemicos de angústia por meio da indignação, ao afetar as crenças pessoais de medo da fome e do desemprego, para incitar os destinatários à ação (ou não ação), isto é, não seguirem as orientações de isolamento social, visto pela Presidência como prejudicial à economia, o que afetaria sua popularidade e sua possível reeleição. Portanto, um *ethos* não tão evidente é o do candidato, que não queria ser responsabilizado e nem associado a situações negativas, como as mortes por covid-19 ou a crise econômica causada pela ausência de políticas do governo federal que a evitassem. Para isso, discursivamente, a gravidade da pandemia, as mortes, o adoecimento das pessoas passam a ser negadas como acontecimento. Uma verdade factual foi representada e reduzida sociodiscursivamente como pânico e histeria.

6.10 QUADRO RESUMO: ENTREVISTAS JORNALÍSTICAS

Cena Englobante: Discurso Político **Cena Genérica: Entrevista jornalística política oficial** **Microdispositivo: Entrevistas jornalísticas em veículos alinhados politicamente ao Governo Federal** **Data: 20/3/2022**	
Ethé mostrado	*Ethos* de chefe => figuras do salvador e do senhor da guerra Popular – tom de intimidade, amistoso, sorridente, com uma postura firme, mas sem ser rígida. Vocabulário bélico predominante ao se referir às ações do governo federal. *Ethos* de competente Vocabulário técnico-científico para justificar as decisões adotadas pelo governo federal. Figurino é formal, sóbrio em tons neutros e o cenário da entrevista em um espaço oficial.
Ethé dito e discursivo	*Ethos* chefe => "senhor da guerra" Comandante, vocabulário bélico, crise conduzida pelo MD. *Ethos* chefe => guia supremo, figura do salvador que irá conter o pânico e a histeria, soberania Soberania, em nome do povo, posicionamento liberal fatalista, silenciar responsabilidades da Presidência da República diante da crise sanitária, defensor da verdade diante do caos. *Ethos* de competência => vocabulário técnico-científico Apesar de seu *ethos* prévio não o legitimar como competente *Ethos* de indiferença => silenciamento sobre a crise sanitária "Vão morrer alguns do vírus? Sim, vão morrer. Alguns por estar com deficiência, outros porque vai acontecer, vai pegar o cara no contrapé, vai acontecer, lamento". Ethos presidente candidato Candidato que não quer ser responsabilizado e nem ser associado a situações negativas como a mortes por covid-19 ou a crise econômica causada pela ausência de políticas do governo federal. Discursivamente, a gravidade da pandemia, as mortes, o adoecimento das pessoas passaram a ser negadas como acontecimento. Uma verdade factual foi representada e reduzida sociodiscursivamente a pânico e histeria.
Efeitos pathemicos	Tranquilidade, segurança, esperança => covid-19 Imunidade, assintomáticos, não acomete pessoas novas, isolamento vertical, crise sanitária duraria apenas por mais "cinco, seis meses". Angústia, medo e terror Medidas de isolamento, medidas preventivas, desemprego e fome. Tom de

Cena Englobante: Discurso Político **Cena Genérica: Entrevista jornalística política oficial** **Microdispositivo: Entrevistas jornalísticas em veículos alinhados politicamente ao Governo Federal** **Data: 20/3/2022**	
	Indignação Atipatia => veículos de comunicação de oposição, prefeitos e governadores => *ethos* presidente candidato Silenciamento: a pandemia foi relativizada, descrita como "histeria" e "pânico", naturalizando as mortes como um acontecimento inevitável, com a afirmativa "nós vamos passar por isso, nós iríamos passar por isso", silenciar responsabilidades da Presidência da República.
Relações interdiscursivas	POLÍTICA X POLÍTICA Imaginário nacionalista Uso da segurança e exército para o enfrentamento da crise e orgulho nacional, bem como ameaça a seus adversários políticos. Discurso de justificação => respostas aos enunciados circulantes (Doria e Mandetta); atos que provocaram aglomerações – em nome da soberania / povo. Imaginário eleitoral de antipolítica e antisistema => efeito de antipatia (imprensa e adversários políticos) Gestores "políticos" que adotam critérios eleitorais para a tomada de decisões e imprensa "que sempre leva na maldade". POLÍTICA X CIÊNCIA Relação interdiscursiva polêmica campo científico=> *ethos* competente => *pathos* de tranquilidade pandemia "Alongar a curva da contaminação" e "assintomático" são apresentados de forma imprecisa cientificamente, reelaborados, com objetivo de produzir novos sentidos. Traduções e interpretações pessoais de conceitos epidemiológicos, como "curva descendente", grupo de risco, letalidade, comorbidade e imunidade coletiva. Controvérsias polêmicas. POLÍTICA X RELIGIÃO Imaginário fundamentalista => efeitos de antipatia governadores e prefeitos Fechamento de igrejas, "último refúgio das pessoas". Relação discursiva polêmica com base moral e pathemica, omitindo a possibilidade de cultos e missas serem realizados de forma não presencial.

7 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS ENUCIATIVAS: FALA NO *CERCADINHO* NO PALÁCIO DO ALVORADA

> Mas chega sempre uma hora na história em que aquele que ousa dizer que dois e dois são quatro é punido com a morte. (CAMUS, 1958/2019, p. 117).

7.1 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO: RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS, UMA RESPOSTA ÀS CRÍTICAS

O vídeo *Fala do presidente Bolsonaro no cercadinho do Palácio da Alvorada* foi gravado no dia 25 de março de 2020. No dia anterior, 24, foi transmitido em cadeia nacional de rede de televisão e rádio o pronunciamento oficial da Presidência, que integra o *corpus* desta análise. O pronunciamento oficial teve uma repercussão negativa nos veículos de comunicação e no Poder Legislativo. As críticas da imprensa, como o G1 (CASOS DE CORONAVÍRUS..., 2020), afirmava que Bolsonaro pediu o "fim do 'confinamento em massa'", responsabilizou a imprensa por espalhar uma "sensação de pavor" e relativizou a covid-19, considerando-a uma "gripezinha".

O então presidente do Congresso Nacional, senador pelo estado do Amapá Davi Alcolumbre, divulgou uma nota criticando a postura do presidente Bolsonaro, classificando-a como grave, ao atacar as "medidas de contenção ao Covid-19", indo contra as ações adotadas em outros países e sugeridas pela OMS:

> Neste momento grave, o País precisa de uma liderança séria, responsável e comprometida com a vida e a saúde da sua população. Consideramos grave a posição externada pelo presidente da República hoje, em cadeia nacional, de ataque às medidas de contenção ao Covid-19. Posição que está na contramão das ações adotadas em outros países e sugeridas pela própria Organização Mundial da Saúde (OMS). (MATOS et al., 2020).

Para enfrentar a pandemia do coronavírus, principalmente suas consequências econômicas, os Estados Unidos, na madrugada do dia 25, anunciaram um acordo federal de US$ 2 trilhões destinados a trabalhadores, empresas e o sistema de saúde (ÚLTIMAS NOTÍCIAS..., 2020) . No mesmo dia, a OMS lançou um plano humanitário para apoiar países mais vulneráveis à pandemia de coronavírus, o *Plano global de resposta humanitária* (UNICEF, 2020), disponibilizando US$ 2 bilhões para combater a covid-19 em 51 países da América do Sul, da África, do Oriente Médio e da Ásia.

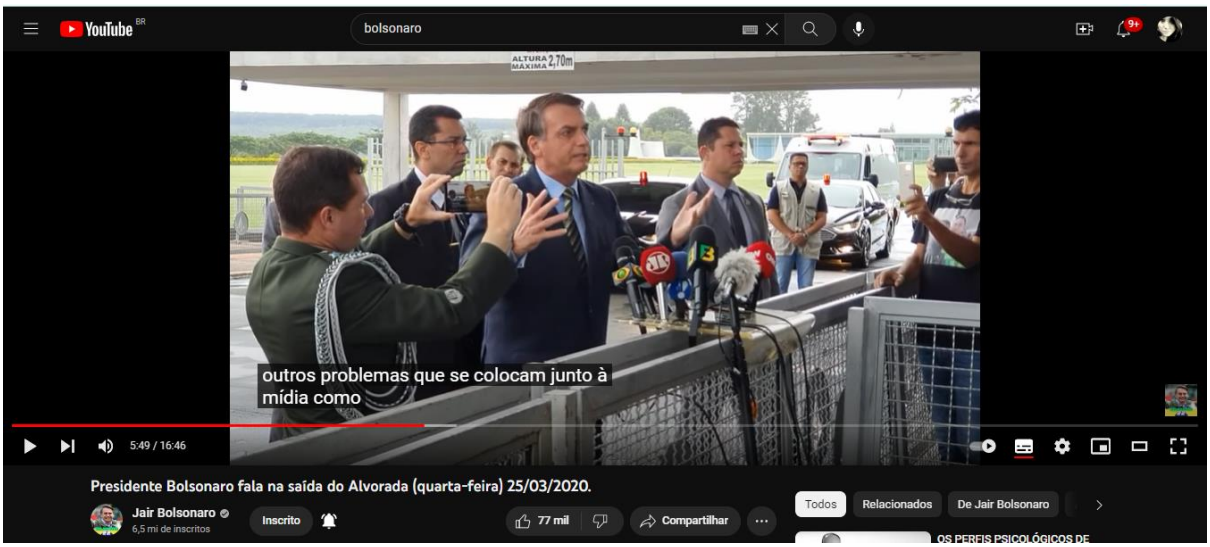
Segundo o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, a Covid-19, como uma ameaça à humanidade, deveria ter uma resposta global: “Precisamos ajudar os ultra-vulneráveis – milhões e milhões de pessoas que são menos capazes de se proteger. Essa é uma questão de solidariedade humana básica. Também é crucial para combater o vírus. Este é o momento de avançar pelos vulneráveis.” (UNICEF, 2020).

É nesse contexto discursivo que o presidente Bolsonaro, na manhã do dia 25 de março de 2020, gravou o vídeo que iremos analisar. Vamos começar pelo seu *ethos* mostrado, em que a vocalidade apontou para uma maneira de falar forte, evocando um imaginário de potência.

7.2 ANÁLISE: O *ETHOS* MOSTRADO DE POTÊNCIA POPULISTA

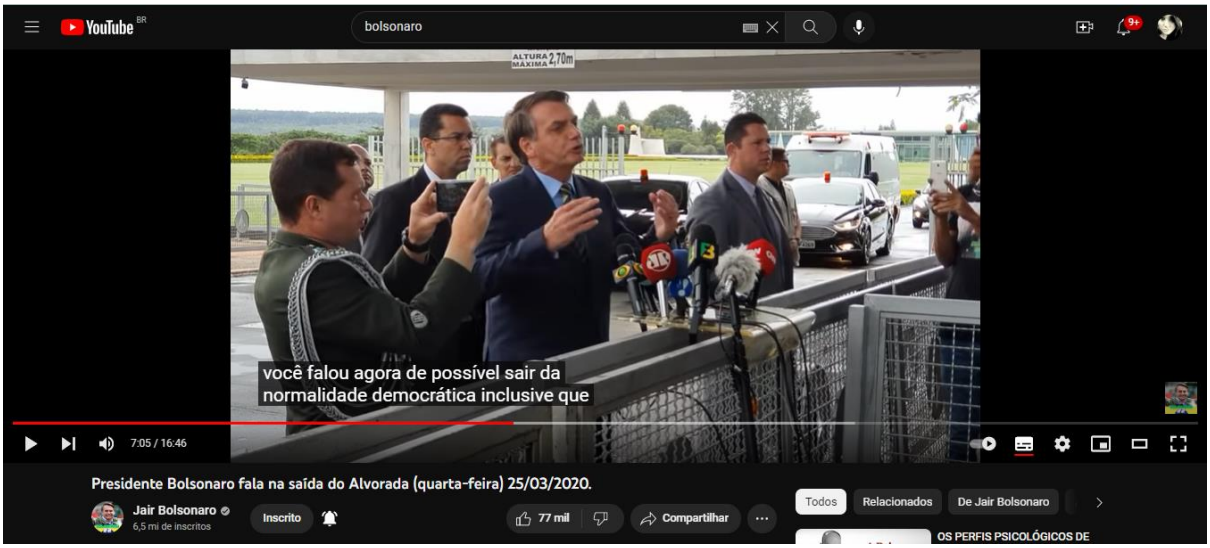
O pronunciamento foi feito em pé, de frente para dois interlocutores presentes: os jornalistas de veículos de comunicação da imprensa tradicional e os apoiadores do presidente. Por ser uma pessoa alta, seu porte demonstrou força, que é intensificada ao ser associada a sua gestualidade mais enérgica, principalmente quando foi confrontado pelos jornalistas, sem deixá-los terminar as perguntas e muitas vezes sem ao menos respondê-las.

Figura 14 – Bolsonaro gesticulando de forma energética quando questionado sobre a normalidade democrática



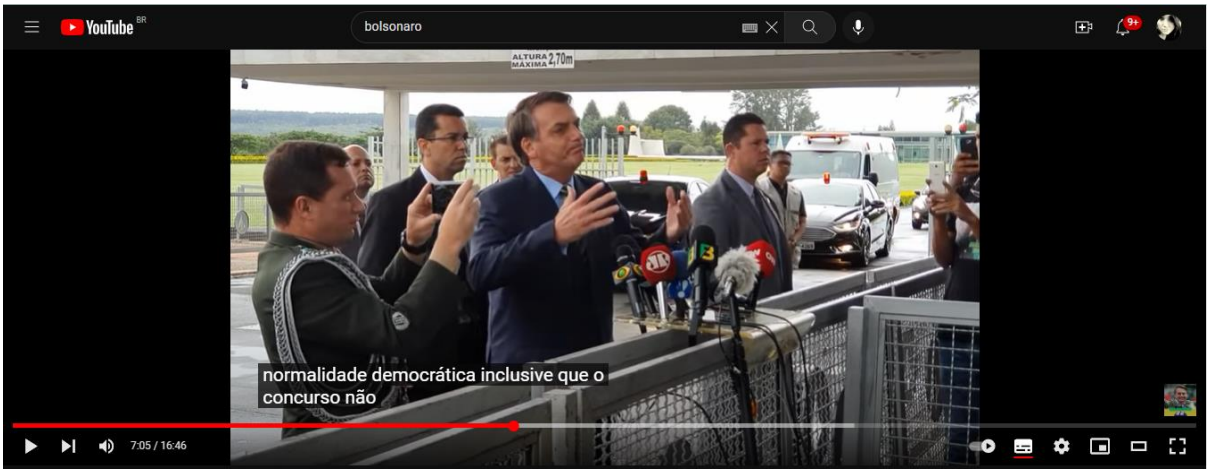
Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

Figura 15 – Bolsonaro gesticulando de forma energética quando questionado sobre a normalidade democrática



Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

Figura 16 – Bolsonaro gesticulando de forma energética quando questionado sobre a normalidade democrática



Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

A ausência de um diálogo democrático reforçou na imprensa um *ethos* de potência com um viés negativo e uma vocalidade autoritária. Tal comportamento demonstrou uma incapacidade de autocontrole diante das críticas, com um tom desrespeitoso e insolente nas entrevistas. Já, para seus seguidores, o *ethos* de potência tem um caráter populista, esteticamente agressivo, irreverente e culturalmente popular. Essa performance populista de Bolsonaro integrou uma cenografia que constitui seu *ethos* visado de enfrentamento ao sistema. Como uma pessoa que vem de "baixo" em oposição a tudo que vem do "alto". Esse tipo de

transgressão que líderes populistas contemporâneos adotam, como é o caso de Bolsonaro, busca mostrar, por meio de seu comportamento informal e bruto, um rompimento com o que seria sofisticado, erudito, fino e esperado de um chefe de Estado. Quebrar esses protocolos é uma forma de expressar o antagonismo entre o "povo/bem/nós" contra a "elite/eles/mal".

É importante pontuar que, apesar de Bolsonaro ter tido uma origem humilde, ele não representa por si só uma transgressão em relação à elite, apesar do *ethos* mostrado. Sua identidade política é a de um militar, *ethos* prévio exaustivamente explorado durante a campanha das eleições em 2018, até mesmo para conseguir a adesão e apoio de simpatizantes do Partido da Ordem. Sem contar que os militares são um estrato com prestígio social. Dessa forma, ser grosseiro não incomoda as elites econômicas e os setores mais tradicionais brasileiros, pois Bolsonaro não é uma ameaça a elas, muito pelo contrário.

Sua relação antagonista com o interlocutor foi marcada por uma enunciação alocutiva em que utilizou modalidades de tratamento por meio de vocativos ("ô cara", "rapaz", "cara pálida") que trouxe o interlocutor-imprensa para participar da cena, porém de forma a desacreditar a imprensa, ao adotar um tom pejorativo para diminuir a condição do outro, marcando a natureza da relação de força entre os participantes da cena de enunciação, colocando o outro em um papel de adversário menor.

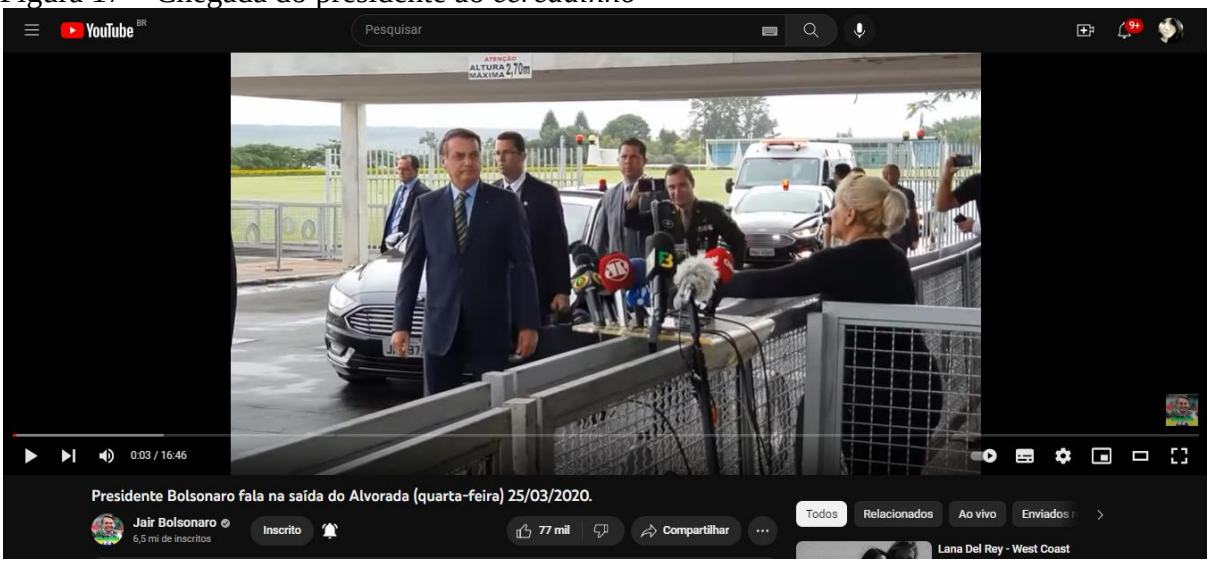
Nessa postura de transgressão e uma negação do "falar como outros presidentes", além dos índices corporais, mímicos e comportamentais anteriores, Bolsonaro fez uso de índices verbais da linguagem coloquial com frases de efeitos ("o caos está aí", "vamos ficar com o caos e o vírus juntos", "a verdade acima de tudo", "a família em primeiro lugar"). Recorreu ainda a vícios de linguagem, como a pronúncia da palavra "coronovírus", quando o correto é "coronavírus", subvertendo a norma culta. A elocução de Bolsonaro foi tempestuosa, exercendo uma violência – tanto verbal, como vocal –, com insultos e ameaças em relação a seus adversários políticos.

No *cercadinho*, tais posturas projetam um *ethos* mostrado a seus apoiadores de um político que diz o que pensa, ao contrário dos políticos tradicionais, que são dissimulados, falsos e que têm suas imagens construídas por meio de estratégias de *marketing*. A violência verbal buscou mostrar uma pessoa que não engole sapos e que é como seus eleitores: alguém que está indignado e revoltado com o sistema político. Bolsonaro buscou materializar dessa forma a antipolítica em suas transgressões estéticas verbais.

7.3 ANÁLISE: ADVERSÁRIOS POLÍTICOS E O *PATHOS* DE ANTIPATIA

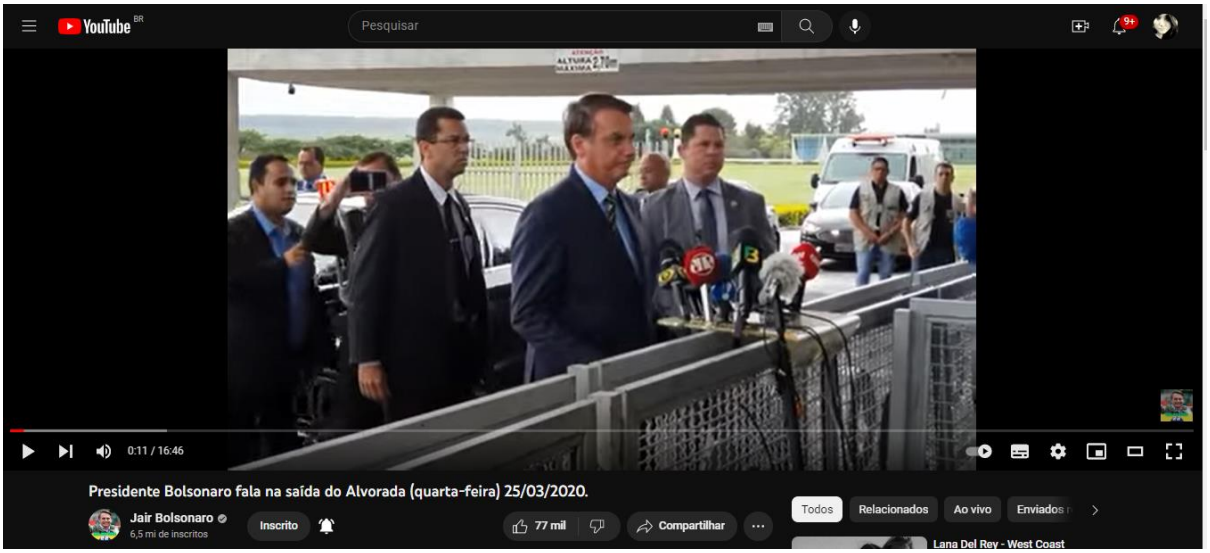
Ainda para produzir um efeito de veracidade da cena, o início do vídeo mostrou os bastidores da chegada do presidente antes de falar com a imprensa, ao chegar acompanhado de seus seguranças e seu ajudante de ordens, Mauro Cid, e se dirigiu ao *cercadinho*, onde já tinha preparado o púlpito com os microfones para que ele conversasse com seus apoiadores e a imprensa, como nas Figuras 16 e 17.

Figura 17 – Chegada do presidente ao *cercadinho*



Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

Figura 18 – Chegada do presidente ao *cercadinho*



Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

Antes de falar com os jornalistas, o presidente se dirigiu aos apoiadores, de forma já a demarcar que eles também faziam parte de seu público-alvo, para em seguida se posicionar diante do púlpito e dar início à "fala" para a imprensa, como analisamos a seguir.

> **(1) PESSOA 1 (00:00):** presidente! Eu posso te dar um presentinho pra Laura, o pessoal me deixou, você lê depois tá?
>
> **BOLSONARO (00:04):** Opa.
>
> **IMPRENSA (00:09):** Bom dia, presidente!
>
> (vozes inaudível)
>
> **(2) BOLSONARO (00:11):** Vocês querem me perguntar sobre o pronunciamento de ontem, é isso? *(tom mais forte)*
>
> **PESSOA 2 (00:12):** Isso, isso.
>
> **BOLSONARO (00:13):** Então posso começar a falar?
>
> **PESSOA 2 (00:14):** Por favor, por favor.
>
> **BOLSONARO (00:13):** Tá? Vamos lá. Certas autoridades estaduais e municipais tão tomando medidas, no meu entender, além da normalidade. São verdadeiros donos de seus estados e municípios, proibindo o tráfego de pessoas, proibindo o tráfego de rodovias, fechando empresas, fechando comércio.

Logo no início, no trecho (2), o presidente adotou um tom mais forte de fala, demonstrando um *ethos* de potência, ao mencionar o pronunciamento oficial realizado na noite anterior (24 de março) e apresentando a relação interdiscursiva de seu enunciado em respostas

às críticas de parte da classe política e de alguns veículos de imprensa (“Vocês querem me perguntar sobre o pronunciamento de ontem, é isso?”).

Primeiramente, o presidente pontuou na encenação da dramaturgia discursiva a instância adversária política (“certas autoridades estaduais e municipais”) como a responsável pela crise, ao tomarem atitudes “além da normalidade”. Visando como destinatário seus apoiadores e adversários políticos, o enunciador adotou algumas palavras que produziram efeitos negativos, como “donos”, “seus”, “proibindo” e “fechando”, para explicar as medidas de prevenção para a redução do contágio pelo SARS-Cov-2 implementadas pelas autoridades – instância adversária política (“São verdadeiros donos de seus estados e municípios, proibindo o tráfego de pessoas, proibindo o tráfego de rodovias, fechando empresas, fechando comércio”).

O uso dessas palavras, no contexto de análise, leva a um universo pathemico de antipatia do público em relação às autoridades políticas. Para gerar antipatia, o enunciador acionou a figura de indignação, por meio de um tom de acusação, ao mobilizar crenças morais sobre o bem e o mal para explicar uma relação de dominação de “certas autoridades” perante a população. Logo no início de sua fala, em uma atitude defensiva, Bolsonaro já posicionou seus adversários na instância política e na dramaturgia discursiva.

7.4 ANÁLISE: “O CAOS ESTÁ AÍ” E O *PATHOS* DA ANGÚSTIA

Dirigindo-se diretamente ao auditório, para dar força a uma cenografia negativa, foram descritas uma série de consequências para a realidade de cada público, como iremos analisar nos trechos (3) e (4):

> **(3)** BOLSONARO (0:16): Bem, nós temos aproximadamente **38 milhões de autônomos** no Brasil, uma parte considerável destes não estão ganhando o seu salário, salário não, não têm o seu ganha pão. O que tinha na geladeira em casa praticamente acabou. Não tem renda e tem família. É uma massa considerável de cidadãos trabalhadores.
>
> Vamos lá para ao CLT. As empresas não estão produzindo nada, zero. Até o Mandetta disse, que uma empresa que fabrica oxigênio no Brasil, não tinha como mandar oxigênio para os hospitais. As empresas não produzindo nada, nem geladeira, carro, medicamento, seja lá o que for, não tem como pagar o seu pessoal, aí sim, o pessoal CLT, não tem como pagar.
>
> **(4)** Mais avante um pouquinho. Se a economia colapsar, não vai ter dinheiro para pagar servidor público. **O caos está aí.** Na nossa cara, na nossa cara. **O caos está aí e detalhe, se tivermos problemas, que poderemos ter, dos mais variados possíveis no Brasil, como saques aos supermercados, entre outras coisas, o vírus**

> **continuará entre nós também. Não foi embora o vírus. Vamos ficar com o caos e com o vírus, juntos.** (grifos nossos).

Para gerar identificação do público com a descrição pathemica de uma cena dramatizante de angústia em decorrência das medidas preventivas adotadas por prefeitos e governadores, Bolsonaro acionou no enunciado alguns grupos sociais – "38 milhões de autônomos", "cidadãos brasileiros", "pessoal CLT", "servidor público", "homem do campo" – para cada uma das cenas. O enunciador buscou mobilizar uma tópica de angústia, ao propor uma narrativa pathemica que gerasse medo e estado de terror diante da possibilidade de viver em situação de restrições de acesso à alimentação, ou seja, a fome, ao narrar no trecho (3) que parte dos 38 milhões de autônomos no Brasil, os cidadãos trabalhadores "não estão ganhando o seu salário", o "seu ganha pão" e o "que tinha na geladeira em casa praticamente acabou. Não tem renda e tem família".

O mesmo ocorreu com o público que se identificava com o grupo "pessoal da CLT", que trabalha em empresas que "não estão produzindo nada", que não teriam como "pagar o seu pessoal". Ainda para dar credibilidade a seu enunciado, Bolsonaro estabeleceu relações interdiscursivas polêmicas com os decretos publicados pelas autoridades locais, principalmente pelo governo de São Paulo, ao afirmar erroneamente que as empresas foram fechadas. Ao ser lido pelo presidente, a tradução feita se distancia do sentido dos enunciados de origem disponível no *site* oficial do Governo do Estado de São Paulo (2020): "Indústrias e fábricas estão autorizadas a funcionar, pois não fazem atendimento direto ao público. O seu funcionamento deverá obedecer às regras sanitárias estipuladas por portaria do Ministério da Saúde." (GOVERNO DE SÃO PAULO, 2020).

O mesmo se aplica ao atendimento em lojas e comércios, em que o decreto estadual proibia somente o atendimento presencial, estando a administração e atividades internas autorizadas, bem como as vendas e atendimento *online*. Além disso, foram autorizados a funcionar os considerados serviços essenciais, como os de alimentação, abastecimento, saúde, bancos, limpeza, segurança e comunicação social.

A estratégia interdiscursiva, ao estabelecer relações polêmicas acerca do funcionamento das empresas, bem como de sua capacidade de arcar com os salários dos funcionários, construiu uma cena dramatizante que produziu o efeito de angústia, pela representação negativa de empresas que teriam paralisado suas ativ0idades devido às restrições de circulação decretada pelo governo estadual paulista.

De forma mais dramática, no trecho (4), Bolsonaro fez uso de palavras que desencadearam uma série de efeitos negativos, como “colapsar”, “caos”, “saques”, fortalecendo a tópica de angústia que foi sendo desenvolvida ao longo da enunciação presidencial. Nesse trecho, a figura do medo foi acionada por meio da ameaça de uma situação de violência que supostamente ocorreria em decorrência da crise econômica causada pelas medidas de prevenção adotadas pelos prefeitos e governadores, como segue: “O caos está aí e detalhe, se tivermos problemas, que poderemos ter, dos mais variados possíveis no Brasil, como saques aos supermercados, entre outra coisas, o vírus continuará entre nós também. Não foi embora o vírus, vamos ficar com o caos e com o vírus, juntos”.

Em resumo, até esse ponto do pronunciamento, Bolsonaro encenou uma dramaturgia discursiva em que adotou um tom de denúncia de um “caos” que o povo seria vítima, jogando com a tópica angústia diante da situação, que foi potencializada por fórmulas simples e ameaçadoras pelos aforismos “o caos está aí”, “vamos ficar com o caos e o vírus”. A fonte do mal foi representada por “certas autoridades municipais e estaduais”, postos como os culpados do “caos”, o que produziu um efeito de antipatia.

7.5 ANÁLISE: *ETHOS* SALVADOR OU *ETHOS* AUTORITÁRIO?

Após a descrição enunciativa do “caos”, acionando imaginários que remetiam à violência, miséria e fome, Bolsonaro apontou soluções salvadoras para a crise social, como podemos identificar nos trechos seguintes:

> **(5)** BOLSONARO (2:21): O que precisa ser feito? Botar esse povo para trabalhar, preservar os idosos, preservar aqueles que têm problemas de saúde, mais nada além disso. Caso contrário, o que aconteceu no Chile, vai ser fichinha perto do que pode acontecer no Brasil. Todos nós pagaremos um preço que levará anos para ser pago, **se é que o Brasil não possa ainda sair da normalidade democrática que vocês tanto defendem, ninguém sabe o que pode acontecer no Brasil.**
>
> **(6)** Da minha parte, eu me exponho, porque o que eu quero levar para a população é uma mensagem de paz, tranquilidade, serenidade. O que estão fazendo no Brasil, alguns poucos governadores e alguns poucos prefeitos, é um crime. Eles estão arrebentando com o Brasil, estão destruindo empregos.
>
> **(7)** E aqueles caras que falam, “a economia é menos importante que a vida”. Cara pálida, não dissocia uma coisa de outra. Sem dinheiro, sem produção. O homem do campo também vai deixar também de produzir. Nós vamos viver do que? (grifos nossos).

As soluções apresentadas no excerto (5) (“Botar esse povo para trabalhar, preservar os idosos, preservar aqueles que têm problemas de saúde, mais nada além disso.”) produziram um efeito de esperança na população vulnerável, por apresentar uma medida diante do caos, do desemprego e da fome. Foi ainda uma resposta aos governos estaduais e municipais que tinham tomado medidas para evitar aglomerações.

Dessa forma, ainda em uma resposta interdiscursiva à instâncias adversária política e para dramatizar pathemicamente possíveis consequências fatais, por meio de um raciocínio pragmático e em um tom de ameaça, o enunciador estabeleceu uma relação causal simples entre as medidas adotadas para prevenção do aumento da covid-19, a crise econômica e uma ruptura democrática, como segue: “Todos nós pagaremos um preço que levará anos para ser pago, se é que o Brasil não possa ainda sair da normalidade democrática que vocês tanto defendem, ninguém sabe o que pode acontecer no Brasil.”

Essa estratégia pode produzir efeitos pathemicos e *ethos* diversos de acordo com o auditório projetado. Em uma réplica aos governadores, prefeitos e chefes do Poder Legislativo – este considerado uma instância adversária –, pode gerar um efeito de repulsa pela construção de uma imagem de si de potência e de um *ethos* autoritário, ao exercer uma violência verbal e fazer de ameaça de ruptura democrática (“sair da normalidade democrática”).

No auditório projetado em que estão seus apoiadores e eleitores, o *ethos* de potência produziu um efeito pathemico de atração e simpatia, de maneira que Bolsonaro é visto com um benfeitor, um herói que está enfrentando o sistema. Ao mobilizar afetos de atração, simpatia e esperança, Bolsonaro buscou construir para si uma imagem de salvador, com a intenção de levar o público a vê-lo como o libertador de seus males e persuadi-lo a aderir a seus projetos pessoais de enfrentamento à pandemia do coronavírus, apesar de serem medidas contrárias às orientações das autoridades sanitárias.

Exemplo disso está no trecho (6), em que Bolsonaro projetou um *ethos* de chefe, na figura do guia profeta, com efeitos de simpatia, ao fazer uso de uma enunciação elocutiva e alocutiva e o uso das palavras “paz”, “tranquilidade” e “serenidade”, como segue nesse fragmento textual: “Da minha parte, eu me exponho, porque o que eu quero levar para a população é uma mensagem de paz, tranquilidade, serenidade”.

Esse efeito pode ser considerado se levarmos em conta que, no dia 15 de março (CRUZ, 2020), uma série de atos populares de apoio ao governo Bolsonaro, contra o Congresso Nacional e o STF, ocorreram em diversas cidades no país, ganhando força as pautas

bolsonaristas autoritárias que defendiam a deposição de parlamentares e destituição dos ministros do Supremo (ATOS PRÓ-BOLSONARO..., 2020).

Apesar de ser o mesmo EuC, em um mesmo microdispositivo, a mesma projeção da imagem de si pode produzir *ethos* e efeitos pathemicos distintos e até mesmo antagônicos. Isso se dá porque os grupos possuem imaginários sociais diferentes, ainda mais em um contexto em que as pessoas passam a consumir aquilo de que gostam e a evitar o que não é familiar. Dessa forma, a pandemia e todas as suas implicações podem ter representações sociodiscursivas diferentes, conforme o sujeito interpretante.

7.6 ANÁLISE: ADVERSÁRIOS POLÍTICOS E O *PATHOS* DE RESPULSA E ANTIPATIA II

Ainda no trecho (6), no enunciado "O que estão fazendo no Brasil, alguns poucos governadores e alguns poucos prefeitos, é um crime. Eles estão arrebentando com o Brasil, estão destruindo empregos", em oposição à figura de salvador projetado na encenação na dramaturgia discursiva, Bolsonaro adotou a estratégia de desqualificação do adversário, ao estigmatizar as ideias dos governadores e prefeitos ("é um crime") e suas consequências negativas ("arrebentando com o Brasil", destruindo empregos").

Em uma interpretação interdiscursiva, Bolsonaro citou em seu enunciado uma fala daqueles que adotaram medidas de restrições de circulação, como se elas fossem verdadeiras, como se a economia-emprego-renda tivesse sido colocada como antagônica à saúde-vida e excludentes ("E aqueles caras que falam 'a economia é menos importante que a vida'"). Ao reinterpretar as ideias de seus adversários, Bolsonaro tentou produzir, em parte de seu auditório, o efeito de antipatia, a partir da construção de uma imagem negativa essencialmente má de governadores e prefeitos, os responsáveis pelo caos, desemprego e fome no país, que estariam colocando a sobrevivência econômica como menos importante que a vida.

7.7 ANÁLISE: *ETHOS* DE COMPETÊNCIA, O IMAGINÁRIO ULTRALIBERAL FATALISTA E A ESPERANÇA COM A CLOROQUINA

No trecho (8), a seguir, em um esforço persuasivo do enunciador para a adesão às suas propostas para lidar com a transmissão da covid-19 no Brasil, Bolsonaro buscou associar

sua imagem à do presidente de extrema direita dos Estados Unidos à época, Donald Trump, para a construção de um *ethos* de competência. Bolsonaro, por meio de um *ethos* de competência, quis gerar confiabilidade em suas propostas, que eram: reabrir os serviços não essenciais e o uso da cloroquina para tratamento dos casos da covid-19, ambas medidas não recomendadas pela OMS:

> **(8) Bolsonaro (3:41):** Ontem ouvi um relato das palavras do presidente Trump nos Estados Unidos, tá em uma linha semelhante a minha. Obviamente, é um país bem mais poderoso que o nosso, é um país que tem uma cultura diferente, uma educação diferente da nossa. **E pelo que tudo indica, ele vai abrir a partir de hoj**e. **Reabrir, né? Os postos de trabalho.**
>
> Se nós fica... colocarmos em nosso colo o problema do vírus, esse vírus, inclusive eu queria dizer que eu queria que esse vírus não matasse ninguém, mas eu preciso dizer, mas outros vírus mataram muito mais e não teve essa comoção toda. Se ele não fizer isso lá e eu não fizer isso aqui, será o caos, será o fim dos Estados Unidos e o fim do Brasil.
>
> **Ele já anunciou via FDA, a sua Anvisa de lá, a liberação para alguns casos da Cloroquina.** Esse remédio que nós temos aqui, produzidos por empresas farmacêuticas e também pelos laboratórios químicos farmacêuticos do exército e da aeronáutica. **É a maneira de enfrentar isso daí.** (grifos nossos).

Para justificar suas medidas, o presidente evocou no imaginário de seu auditório crenças liberais compartilhadas sobre a competência estatal diante da crise sanitária. Para isso, Bolsonaro estabeleceu em seu discurso um raciocínio pragmático para encenar um efeito de angústia, com o uso da figura do medo, ao afirmar que se o Estado se tornar responsável pelo "vírus", por uma consequência obrigatória, será o "caos", o "fim", tanto dos Estados Unidos, como do Brasil ("Se ele não fizer isso lá e eu não fizer isso aqui, será o caos, será o fim dos Estados Unidos e o fim do Brasil").

Diante do "caos" e do "fim", Bolsonaro defendeu o uso da cloroquina como a "maneira de enfrentar isso daí", produzindo um efeito de esperança nas pessoas para enfrentarem e evitarem a pandemia. A credibilidade do tratamento foi reforçada ao afirmar que o órgão regulador estadunidense a liberou para alguns casos confirmados de coronavírus. Com o propósito de promover a adesão da população às medidas que achava adequadas, o enunciador fez uso de estratégias enunciativas para criar um efeito de esperança, por meio do uso da cloroquina para lidar com a covid-19, fomentar um cenário pathemico baseado no medo e terror, trazer para si um *ethos* de competência, ao se associar ao presidente estadunidense, e ancorar essas estratégias em uma relação interdiscursiva com um imaginário ultraliberal fatalista.

7.8 ANÁLISE: GUIA PROFETA, SOBERANO E VIRTUOSO

A primeira parte do pronunciamento, antes das perguntas da imprensa, foi finalizada com o presidente reforçando um *ethos* de chefe na dramaturgia discursiva, vítima de adversários políticos, conforme iremos analisar nos trechos de (9) a (14):

> (9) **Bolsonaro (4:50)**: Eu apelo a vocês da imprensa, tô vendo aqui, **estou apanhando direto,** não estou preocupado com a minha popularidade, eu tenho uma missão de 4 anos, se vai ser 8, ainda temos que ver em 22. **Deus e o povo vão decidir.**
>
> **(10)** Nós temos que tomar decisões neste momento difíceis. Não é, eu procurar a mídia e ter um discurso de calamidade, de histeria, como se eu fosse o pai de todos os brasileiros. Eu sou pai entre aspas, para conduzir o destino do Brasil. Mas ser o paizão, papaizão de todos? Não. Eu tenho que seguir João 8: 32 "a verdade acima de tudo".
>
> **(11)** Alguns poucos governadores, não são todos, em especial Rio e São Paulo, estão fazendo uma demagogia barata em cima disso, para esconder outros problemas, e se colocam junto à mídia como salvadores da pátria, como o messias que vai salvar os seus estados e o Brasil do caos. Fazem política o tempo todo.
>
> **(12)** Não é esse o caminho que o Brasil deve seguir. Povo brasileiro, esqueça se você não gosta de mim, olha a realidade.
>
> **(13)** Faltou falar quando falei de autônomos e do pessoal CLT, acho que não falei do servidor, vai faltar dinheiro para servidor também. O caos tá aí. Brasileiros, acordem para a realidade. Não temos eleições gerais este ano, tem para prefeito e vereador que eu tô fora dela. Se nós não acordarmos para a realidade daqui a alguns pouco dias, deixo bem claro, daqui a uns poucos dias, poderá ser tarde demais.
>
> **IMPRENSA 1 (6:44)**: presidente, o próprio… (interrompido)
>
> **(14) BOLSONARO (6:45):** Não adianta governador depois vir pedir GLO para mim, porque não teremos gente suficiente para conter o caos que, infelizmente, já aparece no horizonte. Mais alguma coisa? (grifos nossos).

No trecho (9), o *ethos* de chefe foi reforçado por meio da figura do salvador e de vítima, aquele que traz as soluções mágicas em um cenário de crise social, apesar de estar "apanhando direto", tentando se despir de um *ethos* de candidato, imagem esta que ele associa à instância adversária política. Para fortalecer a credibilidade de seu *ethos* de virtude e se diferenciar dos adversários políticos, Bolsonaro acusou, no trecho (11), "alguns poucos governadores, não são todos, em especial Rio e São Paulo" de fazerem "demagogia barata" com as medidas para conter a pandemia. Ao desqualificar os adversários, por meio de ataques *ad hominem* (paralogismo em que o que é atacado é a pessoa em vez da coisa em questão) de

estarem adotando medidas para defender interesses particulares escusos (“esconder outros problemas”) a partir de uma postura populista (“salvadores da pátria, como o messias que vai salvar os seus estados e o Brasil do caos”), o presidente se colocou como desinteressado e leal, acima de tais conflitos.

Por meio da figura do guia-profeta nos fragmentos (10) e (12), a partir de enunciações elocutivas acompanhadas de pronomes em primeira pessoa e verbos modais (“nós temos que tomar decisões”, “eu sou o pai entre aspas”, “eu tenho que seguir João 8:32: a verdade acima de tudo”), o enunciado revelou o ponto de vista pessoal do presidente, este predestinado e com uma vocação direcionada para o futuro, para “conduzir o destino do Brasil” e direcionar o “caminho que o Brasil deve seguir”, a partir da figura assistencialista populista que projeta para si. Em uma relação interdiscursiva, ao fazer uso da aforização de cunho religioso “a verdade acima de tudo”, Bolsonaro se colocou como porta-voz de valores universais, de um terceiro onipotente, da palavra divina diante de seus seguidores.

Tais seguidores foram acionados por uma enunciação alocutiva com o uso da modalidade de tratamento para legitimar a figura do chefe soberano: “Povo brasileiro, esqueça se você não gosta de mim, olha a realidade”. O político interpela seu público para fazê-lo aderir à argumentação, fazendo uso de verbos imperativos – “esqueça” e “olha da realidade” –, como ocorre no trecho (13), em “Brasileiros, acordem para a realidade”.

Em um contexto em que a extrema direita, sobretudo Bolsonaro, eleito a partir de um posicionamento antipolítica, a enunciação delocutiva aforizante “fazem política o tempo todo” buscou acionar imaginários circulantes negativos da política associada à corrupção, alianças nefastas e defesa de interesses pessoais, produzindo efeitos pathemicos de antipatia e fortalecendo o antagonismo populista do nós/bem/povo x eles/mal/elite.

7.9 ANÁLISE: *ETHOS* DE POTÊNCIA E PAPEL DO ESTADO

Na segunda parte do pronunciamento no *cercadinho*, que começou após sete minutos, o presidente respondeu a algumas perguntas de jornalistas em um tom verbalmente agressivo e irônico, interrompendo a alternância de fala do interlocutor-imprensa, com o apoio de parte da sua claque ali presente, como iremos analisar nos trechos a seguir:

> **(15) IMPRENSA 2 (7:15)**: Uma outra questão, o senhor falou em reabrir o comércio, falou ontem na volta das escolas e ao mesmo tempo preservar os grupos de risco. Como se faz isso na prática, a gente queria entender.
>
> **BOLSONARO (7:24)**: Tem o isolamento, tem o horizontal, que estão fazendo aqui, né? E tem o vertical, é o vertical. Eu peguei um vídeo agora do Japão, todo mundo na normalidade. Você tem que pegar o idoso e pre… e isolá-lo. Em hotéis ou em casa.
>
> Pô, cada filho, cuida do seu pai, do seu avô, poxa. Não quer que eu ban... que eu contrate uma pessoa para cuidar de cada idoso, é impossível. Não sei a massa de idosos no Brasil, são alguns milhões.

Quando confrontando pela imprensa, como no trecho (15), o tom agressivo, violento verbalmente, por meio de transgressões linguísticas, Bolsonaro buscou projetar um *ethos* de potência e força para intimidar seu interlocutor.

Associou ainda sua imagem à do presidente dos Estados Unidos para projetar um *ethos* de competência como estratégia persuasiva para defender o uso da cloroquina no tratamento da covid-19. O mesmo fez para convencer o público da eficiência do isolamento vertical, ao exemplificá-la como medida adotada no Japão, onde todos estão na "normalidade", evocando o papel de um estado liberal mínimo que não tem responsabilidade assistencial diante da crise ("Pô, cada filho, cuida do seu pai, do seu avô, poxa. Não quer que eu ban… que eu contrate uma pessoa para cuidar de cada idoso, é impossível").

Assim como em outros enunciados analisados, o presidente fez uso de estratégia interdiscursiva ao traduzir do campo científico o conceito epidemiológico de isolamento para isolamento vertical, sentido reelaborado com visada de convencimento e de adesão às suas medidas. Bolsonaro produziu uma relação polêmica de um assunto controverso – que é a pandemia em si e tudo que a implica, visto a disputa de sentidos e representações sociodiscursivas que estamos trazendo neste trabalho, como é o caso do entendimento de isolamento vertical e horizontal. Da mesma forma, o presidente omitiu algumas diferenças culturais e orientações das autoridades locais que ocorreram no Japão, país citado como exemplo por ter adotado o isolamento vertical, como higienização, uso de máscaras, distanciamento social e o apelo do governo para, voluntariamente, a população evitar sair de casa, além de terem suspendido as aulas presenciais e grandes eventos para se evitar aglomerações. (LOPES, 2020) .

7.10 ANÁLISE: *ETHOS* DE DESUMANIDADE E INDIFERENÇA, "A GENTE LAMENTA"

No trecho (17), a imprensa solicitou ao presidente que dissesse algo para os familiares das pessoas que morreram por covid-19, resposta que iremos analisar no excerto abaixo:

> **(17) IMPRENSA 3 (8:07):** presidente, presidente, o senhor usou como exemplo os Estados Unidos e o comportamento parece bastante semelhante lá, no Brasil e aqui. Nos últimos dez dias, as mortes lá nos Estados Unidos pularam pra mais de seiscentos. A expectativa é de que isso aconteça de fato aqui no Brasil também. Já são agora quarenta e seis confirmados ontem. O que o senhor tem a dizer às famílias dessas pessoas que morreram depois do seu pronunciamento de ontem?
>
> **BOLSONARO (8:29):** Olha, olha só, eu gostaria né, ninguém quer que ninguém morra. Se essas pessoas tivessem pego H1N1, iriam morrer também, tá? Essas pessoas, como você vê nos Estados Unidos e em outros países, essas pessoas têm uma média de idade na casa dos 80 anos. São pessoas que tem comorbidade. Tem uma, duas, três outras doenças, tem lá na certidão de óbito três ou quatro pré-existentes e teve coronovírus (*sic*). Aí o pessoal pega e morreu de coronovírus (*sic*). Olha, quem tá são, tá, o risco é quase zero. O problema é acima de 60 anos ou tem algum problema de saúde. É isso. E agora, o mal, né, que teremos depois com esse tipo de tratamento, isolamento horizontal, será muito maior do que vem acontecendo com o vírus no momento, isso é uma realidade.
>
> (17.1) Alguém acha que dá para ter zero mortes? Tem certas pessoas que, se não tivesse acometido o vírus, também teriam morrido. A gente lamenta. Ninguém quer enterrar um ente teu querido, ninguém quer. A minha mãe tá com, vai fazer daqui a pouquinho (olha no relógio), daqui a pouquinho noventa e três anos, tá magrinha tá? Tem seus problemas. Ela tá numa situação bastante complicada. Qualquer coisinha que der nela uma gripe qualquer, ela pode ela pode ser fatal, lamento.

Para manter o efeito pathemico de esperança diante do aumento de casos da covid-19, Bolsonaro estabeleceu relações interdiscursivas com o campo científico para justificar seu posicionamento, assim como já apontamos em outros momentos da análise. Os conceitos epidemiológicos, como grupo de risco e isolamento social, foram utilizados no discurso político de acordo com a visada que se queria produzir, de relativizar a gravidade da pandemia, justificar a reabertura da economia e convencer a adesão ao projeto bolsonarista de enfrentamento à pandemia.

Com esse posicionamento, em que a gravidade da pandemia foi relativizada, a imagem projetada por Bolsonaro para parte dos familiares das pessoas que morreram em decorrência do coronavírus foi um *ethos* de desumanidade diante das circunstâncias das mortes, produzindo efeito pathemicos de repulsa diante de um sujeito que, como chefe de Estado, apresentou uma imagem negativa de insensibilidade e indiferença, como manifestada em “Se

essas pessoas tivessem pego H1N1, iriam morrer também, tá?", "A gente lamenta. Ninguém quer enterrar um ente querido, ninguém quer".

7.11 ANÁLISE: *ETHOS* DE COMPETÊNCIA E INTERDISCURSIVIDADE COM O CAMPO CIENTÍFICO E COM O MEDO COMUNISTA

Já o uso de um vocabulário e sentidos que remetem a um discurso técnico, médico e científico, projetou um *ethos* de competência e de credibilidade em parte do público, produzido por um efeito de evidência. Dessa forma, a partir do conceito de grupo de risco, Bolsonaro explicou que nos "Estados Unidos e outros países" havia um número alto de óbitos porque a população tinha uma média de idade na casa dos 80 anos e possuíam comorbidade. Em um raciocínio pragmático, o enunciador equivocadamente afirmou que "quem tá são, o risco é quase zero".

Com essas estratégias enunciativas, as mortes pelo coronavírus passaram a ser naturalizadas, ideia essa ancorada em um fatalismo, em que o estado liberal não tinha responsabilidade no enfrentamento da pandemia, como expresso no trecho (17.1): "Alguém acha que dá para ter zero mortes? Tem certas pessoas que, se não tivesse acometido o vírus, também teriam morrido. A gente lamenta".

Diante do *ethos* de desumanidade do presidente, o jornalista apontou em números a projeção de possíveis mortes no Brasil, mais de 200 mil, como segue no trecho (18):

> **(18) IMPRENSA 3 (9:52)**: Mas a covid-19 pode provocar mais de 200 mil mortes, presidente, no país.
>
> **BOLSONARO (9:56):** Em que país?
>
> **IMPRENSA 3 (9:57):** No Brasil, se tiver....
>
> **BOLSONARO** (9:58): 200 mil?
>
> **IMPRENSA 3 (9:59):** Sim, porque se for 1% da população que pegar e se fizer o cálculo da projeção....
>
> *Risadas*
>
> **PESSOA 2 (10:02):** Tá adivinhando.
>
> **BOLSONARO (10:04):** Tá difícil. (risada) No mundo todo, chegou em 20 mil, se eu não me engano. Eu queria que fosse zero.
>
> **PESSOA 2 (10:09**): Ele deve ter ido (inaudível) adivinhação.

> **BOLSONARO (10:09):** 200 mil? Eu ouvi um *site* de esquerda falar que eu sou responsável, seria responsável por 498.632 pessoas. Temos que tirar da cabeça do povo essa sensação de pânico, de terror, meu Deus do céu. Você tem que enfrentar o vírus, não temos como fugir dele, é igual a chuva, se chover, você tem que enfrentar, pô, com um guarda-chuva.

Para desqualificar a credibilidade da informação referente ao número de mortes, Bolsonaro relacionou a autoria da informação a "um *site* de esquerda", já que parte do público eleitor de Bolsonaro é antipetista e compartilha da mesma tópica de antipatia pela esquerda sob um medo do comunismo. Em uma enunciação alocutiva "você tem que enfrentar o vírus", com tom imperativo, o presidente produziu um efeito pathemico de indignação e coragem para "enfrentar" o "pavor" e "terror" criado pela esquerda.

7.12 ANÁLISE: *ETHO*S DE POTÊNCIA POPULISTA E A CLAQUE COMO ENUNCIADOR

No trecho (17), o enunciador Bolsonaro interrompeu o interlocutor jornalista de forma brusca e agressiva, principalmente quando as perguntas são provocativas e evidenciam informações omitidas pelo presidente, gerando no interlocutor jornalista efeito de antipatia e no auditório do presidente, de simpatia, diante de um *ethos* de potência de um enunciador que enfrentava a imprensa. Consequência disso, é que a claque ali presente teve a liberdade de participar da alternância de turnos das perguntas e resposta em apoio ao presidente, seja com gargalhadas para gerar constrangimento à imprensa ou com comentários, como "Tá adivinhando", "Ele deve ter ido (inaudível) adivinhação". Tal relação, em que os apoiadores se transformavam em enunciadores, pode levar a um efeito de simpatia e cumplicidade entre Bolsonaro e sua claque, tanto que logo em seguida Bolsonaro respondeu a eles com um sorriso em tom de provocação para a imprensa: "Tá difícil".

Essa alternância de turnos de fala, com a imprensa perguntando, a claque comentando e invalidando as indagações, repetiu-se ao longo do vídeo, sobretudo quando as perguntas eram desconfortáveis para Bolsonaro, como no trecho (19), em que o jornalista questionou se ele não estaria se precipitando:

> **(19) IMPRENSA 9 (10:32):** Presidente, o próprio presidente Trump ele colocou que gostaria de abrir o país até a Páscoa. Doze de abril. O senhor não acha que está

> tomando uma medida inclusive mais radical do que do que o presidente Trump defendeu.
>
> **BOLSONARO (10:43):** Por que o Trump está pra abrir a partir de hoje? É que eu...
>
> **PESSOAL (10:46):** Ele falou Páscoa que gostaria de Páscoa. Doze de abril presidente.
>
> **BOLSONARO (10:48):** Tudo bem. Ô cara, o vírus se espalhou num país em uma data diferente como na China, começou lá na verdade em novembro né, o resto...
>
> **JORNALISTA (10:57):** As pessoas….(interrompido)
>
> **BOLSONARO (10:57)**: **Realidade do Brasil**! Temos aí a cloroquina. Tenho tido relatos de pessoas que entram em contato comigo que tá sendo é... **eficiente, cem por cento eficiente**, mais ainda, né? Lógico que tem que vir (sic) a dosagem. A dosagem é... do remédio é importante, né? Nós não podemos deixar que…tem aqui uns brasileiros do meu lado aqui. Tá? Não sei se tem…
>
> **PESSOA (11:22):** vozes inaudíveis
>
> **PESSOA (11:24):** Vai perguntar pra ela a voz do povo está aqui oh. Hã? Desemprego em massa. Né? O caos está vindo aí. Não tem, o abastecimento já começa se se se fazer é.. presente olha a greve dos caminhoneiros.
>
> **PESSOA (11:41):** Já tem fila nos postos. Tá?
>
> **BOLSONARO (11:42):** Já tem fila... Os caminhoneiros recebo vídeo de muitos caminhoneiros mostrando a pista. Não tem restaurante aberto pra eles. Tem cidade que não entra carro com placa de outra cidade. Olha que ponto nós chegamos.
>
> **PESSOA (11:52):** Pirenópolis não entra ninguém mais.
>
> **BOLSONARO (11:54):** Hã?
>
> **PESSOA (11:55):** Pirenópolis não entra mais ninguém.
>
> **BOLSONARO (11:56): Teresópolis.**
>
> **PESSOA (1157): Pirenópolis.**
>
> BOLSONARO (11:56): Peguei Búzios agora. Está proibido entrar carro de outra placa em Búzios vive praticamente de turismo. (grifos nossos).

Para projetar um *ethos* de chefe, a partir da figura de chefe soberano, Bolsonaro evocou a autoridade popular, a "voz do povo", quando sugeriu à imprensa perguntar a sua claque como estava o "caos", devido às medidas de preventivas adotadas pelos governadores e prefeitos. Em regimes populistas, em nome do povo, o líder justifica suas decisões e ações.

Além disso, pela prova do testemunho de vida ("Tenho tido relatos de pessoas"), Bolsonaro apontou a cloroquina como "cem por cento eficiente", produzindo em parte das pessoas um efeito de esperança diante de uma situação tão incerta como foi a pandemia da

covid-19. Portanto, no trecho (19), Bolsonaro tentou gerar um efeito de evidência e veracidade, por meio do testemunho de vida do seu auditório, com intenções pathemicas de esperança com o uso da cloroquina como medicamento "cem por cento eficiente", solução salvadora para o medo do "caos" provocado por "certas autoridades".

7.13 ANÁLISE: "SENHOR DA GUERRA" E O UNIVERSO PATHEMICO

O mesmo ocorreu no trecho (20.1), em que o enunciador tentou construir em parte do seu público um *ethos* de chefe, só que dessa vez acionando a figura do comandante, fazendo uso da imagem do "senhor da guerra", associando a pandemia a uma "guerra a ser enfrentada" como segue:

> **(20.1) BOLSONARO (12:09):** [...] Eu espero que o Brasil volte à normalidade, encare o, o vírus, tá? Até como se fosse uma guerra, mas em situação de igualdade e em pé. Se nós nos acovardamos, for pra, ir pro discurso fácil, "todo mundo em casa", vai ser o caos. Ninguém vai produzir mais nada, desemprego tá aí, a geladeira vai acabar, né? Acabar, vai acabar o que tem na geladeira, ninguém produzir mais nada, ninguém vai conseguir, ninguém vai conseguir pagar conta. Fiquei sabendo de um governador que está está liberado pagar conta de energia elétrica tua, do teu estado, olha que ponto nós chegamos.

Percebemos que o *ethos* de chefe nessa situação discursiva produziu efeitos pathemicos de indignação e de coragem que poderia incitar a ação, como é estimulado por meio do texto – "encarar o vírus"; "em situação de igualdade e em pé" –, em oposição ao que o enunciador chama de "discurso fácil, 'todo mundo em casa'", em que de forma descontextualizada é feito uso do aforisma, transformando o "ficar em casa" em "discurso fácil", por meio de um sintagma cristalizado composto por um nome e um adjetivo negativo.

O enunciador criou um universo pathemico negativo quando se referiu às medidas de prevenção à covid-19 por meio de palavras que levassem a esse universo ("caos", "discurso fácil", "desemprego") e de uma narrativa que descrevia uma cena dramatizante suscetível a produzir efeitos negativos de angústia, a partir de figuras de medo e terror de uma situação social econômica de escassez e fome ("vai acabar o que tem na geladeira, ninguém produzir mais nada, ninguém vai conseguir, ninguém vai conseguir pagar conta"). Até mesmo as medidas políticas adotadas por seus adversários políticos ("liberado pagar conta de energia elétrica") foram ironizadas para serem invalidadas, quer seja pelo tom ou pelo enunciado "olha

que ponto nós chegamos", promovendo uma tópica de antipatia em relação a seus adversários políticos.

7.14 ANÁLISE: *ETHOS* DE POTÊNCIA, O PAPEL DO ESTADO, O ANTICOMUNISMO E O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

Em seguida, Bolsonaro foi questionado se, na prática, o isolamento vertical era factível no Brasil, já que foi citado, no trecho (15), como exemplo as medidas adotadas no Japão, como segue no excerto a seguir (21):

> **(21) JORNALISTA (13:27):** É faticamente (sic) possível isolar só a população de risco, presidente?
>
> **BOLSONARO (13:29):** Ô cara, você tem que isolar quem você pode, pô cara. Você quer que eu faça o quê?
>
> **JORNALISTA (13:32):** Se ficar todo mundo isolado… (inaudível)
>
> **BOLSONARO (13:32):** Eu tenho o poder de pegar cada idoso lá e levar pra um lugar, "fica aí. Está aqui uma pessoa pra te tratar". É a família dele tem que cuidar dele em primeiro lugar, rapaz. O povo tem que deixar, de deixar tudo nas costas do poder, do poder público. Aqui não é uma ditadura porque é democracia, pô. "A família em primeiro lugar". Esse foi o discurso que me elegeu inclusive. O responsável por "seu" João, a minha mãe de noventa e dois anos são seus meia dúzia de filhos. Nós que somos responsáveis pela minha mãe no momento. Em último lugar, se eu não tiver ninguém, daí um asilo, o estado, seja quem for.
>
> **JORNALISTA (14:06)**: É idosos, o que que entra no isolamento?
>
> **BOLSONARO (14:08):** Idosos que têm comorbidades. Mais de, mais de duas duas ou mais doenças.

Assim como em outros trechos analisados, quando jornalistas de veículos de imprensa faziam alguma pergunta mais desconfortante para o presidente, as respostas dadas eram em um tom mais agressivo e autoritário, com um falar forte com o intuito de projetar um *ethos* de potência, que foi reforçado pelos enunciados alocutivos com o uso de vocativos que, associados à tonalidade descrita, os rebaixa socialmente, como "pô, cara", "ô cara" e "rapaz".

De forma recorrente e regular em seu enunciado, Bolsonaro fez questão de limitar seu papel como presidente. Em uma interação com o imaginário de um Estado liberal, que não tem como atribuição prover a assistência social à população, expressado em enunciados alocutivos em primeira pessoa que apontavam para um fatalismo liberal diante da situação:

“Você quer que eu faça o quê?”; “Eu tenho o poder de pegar cada idoso lá e levar pra um lugar, ‘fica aí. Está aqui uma pessoa pra te tratar?”; “O povo tem que deixar, de deixar tudo nas costas do poder, do poder público”; “Em último lugar, se eu não tiver ninguém, daí um asilo, o estado, seja quem for”.

O enunciador tentou associar o isolamento social e as medidas de prevenção a uma tópica de angústia, por meio da palavra “ditadura”, que levou a um universo pathemico que acionou o medo da restrição da liberdade (“Aqui não é uma ditadura, porque é democracia, pô”). No mesmo trecho, o enunciador criou uma relação explicativa por meio da singularização e essencialização de ideias, para justificar que suas decisões eram democráticas, por não ser uma ditadura, com o intuito de promover um efeito pathemico de esperança diante das decisões tomadas pelo presidente, ou seja, promover uma adesão maior às medidas sugeridas. Tal fórmula reduziu a capacidade do cidadão de se interrogar sobre a complexidade de tais regimes políticos (ditadura e democracia) ao torná-la ideias absolutas em si.

Em seguida, por meio do aforismo “A família em primeiro lugar” complementado por “Esse foi o discurso que me elegeu inclusive”, o enunciador buscou projetar o *ethos* de chefe, a partir da figura de soberania popular, para justificar seu posicionamento contra as medidas preventivas em nome dessa soberania. É importante, adicionalmente, observar que esse *ethos* é baseado em uma frase definicional, cuja concretude produziu um efeito absoluto, apresentando-se com um valor de verdade geral, como um provérbio, com um tom de veredito. Ela está fora do seu contexto, no enunciado não foi identificado ao certo quem e como elas foram utilizadas inicialmente, a quais atores estavam relacionadas nem o propósito. Porém, como foi citado pelo enunciador no trecho (21), o aforismo sobre a família se referia e falava diretamente com seus eleitores, àqueles do Partido Teocrata, vinculados à ideias fundamentalistas religiosas.

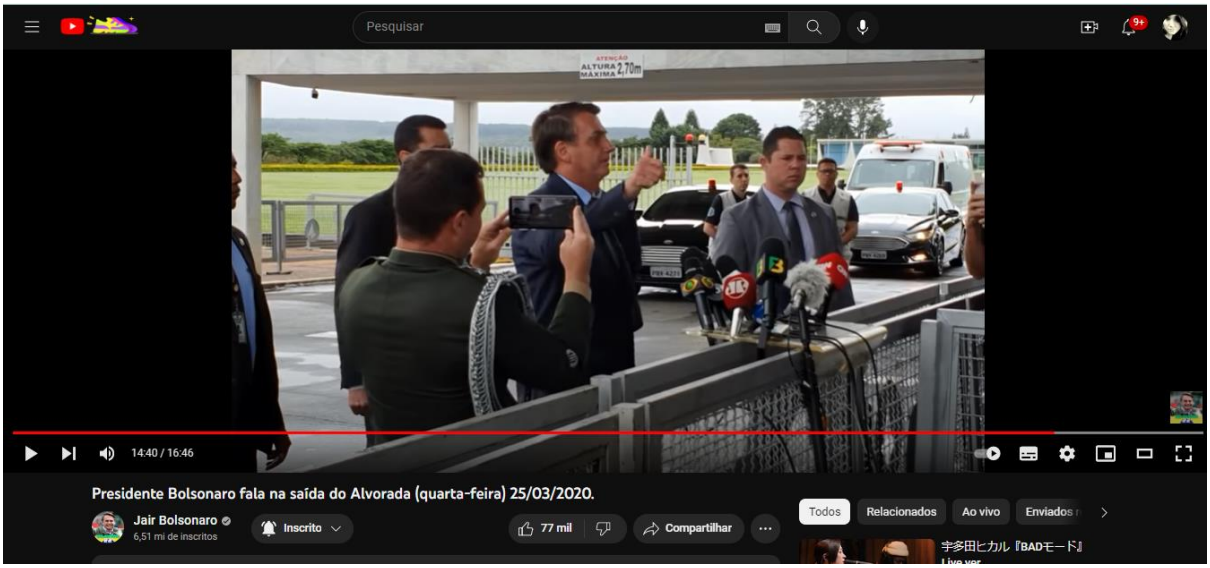
7.15 ANÁLISE: O ENCERRAMENTO E O *ETHOS* DE TROLL

A partir do trecho (23), abruptamente, a coletiva-fala no *cercadinho* foi encerrada por Bolsonaro quando um dos jornalistas questionou o presidente sobre as críticas recebidas por parlamentares e pelo presidente do Senado, Davi Alcolumbre, devido ao pronunciamento realizado no dia anterior, como podemos ver a seguir:

> **(23) JORNALISTA (14:10):** Presidente, o senhor foi, o senhor foi acusado no discurso de ontem de ter adotado um discurso irresponsável por contrariar orientação médica, Organização Mundial da Saúde, o senhor foi criticado por parlamentares, o próprio presidente do Senado se manifestou.
> **JORNALISTA (14:20):** Quem orientou o senhor a fazer aquele discurso?
>
> **BOLSONARO (14:24):** Eu fiz sozinho. Vocês inventaram que o gabinete do ódio fez o discurso, eu que fiz o discurso. Está aí, está aí. Eu que escrevi o discurso. Eu que sou responsável pelos meus atos.
>
> **PESSOA (14:35):** Presidente. (interrompido)
>
> **BOLSONARO (14:38):**. Ser criticado por quem? Por quem nunca fez nada pelo Brasil? Estou muito feliz com as críticas. Nunca fez nada pelo Brasil.
>
> *(Bolsonaro saí do púlpito para encerrar a coletiva.)*
>
> *(Aplausos da claque)*

A interrupção da coletiva se deu por um indício corporal do enunciador, ao se afastar do púlpito, local reservado para responder à imprensa em que ficavam fixados os microfones, além de fazer um sinal com a mão de "joinha", reforçando o tom de ironia ao dizer "Ser criticado por quem? Por quem nunca fez nada pelo Brasil? Estou muito feliz com as críticas. Nunca fez nada pelo Brasil", como ilustrado na Figura 18.

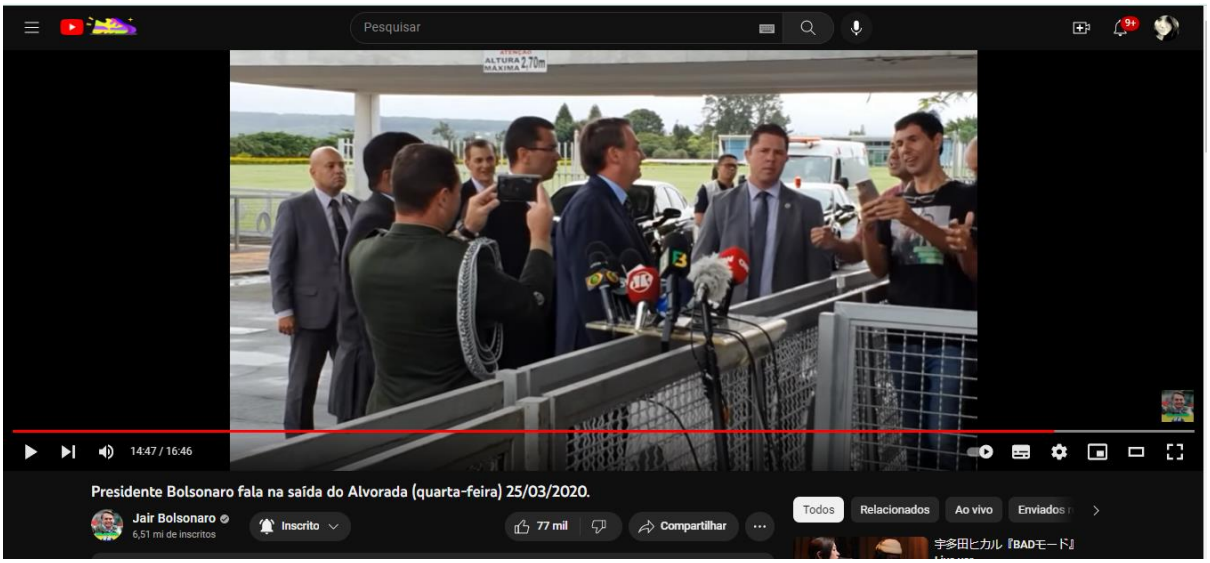
Figura 19 – Presidente Bolsonaro faz "joinha" para a imprensa de modo a reforçar o tom verbal de ironia



Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

Em seguida, Bolsonaro foi aplaudido por sua claque e se dirigiu ao espaço no *cercadinho* onde ela estava para dar continuidade ao diálogo.

Figura 20 – Presidente Bolsonaro faz “joinha” para a imprensa de modo a reforçar o tom verbal de ironia



Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

Porém, mesmo assim, os jornalistas continuavam com as perguntas, como segue no trecho:

> **(23) JORNALISTA (14:44):** O presidente do Senado nunca fez nada pelo Brasil?
>
> (inaudível)
>
> **BOLSONARO (15:03):** Aqui ó está do meu lado aqui ó, o major aqui responda major! Agora sou o presidente da República, seu seu chefe, sentiu alguma coisa?
>
> **MAJOR (15:08):** Não senhor presidente.
>
> **BOLSONARO (15:09):** Ficou em casa o tempo todo?
>
> **MAJOR (15:10):** Fiquei em casa os quatorze dias e não senti nada.
>
> **BOLSONARO (15:13):** Sentiu nada né? Não tem problema. Não tem problema.

O enunciador não respondeu à pergunta da imprensa diretamente sobre “quem nunca fez nada pelo Brasil”. Porém, como forma de evidenciar que a covid-19 é uma doença com sintomas leves, fez novamente uso da prova do testemunho de vida, ao perguntar ao major, que estava a seu lado, o que sentiu quando teve a doença (“Aqui ó está do meu lado aqui ó, o major aqui responda major! Agora sou o presidente da República, seu seu chefe, sentiu alguma

coisa?"). Assim como no trecho (19), o enunciador fez uso desse recurso para produzir um efeito de evidência e veracidade a partir da experiência pessoal do conhecimento de crença.

Para finalizar a análise desse microdispositivo, destacamos dois trechos (24) e (24.1) em que são compreensíveis o que era dito pelos apoiadores de Bolsonaro que estavam no *cercadinho*, sendo a frase final a (24.1):

> **(24) PESSOA (15:42):** Gente, conversa lá, porque policial tem que tá trabalhando, policial aluno é de açúcar?
>
> (...)
>
> **(24.1) PESSOA (16:35):** Mas assim, Brasil tá com o senhor, fica firme. Não abaixa a cabeça não.

Seus apoiadores foram também enunciadores no microdispositivo, e um dos seus papéis foi legitimar a soberania do presidente Bolsonaro, logo, de suas decisões e dos posicionamentos. Dessa forma, as duas vozes se misturam tamanha a cumplicidade e chancela, projetando o *ethos* presidencial na figura da soberania, quando os apoiadores afirmam que o Brasil está com ele.

7.16 QUADRO RESUMO: FALA CERCADINHO DO PALÁCIO DA ALVORADA

Cena Englobante: Discurso Político **Cena Genérica: Fala Informal** **Microdispositivo: Fala Cercadinho do Palácio da Alvorada** **Data: 25/3/2022**	
Ethos mostrado (com efeito pathemico)	*Ethos* de potência populista autoritária => *troll* Esteticamente agressivo, irreverente, culturalmente popular, figura do salvador – que enfrenta o sistema e autêntico (apoiadores). Tom desrespeitoso, violento verbalmente, irônico e insolente. Intimidar o interlocutor (imprensa). Índices verbais da linguagem coloquial, vícios de linguagem, subvertendo a norma culta. Projeta um *ethos* que não é popular em si, já que a figura do militar, um dos *ethos* prévio de Bolsonaro, refere-se a um grupo social com prestígio e privilégios.
Ethé dito	*Ethos* de potência => efeito de antipatia (imprensa) e simpatia (apoiadores) Tom mais forte de fala, verbalmente agressivo, irônico e interrompendo a alternância de fala do interlocutor-imprensa. *Ethos* de competência => efeito de evidência Associado à imagem de Trump, do governo japonês, uso de um vocabulário e

Cena Englobante: Discurso Político **Cena Genérica: Fala Informal** **Microdispositivo: Fala Cercadinho do Palácio da Alvorada** **Data: 25/3/2022**	
	sentidos que remetem a um discurso técnico, médico e científico. *Ethos* de chefe populista Vítima de adversários políticos e salvador. *Ethos* de chefe populista => guia-profeta Predestinado e com uma vocação direcionada para o futuro, "conduzir o destino do Brasil", direcionar o "caminho que o Brasil deve seguir", assistencialista populista que projeta para si a responsabilidade de guiar o Brasil. Relação interdiscursiva com o campo religioso, porta-voz da palavra divina. *Ethos* de chefe populista => chefe soberano Povo é o destinatário, evoca a autoridade popular para legitimar suas decisões. *Ethos* de chefe populista => "senhor da guerra" => efeito pathemico de coragem. Vocabulário bélico – "guerra a ser enfrentada" . *Ethos* de virtude Desinteressado de motivos eleitorais, leal, acima dos conflitos. *Ethos* de desumanidade e indiferença => efeito de repulsa (familiares e não eleitores). "A gente lamenta".
Efeitos pathemicos	Dramaturgia discursiva Antipatia => adversários políticos Polarização bem, povo x mal, elite, desqualificação dos adversários, "certas autoridades municipais e estaduais", figura de indignação, tom de acusação, adversários x figura do salvador. Angústia => Figuras de terror e medo Fome, caos, fechamento e paralização das atividades econômicas, saques e violência, medidas de prevenção, restrição de liberdade, ditadura. Esperança => retorno ao trabalho, isolamento vertical e cloroquina Repulsa => Bolsonaro => ethos de desumanidade (familiar e não apoiadores) Efeitos do *ethos* autoritário, de potência, desumanidade. Atração e Simpatia => Bolsonaro => figura de salvador Efeitos do *ethos* autoritário, de potência, benfeitor, herói que está enfrentando o sistema. Indignação e coragem => enfrentar a pandemia

Cena Englobante: Discurso Político **Cena Genérica: Fala Informal** **Microdispositivo: Fala Cercadinho do Palácio da Alvorada** **Data: 25/3/2022**	
	"Você tem que enfrentar o vírus", tom imperativo, o presidente produz um efeito patêmico de indignação e coragem para "enfrentar" a covid-19 diante do "pavor" e "terror" criado pela esquerda.
Relações interdiscursivas	Discurso de justificação => respostas às críticas a seu pronunciamento oficial Antipolítica / anticomunista => efeitos de antipatia "Fazem política o tempo todo", imaginários circulantes negativos da política associada à corrupção, alianças nefastas e defesa de interesses pessoais. Antagonismo populista do nós/bem/povo x eles/mal/elite. "Um *site* de esquerda" que infla a previsão do número de mortes. Relações polêmicas => decretos publicados por autoridades locais (governadores e prefeitos) Respostas às instâncias adversárias Tom de ameaça, relação causal simples entre as medidas adotadas para prevenção do aumento da covid-19, a crise econômica e uma ruptura democrática. Interpretação interdiscursiva da instância adversária Aqueles caras que falam "a economia é menos importante que a vida". Crenças ultraliberais => imaginário ultraliberal fatalista Não tem como atribuição prover a assistência social à população "Você quer que eu faça o quê?". Medidas de prevenção => "ditadura" e restrição da liberdade. Campo científico => efeitos pathemicos de esperança Relação polêmica. Os conceitos de grupo de risco e isolamento social são atualizados no discurso político, de acordo com a visada que é relativizar a gravidade da pandemia, para justificar a reabertura da economia e convencimento para promover a adesão ao projeto bolsonarista de enfrentamento à pandemia. Campo religioso => produção de *ethos* de chefe – guia-profeta "A verdade acima de tudo", "A família em primeiro lugar" porta-voz de valores universais, de um terceiro onipotente, da palavra divina diante de seus seguidores.

8 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS ENUCIATIVAS: *LIVES* REALIZADAS EM PERFIS PESSOAIS DE REDES SOCIAIS

> O que dizer então daquele que vai morrer, apanhado na armadilha por detrás das paredes crepitantes de calor, enquanto, no mesmo minuto, toda uma população, ao telefone ou nos cafés, fala de câmbio, de notas fiscais ou de descontos? Compreende-se o que há de desconfortável na morte, mesmo nos dias de hoje, quando ela chega assim a um lugar seco. (CAMUS, 1958/2019, p. 9).

8.1 ANÁLISE: A CENOGRAFIA DE UM *ETHOS* DE HUMANIDADE

Na *live* que estamos analisando, o enunciador e seus interlocutores presentes permaneceram o tempo todo sentados, com uma postura corporal e facial mais relaxada, apoiando o corpo em uma mesa que remetia a uma bancada de telejornal. O enquadramento adotado foi o plano médio e todos os participantes da transmissão ficaram em um ângulo reto e frontal em direção à câmera, como se estivessem conversando diretamente com o público, o que contribuiu para uma imagem de intimidade e proximidade. Vez ou outra esse ângulo mudou, em circunstâncias como quando Bolsonaro consultou suas anotações, falando com sua assessoria ou conversando com seu convidado, sentado ao lado.

Figura 21 – Bolsonaro e Pedro Guimarães durante a *live* realizada na Biblioteca do Palácio do Alvorada

Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

Predominantemente, Bolsonaro permaneceu sério, mas calmo, alternando com sorrisos que ocorreram durante o momento em que contava uma piada, um caso pessoal ou quando foi irônico, ao se referir a seus adversários políticos. Essa tonalidade mais espontânea e amistosa teve como intenção produzir uma tópica de simpatia e projetar um *ethos* de humanidade. O mesmo ocorreu com a vocalidade de um falar mais tranquilo e informal que o enunciador adotou durante as *lives*, com um tom de voz nem enérgico e nem meloso, aproximando-se de uma conversa entre amigos ou familiares, com o objetivo de gerar um efeito de simplicidade natural, intimidade e simpatia.

Figura 22 – Presidente Bolsonaro ri quando esquece o nome da doença que provoca a pandemia, coronavírus

Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

8.2 ANÁLISE: *ETHOS* DE HUMANIDADE E AS *LIVES* OFICIOSAS

Bolsonaro iniciou a *live* com o registro do local (Brasília) e data (26 de março) e horário (19 horas) e apresentando os interlocutores presentes na transmissão, como podemos conferir a seguir:

> **(1) BOLSONARO (00:20):** É… boa noite, Brasília, 26 de março, dezenove horas. Aqui a minha esquerda, a Elisângela, nossa intérprete de libras e a direita, aqui, o

> Pedro Guimarães, o presidente da nossa Caixa Econômica Federal. Já tem conta na Caixa ou não?
>
> **PEDRO (00:30)**: Tenho!
>
> **BOLSONARO (00:30):** Está vendo aí? Desde 73 eu tenho conta do Banco do Brasil. Mantenho no Banco do Brasil ou ...
>
> **PEDRO (00:35):** Mantém no Banco, né?
> (risadas)

Essa marcação textual do local e do horário é a mesma adotada pelo programa diário *A voz do Brasil*, noticiário radiofônico estatal criado na década de 1930, produzido pela EBC. Sua transmissão é obrigatória em todas as emissoras radiofônicas brasileiras. Assim, quando o enunciador inicia a *live* em uma rede social do perfil pessoal de Bolsonaro, com o mesmo texto de um programa oficial do governo federal que há quase um século é transmitido diariamente, remete o conteúdo digital de caráter pessoal a um pronunciamento oficial. Dessa forma, mesmo fazendo uso de canais de comunicação pessoais e não oficiais, essas marcas remetem ao *ethos* prévio de presidente da República.

Logo em seguida, para produzir um *ethos* de humanidade, Bolsonaro fez uso da figura de intimidade em uma conversa coloquial, amena e de teor pessoal com o presidente da Caixa, ao perguntar a ele se tinha conta no banco estatal; em seguida, Bolsonaro diz que sua conta era no Banco do Brasil e ri logo após a fala. Foi um diálogo que buscou produzir efeitos de simpatia com o público que acompanhava as *lives*, por projetar uma imagem de identificação de uma pessoa comum que tem uma conta bancária.

Após a abertura da *live*, para fortalecer um *ethos* de humanidade, o enunciador citou uma coletiva de imprensa realizada no mesmo dia, de "improviso", "como sempre", acionando uma figura de autenticidade quando se relaciona com os veículos de comunicação, como segue no trecho (2):

> (2) **BOLSONARO (00:39):** É, pessoal, tem… Eu dei uma coletiva na entrada agora, coletiva de improviso sempre, e foi na íntegra agora na *CNN*. Será que a *Globo News* vai botar na íntegra ou vai pegar aqueles pedacinho e fazer um, fazer um, fazer um verdadeiro circo em cima disso, né? Mas tudo bem. Então demos uma coletiva agora, falamos muita coisa.

A intenção de Bolsonaro foi comparar a cobertura de dois veículos de comunicação – *CNN* e *GloboNews* – e produzir antecipadamente um enunciado em resposta ao que seria publicado pela *Globo*, que era acusada de "pegar pedacinhos e fazer um verdadeiro circo". O

presidente, como em outros microdispositivos analisados, encenou uma dramaturgia discursiva em que a imprensa foi deslocada pelo enunciador de uma instância de mediação para a instância de adversária política. Além disso, nas transmissões em suas redes sociais, Bolsonaro citou e diferenciou o comportamento dos veículos de imprensa, em que o trabalho realizado pela *GloboNews* foi classificado negativamente como "circo", com a intenção de produzir uma tópica de antipatia ao canal e, por consequência, invalidar a cobertura de seu pronunciamento em coletiva para a imprensa.

8.3 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO E O *ETHOS* DE SOLIDARIEDADE

Ainda em uma relação interdiscursiva com outros enunciados, no excerto seguinte (3), Bolsonaro mencionou as críticas que recebera após seu pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão, no dia 24 de março, por ter minimizado a gravidade da pandemia:

> **(3) BOLSONARO (1:04):** Há dois dias, eu ocupei a rede nacional de rádio e televisão, muita gente criticando né, Pedro? Tem até ministro me criticando, então tem muita gente criticando mesmo né? Mas o que acontece?
>
> **(3.1)** Praticamente,. completando aí quarenta e oito horas. Já mudou muita coisa. Tá? Porque nós temos que preocupar com as vidas das pessoas sim. Preocupar com a vida das pessoas. Eu tenho minha mãe que daqui há dois dias vai fazer noventa e três anos de idade. Noventa e três. E... **mas** também a gente tem que se preocupar com o emprego das pessoas. Porque é… uma pessoa desempregada vai viver como? Eu posso, eu tenho uma poupança aí, você com toda certeza deve ter seu, suas economias aí (se referindo ao Pedro) tem como durar alguns meses, né? Ou talvez até alguns anos. Agora, maioria do povo brasileiro não consegue viver mais que uma semana. Vai faltar recurso. Né? Vão ter dificuldade. E eu tenho dito, né? Eu não estou criticando governadores. Né? Eu critico **alguns poucos governadores**, **alguns poucos prefeitos** que erraram na dose. Botaram, em vez de dar um comprimido, deram três. E uma dose errada vira veneno.
>
> (3.2) O povo tá ficando desesperado, quer trabalhar. Todos nós tamo preocupado com a vida, sem problema nenhum, tá certo? Queremos que não haja morte nenhuma no Brasil por causa desse desse vírus, certo? **Mas** esse vírus é igual uma chuva. Fechou o tempo trovoada você vai se molhar. E vamos é tocar o barco. (3.3) Não vou minimizar a gripe. **Se bem** que dizem aí os infectologistas pra noventa por cento da população essa gripe não é quase nada. Não vou falar gripezinha, vocês vão me criticar, né? Falar gripezinha não pode, né? Cem mil pessoas assistindo. Valeu pessoal! Mas é quase nada! Tá? A gente vê os estudos aí, quem tem menos de quarenta anos, uma vez infectado, a chance de óbito é próxima zero, se não me engano é uma pra cada quinhentas pessoas, certo? Então a preocupação que tem que existi, tem, tá? Ah, e a primeira pessoa a se preocupar com o grupo de risco é você, que tem seu que tem o pai, avô, o bisavô dentro de casa. Essa é a preocupação. Não é esperar que o governo faça alguma coisa. Isso é do governo está fazendo muita coisa, mas não pode fazer tudo que alguns acham que o estado pode fazer. Governo onde o estado faz tudo são ditaduras. Né? Está uma maravilha na Venezuela, em Cuba, Coréia do Norte. Lá

> ninguém, ninguém reclama de nada. Morreu alguém em Cuba? Está sabendo? (risos) Está sabendo, está certo? Agora, mortes vão existir. Por exemplo, hoje em Goiás, eu acho que foi Goiás, não tenho certeza. Anunciou uma morte. Sim. Anunciou uma morte lá. E essa pessoa que faleceu lá. Eu anotei aqui, certo? Setenta e seis anos. Tem três, tem três outras enfermidades. Três outras enfermidades. A gente lamenta, tá? Então, ela, que pelo que eu via, coronavírus é a enfermidade menos grave que ela adquiriu. Então o somatório de problemas, a vida pregressa da pessoa fraca muitas vezes, né? Com problemas outros, chama-se comorbidade, né? Duas ou mais doenças veio a falecer, a gente lamenta. Está certo? (grifos nossos).

Em resposta a essas críticas ("tem muita gente criticando", "tem até ministro"), por meio de um discurso de justificação, Bolsonaro afirmou que "já mudou muita coisa" e buscou amenizar seu posicionamento ao afirmar em uma enunciação elocutiva, com o uso da primeira pessoa no plural, que "nós temos que nos preocupar com a vida das pessoas, sim, preocupar com a vida das pessoas" e "Todos nós tamos preocupado com a vida, sem problema nenhum, tá certo? Queremos que não haja morte nenhuma no Brasil por causa desse vírus, certo?".

Em ambos os casos, o enunciador buscou elaborar um *ethos* de solidariedade diante das mortes, ao mencionar sua preocupação com a vida. Inclusive, fez uso de uma figura de pertencimento para demonstrar que ele fazia parte do grupo afetado pela pandemia, ao apontar que sua mãe era do grupo de risco "Eu tenho minha mãe que daqui há dois dias vai fazer noventa e três anos de idade". Porém, tal imagem de solidariedade somente foi acionada em resposta às críticas recebidas que impactavam sua popularidade, como é afirmado logo no começo do trecho (4).

8.4 ANÁLISE: DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO E A CONCESSÃO RESTRITIVA

O enunciador fez uma concessão restritiva nos trechos (3.1) e (3.2), após afirmar sua preocupação com as vidas e não querer que houvesse mortes em decorrência da covid-19. Logo em seguida, utilizou a conjunção adversativa "mas", apresentando, de fato, seu ponto de vista no trecho (3.1): a prioridade do enunciador era com os empregos, ou seja, com os índices econômicos ("mas também a gente tem que se preocupar com o emprego das pessoas. Por que é uma pessoa desempregada vai viver como?"); naturalizando a covid-19 ao comparar com um fenômeno da natureza ("mas esse vírus é igual uma chuva. Fechou o tempo trovoada você vai se molhar. E vamos é tocar o barco").

A mesma concessão restritiva ocorreu no trecho (3.3), quando o enunciador afirmou que "não iria minimizar a gripe". Com o uso da conjunção concessiva "se bem que", refutou

sua fala anterior por meio do interdiscurso citado de médicos infectologistas, de forma a produzir credibilidade, logo um efeito de verdade (“se bem que, dizem aí os infectologistas, pra noventa por cento da população esse vírus não é quase nada”). Nos três casos, as concessões restritivas são estratégias enunciativas ambíguas que, ao mesmo tempo, amenizam as críticas recebidas e reafirmam enunciados defendidos por ele e criticados em declarações anteriores.

Recorrendo à ambiguidade, Bolsonaro pode negar futuramente o que disse, caso seja questionado ou desmentido, já que não é taxativo em suas afirmações, produzindo um efeito de tranquilidade, especialmente para seus apoiadores, que o acompanham e levam em consideração não somente o dito, mas todo o contexto discursivo. Assim, Bolsonaro operou como um *troll*, de forma que verdade e mentira fossem mescladas ou confundidas. A ambiguidade discursiva e o *ethos* de solidariedade são estratégias enunciadas que produziram um álibi para decisões de Bolsonaro pró-mercado econômico, pois tornaram opacas suas intenções e reais posicionamentos.

8.5 ANÁLISE: *PATHOS* DE ANGÚSTIA E DE ANTIPATIA X *PATHOS* DE TRANQUILIDADE

A tópica angústia foi igualmente elaborada discursivamente no trecho que estamos analisando, por meio da palavra “desesperado”, que declaradamente tem efeitos pathemicos relacionadas ao medo do desemprego e suas consequências, ou a partir da descrição de um estado de perigo causado pelo desemprego em virtude das medidas de enfrentamento à covid-19 (“uma pessoa desempregada, vai viver como?”; “agora a maioria do povo brasileiro não consegue viver mais que uma semana. Vai faltar recurso, né? Vão ter dificuldades”).

Bolsonaro responsabilizou “alguns poucos governadores, alguns poucos prefeitos que erraram na dose” pela crise econômica e desemprego. Isto com a intenção de produzir um efeito de antipatia, comparando, metaforicamente, as políticas de prevenção a um “veneno”, isto é, a política de prevenção seria uma substância fatal e que levaria à morte.

No mesmo trecho, contrário à angústia, Bolsonaro buscou produzir um efeito de tranquilidade, ao naturalizar o coronavírus, como uma verdade absoluta (“mortes vão existir”). Para isso, recorreu ainda ao interdiscurso (“A gente vê os estudos aí”), remetendo ao campo científico, para produzir credibilidade, por meio de marcas linguísticas de um saber de conhecimento, mais especificamente do campo estatístico (“um para cada quinhentas pessoas),

para explicar erroneamente a relação de mortalidade e grupo de risco (“A gente vê os estudos aí, quem tem menos de quarenta anos, uma vez infectado, a chance de óbito é próxima a zero, se não me engano é uma pra cada quinhentas pessoas, certo?”).

8.6 ANÁLISE: IMAGINÁRIO ULTRALIBERAL E ANTICOMUNISTA

A relação interdiscursiva com o campo científico busca projetar um *ethos* de competência, por meio de efeitos de evidências para justificar e fundamentar o posicionamento da Presidência. Em nome de um ideário ultraliberal, que adota valores como Estado mínimo e responsabilização individual, Bolsonaro justifica a ausência nas ações de assistência aos grupos de risco e medidas para conter a crise sanitária na condição de chefe de Estado.

Ainda baseado em um ideário ultraliberal, Bolsonaro, por meio de uma enunciação alocutiva, acionou a responsabilidade do auditório pelas medidas de prevenção e assistência aos grupos de risco (“a primeira pessoa a se preocupar com o grupo de risco é você, que tem o seu pai, avô, o bisavô dentro de casa”). Ao encontro do posicionamento que a assistência não era uma obrigação do Estado, o enunciador estabeleceu uma relação direta entre as ditaduras, os governos que promoviam assistência social e saúde coletiva e os posicionamentos políticos à esquerda (“governo onde o estado faz tudo são ditaduras”). Como parte do público das *lives* eram eleitores de Bolsonaro, que defendeu em sua campanha eleitoral uma agenda ultraliberal e antiesquerda, esse tipo de associação produziu um efeito pathemico de antipatia a tais governos que adotavam políticas de prevenção, sendo associados à esquerda e ditaduras. Ainda de forma irônica, questionou se houve mortes em países como Venezuela, Cuba e Coréia do Norte.

8.7 ANÁLISE: SILENCIAMENTO E O *ETHOS* DE CHEFE DA CRISE ECONÔMICA

No trecho (4), o tema da *live*, abruptamente, passou para o campo econômico, focando nos serviços de produtos do banco estatal CEF, como a redução de juros para os clientes que usassem cheque especial e cartão de crédito, como se o país não passasse por uma pandemia, silenciando-a discursivamente ao produzir um efeito de alegria com os anúncios dos avanços do governo federal:

> **(4) BOLSONARO (4:30)**: Bem, está do meu lado aqui o Pedro, é… Vários assuntos vai falar um de cada vez, um de cada vez pra num... Não… Eu acho que os mais importante aqui, fala fala sobre taxa de juros é pra quem, no cheque especial?
>
> **PEDRO (4:44):** Isso. É… antes da gente assumir o governo, presidente, Luiz Paulo Guedes, meu chefe, nós tínhamos 14% de taxa de juros, presidente, ao mês.
>
> **BOLSONARO (4:56):** 14% ao mês? Antes em 2018, nós assumimos 2019, e daí qual foi a evolução?
>
> **PEDRO (5:02):** Eu acho que reduzimos primeiro pra 8%, depois pra 4,9% e agora estamos anunciando nesse momento uma redução pra 2,9%, ou seja, uma taxa recorde em termos de ser menor, 41% de redução em relação a taxa que já era menor do mercado, presidente.
>
> **BOLSONARO (5:27**): Vamos lá, para ver se eu entendi. Final de 2018, 14%, agora 2,9% ao mês.
>
> **PEDRO (5:34):** Exatamente
>
> **BOLSONARO (5:34):** E?
>
> **PEDRO (05:32**): Eu posso afirmar uma coisa pro senhor e pras pessoas. É… Nós estamos é… Analisando pra reduzir mais ainda porque a Caixa, banco de todos os brasileiros, em especial os mais ricos.
>
> **BOLSONARO (5:46):** Que que você tem que fazer? Eu não estou recomendando ninguém a ir pra Caixa e entraram está no cheque, né fazer dívida lá. Mas se você achar que é obrigado né, não tem como vai pra Caixa pô sai do banco teu aí vai pra Caixa.
>
> **PEDRO (6:02):** Tem um outro ponto, presidente, que é mais que é mais forte ainda.
>
> **BOLSONARO (6:04):** Vou ganhar um cachê na Caixa ou não?
>
> *(risadas)*
>
> **PEDRO (6:08):** O senhor já é, transferiu pra Caixa, mas o parcelado do cartão de crédito, isso é muito importante pra população. Este parcelado do cartão de crédito é aquele que você entra, por exemplo, em trinta e seis meses. Aqui uma redução mais forte ainda. Ainda estava alto, em 7,7% ao mês e nós reduzimos mais de 60%, ou seja, também foi pra 2,9%. Quê que significa isso? Você está devendo no cartão, você pode colocar essa dívida por trinta e seis meses e ao invés dela custar pra você 7,7% ao mês, vai custar 2,9% por cento ao mês.

O silenciamento de sentidos sobre a gravidade da pandemia ocorreu quando sujeitos e autoridades em saúde são interditados em sua fala. A exemplo disso, o interlocutor convidado foi o presidente da Caixa, Pedro Guimarães. Tanto Bolsonaro, como Pedro estabeleceram uma conversa durante a *live*, entre risos e brincadeiras, produzindo um efeito de tranquilidade e alegria por meio de uma vocalidade que projetou uma figura de intimidade e um *ethos* de humanidade.

Mesmo quando temas relativos à crise sanitária foram abordados, eram em uma perspectiva econômica. O campo econômico permaneceu central no fragmento (5), com o tema auxílio emergencial, como segue:

> (5) **BOLSONARO (06:48):** Pessoal, vamos lá. Eu conversei agora com o Paulo Guedes, conversei também com o líder do governo da Câmara, nosso deputado federal Vitor Hugo de Goiás. Nosso querido Goiás. Um abraço Goiás. E aquela ajuda inicial para os informais de duzentos reais, que era muito pouco. Então conversei com o Paulo Guedes, o Major também conversou, (inaudível) também conversou, e o Paulo Guedes resolveu triplicar esse valor, né? A gente sabe que seis… Duzentos é pouco, seiscentos dá uma ajuda para quem perdeu o emprego, né? Se bem que, os informais que perderam a sua atividade. Então dei sinal verde, major Vitor Hugo está conduzindo a votação agora em nome do governo na Câmara e estamos passando então pra seiscentos reais essa ajuda emergencial por três meses para aqueles, para os informais.
>
> **PEDRO (7:36):** presidente, só importante. Porque a Caixa vai fazer a maior parte desses pagamentos, como é, é… De toda Bolsa Família, de todos os programas. É só importante avisar pra população que nós só vamos começar a operacionalizar isto quando for aprovado pela Câmara. Então a Caixa vai fazer a operacionalização mas não está valendo amanhã, tem que ser aprovado pela Câmara.
>
> (Bolsonaro pega as duas caixas de hidroxicloroquina antes mesmo de Pedro terminar sua fala).

Para entendermos as relações interdiscursivas e o *ethos* de chefe projetado nesse excerto (5), é importante conhecer o contexto discursivo do enunciado. No dia 1º de abril de 2020, após pressão de populares, parlamentares, economistas, governadores dos estados e setores da sociedade civil, o presidente Jair Bolsonaro sancionou o Projeto de Lei nº 9.236/17, que criou uma renda básica emergencial de R$ 600,00 aos trabalhadores informais, autônomos e sem renda fixa, durante a crise provocada pela pandemia do novo coronavírus. (BRASIL, 2020a).

Inicialmente, o governo federal sinalizou a concessão de créditos no valor de R$ 200,00 por pessoa, que foi rejeitada pelos parlamentares, que indicaram que o benefício deveria ser superior a R$ 500,00.

> A proposta inicial elaborada pela equipe do ministro Paulo Guedes (Economia) previa o pagamento de 200 reais mensais por três meses ou enquanto durasse a epidemia no Brasil. Na Câmara, os deputados alteraram o projeto para 500 reais e o Governo ofereceu mais 100 reais. No fim, cada um disse que era o "pai da criança". A oposição dizia que o Governo só aumentou o valor por causa da pressão. Enquanto que governistas colocavam a mudança na conta do presidente. (BENITES; BETIM, 2020).

O projeto de renda básica foi elaborado para auxiliar brasileiros que perderam renda por causa da paralisação das atividades comerciais e produtivas devido às medidas de restrição social para atenuar a transmissão da covid-19 no país. Portanto, em resposta às pressões e críticas de setores da sociedade, Bolsonaro, durante a transmissão da *live*, projetou um e*thos* de chefe, ao fazer uso de enunciações elocutivas para demonstrar ser ele quem autorizou a aprovação do auxílio com um valor maior ("eu conversei agora com o Paulo Guedes"; "Paulo Guedes resolveu triplicar esse valor", "dei sinal verde, major Victor Hugo está conduzindo a votação agora em nome do governo", "estamos passando então para 600 reais essa ajuda emergencial").

Ainda no trecho (6), Bolsonaro continuou construindo uma imagem de chefe de Estado, ao citar sua participação na reunião do G20 e a de outras lideranças:

> (6) **BOLSONARO (8:03):** E olha só hoje de manhã tivemos uma videoconferência com a maioria dos integrantes do G20. Estava lá o Trump, o Xi-Jinping, o primeiro ministro da da Índia. Japão. Japão. Estava praticamente todo mundo do G20 lá e cada um pode falar **dois minutos**, senão ficaria muito grande eh essa conversa entre nós. E girou em cima do quê? Em cima da, do vírus, tá? Covid-19 ou, como é o nome do vírus que eu já esqueci?
>
> **Terceira pessoa (8:33):** Coronovírus.
>
> **BOLSONARO (8:34):** coronOvírus está certo? *(risos)*
>
> **Terceira pessoa (8:33):** CoronAvírus. (grifos nossos).

Durante a reunião, segundo a própria ONU, os líderes abordaram temas para o enfrentamento da pandemia da covid-19 (ONU, 2020), sendo reduzido por Bolsonaro a dois minutos, omitindo o compromisso firmado pelo Grupo dos Vinte (G20), como divulgado em nota pela assessoria de imprensa da Presidência (BRASIL, 2020b):

> Estamos determinados a não poupar esforços, individuais ou coletivos, para: proteger vidas; salvaguardar os empregos e a renda das pessoas; restaurar a confiança, preservar a estabilidade financeira, reativar o crescimento e recuperar-se mais forte; minimizar interrupções no comércio e nas cadeias de suprimentos globais; prestar ajuda a todos os países que precisem de assistência e coordenar medidas de saúde pública e financeiras.

Ao omitir o posicionamento do G20 durante a reunião, o enunciador demonstrou sua indiferença pela pandemia em decorrência do coronavírus, que foi reforçada e comprovada quando, em meio a risos, sequer soube dizer o nome da doença e sua pronúncia correta. É

importante pontuarmos que o *ethos* de chefe foi restrito ao campo econômico, sendo que Bolsonaro não se referiu às medidas para lidar diretamente com a contenção da covid-19 no Brasil. O silenciamento foi manifestado ainda ao não citar nominalmente a covid-19, não convidar nenhuma autoridade sanitária para a *live*, o que interdita a fala do sujeito, bem como ao omitir os sintomas da doença, não recomendar as medidas de prevenção e não alertar a população quanto à gravidade da doença, seja ao elaborar outros sentidos construídos para representar a pandemia, ou por tratá-la com indiferença. Silenciar a gravidade da doença pode produzir um efeito pathemico de tranquilidade em parte de seu auditório, que passaria a não vê-la como uma ameaça real.

8.8 ANÁLISE: CLOROQUINA COMO SABER DE CRENÇA

O efeito de esperança foi produzido no trecho (7), a partir do momento em que o Bolsonaro apresentou dois medicamentos para o suposto tratamento da covid-19:

> (7) **BOLSONARO (8:34):** Coronavírus. E ali nós sabemos que o americano está pesquisando esse remédio aqui oh tá? Reuquinol. Hidroxicloroquina.
>
> *(Mostra as duas caixas do remédio para a câmera).*
>
> Nós aqui no Brasil, o governo via a **Anvisa** tem acompanhado é… essas questões no Brasil. Alguns hospitais, alguns **médicos**, né? Quando o paciente está numa situação bastante complicada é feito um termo de compromisso ali com o paciente ou com o familiar e estão sendo aplicado aqui o...
>
> **Terceira pessoa (9:09):** Hidroxicloroquina
>
> **BOLSONARO (9:09):** Nome aqui esquisito. Reuquinol. Até eu fui questionado pela imprensa ali fora agora. Olha só, eu fui questionado pela imprensa ali fora, essa imprensa. Você sabe que eu sou apaixonado por ela do fundo do coração. "Você não podia esperar a comprovação final". Eu perguntei pros cara, "quanto tempo mais ou menos?" Ninguém quis responder, né? "Daqui a seis meses". Você alimenta uma sepse está lá um homem, uma mulher, idoso. Chega num estado bastante complicado, né? Faz um teste, tem o coronavírus. Complica logo, pô. A gente lamenta, aplica logo. **Outra coisa, esse remédio aqui sabe quando começou a ser usado no Brasil? Quando eu nasci, 1955**.
>
> Então ele, medicado, né? A pessoa medicada corretamente. **Não tem efeito colateral**. Medicado corretamente. Tá certo? Não tem efeito colateral. Fiquei sabendo hoje que isso aqui custava aí no valor de sessenta reais na farmácia, né? O original sessenta

> reais, não sei, não sei o genérico quanto. Diabo ficou no, está no câmbio negro aí quase mil reais. Não estou vendendo não. Se alguém precisar aí eu tenho duas caixinhas aqui eu, eu dou, não vou vender por lá, pra vocês não, outros faço a doação, sem problema nenhum. Tá?
>
> **Conversei de novo hoje com com o ministro da defesa, Joel Fernando. É… como é que está aí a fabricação desse material no laboratório químico farmacêutico do exército lá no Rio de Janeiro**. Ele falou que tá, foi dada a ordem, tá a todo vapor. A nossa capacidade de de de produção é pequena, mas tá a todo vapor eh tá tá tá funcionando lá a fabricação eh disso daqui. Eu não sei a dose certa, parece que um paciente pelo outro dez comprimido da conta do recado aí. E pelo exército você sabe, né? O preço é lá em baixo, né? A gente não tem lucro quase nenhum. A gente fabrica muito material pra o pessoal mais humilde, do interiorzão, região de fronteira. Região ali da, tô aqui com o Comandante na minha frente aqui, região ali do Ribeirinhos da Amazônia, Colombo do navio que mede lá? (grifos nossos).

Figura 23 – O presidente Bolsonaro mostra as duas caixas de medicamentos sem comprovação científica para o tratamento da covid-19

Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

Bolsonaro projetou em seu discurso um *ethos* de chefe baseado na figura do populista-salvador, e a cloroquina é uma das expressões mais destrutivas dessa vocação

messiânica bolsonarista, que busca uma substância salvadora e redentora para produzir um efeito pathemico de esperança diante da crise sanitária.

Com seus eleitores mais fiéis, a veracidade da eficácia da cloroquina foi ancorada no bloco temático do Partido *Troll*, nas ideias de uma hegemonia cultural da esquerda que vincula a academia científica aos planos de uma dominação global dos comunistas, ideias que impulsionam as refutações de marcos consensuais da ciência ocidental, como a dúvida sobre a segurança e eficiência das vacinas. Dessa forma, a importância e ateste científico da eficácia da cloroquina como tratamento para os casos de coronavírus foram relativizados. Em um momento histórico caracterizado pela pós-verdade, os fatos objetivos e concretos, a ciência, as instituições e o jornalismo são menos influentes que a opinião e a crença do presidente da República.

Inclusive, para desacreditar sua credibilidade, os jornalistas, os veículos de comunicação e o jornalismo são tratados com ironia quando critica Bolsonaro pela forma como a cloroquina é encenada precipitadamente como a "esperança" para lidar com a crise sanitária no trecho (7) ("Olha só, eu fui, eu fui questionado pela imprensa ali fora, essa imprensa. Você sabe que eu sou apaixonado por ela do fundo do coração").

Para produzir efeitos de esperança em relação à cloroquina, Bolsonaro fez uso de algumas estratégias enunciativas, estabelecendo relações interdiscursivas com o campo médico-científico, mesmo ele sendo colocado em segundo plano quando as evidências científicas não lhe são convenientes. No trecho (7), ele ancorou a eficácia do medicamento à imagem de credibilidade da Anvisa e dos médicos; fez uso da antiguidade do fármaco, que é usado desde 1955, e erroneamente afirmou que a cloroquina não tinha efeito colateral.

O efeito pathemico de esperança foi reforçado quando Bolsonaro afirmou que o laboratório químico do exército iria produzir o medicamento a um preço mais barato ("E pelo exército você sabe, né? O preço é lá embaixo, né? A gente não tem lucro nenhum"). Mais uma vez o protagonismo do governo federal para lidar com a pandemia foi transferido para o exército, sendo tratado como um problema de segurança, e não pela saúde, interditando mais uma vez a ação dos órgãos sanitários competentes.

8.9 ANÁLISE: NO LUGAR DO SUS, O VOLUNTARISMO

Em seu discurso, Bolsonaro representou seus aliados políticos a partir das figuras de benevolência e piedade, como descrito no trecho (9):

> (9) **BOLSONARO (11:41):** Olha, ô Pedro, impressionante como brasileiro, ele colabora - é… De pessoas humildes a pessoas realmente grandes empresários. A gente tem contato, todo mundo, se preciso for, a gente pedir, tem colaborado, o empresariado tem colaborado também. Tem uma uma indústria farmacêutica aqui, eu acho que Apsen, se eu não me engano, que também produz , também produz aqui, tá? (lendo a caixa do medicamento). Apsen, também produz a outra aqui, qualquer outro aqui. EMS, EMS? EMS. E Apsen, duas, né? Eu não sei qual das duas aqui ofereceu alguns bilhões de comprimido de graça pra a gente.
>
> **Pessoa 3 (12:18):** Apsen.
>
> (10) **BOLSONARO (12:28):** De graça pra gente, a gente fica muito feliz, esse é o espírito eh do povo brasileiro, que eu disse lá fora, agora fez uma brincadeira, né? Eh que o brasileiro tem que ser estudado. A gente vê as vezes, em certas comunidades, dá uma chuva, o cara fica pulando o rio ali junto com, junto com (rindo) o esgoto , etc. e o cara não pega nada, pô, nem leptopirose (*sic*) ele pega, não pega nada, tá certo? Mas tudo bem parece que o brasileiro também tem um tem o corpo aí blindado nessa questão aí mas tudo bem, vamos lá.

No trecho (9), dois efeitos pathemicos foram produzidos. O primeiro foi um reforço à tópica de esperança em relação à cloroquina, quando Bolsonaro afirmou que um dos seus produtores "ofereceu alguns bilhões de comprimido de graça", o que tornou mais forte a crença que o medicamento é a melhor medida para lidar com covid-19. O segundo foi o de simpatia em relação aos "grandes empresários" e à "indústria farmacêutica". Fazendo uso de palavras com efeitos positivos, como "impressionamente", "tem colaborado", "de graça para a gente", os sujeitos interpretantes em estado de vulnerabilidade e em um estado de emoção diante de um comportamento de ajuda, percebem os "grandes empresários" e a "indústria farmacêutica" como sendo figuras de benevolência e de piedade.

Tal representação de papéis sociais, por um lado, silenciou a competência do Estado na gestão da crise sanitária e, por outro, relacionou-se ao bloco do Partido do Mercado, ancorado em ideais ultraliberais, que prega o menor Estado possível, em que os direitos sociais são uma função voluntária do mercado, uma regressão ao período pré-SUS, quando o direito aos serviços de saúde dos brasileiros e brasileiras dependia da caridade de terceiros.

O esvaziamento da função estatal foi mais uma vez representado quando o enunciador afirmou que "esse é o espírito do povo brasileiro", sendo o pronome "esse" referente ao voluntarismo. A responsabilidade do Estado e do chefe do Executivo foi transferida para o povo, projetando para o *ethos* de chefe um vazio em relação às questões sanitárias.

Ainda sobre o "espírito do povo brasileiro", Bolsonaro parte de alguns estereótipos estabelecidos no imaginário social no excerto (10), como "o brasileiro tem que ser estudado", "o brasileiro tem o corpo blindado" e o "cara não pega nada", para produzir um efeito pathemico de esperança e de coragem em seus interlocutores em relação à covid-19, que foi intensificado pelo tom jocoso que o tema foi abordado.

8.10 ANÁLISE: *ETHOS* DE POTÊNCIA, DE CHEFE E DO CANDIDATOPOPULISTA

Nos trechos (11) a (14) e nos (16) a (18), analisamos algumas estratégias enunciativas, como a projeção de um *ethos* de potência, de um chefe de Estado restrito às questões econômicas e do candidato populista:

> **(11) BOLSONARO (12:55):** Santa Casa, sabe que eu tenho um carinho todo especial por Santa Casa, afinal de contas, né, A Santa Casa lá de Juiz de Fora, os profissionais da Santa Casa salvaram a minha vida, tá certo? Estavam reunido, aconteceu aquele episódio comigo na praça, né? Dia meia dúzia de setembro de 2018, tá certo? O cara que dá facada em mim é foi filiado ao PSOL, precisa falar mais alguma coisa, né? Deu azar na facada cara, esse bicho aqui é. Não sou o Rambo não, mas é duro de matar, está ok? Deu azar perderam, perderam. Que que você tem para Santa Casa aí, Pedro?
>
> *(risadas)*
>
> (12) **PEDRO (13:30):** Vamos lá, presidente, nós estamos com cento, pras Santas Casas nós é… Aumentamos pra cinco bilhões de reais o volume de financiamento e reduzimos a taxa pra 0,8% ao mês e também demos pelo menos três meses de carência, de três a seis meses, empréstimos novos seis meses e os atuais, as próximas três prestações. Mas deixa só é… colocar, presidente, nós também aumentamos no total trinta e três bilhões de reais de novas linhas de crédito. Semana passada nós já tínhamos oferecido setenta e oito bilhões e hoje estamos anunciando no total cento e onze bilhões. Muito rapidamente. Sessenta bilhões em capital de giro, em especial pras pequenas microempresas e aqui o SEBRAE também está conversando muito conosco, quarenta bilhões de reais em compras de carteiras isso é um pouco mais nas compras de carteiras diversas, cinco bilhões pra Santas Casas e seis bilhões pra agricultura.
>
> [...]
>
> (13) **BOLSONARO (14:54):** Monte Negro, Carlos Chagas e Soares Meirelles, já tive em pelo menos um desses navios eu estive já, meu tempo aí de deputado federal aí que. Estou com saudades, está ok? Mas é melhor ser deputado federal que presidente, mas tudo bem. Reconhecendo o trabalho dos parlamentares, né? Não estou desmerecendo ninguém não. Porque aqui é vinte e quatro horas por dia, trezentos e sessenta e cinco dias é… Por ano.
>
> Bem, deixa eu ver… O BNDES acaba de injetar, cinquenta e cinco bilhões na economia e anuncia a suspensão de cobrança de empréstimo por seis meses. O BNDES agora não empresta mais, né? Aquele empréstimo fajuto para ditaduras. Para

Cuba, pra Venezuela, entre tantos outros países ali. Acabou o BNDES. Chegou a torrar, se não me engano, meio trilhão de reais. É quase… A gente vai chegar talvez a metade disso o gasto com coronavírus né? Dá pra enfrentar o que for emprestado que não vai ter retorno mais, né? Acho que um país apenas da África pagou esse empréstimo pra nós aqui se não me engano foi Angola, tá? Nós perdemos aí o o equivalente né? Com o que nós vamos gastar...

Pessoa (16:02): Dois enfrentamentos.

BOLSONARO (16:02): Dois enfrentamentos do coronavírus, tá ok? Está vendo que o presidente do passado, aquele pessoal, o presidente do passado lá e a outra mulher também como elas gostavam, do gostavam, do de emprestar dinheiro pra terceiros, né? Amigos. Mas tudo bem. Vamos tocar o barco aí.

(risadas)

BNDES. Muita, muita, ação do governo, outra delas, né? Remédios importados para o coronavírus, o combate. Imposto zero.

(14) Tem uma coisa importante aí. Qual o nome do deputado Rio Grande do Sul, esqueci o nome dele? Procura ali... Mauro Pereira. Tá? O Mauro Pereira nos procurou ontem, Mauro Pereira não é deputado, não foi reeleito lá do Rio Grande do Sul. Ele trouxe uma pauta ali de interesse dos lotéricos, né? Imediatamente liguei pro Pedro, e o Pedro me respondeu aí também rapidamente, o Pedro aí nota dez o Pedro aí. É… Temos no Brasil 12.956 casa lotérica. Treze mil casas lotérica.

Lógico, ali o cara faz aposta, Mega-Sena. Eu tenho um (inaudível) de um dia eu ganhar, vou dizer que você, entendeu, me ajudou. Eu jogo, mas torço pra não ganhar. Olha só que coisa esquisita. Jogo, mas torço pra não ganhar.

Mas é um local onde o pessoal paga seus boletos de energia elétrica, telefone, é…h paga tudo. Então tem um tem um trabalho social enorme dos lotéricos. E acreditem 2.463 casas lotérica, né? Duas mil e quinhentas casas lotéricas estavam fechadas.

[...]

(16) **BOLSONARO (25:36)**: Curiosidade hein? Estou com muitos setores que estão aí demitindo. Você sabia que as concessionárias não estão vendendo carro? Caiu, eu não sei o percentual, né? Eu posso confirmar aqui agora, né? Na ordem de cinquenta por cento, caiu, em consequência, que que vai acontecer? Demissão. Menos gente pra comprar carro, menos gente pra mostrar o carro, pra mostrar o produto que eles são, tá certo? Tá certo? Agora a pouco assinei uma ação direta de constitucionalidade é porque o André Mendonça nosso ministro da Advocacia Geral da União tem entrado no Supremo eh de modo que nós possamos eh baixar a medida provisória se a gente conseguir eliminar hoje, amanhã mesmo despacho pra atender como já disse micro e pequenas empresas, né? Também pra atender aí aqueles que trabalham em bares, restaurantes e turismo que foi lá pra baixo turismo está zero no Brasil e no mundo. Tem mais alguma coisa?

(17) **PEDRO (26:40):** Mais uma. É… só presidente pra estados e municípios a Caixa Econômica Federal emprestou três bilhões e meio de reais em quinze dias no começo de março que pra duzentas cidades. Então que que é importante? Duzentas cidades do Brasil receberam o financiamento pra realizar obras mais diversas e nós temos mais cinco bilhões de reais sendo estudados nesse momento pra ao redor de mais trezentas cidades. Então a Caixa de Novo eh continua trabalhando cem por cento pra ajudar a população brasileira.

> (18) **BOLSONARO (27:18):** Olha, o ano passado nós pagamos o décimo terceiro do Bolsa Família. Tá? Durante a campanha especial do Nordeste, né? A esquerdalha dizendo que eu ia acabar com o Bolsa Família, né? Nós não só mantivemos, como pagamos dessas famílias via Medida Provisória e a Câmara não votou a medida provisória e ela caducou. Então nós vamos, eu acho que a gente não pode entrar em Medida Provisória de novo que está dentro do ano, né? Mas a gente vai entrar com um projeto de lei pedindo urgência ao parlamento, eh para que seja garantido o Bolsa Família de forma é… Definitiva. Se for possível até incluir algum projeto lá eu vou pedir pro Vitor Hugo nosso líder do governo pra que seja apertado uma emenda nesse sentido pra que o décimo terceiro realmente eh valha de forma definitiva pra todas as pessoas mais humildes do Brasil.

Em dois momentos, Bolsonaro buscou projetar um *ethos* de potência nos trechos anteriores. No primeiro, no trecho (11), em que relatou o episódio que levou uma facada, comparou-se ao personagem *Rambo* e se colocou como "duro de matar". No segundo momento, no trecho (14), quando pontuou que trabalhava "vinte e quatro horas por dia, 365 dias por ano". Em ambos os enunciados, em uma versão populista, Bolsonaro exaltou seu corpo, suas proezas físicas, de trabalhar à exaustão e de sobreviver a uma facada, como forma de exaltar sua força.

Em um discurso de justificação, em que listou as ações do governo federal, o *ethos* de chefe de Bolsonaro também foi exaltado, por meio do presidente da CEF como enunciador, ao ser questionado sobre as ações para as Santas Casas e para os navios-hospitais na região amazônica. Além disso, Pedro Guimarães também citou os créditos para outros setores da economia, como para a agricultura, para as microempresas, para o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), para estados e municípios. Bolsonaro elencou os créditos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), medidas provisórias para atender micro e pequenas empresas, como bares, restaurantes, o setor de turismo de forma geral, e o 13º para o Bolsa Família.

Apesar de buscar projetar um *ethos* de chefe, listando as ações do governo federal, nenhuma das medidas citadas foi relativa às políticas de saúde pública, quer de vigilância epidemiológica para contenção da transmissão do vírus, quer de imunização para aquisição de vacinas ou de assistência à saúde para ampliar e qualificar as redes de atendimento às pessoas com covid-19. Mais uma vez, o discurso político bolsonarista representou a forma como o governo federal enfrentou a pandemia: como um problema reduzido à esfera econômica.

Não tão explícito como o *ethos* de chefe, o *ethos* do candidato populista foi projetado nos trechos (11) e (14). Isso se deu por meio de relações interdiscursivas em que acionou em seus eleitores o imaginário de rejeição à esquerda, ao PT e aos comunistas. No primeiro excerto, Bolsonaro afirmou que o "cara que dá a facada em mim é, foi filiado ao PSOL.

Precisa falar mais alguma coisa, né?". Sem muitas explicações, o enunciador resgatou um fato passado para acionar a figura de vítima de adversários políticos, isto é, vítima da esquerda. A oposição política ainda foi desqualificada ao ser nomeada como "esquerdalha" no trecho (18), anulando a identidade de seus adversários

No trecho (14), ainda fazendo uso de uma relação interdiscursiva com o sentimento antipetista de seus eleitores, Bolsonaro adotou um tom irônico e impreciso, por meio do pronome "aquele", ao se referir aos empréstimos, "aquele pessoal" para mencionar os presidentes Lula e Dilma. Adotou o advérbio "tantos" ao se referir aos países e "quase" ao valor do empréstimo. Acusou o PT de "torrar" o dobro de recursos públicos que ele gastou com o "enfrentamento" da pandemia. A imprecisão é um recurso que produz um sentido de ambiguidade acerca da seriedade ou não do enunciado, da veracidade ou não e da crença ou descrença do próprio sujeito enunciador nele. O enunciado dúbio, dotado de um tom irônico, oferece humor necessário para manter a atenção do público nas *lives*. Outra questão importante é observar que esse trecho foi o único em que Bolsonaro falou a palavra "enfrentamento" em toda a *live*. Isso ocorreu porque em nenhum momento houve realmente uma política de saúde de enfrentamento à pandemia a ser citada.

8.11 ANÁLISE: ADVERSÁRIOS X FIGURA DE SALVADOR

O *ethos* de candidato populista projetado se relacionou e foi fortalecido pelo *ethos* de chefe, que acionou a figura de salvador, aquele que como liderança se opõe a adversários políticos, a uma elite que representa um Estado opressor, como segue nos trechos (15.1) a (19):

> **(15.1) BOLSONARO (17:35)**: Por decretos de alguns governadores ou prefeitos. Eu não estou criticando governador nem prefeito. Agora pelo amor de Deus. Fechar casa lotérica. Pelo amor de Deus. Fechar a casa lotérica. Inclusive o cara que trabalha na lotérica tem um vidro blindado, quer dizer, não vai passar, não vai passar o vírus ali, o vídeo é blindado, não vai passar. Ele trabalha pro lado de cá e esse, e esse, esse imagine se todo mundo fosse pra agente da Caixa pagar isso aí? Você tem ia ter um um ajuntamento enorme de gente exatamente na contramão daquilo que a gente prega, né? Evitar o o ajuntamento aí.
>
> **PEDRO (18:14):** presidente, olha é... As casas de lotéricas são espinha dorsal da caixa. É bem importante, até nessas nos seiscentos reais que o senhor acabou de falar, as lotéricas vão ser muito importantes para ajudar.
>
> **BOLSONARO (18:34):** Tudo bem, então, anteontem eu assinei um decreto, foi publicado hoje incluindo como atividade essencial, se eu não me engano. É isso aí. Então cai por terra o decreto do governador, de alguns governadores e alguns poucos

> governadores e prefeitos esses que eu falo que errou na dose, né? E já tão trabalhando normalmente lá. Agora, pelo amor de Deus, tem prefeitura, pouquíssimos habitantes, cinco, seis, sete mil habitantes, o prefeito está fazendo barbaridade. Parece que ele quer mostrar serviço, isso é exagerado na dose, meu Deus do céu. É a cidade que tinha uma chance de ter uma contaminação é quase zero. E outra o ambiente que eles vivem não é um ambiente fechado, quase como se fosse um confinamento e o juntamento de gente não tem, não tem. Tá certo? Então é com esse decreto aqui que lado eu vejo Mauro Pereira, passei pro Pedro ontem mesmo na hora, Pedro deu o retorno pro lado de cá e nós resolvemos esse problema aqui, tá ok?
>
> (19) Bem, assinamos também a medida provisória, que eu acho que tem três, quatro dias é… incluindo no Bolsa Família mais um milhão e duzentos mais um milhão e duzentas mil pessoas, muita crítica, muita reclamação do Onyx Lorenzoni que é o ministro da Cidadania. Determinei pra ele, ele já tinha esse pensamento, está trabalhando pra gente, na entrada, ter um filtro. O que acontece hoje em dia Pedro? Um elemento chega na na prefeitura, né? Um órgão da prefeitura. E diz a situação dele. Ele tem que apresentar uma comprovação disso. E outra quem defere ali e manda pra cá tem que ter responsabilidade e é comum você pegar vereadores né? É… Quem tem recurso, é comum isso, uma esposa do cara que tá desempregada, uma esposa de um cara que tem uma empresa. Agora, tem que te ir pra cima do cara que assinou embaixo. Se não o número de Bolsa da Família cada vez vai aumentar mais. E nós queremos atender quem precisa. Né? Porque se ele puder tirar de quem não precisa, o que é certo e o que é justo, quem sabe sobre mais recurso pra você pagar uma Bolsa Família melhor. Pra quem realmente precisa. E mais ainda, né? Há uma sugestão, uma ideia e que nós por medida provisória dar um um abono extra nesse período de do vírus aí de mais cem reais para quem recebe Bolsa Família. Então o governo está indo, está fazendo o que pode. Só podemos fazer isso porque a Câmara votou o nosso estado de calamidade. Parabéns a, a Câmara, ao Senado, que votaram a esse estado de de calamidade, nós podemos então gastar acima do teto. Está ok? Aqui sem problema. Goiás.

Em um tom de indignação (“Agora pelo amor de Deus!”), Bolsonaro enunciou na dramaturgia discursiva os causadores da situação de declínio (“alguns governadores ou prefeitos”), que “fecharam casas lotéricas”, desqualificando as medidas a partir de palavras que levaram a um universo pathemico de antipatia (“errou na dose”; “o prefeito está fazendo barbaridade”; “ele quer mostrar serviço”; “é exagerado na dose”).

Fazendo uso da figura populista do salvador, o presidente projetou para si um *ethos* de chefe por meio das enunciações elocutivas em primeira pessoa, para determinar uma ordem de reabertura das casas lotéricas (“eu assinei um decreto [...] cai por terra o decreto do governador”, “nós resolvemos esse problema, ok?”). Ainda projetando um *ethos* de chefe, por meio de enunciações elocutivas que orientam para uma ordem (“assinamos também a medida provisória”, “determinei para ele”), Bolsonaro se colocou em cena a partir de um *ethos* de chefe salvador, produzindo efeitos pathemicos ao trazer para si a tópica de simpatia por ter inserido no Bolsa Família mais 200 mil famílias, como descrito no trecho (19), em respostas a um

discurso de justificação às críticas recebidas (“então o governo está indo, está fazendo o que pode”).

8.12 ANÁISE: *PATHOS* DE ANGÚSTIA

A figura de salvador se fortaleceu à medida que uma cenografia de *pathos* de angústia foi encenada. Como ocorreu no fragmento (20) da *live* que analisamos:

> (20) **BOLSONARO (21:16):** Vamos voltar a falar desemprego aqui. Olha, a informações que eu tive que na outra, tive na última semana, Estados Unidos demitiu quase três milhões de funcionários de trabalhadores. Ou melhor, demitiu não, na última semana três milhões de pessoas perderam emprego nos Estados Unidos. Olha esse problema já começou aqui também. Temos que cuidar da questão do, de, da manutenção dos empregos. Está certo? Essas medida aí, que... Tem município, estado que entrou na quarentena muito antes. Se bem que, o que nós estamos conversando pra redirecionar é o, é a **quarentena isolada, o confinamento, isolamento vertical.** Que que é o vertical? É, é você pegar a pessoa idosa e isolar. Aí bota num hotel, aluga um hotel, coloca lá dentro. Está sendo dessa maneira porque essa história de ninguém vai, vale pra todo mundo, está chegando o desemprego. Não é batendo na porta, já começou no Brasil, estamos tendo informações é de vários locais. O que eu vejo de bom, se eu não me engano tem uma carreata em Maringá, São Paulo, se eu não me engano, tá? É… Pró-emprego, pra que o prefeito na cidade, reabra o comércio, essa neurose de fechar tudo, não está não está dando certo, tá, tá, tá a mesma coisa... você sabia que eu posso, se alguém tiver um câncer aí eu posso curar teu câncer mole. Eu mato todas as células cancerosas, eu mato todas. Dá o equipamento de, de quimioterapia, eu queimo tudo, tá? Célula boa, célula ruim, queimo tudo. O que que acontece? Fica pior, tá? É o que estão fazendo pra combater o vírus, tão matando o paciente. Aí o pessoal fala “ah o cara é economia, o cara está preocupado mais com economia do que com a vida”. Meu amigo, sem grana, tu morre de fome, cara. Morre de depressão, é suicídio, vem violência atrás disso. Há uma relação direta entre o percentual de pessoas desempregada e violência. Quanto mais desemprego maior a violência. Então você pode ver, períodos não tinha desemprego no Brasil, setenta, setenta e cinco meia cinco ou sete cinco mais ou menos era quase pleno emprego no Brasil, não tinha violência quase inexistia, quase zero. Tive um recado da Damares agora há pouco nossa ministra da, da Mulher, né? A Damares que, em alguns locais aí do do Brasil, aumentou em 50% a violência contra a mulher. Né? Qual a origem disso? Hoje em dia você nem sabe qual que é. É esse tal do confinamento, fica todo mundo em casa, tem problema, é dinheiro, em casa onde falta pão todos brigam e ninguém tem razão, tá? É isso, é isso que infelizmente acontece e nós temos que, se preocupar com a vida, **sim**, mas o emprego também é importantíssimo, que o vírus vem e vai. Tá? E pode ter certeza, muitos de vocês que estão nos assistindo aqui agora tem cento e vinte e sete mil já se infectaram no passado. Não sentiram nada. Não vou falar gripezinha porque não pode. Não é gripezinha, o pessoal, a imprensa fica toda ouriçada aí. Resfriadinho também, pode? Pode né, foi o Drauzio Varella que falou, então resfriadinho pode. Vem e vai e pra grande maioria das pessoas, isso não não reflete nada, o cara nem sabe que tem. (grifos nossos).

No trecho anterior, para projetar um efeito pathemico de angústia em seu auditório, destacamos algumas marcas explícitas no discurso adotadas por Bolsonaro sobre os problemas

econômicos, o desemprego e suas implicações, que acionaram as figuras de medo e de terror, como: “vamos voltar a falar do desemprego aqui”; “três milhões de pessoas perderam o emprego nos Estados Unidos. Olha esse problema já começou aqui também”; “está chegando o desemprego”; “já começou no Brasil, estamos tendo informações é de vários locais”; essa última baseando-se no saber de crença, que acabou tendo um valor maior que dados e apurações estatísticas. Bolsonaro ainda produziu discursivamente o universo pathemico relativo ao desemprego por meio de palavras e situações que poderiam desencadear angústia, medo e terror em seus interlocutores, como: “fome”; “neurose”; “morre de depressão”; “suicídio”; “violência”; “violência contra a mulher”; e “confinamento”.

De forma menos transparente, para reforçar tais efeitos negativos, um universo de saber de crenças foi acionado por Bolsonaro por meio de enunciados simplistas (“Essa neurose de fechar tudo, não está dando certo”; “Há uma relação direta entre o percentual de pessoas desempregadas e violência. Quanto mais desemprego maior a violência”; “Alguns locais aí do Brasil, aumento em cinquenta por cento a violência contra a mulher”), o que produziu efeitos de verdade travestido de julgamentos morais e excludentes do que é certo e errado, juízos morais das medidas adotadas pelos gestores para lidar com a pandemia da covid-19.

Ao relacionar o desemprego à violência, o enunciador produziu uma controversa polêmica. Omitiu que a gestão e as ações do Estado para lidar com a crise sanitária incluía a gestão da crise econômica e que ambas podiam (e deviam) ser conduzidas simultaneamente. Isso ocorreu na construção frasal em que Bolsonaro colocou economia e vida como antagonistas e excludentes, ao afirmar que “temos que se preocupar com a vida, sim” e, em seguida, negar o que estava dizendo, por meio da concessão restritiva “mas o emprego é importantíssimo”, o que foi reafirmado mais explicitamente posteriormente em “o vírus vai e vem”.

Ainda para reforçar o antagonismo inconciliável da gestão da crise sanitária e a econômica, por meio da uma metáfora, Bolsonaro produziu efeito de realidade ao comparar equivocadamente o tratamento de um câncer às medidas de prevenção, ao afirmar que a quimioterapia, assim com as medidas adotadas pelos governadores e prefeitos, está “matando o paciente”. Tais estratégias enunciativas pathemicas e de construção da imagem de chefe evocaram um imaginário ultraliberal, em que Estado e mercado são postos como contraditórios, sendo o Estado colocado como agente que impõe coercitivamente suas decisões, ao determinar as medidas de restrição de circulação, em oposição ao mercado, terreno do livre comércio, da liberdade econômica e da geração de empregos.

Frente a todo esse universo pathemico de terror, medo e angústia encenado por Bolsonaro, ele projetou seu *ethos* de chefe fazendo uso da figura de salvador, por meio de enunciações elocutivas em primeira pessoa associadas ao verbo "cuidar" que produziu uma figura assistencialista ("Temos que cuidar da questão do, de, da manutenção dos empregos").

A alternativa "salvadora" proposta como medida de prevenção traduziu de forma imprecisa do campo científico o conceito de "isolamento vertical" – relação interdiscursiva que já foi analisada no capítulo anterior. Portanto, a finalidade da produção de efeitos de angústia em relação às medidas adotadas pelos governadores e prefeitos e a projeção de um *ethos* de chefe na figura de salvador eram para convencer o público a aderir à sua proposta de isolamento vertical.

8.13 ANÁLISE: *ETHOS* DE CHEFE, GUIA-PROFETA E A CLOROQUINA

Nos trechos finais da *live*, do (17.1) a (20), Bolsonaro projetou um *ethos* de chefe baseado na figura do guia-profeta, como veremos:

> **(17.1) Bolsonaro (28:11)**: No mais aí pessoal eu acredito em Deus qual é a tua religião?
>
> **PEDRO (28:14):** Católica.
>
> **BOLSONARO (28:16):** Tu é católica? Evangélica?
>
> **INTÉRPRETE DE LIBRAS (28:16)**: Sim.
>
> **BOLSONARO (28:18):** Sou católico, minha esposa é evangélica.
> Nós que acreditamos em Deus mas também né? É… Deus nos capacita certo? Tem até uma passagem bíblica ele não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos, né? E nós acreditamos nossos médicos, nossos enfermeiros pesquisadores do do Brasil e do mundo, que no passado conseguiram isso aqui né? (mostrando a caixa do medicamento). Reuquinol, né?

Figura 24 – Presidente Bolsonaro mostrando as caixas de dois medicamentos para o tratamento de casos da covid-19

Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

Pessoa (28:47): Dá um zoom aqui.
(*A câmera fecha no medicamento.*)

Figura 25 – O presidente mostra os medicamentos após o *zoom* nas duas caixas

Fonte: Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

BOLSONARO (28:47): Se Deus quiser, Esse aí vai ser confirmado pelo presidente como remédio pra curar todos aqueles portadores do...

Pessoa (28:58): ... coronavírus.

> **BOLSONARO (28:58):** Coronavírus ou covid. Covid-19? Covid-19 *(risada).* Está certo? Covid-19. E daí com o remédio, essa histeria que foi plantada aqui no Brasil, né? Não foi a imprensa não, foi eu acho que o Papai Noel, né? O Saci Pererê. Né? Plantou no Brasil eh. Faça o teu povo ter a paz, tenha tranquilidade, como sempre tenho pregado, desde o começo, não mudei agora não, desde o começo estou falando de emprego, tá? É… Tenho falado que já tinha falado isso aqui, nós aqui temos acompanhado de forma não informal a Anvisa se eu não me engano hoje concedeu ali o o protocolo né? Assinou eh protocolo de pesquisa. Como é que é?
>
> **Pessoa (29:49)**: Protocolo de pesquisa.
>
> **BOLSONARO (29:49):** Protocolo de pesquisa, a Anvisa deferiu hoje. Pro hospital lá Albert Einstein, Alberto Einstein, Albert Einstein de São Paulo (risadas), tá certo? Temos notícia no em vários locais do Brasil, dezenas locais do Brasil que as pessoas tratada com isso aqui tá dando certo e não é nenhum, nenhum não há nada milagroso não, tem dado certo realmente acontece né? Como eu disse o brasileiro tem que ser estudado (risadas), o brasileiro é uma pessoa excepcional não existe, excepcional, é lógico que o brasileiro não existe em lugar nenhum no mundo né? O brasileiro está aí no Brasil porra é lógico, pô (risadas) eu não vou cometer esse absurdo aqui que só só tem brasileiro no Brasil, não é isso não. Mas o brasileiro tem que ser estudado e tem qualquer lugar. Nós tivemos lá em 2018, onde é que foi? Taiwan. Coréia do Sul, Japão e?
>
> **Pessoa (30:36):** Taiwan.
>
> **BOLSONARO (30:38):** Cheguei em Taiwan, depois chega um cara cabeçudo, cabeção desse tamanho aqui. Olhei pra aquele cara, falei "não esse cara aí, esse cara aí é brasileiro." "De onde que tu é?", "Ceará", "Pô, que surpresa, pensei que fosse gaúcho" (gargalhadas). E ele estava lá numa empresa muito feliz lógico que tem triste com a situação do Brasil mas muito feliz com o que fazia em Taiwan. O brasileiro existe em qualquer lugar do mundo. Se descobrir vida num planeta distante aí, pode ter certeza que tu vai achar vai achar o brasileiro lá. E se bobear é cearense o brasileiro aí, está certo? Mas pessoal temos esperança, fé em Deus, trabalho, confiança. Acredito no povo brasileiro, pode ter certeza que a sua preocupação é a minha, é a nossa preocupação aqui, nós queremos o bem-estar de você, o trabalho é sério, de vez em quando tem algum humor, me desculpa, né? Sabemos que o momento é difícil, está certo? Mas esse vírus aí, essa onda chegou, **vai passar.** Agora, agora o que não pode chegar é uma onda de desemprego em cima de você. Que é essa demora pra passar.
>
> **Pessoa (31:38):** Com vírus e desempregado.
>
> [...]
>
> **BOLSONARO (36:32)**: Pessoal, muito obrigado. Até quinta-feira, se Deus quiser, Brasil acima de tudo, Deus acima de todos. Valeu. (grifos nossos).

A figura do guia-profeta foi representada por Bolsonaro ao projetar seu *ethos* a partir de uma inspiração divina, por meio de enunciados elocutivos e aforismas que se passam religiosos, por meio de citações colocadas como trechos bíblicos ("Nós acreditamos em Deus, mas também, né? É… Deus nos capacita, certo? Tem até uma passagem bíblica, 'ele não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos, né?'"). É importante pontuar que, apesar de ser colocada como uma "passagem bíblica', o fragmento anterior não o é, o que aponta para a

intencionalidade do elocutor em projetar a figura de um guia-profeta a partir da veracidade que uma relação interdiscursiva com o campo religioso produz. Projetou tal imagem para si e para os profissionais de saúde e pesquisadores que estavam trabalhando no desenvolvimento da hidroxicloroquina, tratadas durante a *live* como uma substância salvadora e redentora. No trecho 17.1, para produzir efeitos pathemicos em torno do *ethos* de chefe, os estados de paz e tranquilidade foram associados a uma das visadas do presidente com o "povo" ("Faça o seu povo ter a paz, tenha tranquilidade"), que é a adesão ao tratamento precoce como meio de enfrentamento e medida para lidar com a covid-19.

Direcionado para o futuro, o guia-profeta anunciou acontecimentos futuros, como se ele próprio fosse uma voz onipresente divina que iria trazer a redenção ("Se Deus quiser, esse aí (hidroxicloroquina) vai ser confirmado pelo presidente como remédio para curar todos aqueles portadores da covid-19"). Para produzir uma tópica de esperança em relação à cloroquina, a sua eficácia foi associada à credibilidade da Anvisa e do Hospital Israelita Albert Einstein, quando Bolsonaro afirmou que a Anvisa autorizou que o hospital realizasse pesquisas com o medicamento – o que na verdade não representou um estudo conclusivo, somente a autorização para a pesquisa. Como logo em seguida, o enunciador afirmou que em "vários locais do Brasil, dezenas de locais do Brasil, que as pessoas tratadas como isso aqui (cloroquina) tá dando certo", baseando-se em um saber de crença fez parecer um saber de conhecimento, apesar de ainda não ter sido comprovado cientificamente, como tentou transparecer com a sequência de enunciados no excerto, ainda mais quando enunciado pelo próprio presidente da República que em si já produz um efeito de credibilidade.

Ainda para projetar um *ethos* de chefe a partir da figura do guia-profeta, Bolsonaro evidenciou sua fé em Deus, de forma a misturar sua imagem a uma força divina ("Mas pessoal temos esperança, fé em Deus, trabalho, confiança. Acredito no povo brasileiro, pode ter certeza que a sua preocupação é a minha, é a nossa preocupação aqui"), além de projetar, por um lado, um futuro de esperança em relação à pandemia, ao afirmar que "esse vírus aí, essa onda chegou, vai passar" e, por outro lado, uma tópica de medo em relação ao desemprego, o que aconteceu durante toda a *live* ("Agora, agora o que não pode chegar é uma onda de desemprego em cima de você. Que é essa demora pra passar").

Por fim, Bolsonaro encerrou a *live* evocando o imaginário fundamentalista religioso e nacionalista para projetar sua figura de guia-profético, por meio do seu *slogan* de campanha

durante as eleições de 2018: “Até quinta-feira, se Deus quiser, Brasil acima de tudo, Deus acima de todos. Valeu”.

8.14 QUADRO RESUMO: *LIVE* REALIZADA EM PERFIS PESSOAIS DE REDES SOCIAIS

Cena Englobante: Discurso Político **Cena Genérica: Live política** **Microdispositivo: Live realizadas em perfis pessoais de redes sociais** **Data: 26/3/2022**	
Ethos mostrado	*Ethos* de humanidade => *patho*s de simpatia Postura corporal e facial mais relaxada, imagem de intimidade e proximidade, tonalidade mais espontânea e amistosa, falar mais tranquilo e sorrisos.
Ethé discursivo	*Ethos* de humanidade => *pathos* de simpatia Conta uma piada e um caso pessoal ou quando é irônico, imagem de pessoa comum. Figura de autenticidade, improviso nas coletivas de imprensa. *Ethos* de solidariedade => discurso de justificação Figura de pertencimento, acionada em resposta às críticas recebidas que impactam sua popularidade. *Ethos* de chefe => relação/resposta interdiscursiva – críticas ao auxílio emergencial Perspectiva econômica *Ethos* de potência => versão populista exalta sua força *Ethos* de chefe => discurso de justificação => ações da CEF nas esferas econômicas *Ethos* candidato populista => aciona o imaginário antipetista Vítima facada, enunciado irônico, ambuiguidade e impreciso. Modo *Troll*. Figura do salvador (se opõe a adversários políticos, uma elite que representa um Estado opressor). Determina uma ordem de reabertura das casas lotéricas. *Ethos* de chefe => figura do guia-profeta => cloroquina => *pathos* de tranquilidade e paz Aforismos religiosos, desenvolvimento da hidroxicloroquina, tratada durante a *live* como uma substância salvadora e redentora, fé em Deus
Efeitos pathemicos	Antipatia => adversários políticos (imprensa) Circo, visada => invalidar a cobertura de seu pronunciamento em coletiva para a imprensa. Antipatia=> governos que adotam medidas de prevenção

Cena Englobante: Discurso Político **Cena Genérica: Live política** **Microdispositivo: Live realizadas em perfis pessoais de redes sociais** **Data: 26/3/2022**	
	Tranquilidade => decisões pró-mercado Discurso de justificação, concessão restritiva, ambiguidade, *troll*, opacidade de posicionamentos Naturalização da covid-19, interdiscurso mostrado campo científico Tranquilidade => silenciamento discursivo Do ponto de vista temático, como não citar nominalmente a covid-19 e não convidar nenhuma autoridade sanitária para a *live*, omitir os sintomas da doença, não recomendar as medidas de prevenção e deixar de alertar a população quanto à gravidade da doença, seja ao elaborar outros sentidos construídos para representar a pandemia, seja ao tratá-la com indiferença Esperança => cloroquina Substância salvadora e redentora. Relações interdiscursivas com o campo médico-científico. Produção do exército. Milhões de comprimidos de graça. Eficácia é associada à credibilidade da Anvisa e do Hospital Israelita Albert Einstein. Saber de crença faz parecer um saber de conhecimento ("vários locais do Brasil, dezenas de locais do Brasil, que as pessoas tratadas como isso aqui [cloroquina] tá dando certo"). Esperança => pandemia irá passar x medo => desemprego não irá passar Angústia => medo do desemprego e suas consequências Antipatia => alguns poucos governadores, alguns poucos prefeitos Tom de indignação, universo pathemico de antipatia ("errou na dose"; "o prefeito está fazendo barbaridade"; "ele quer mostrar serviço"; é exagerado na dose"), veneno, causadores do desemprego. Alegria => anúncio de produtos da Caixa Econômica Federal Silenciamento, crise sanitária do ponto de vista econômico Simpatia => "grandes empresários" e "indústria farmacêutica" produtores de cloroquina Figuras de benevolência e piedade. Silencia a competência do Estado na gestão da crise sanitária. Relaciona-se ao bloco do Partido do Mercado, ancorado em ideais ultraliberais. Voluntarismo. Coragem => enfrentar a pandemia => estereótipos do "espírito do povo brasileiro" "O brasileiro tem que ser estudado"; "o brasileiro tem o corpo blindado"; "o cara não pega nada".
Relações	Discurso de justificação => resposta a críticas por ser posicionamento no

Cena Englobante: Discurso Político **Cena Genérica: Live política** **Microdispositivo: Live realizadas em perfis pessoais de redes sociais** **Data: 26/3/2022**	
interdiscursiva	pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão Interdiscurso mostrado campo científico/estatístico => *pathos* tranquilidade e *ethos* de competência => discurso de justificação "A gente vê os estudos aí", "a chance de óbito é próxima a zero, se não me engano é uma pra cada quinhentas pessoas, certo?". Imaginário ultraliberal e anticomunista => *pathos* de antipatia governos que adotem medidas de prevenção Relação/resposta interdiscursiva – críticas ao auxílio emergencial => *ethos* de chefe Imaginário fundamentalista religioso e nacionalista => figura de guia-profeta

9 REPRESENTAÇÃO SOCIODISCURSIVA DA PANDEMIA NO BRASIL

> É tão válido representar um modo de aprisionamento por outro quanto representar qualquer coisa que de fato existe por alguma coisa que não existe. (DEFOE, [s.d.] apud CAMUS, 1958/2019, p. 4)

A terceira e última etapa da nossa pesquisa é a comparação da análise de cada um dos microdispositivos, de forma a identificar como que, discursivamente, a pandemia do vírus da covid-19 no Brasil foi representada como verdade no discurso político do presidente da República, Jair Bolsonaro. Para isso, categorizamos metodologicamente em nossa análise três estratégias enunciativas: 1) estratégias interdiscursivas, 2) produção de efeitos pathemicos e a 3) construção da imagem de si, apresentadas resumidamente nos quadros resumos nos capítulos anteriores.

Apesar dessas categorias não serem isoladas e estarem permanentemente se afetando, para sistematizar as conclusões da nossa pesquisa, no Quadro Resumo Comparativo, consolidamos as estratégias interdiscursivas, produção de efeitos pathemicos e a construção da imagem de si em relação aos microdispositivos para que, visualmente, a interpretação das nuances, similitudes e distinções entre os dispositivos fossem mais evidentes. Algumas dessas similitudes foram o silenciamento como estratégia discursiva e a dramaturgia encenando um discurso populista, que atravessaram os enunciados dos quatro microdispositivos.

Além do silenciamento e do discurso populista, na última parte do Capítulo, vamos apresentar mais detalhadamente algumas recorrências nos diferentes enunciados analisados, como a dicotomia e a polarização dos sentidos na representação sociodiscursiva da pandemia produzidas pelas estratégias pathemicas adotadas pelo enunciador; a constância do discurso de justificação em respostas interdiscursivas às críticas nos enunciados circulantes; o interdiscurso polêmico como forma de reelaborar sentidos inverídicos; o interdiscurso acionando imaginários sociais para ancorar a produção de efeitos pathemicos e os *ethé* visados e os *ethé* com efeitos pathemicos, bem como os efeitos pathemicos projetados na imagem de si do enunciador. No entanto, uma distinção foi identificada na comparação entre as análises dos enunciados, como os *ethé* mostrados e os discursivos, que em cada microdispositivo foram articulados de uma forma, o que denota distintas visadas adaptadas às cenografias.

9.1 QUADRO RESUMO COMPARATIVO

	Pronunciamento	**Entrevista**	**Cercadinho**	**Live**
Ethé mostrado	*Ethos* de sério	*Ethos* de chefe figuras do salvador e do senhor da guerra	*Ethos* de potência populista autoritária	*Ethos* de humanidade (p*athos* de simpatia)
Ethé discursivo	Presidente chefe de Estado	Presidente Candidato Populista	Presidente Troll	Presidente Salvador
Discurso populista Dramaturgia **Figura do Salvador**	*Ethos* de virtude (herói) *Ethos* de gestor competente *Ethos* de chefe – figura do salvador – "senhor da guerra" (eleitores) – guia-supremo *Ethos* de desumanidade – salvador do mercado (não eleitores) *Ethos* de potência *Ethos* de humanidade *Ethos* de indiferença.	*Ethos* chefe – "senhor da guerra" – guia-supremo – figura do salvador – soberania *Ethos* de competência *Ethos* de indiferença	*Ethos* de potência – efeito de antipatia (imprensa) – simpatia (apoiadores) *Ethos* de competência – efeito de evidência *Ethos* de chefe populista – guia-profeta – chefe soberano – "senhor da guerra" (efeito pathemico de coragem) *Ethos* de virtude *Ethos* de desumanidade e indiferença – efeito de repulsa (familiares e não eleitores) Atração e simpatia – Bolsonaro figura de salvador – efeitos do *ethos*	*Ethos* de humanidade => *Pathos* de simpatia *Ethos* de solidariedade *Ethos* de potência *Ethos* de chefe – esfera econômicas – figura do guia profético *Ethos* candidato populista => aciona o imaginário antipetista *Ethos* de simpatia – "grandes empresários" e "indústria farmacêutica" produtores de cloroquina

	Pronunciamento	Entrevista	Cercadinho	Live
			autoritário, de potência, benfeitor, herói que está enfrentando o sistema.	
Representação da pandemia e o *pathos*	Pandemia como histeria e pavor desnecessário Efeito de tranquilidade e Esperança (cloroquina)	Pandemia como pânico e histeria. Efeito de tranquilidade, segurança, esperança.	Pandemia como vírus a ser enfrentado. Efeito de esperança e coragem (retorno ao trabalho, isolamento vertical e cloroquina).	Pandemia irá passar. Efeito de tranquilidade (decisões pró-mercado, naturalização da covid-19) e esperança (cloroquina).
Discurso populista Dramaturgia **Situação de declínio**	**Crise econômica** Angústia => figura do medo em relação às medidas de prevenção, desemprego em massa e crise econômica.	**Fome** Angústia => figuras do medo e terror em relação às medidas de isolamento, medidas preventivas, desemprego e fome.	**Caos** Angústia => figuras de terror e medo devido ao caos, violência, saques, fome, medidas de prevenção, fechamento e paralização das atividades econômicas, restrição de liberdade e ditadura.	**Desemprego** Angústia =.> figura do medo do desemprego, fome; neurose; morre de depressão; suicídio; violência; violência contra a mulher e confinamento.
Discurso populista Dramaturgia **Fontes do mal**	**Antipatia** Mídia, governadores e prefeitos.	**Antipatia** Veículos de comunicação de oposição, prefeitos e governadores.	**Antipatia** Adversários políticos polarização bem, povo x mal, elite **Repulsa** Bolsonaro => *ethos* de desumanidade (familiares e não apoiadores). Efeitos do *ethos* autoritário, de potência e desumanidade.	**Antipatia** Adversários políticos (imprensa). Governos que adotam medidas de prevenção
Silenciamento	Coronavírus sentido	A pandemia foi relativizada,	Invalidação das informações	Silencia a competência do

	Pronunciamento	**Entrevista**	**Cercadinho**	**Live**
	reelaborado como uma gripezinha.	descrita como “histeria” e “pânico”, naturalizando as mortes como um acontecimento inevitável.	divulgadas pela imprensa (um *site* de esquerda que infla a previsão de mortes). Posicionamento ultraliberal fatalista de um Estado sem responsabilidades diante da pandemia (“você quer que eu faça o quê?”).	estado na gestão da crise sanitária. Relaciona-se ao bloco do Partido do Mercado, ancorado em ideais ultraliberais. Voluntarismo (tranquilidade). Silenciamento discursivo: Não citar nominalmente a covid-19, não convidar nenhuma autoridade sanitária, omitir os sintomas da doença, não recomendar as medidas de prevenção e deixar de alertar a população quanto à gravidade da doença. Elaborar outros sentidos construídos para representar a pandemia ou tratá-la com indiferença Anúncio de produtos da Caixa Econômica Federal (alegria)
Interdiscursividade e Imaginários *(ethos e pathos)*	**Discurso de justificação** Resposta às críticas e pacificar relações conflituosa I**maginários** Fundamentalista religioso, nacionalista => tópica esperança, figura do salvador	**Discurso de justificação** Respostas aos enunciados circulantes. **Imaginários** Nacionalista => orgulho nacional, uso da segurança – *pathos* de tranquilidade (cidadão) e ameaça (adversários), *ethos* chefe, figura	**Discurso de justificação** Respostas às críticas a seu pronunciamento oficial, às instâncias adversárias **Imaginários:** Antipolítica / anticomunista => Indignação “terror” criado pela	**Discurso de justificação** Resposta às críticas pelo posicionamento no pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão. **Imaginários** Científico/estatístico => *pathos* tranquilidade e *ethos* de

	Pronunciamento	Entrevista	Cercadinho	Live
	Científico => *pathos* tranquilidade e *ethos* competente Ultraliberal => efeitos de medo – medidas preventivas, ameaça à liberdade Terra arrasada => antipatia governadores e prefeitos Anticomunista => *ethos* virtude que salvou brasileiros na China	do "senhor da guerra" e comandante. Antipolítica e antisistema => efeitos de antipatia aos adversários políticos Científico => *ethos* de competente e *pathos* de tranquilidade Religioso fundamentalista => efeitos de antipatia aos adversários políticos (fechamento de igreja)	esquerda. Relações polêmicas => decretos publicados por autoridades locais Crenças ultraliberais => imaginário ultraliberal fatalista Científico => efeitos pathemicos de esperança Fundamentalista religioso => produção de *ethos* de chefe – guia profeta	competência, discurso de justificação Ultraliberal e anticomunista => *pathos* de antipatia governos que adotem medidas de prevenção Fundamentalista religioso e nacionalista => figura de guia-profeta Nacionalista => coragem Enfrentar a pandemia Estereótipos do "espírito do povo brasileiro", "o brasileiro tem que ser estudado", "o brasileiro tem o corpo blindado" e "o cara não pega nada".

9.2 O DISCURSO POPULISTA E A DRAMATURGIA DISCURSIVA

A encenação pathemica de uma dramaturgia discursiva esteve presente em todos os microdispositivos que analisamos. A representação do acontecimento relativo à pandemia da covid-19 foi recorrente e similar nos enunciados dos quatro microdispositivos, como iremos apresentar a partir da situação de declínio, as fontes de mal e a figura do salvador.

9.2.1 Situação de declínio no discurso político bolsonarista

A situação em declínio foi enunciada a partir do efeito pathemico de angústia, por meio das figuras de medo e terror em relação às medidas de prevenção que causariam o desemprego em massa e a crise econômica, no microdispositivo 1 – Pronunciamento do presidente da República em rede nacional de televisão e rádio. Com o uso de léxicos como "proibição", "fechamento" e "confinamento" que levaria ao "desemprego em massa", o presidente elaborou a figura do medo, ao relatar uma possível crise econômica causada pelo desemprego, o que foi associada a uma situação em declínio na dramaturgia discursiva.

O efeito de angústia em relação às mortes causada pela pandemia foi deslocado discursivamente para o desemprego em massa, e não pela doença em si. A locução adjetiva "em massa" torna o desemprego muito maior e abrangente, reforçando ainda mais o medo e a angústia nas pessoas, pois sua sobrevivência como cidadão consumidor é associada à capacidade produtiva. Ou seja, em um imaginário de uma sociedade capitalista em que o valor é medido pela capacidade produtiva, o desemprego "em massa" pode representar a morte do indivíduo e da sociedade. O prejuízo para as forças produtivas é a crise a ser enfrentada. O quadro de crise social encenado não foi a pandemia, e sim a crise econômica, sendo a epidemia considerada "pânico" e "histeria", produzida pelos veículos de comunicação com o mote "fique em casa".

Já no microdispositivo 2 – Entrevista para programa jornalístico –, o presidente buscou estabelecer um efeito de angústia em cenas dramatizantes a partir de figuras de medo e terror em relação à fome, causada pelas medidas de prevenção e de isolamento que levariam ao desemprego e à ausência de renda. A fome é a situação de declínio central nesse microdispositivo.

Para isso, o enunciador descreveu e narrou uma cena em que os trabalhadores informais e suas famílias iriam morrer, caso tivessem covid-19, por estarem desnutridos em consequência da falta de renda e da fome. Buscou ainda encenar efeitos pathemicos de angústia gerando indignação, ao afetar as crenças pessoais do interlocutor relativas ao medo da fome e do desemprego.

Para mobilizar o afeto de angústia, Bolsonaro, na entrevista, propôs ao sujeito destinatário, como o trabalhador informal, a narrativa de uma cena dramatizante susceptível de produzir medo e terror. As cenas narradas e descritas são muito próximas da vivência do destinatário, que já estava vulnerável emocionalmente devido ao cenário de incertezas, o que torna a representação sociodiscursiva verossímil, ao narrar um estado de perigo real para o sujeito, ainda mais quando enunciadas pelo presidente da República, que carrega consigo a legitimidade e autoridade do cargo. Diferentemente do pronunciamento, na entrevista, o enunciador trouxe para a cena o interlocutor, produzindo efeitos pathemicos que gerassem maior identificação.

No microdispositivo 3 – Fala no *cercadinho* no Palácio do Alvorada –, bem como nos demais microdispositivos, a situação de declínio é associada ao caos, violência, saques e fome causados pelas medidas de prevenção que levou ao fechamento e paralisação das atividades econômicas, o que encenou um efeito pathemico de angústia, a partir das figuras de medo e terror em decorrência da situação em declínio. Nesse microdispositivo, o imaginário de soberania popular e anticomunismo foi acionado e o enunciador relacionou a crise à restrição de liberdade e à ditadura.

Bolsonaro buscou gerar identificação do público com a descrição pathemica de uma cena dramatizante de angústia em decorrência das medidas preventivas adotadas por prefeitos e governadores que levariam à possibilidade de viver em situação de restrições de acesso à alimentação, ou seja, fome. Para isso, o presidente acionou no enunciado alguns grupos sociais – “38 milhões de autônomos”, “cidadãos brasileiros”, “pessoal CLT”, “servidor público”, “homem do campo” – para cada uma das cenas descritas. Assim como na entrevista, Bolsonaro trouxe para a cena os sujeitos destinatários ao citá-los.

Para dar credibilidade a seu enunciado, Bolsonaro estabeleceu relações interdiscursivas polêmicas com os decretos publicados pelas autoridades locais, principalmente pelo governo de São Paulo, ao afirmar erroneamente que as empresas foram fechadas, o que

produziu o efeito de antipatia, pela representação negativa de empresas que teriam paralisado suas atividades devido às restrições de circulação decretadas pelo governo estadual.

De maneira mais dramática, Bolsonaro fez uso de palavras que desencadeiam uma série de efeitos negativos, como “colapsar”, “caos”, “saques”, fortalecendo a tópica de angústia que foi desenvolvida ao longo da enunciação presidencial. A figura do medo foi acionada por meio da ameaça de uma situação de violência que supostamente ocorreria em decorrência da crise econômica. Em resumo, Bolsonaro encenou uma dramaturgia discursiva em que adotou um tom de denúncia de um “caos” que o povo seria vítima.

Para justificar suas medidas, o presidente estabeleceu em seu discurso um raciocínio pragmático para encenar um efeito de angústia, com o uso da figura do medo, ao afirmar que se o Estado se tornasse responsável pelo “vírus”, por uma consequência obrigatória, seria o “caos” e o “fim”. O enunciador tentou associar o isolamento social e as medidas de prevenção a uma tópica de angústia, com o uso da palavra “ditadura”, levando a um universo pathemico que aciona o medo de restrição da liberdade, ancorado no imaginário anticomunista. Entre os quatro dispositivos, a fala no *cercadinho* foi a que mais jogou com a tópica angústia em seu enunciado na descrição da situação de declínio a partir da ideia central do “caos”.

Por fim, no microdispositivo 4 – *live* realizada em perfil pessoal de redes sociais –, a situação de declínio foi representada pelo medo do desemprego e suas consequências, em virtude das medidas de enfrentamento à covid-19, produzindo uma tópica de angústia. O universo pathemico relativo ao desemprego foi representado explicitamente com palavras e situações que poderiam desencadear angústia, medo e terror em seus interlocutores, como “fome”, “neurose”, “morre de depressão”, “suicídio”, “violência”, “violência contra a mulher” e “confinamento”.

No discurso político do presidente da República, a partir da análise dos enunciados dos quatro dispositivos, podemos afirmar que em nenhum deles a situação de crise social e de declínio a ser enfrentada era o problema sanitário causado pela pandemia da covid-19, ou seja, a morte de uma população vulnerabilizada. Em seu lugar, o perigo posto a partir de um universo pathemico de angústia foi a crise econômica e suas consequências, ancorando-se em uma rede de crenças que foram tocadas pelas figuras de medo e de terror em relação a situações de fome, de caos e de desemprego – estes causados pelas medidas preventivas para se evitar a transmissão da covid-19 no país, decisão tomada pelas autoridades estaduais e municipais, representadas sociodiscursivamente como as fontes do mal.

9.2.2 As fontes do mal

Nos enunciados dos quatro microdispositivos que analisamos, a fonte do mal que causou a crise social foi representada pelos adversários políticos do presidente Bolsonaro, que não estavam alinhados a ele para lidar com a pandemia: veículos de comunicação, governadores e prefeitos.

No microdispositivo 1 – pronunciamento do presidente da República em rede nacional de televisão e rádio –, "os meios de comunicação" e a "mídia" foram responsabilizados pelo enunciador por causar histeria e pavor desnecessários diante do "vírus", atitude responsável por gerar o "desemprego em massa" e a crise econômica. Já os governos estaduais e municipais foram acusados de fecharem escolas, comércio, proibirem transporte, promoverem o confinamento em massa e serem fomentadores da "terra arrasada" da economia, que, no imaginário político, é aquele agente público que atua sempre como oposição para destruir qualquer coisa que possa ser proveitosa ao inimigo.

O mesmo ocorreu no microdispositivo 2 – entrevista para programa jornalístico –, em que a classe política – governadores e prefeitos – e a imprensa foram acusados de sempre "levar na maldade". Eles foram colocados como malfeitores, provocando desaprovação e até mesmo uma rejeição violenta por parte do presidente. Segundo o apresentador Ratinho, parte do público do microdispositivo 2 é composto em sua maioria por eleitores de Bolsonaro ("Nosso programa é um programa popular, mas um programa que tem um público grande que gosta muito do senhor") e são susceptíveis ao efeito de antipatia à classe política que compartilham o mesmo universo de saber do presidente, que foi eleito com um posicionamento de antipolítica e antissistema. Bolsonaro ainda reforçou que seus adversários políticos estavam fechando igrejas, "último refúgio das pessoas", estabelecendo uma relação discursiva pathemica e polêmica com base moral, afetando a crença religiosa pessoal de seus interlocutores.

No microdispositivo 3 – fala no *cercadinho* no Palácio do Alvorada –, o enunciador tentou produzir em parte de seu auditório o efeito de antipatia a partir da construção de uma imagem negativa essencialmente má de governadores e prefeitos, ao responsabilizá-los pelo caos, desemprego e fome no país, e que estariam colocando a sobrevivência econômica como menos importante que a vida. "Certas autoridades estaduais e municipais" são representadas como as responsáveis pela crise, ao tomarem atitudes "além da normalidade". Para gerar

antipatia, o enunciador acionou a figura de indignação, por meio de um tom de acusação, ao mobilizar crenças morais sobre o bem e o mal para explicar uma relação de dominação de "certas autoridades" perante à população. O enunciador também adotou algumas palavras que produziram efeitos negativos relacionados a um comportamento autoritário da instância adversária, como "donos", "seus", "proibindo" e "fechando", para explicar as medidas de prevenção para a redução do contágio pelo Sars-Cov-2 implementadas pelas autoridades. O uso dessas palavras levou a um universo pathemico de antipatia do público em relação às autoridades políticas. Ainda para desqualificar a credibilidade da informação dos veículos de comunicação, o enunciador relacionou as informações sobre a pandemia a "um *site* de esquerda", já que uma parcela do público eleitor de Bolsonaro é antipetista e compartilha da mesma tópica de antipatia pela esquerda sob um medo do comunismo.

Da mesma forma, no microdispositivo 4 – *live* realizada em perfis pessoais de redes sociais –, Bolsonaro responsabilizou "alguns poucos governadores, alguns poucos prefeitos que erraram na dose" pela crise econômica e o desemprego, comparando metaforicamente as políticas de prevenção a um "veneno", que levaria à morte, desqualificando as medidas de prevenção a partir de palavras que encenaram um universo pathemico de antipatia ("errou na dose"; "o prefeito está fazendo barbaridade"; "ele quer mostrar serviço"; "é exagerado na dose"). O trabalho da imprensa foi classificado negativamente como "circo", com a intenção de produzir uma tópica de antipatia. A imprensa foi deslocada pelo enunciador de uma instância de mediação para adversária política, sendo tratada com ironia ("Olha só, eu fui, eu fui questionado pela imprensa ali fora, essa imprensa. Você sabe que eu sou apaixonado por ela do fundo do coração").

No discurso político bolsonarista, o efeito pathemico de antipatia foi direcionado à instância adversária política, por meio de um tom de indignação, acusação e denúncia, mobilizando crenças morais e antissistema. Para antagonizar com a fonte do mal, Bolsonaro projeta seu *ethos* na figura do salvador.

9.2.3 A figura do salvador

Para constituir a figura do salvador na dramaturgia discursiva, Bolsonaro fez uso da projeção da imagem de si utilizando efeitos pathemicos, como o de esperança baseada no uso da cloroquina, ou o de simpatia em oposição ao de antipatia relacionada à instância

adversária política, ou de valores como o de soberania, da tranquilidade e da verdade, fazendo-se porta-voz de tais ideais, de acordo com a situação de comunicação e os contratos de cada microdispositivo. A possibilidade de produzir variados e ambíguos *ethé* conforme o auditório é outra característica do discurso populista de Bolsonaro, que, por meio da figura do salvador, sustentou variados *ethé* projetados por sua enunciação. Dessa forma, em cada um dos microdispositivos, a figura do salvador apareceu com maior ou menor intensidade e projetou distintas imagens.

No microdispositivo 1 – pronunciamento do presidente da República em rede nacional de televisão e rádio –, devido ao papel sociodiscursivo do enunciador e ao caráter oficial do dispositivo, a figura do salvador foi menos evidente. Ela apareceu quando o presidente evocou um *ethos* de virtude e se colocou como salvador de "29 brasileiros que regressaram para o Brasil de Wuhan", projetando a imagem de um presidente patriota, fiel a seus cidadãos e benevolente, que em um ato heroico, salvou os brasileiros na China (e da China) de uma situação de perigo, o que buscou acionar na população afetos de alívio e segurança. Em um discurso populista e de justificação, Bolsonaro elaborou uma imagem de liderança política e chefe de Estado, como o salvador que precisou enfrentar a histeria promovida pelos meios de comunicação, instância adversária que deveria ser "contida". Para se ter um salvador, é necessário um mal a combater.

Em um momento em que as pessoas estão morrendo, o presidente elegeu como uma razão superior o mercado e a manutenção de empregos em detrimento da vida, o que, para sua base de apoio, pode produzir a figura de salvador diante de uma crise fabricada pela imprensa e pelos adversários políticos de Bolsonaro. Isto, porém, pode constituir um *ethos* de indiferença e até mesmo de desumanidade por parte dos não eleitores do mandatário.

Já no microdispositivo 2 – entrevista para programa jornalístico –, o enunciador adotou um tom de intimidade, chegando a ser amistoso, sorridente, com uma postura firme, mas sem ser rígida, buscando se aproximar da figura do salvador. Como no microdispositivo 1, ao representar a pandemia como uma "histeria", Bolsonaro incorporou a imagem do salvador e construiu a figura de um guia supremo, que iria levar a verdade para enfrentar o caos, ou seja, como uma entidade superior, ele iria guiar o país em meio ao pânico e à histeria provocados pela imprensa maldosa e políticos preocupados com as eleições.

No microdispositivo 3 – fala no *cercadinho* no Palácio do Alvorada, o *ethos* de potência foi predominante, com um caráter populista, esteticamente agressivo, irreverente e

culturalmente popular. Essa performance populista integrou uma cenografia que constitui seu *ethos* visado, uma imagem de salvador que enfrenta o sistema, evidencia o antagonismo "povo/nós/o bom" contra a "elite/eles/o mau". O *ethos* de potência no enunciado pode produzir um efeito pathemico de atração e simpatia em seus apoiadores, para quem Bolsonaro é visto com um benfeitor, um herói que está enfrentando o sistema. A figura do salvador, que traz as soluções mágicas em um cenário de crise social, projetou um *ethos* de chefe populista, associado às figuras do guia-profeta, o guia soberano e o "senhor da guerra" – esse último com efeito pathemico de coragem.

Enfim, no microdispositivo 4 – *live* realizada em perfis pessoais de redes sociais –, frente a todo esse universo pathemico de terror, medo e angústia encenado por Bolsonaro, ele projetou seu *ethos* de chefe, fazendo uso da figura de salvador, associada à do guia-profeta messiânico com caráter transcendental divino, que, com o emprego do verbo "cuidar", produziu ainda uma figura assistencialista.

Bolsonaro recorreu à cloroquina e a representou como uma substância salvadora e redentora, o que produziu um efeito pathemico de esperança diante da crise sanitária, tornando-se uma das expressões mais destrutiva dessa vocação messiânica bolsonarista. Ainda fazendo uso da figura populista do salvador, o enunciador projetou um *ethos* de chefe de Estado, porém restrito aos problemas econômicos, o que produziu efeitos pathemicos da tópica de simpatia em parte de seu público. O aspecto populista se manifestou ainda ao projetar o *ethos* de uma liderança que se opõe aos adversários políticos, uma elite que representaria um Estado opressor. O *ethos* de potência, um dos traços fundamentais para a imagem de salvador, foi produzido a partir de enunciados em que seu corpo, suas proezas físicas de trabalhar até a exaustão e sobreviver a uma facada foram exaltados, como forma de reafirmar sua força.

Os *ethé* de identificação no discurso bolsonarista, principalmente os que sustentam a imagem do locutor como um salvador, perpassam por efeitos pathemicos ao buscar tocar o afeto do cidadão, encenando uma dramaturgia discursiva, em que o líder político denuncia uma situação em declínio e crise. Ao mobilizar afetos de atração, simpatia e esperança, o presidente levou o público a vê-lo como o libertador de seus males, com a intenção de persuadi-lo a aderir a seus projetos pessoais de enfrentamento à pandemia do coronavírus, apesar de serem medidas contrárias às orientações das autoridades sanitárias, baseando-se em um saber de crença que fez parecer um saber de conhecimento, mesmo ainda não tendo sido comprovado cientificamente. A projeção de um *ethos* de chefe na figura de salvador tem como uma das visadas convencer o

público a aderir a suas propostas de isolamento vertical, reabertura econômica ou simplesmente não seguir as medidas de prevenção recomendadas por autoridades em saúde.

9.3 O SILENCIAMENTO NO DISCURSO BOLSONARISTA

No discurso bolsonarista, a gravidade da crise sanitária, que incluiu os casos e óbitos por causa da covid-19, foi relativizada, ao ser descrita como "histeria" e "pânico", causada pelos veículos de comunicação, ou quando foi classificada pelo presidente da República como uma "gripezinha". As mortes por coronavírus foram silenciadas, ao serem tratadas pelo enunciador como um acontecimento inevitável e natural, e não uma consequência do agravamento da doença e da ausência de medidas sanitárias por parte do governo federal.

Tais práticas discursivas podem silenciar e desautorizar outros discursos que afirmem o contrário ou o diferente. Conforme afirma Silva (2020), é importante diferenciar o contra-argumento em relação à tentativa de silenciamento. Quando um presidente da República que comanda o poder político fala fortemente contra a imprensa e critica nominalmente jornalistas, seu discurso político não está contra argumentando, mas tentando controlar e silenciar esse outro.

Nos enunciados analisados, Bolsonaro evitou citar nominalmente a covid-19 ou o nome da doença coronavírus. Era chamado por ele como "o vírus". Reduzir a covid-19 a "vírus" e não citá-lo ou, quando citado, mostrar desprezo, ou não saber qual é o nome correto, se coronavírus ou coronovírus, produziu uma negação discursiva frente ao perigo que a doença poderia provocar. Da mesma forma, na *live* promovida por Bolsonaro, seu convidado foi o presidente da CEF, quando a população pouco sabia sobre a doença e se fazia urgente que autoridades sanitárias tivessem espaço de divulgação entre a população para esclarecer o que era essencial naquele momento: a importância das medidas de prevenção. Dessa forma, eram omitidas informações sobre a covid-19 ou produzidos outros sentidos para representar a gravidade da pandemia, os sintomas da doença e sua forma de transmissão.

Entendemos em nossa análise que o silenciamento discursivo busca produzir um efeito pathemico de tranquilidade na população e até mesmo de alegria, quando, durante o enunciado do microdispositivo 4 – *live* realizada em perfil pessoal de redes sociais –, em forma de comemoração, Bolsonaro e o presidente da Caixa anunciam uma série de produtos e serviços do banco estatal para o mercado.

A responsabilidade do Estado foi reelaborada quando Bolsonaro acionou valores de voluntarismos, produzindo figuras de piedade e benevolência em relação aos "grandes empresários" e à "indústria farmacêutica", que estavam se prontificando a ajudar na compra ou produção da hidroxicloroquina. Tal representação de papéis silencia a competência do Estado na gestão da crise sanitária e relaciona-se ao bloco do Partido do Mercado, ancorado em ideais ultraliberais, que prega o menor Estado possível, em que os direitos sociais são tratados como uma função voluntária do mercado, uma regressão ao período anterior ao SUS, quando o direito aos serviços de saúde dos brasileiros e brasileiras dependia da caridade de terceiros e da filantropia.

Com o apagamento da pandemia como uma doença letal a altamente transmissível, a competência do governo federal e sua responsabilidade como gestor da crise foram também silenciadas. O esvaziamento da função estatal é do mesmo modo representado quando o enunciador afirma que "esse é o espírito do povo brasileiro", ao se referir por meio do pronome "esse" ao voluntarismo, ou seja, o voluntarismo faz parte da identidade do povo brasileiro. A responsabilidade dos deveres do Estado, do chefe do Executivo é transferida para o povo, projetando para o *ethos* de chefe um vazio em relação às questões sanitárias, em um posicionamento ultraliberal fatalista de um Estado sem responsabilidades diante da pandemia ("você quer que eu faça o quê?").

9.4 A DICOTOMIA E AS EMOÇÕES

A dicotomia e o antagonismo permearam o discurso político bolsonarista como uma estratégia pathemica. Ancorado em um populismo reacionário, Bolsonaro tratou a pandemia da covid-19 no Brasil como uma luta entre o "povo" e a "elite", o "nós" contra o "eles" ou até mesmo entre o "bom" e o "mau", considerando o aspecto moral.

De um lado, o "povo/nós/o bom" representado na instância cidadã pelos 1) militantes alinhados ao governo federal; e pelo 2) público-cidadão-eleitor, como os trabalhadores formais e informais e o setor empresarial.

Do outro lado, a "elite/eles/o mau" representada pela instância política adversária, que são os veículos de comunicação não alinhados ao governo federal; governadores estaduais – sobretudo os de São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal; presidente do Congresso

Nacional, Davi Alcolumbre; presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia; STF; e a elite política associadas ao comunismo e à ditadura da esquerda.

Um primeiro ponto é que o antagonismo apresentado anteriormente não se refere a um antagonismo entre classes sociais e econômicas, mas, sim, a um antagonismo baseado no libertarianismo, ou seja, entre as forças produtivas e o Estado. Dessa forma, diante da insegurança e vulnerabilidade em um cenário de crise sanitária e social, Bolsonaro se colocava ao lado das forças produtivas, em nome de uma soberania, de um povo que queria trabalhar, "ir para a escola" e manter a economia ativa.

Nesse sentido, os efeitos pathemicos antagônicos foram produzidos por Bolsonaro em seus enunciados ao representar sociodiscursivamente a pandemia no Brasil. Em relação ao povo/nós/o bom foram produzidos efeitos de simpatia, atração, e em relação à elite/eles/o mau, efeitos de antipatia e repulsa. O mesmo ocorreu em relação à pandemia em si, que foi representada como uma histeria, um pavor desnecessário causado pela elite/eles/o mau. Tal representação teve a intenção de provocar afetos de tranquilidade, segurança e esperança, a partir da representação da cloroquina como medicamento de cura à covid-19, do isolamento vertical como medida efetiva para o retorno seguro ao trabalho, das estratégias de silenciamento que naturalizaram as mortes por covid-19 e do saber de crença que a pandemia seria passageira. Já os efeitos de angústia foram produzidos por figuras de medo e terror do desemprego em massa, da crise econômica, fome, caos, saques, violência – situações essas causadas pelas medidas de prevenção que restringiram a liberdade de circulação, sendo em alguns momentos associadas à "ditadura" por Bolsonaro, vinculando-se à elite/eles/o mau.

O medo é uma das estratégias políticas adotadas para a manutenção do poder e Bolsonaro o incorporou em seu discurso, ao projetar o medo a partir da dramatização pathemica, em que o enunciador aponta uma crise econômica como central em seu discurso e os culpados são seus adversários políticos. Assim, ele se apresentou como solução na figura do salvador que enfrenta a elite política. E é dessa forma que Bolsonaro produziu um *ethos* de potência populista autoritária, o presidente *troll*:

> Quando se sentem acusados ou questionados sobre algo que não concordam ou que lhe causam insegurança, os discursos se tornam obliterantes, irônicos e agressivos, com acusações e piadas sobre situações delicadas, sérias e até científicas, mas que, infestados de ideologias, remontam uma memória histórica, discursiva e afetiva que insulta e expõe quem é visto por ele como inimigo político ou da pátria. (SILVA, 2020, p. 43).

Essa dicotomia dos afetos levou a uma dicotomia inconciliável entre o que seria possível e necessário em termos de gestão pública durante a crise sanitária, como se medidas de preservação da vida fossem necessariamente medidas contra a saúde econômica do país, sendo assim posto pelas escolhas lexicais do enunciador e as cenas dramatizantes produzidas, ao ancorar-se no imaginário liberal da extrema direita brasileira. O libertarianismo é antagônico à solidariedade social estatal e esse ideal permeou o discurso bolsonarista, em que os sentidos foram polarizados e o Estado e mercado postos como contraditórios. Bolsonaro estabeleceu uma dicotomia dos afetos entre as crises econômica e a sanitária, bem como as escolhas da gestão para lidar com as duas, que ele colocou como excludentes, em uma oposição entre liberdade e igualdade, em que a igualdade defendida pela esquerda associada a um Estado coercitivo e ao medo do comunismo, fosse uma ameaça à liberdade, bandeira da direita, campo do livre comércio e da liberdade econômica.

9.5 DISCURSO DE JUSTIFICAÇÃO

Uma constância nos quatro microdispositivos analisados foi que em todos eles Bolsonaro adotou um discurso de justificação, em uma relação interdiscursiva às críticas recebidas, em resposta aos enunciados circulantes acerca de suas medidas (ou não medidas) adotadas para o enfrentamento da pandemia e em relação ao seu posicionamento no pronunciamento oficial em cadeia de rádio e televisão. A sua resposta aos enunciados circulantes foi ainda uma reação política ao protagonismo político que outros atores (governadores e o ministro da Saúde) estavam tendo frente às medidas para lidar com a transmissão da covid-19 no Brasil.

Para isso, Bolsonaro fez uso do discurso populista para justificar suas medidas e elaborou uma imagem de liderança política e chefe de Estado ao se colocar diante do cidadão como o salvador, figura que se ancorou em 1) valores como a soberania do povo, 2) em crenças liberais compartilhadas sobre a competência estatal diante da crise sanitária, 3) em relações interdiscursivas com expressões do campo científico para justificar seu posicionamento de reabertura da economia.

Com sua popularidade eleitoral ameaçada, no microdispositivo 4 – *live* realizada em perfil pessoal de redes sociais –, Bolsonaro projetou um *ethos* de solidariedade diante das mortes e acionou a figura de pertencimento, ao citar sua mãe, parte do grupo de risco, para

produzir um discurso de justificação, principalmente diante de seus eleitores. Da mesma forma o fez por meio de concessões restritivas, após afirmar sua preocupação com as vidas e não querer que houvesse mortes em decorrência da covid-19.

9.6 INTERDISCURSO POLÊMICO E O SABER DE CRENÇA COMO FORMA DE REELABORAR SENTIDOS INVERÍDICOS

Uma das estratégias do enunciador para representar a epidemia causada pela covid-19 foi fazer uso de um discurso polêmico com relações interdiscursivas com outros enunciados, principalmente os do campo científico, como ocorreu no microdispositivo 2 – entrevista para programa jornalístico. Apesar de seu *ethos* prévio não o legitimar como competente tecnicamente para enunciar quem estaria imune ou não à covid-19, Bolsonaro, por meio de uma relação interdiscursiva, fez uso de um vocabulário técnico na tentativa de construir um *ethos* de competência a respeito do tema. Dessa forma, por meio do interdiscurso polêmico, o presidente reforçou a ideia que o coronavírus é uma doença que não acomete pessoas novas, atenuando as mortes e a letalidade da covid-19, comparando-a a uma gripe. Questionou ainda se os óbitos se dariam mesmo pelo vírus Sars-CoV-2 ou em decorrência de comorbidades pré-existentes. O enunciador deixou intencionalmente à margem uma série de informações, para gerar uma controvérsia polêmica e produzir efeitos pathemicos de tranquilidade na população e projetar um *ethos* de competência de alguém com conhecimento e propriedade ao trazer para o discurso político vocabulário e conceitos epidemiológicos e da infectologia. Tais inferências, por terem um tom técnico e serem autenticadas pelo presidente da República, foram utilizadas no enunciado produzindo efeitos de verdade, fazendo uso de um saber de crença como se fossem de conhecimento.

Da mesma forma, no microdispositivo 3 – fala no *cercadinho* no Palácio do Alvorada –, as controversas polêmicas foram uma das estratégias elaboradas para produzir efeitos pathemicos de tranquilidade em relação às questões relativas à pandemia da covid-19, principalmente quando estabelecidas relações interdiscursivas com o campo científico, ao produzir representações não verídicas. Assim como quando o presidente fez uso de estratégia interdiscursiva ao traduzir do campo científico o conceito epidemiológico de isolamento vertical, sentido reelaborado com visada de convencimento e de adesão a suas medidas por parte da população. Bolsonaro produziu uma relação polêmica de um assunto controverso, que

é a pandemia em si e tudo que a implicasse, visto a disputa de sentidos e representações sociodiscursivas que estamos trazendo neste trabalho, como é o caso do entendimento de isolamento vertical e o horizontal. Ocultar intencionalmente partes dos enunciados, silenciá-los, produzir controvérsias polêmicas, projetar um *ethos troll* e afetos com uma visada de manipulação, somam-se no discurso bolsonarista para gerar um efeito de veracidade, mesmo sendo mentira.

Silva (2020, p. 42) afirma que esse fenômeno de produção deliberada de mentiras,

> [...] se manifesta principalmente nas redes sociais, onde algoritmos favorecem a criação de câmaras de eco, que ressoam apenas as informações identificadas com as preferências de cada usuário e tornam invisíveis as informações que estejam fora desse campo de interesses previamente manifestados.

Assim, enunciados partidarizados que estabelecem relações interdiscursivas polêmica ou com teor ideológico podem ser ampliados e reforçados quando circulam em microdispositivos em ambiente de redes sociais, "[...] influenciando a percepção do público sobre a realidade e servindo de iscas poderosas para atrair a atenção, os cliques e as interações dos usuários, reforçando vieses cognitivos" (SILVA, 2020, p. 42).

Um exemplo que demonstra essa situação foi quando Bolsonaro fez uso das relações interdiscursivas polêmicas para a produção de informações falsas, ao traduzir de forma errônea que os decretos publicados pelas autoridades locais, principalmente pelo governo de São Paulo, fecharam as empresas. Ao ser lido pelo presidente, a tradução feita se distanciou do sentido dos enunciados de origem, o que construiu uma cena dramatizante, produzindo efeito de angústia, pela representação negativa de empresas que teriam paralisado suas atividades devido às restrições de circulação decretada pelo governo estadual. Ao reinterpretar as ideias de seus adversários, Bolsonaro tentou produzir em parte de seu auditório o efeito de antipatia, a partir da construção de uma imagem negativa essencialmente má de governadores e prefeitos, os responsáveis pelo caos, desemprego e fome no país, que estariam colocando a sobrevivência econômica como menos importante que a vida.

As informações falsas ainda estiveram presentes na reorganização de traduções e interpretações pessoais de Bolsonaro de conceitos epidemiológicos, como "curva descendente", grupo de risco, letalidade, comorbidade e imunidade coletiva. O uso de um vocabulário e sentidos que remete a um discurso técnico, médico e científico, projetou um *ethos* de competência e de credibilidade em parte do público, produzindo um efeito de verdade ao inferir

erroneamente que a pandemia no Brasil teria uma duração breve de cinco, seis meses, pois na China e na Itália, segundo o enunciador, a curva já teria entrado na descendente.

A mesma relação interdiscursiva com o conceito de grupo de risco levou a crer que a letalidade de uma gripe – não somente a covid-19 –, entre idosos é maior por causa das comorbidades pré-existentes, para justificar que a crise do coronavírus no Brasil não teria grandes consequências, culpando a imprensa pela divulgação de dados errados para gerar pânico, ao estabelecer um interdiscurso citado e produzir uma controvérsia polêmica. Por fim, o último conceito extraído pelo presidente do discurso científico para o político que iremos pontuar foi o de imunidade coletiva, no trecho em que Bolsonaro afirmou que as pessoas que tivessem covid-19 estariam imunes e iriam ajudar a imunizar o Brasil, levando-os possivelmente a um efeito pathemicos de coragem e patriotismo por meio de efeitos de veracidade a partir das relações interdiscursivas com o campo científico, enfrentando a epidemia de forma até mesmo a se contaminarem ao considerarem que assim não teriam mais covid-19, poderiam circular livremente e ainda iriam ajudar a imunizar o Brasil.

O enunciador faz uso de estratégias interdiscursivas para a produção de informações inverídicas, ao reelaborar intencionalmente sentidos de forma errônea, com objetivos pathemicos, como produzir efeitos de segurança e tranquilidade a partir da representação sociodiscursiva enunciada acerca da pandemia da covid-19. Assim, afirmou que a doença, semelhante a uma gripe comum, iria afetar somente idosos com comorbidades, e que a maioria das pessoas sequer teria sintomas e ainda iria "ajudar a imunizar o Brasil", ou que a crise sanitária duraria apenas "cinco, seis meses". Esse enunciado pathemico também visou ao orgulho nacionalista de grande parte do eleitorado bolsonarista. Com isso, afirmando que a crise sanitária duraria apenas por mais "cinco, seis meses", buscou produzir um efeito de esperança, em que o destinatário foi levado a confiar no fim da pandemia e ansiar por essa mudança.

9.7 IMAGINÁRIOS SOCIAIS ACIONADOS PARA ANCORAREM A PRODUÇÃO DE EFEITOS PATHEMICOS E DO *ETHOS* DE SALVADOR

Nos enunciados dos quatro microdispositivos analisados, as relações interdiscursivas foram estabelecidas predominantemente acionando imaginários nos campos religiosos, nacionalistas, científicos e ultraliberais para ancorar a produção da imagem de salvador na dramaturgia discursiva. Nela, Bolsonaro elaborou seu *ethos* por meio da figura de

guia-supremo, “senhor da guerra” e chefe soberano, além do *ethos* mostrado de potência vocalizado a partir de uma maneira de falar forte.

De forma constante, para projetar seu *ethos*, Bolsonaro fez uso do imaginário de soberania, por meio da ideia de povo associado ao religioso messiânico. Evocou ainda o imaginário fundamentalista religioso e nacionalista para projetar sua figura de guia-profeta, que, inclusive, foi o seu *slogan* de campanha durante as eleições de 2018: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Além disso, o enunciador se apoiou no ideal nacionalista, ao apontar o MD como o protagonista para liderar a crise sanitária, em uma demonstração de força bélica e disposto a adotar medidas extremas contra seus adversários políticos. Por um lado, a figura bélica reverberou medo e intimidação em parte de seus desafetos políticos, por outro, em relação a seus apoiadores, acionou afetos relacionados à segurança e ao sentimento de nacionalismo, visto que, no imaginário compartilhado entre grande parte dos eleitores de Bolsonaro, as operações militares garantem ordem e segurança.

No discurso bolsonarista, a imagem de salvador também se constitui no antagonismo moral entre o bom e o mau, em que as instâncias adversárias foram representadas como aquelas que fomentaram a ideia de “terra arrasada”, que no imaginário político é o agente público que atua sempre como oposição para destruir qualquer coisa que possa ser proveitosa ao inimigo. As medidas de prevenção da crise sanitária foram descritas em seu discurso como a causa do “caos” e do “fim”, acionando imaginários que remetiam à violência, miséria e fome. Para lidar com essa realidade, Bolsonaro apontou como a solução salvadora e messiânica para a crise social a cloroquina, produzido um efeito pathemico de esperança em uma situação de vulnerabilidade.

Bolsonaro limitou e restringiu seu papel e responsabilidade como presidente. Evocou no imaginário de seu auditório crenças liberais compartilhadas sobre a competência estatal diante da crise sanitária em uma relação interdiscursiva com um imaginário ultraliberal fatalista, que adota valores como Estado mínimo e responsabilização individual. Bolsonaro buscou, além de justificar a ausência nas ações de assistência aos grupos de risco e medidas para conter a crise sanitária como chefe de Estado, gerar a adesão da população a seus projetos em uma interação com o imaginário de um Estado liberal, que não tem como atribuição prover a assistência social à população, representado emblematicamente pelo enunciado “Você quer que eu faça o quê?”.

Por meio de relações interdiscursivas em que buscou acionar em seus eleitores o imaginário de rejeição à esquerda, ao PT e aos comunistas e ao encontro do posicionamento de que a assistência não é uma obrigação do Estado, Bolsonaro buscou ainda estabelecer um efeito de antipatia a partir da relação direta entre as ditaduras, os governos que promovem assistência social e saúde coletiva e os posicionamentos políticos da esquerda, já que o "governo onde o estado faz tudo são ditaduras". Como parte do público são eleitores de Bolsonaro, que defendeu em sua campanha uma agenda ultraliberal e antiesquerda, tais associações produzem um efeito pathemico de antipatia aos governos que adotam políticas de prevenção, sendo associados à esquerda e às ditaduras.

9.8 OS *ETHÉ* COM EFEITOS PATHEMICOS E OS EFEITOS PATHEMICOS PROJETANDO A IMAGEM DE SI DO ENUNCIADOR

Ao longo deste capítulo, ao trazermos os *ethé* produzidos discursivamente pelo enunciador, pontuamos sua constituição pathemica. Nesta parte, iremos nos ater àqueles que se fazem mais necessários serem destacados, sobretudo, o relativo à figura do salvador na encenação da dramaturgia discursiva.

Os afetos relativos à angústia e ao medo de uma crise econômica causada pelo desemprego "em massa" que provocariam situações de fome, caos, violência impulsionaram a projeção da figura do salvador quando Bolsonaro se colocou como aquele que iria enfrentar a situação em declínio, construindo uma imagem que se alternou conforme os microdispositivos, como será detalhado adiante.

Em relação à pandemia, tendo sua gravidade silenciada pelo enunciador, ao ser representada como uma "gripezinha", com o intuito de produzir efeitos de tranquilidade e segurança na população, apesar da alta mortalidade por covid-19, em um contexto em que não havia vacinas e muito menos medicamentos comprovados cientificamente, a crise sanitária foi reduzida a um "vírus", ou seja, a algo invisível a olho nu e que "brevemente passará". A partir do efeito de tranquilidade e segurança, Bolsonaro exerceu seu *ethos* de chefe e ordenou à população que continuasse a vida e voltasse à normalidade.

9.9 OS ETHÉ MOSTRADOS E O DISCURSIVO

Apesar das similitudes discursivas nos enunciados dos quatro microdispositivos, identificamos que os *ethé* mostrados (discursivo) e a intensidade dos efeitos pathemicos são distintos, como descrevemos a seguir.

9.9.1 O presidente chefe de Estado

O *ethos* mostrado de sério foi predominante no microdispositivo 1 – pronunciamento oficial do presidente da República em rede nacional de televisão e rádio –, em que a cenografia constituída de um pronunciamento oficial para a população em geral fez com que o enunciador incorporasse e projetasse à sua imagem um fiador esperado pelo auditório, a de um presidente chefe de Estado. Alguns índices corporais e mímicos já são estabelecidos no pronunciamento oficial, o que reforçou o *ethos* de seriedade, como a postura corporal mais rígida e firme, o olhar fixo em direção à câmera, logo, em direção ao destinatário, como se falasse diretamente a ele.

Para a projeção de um *ethos* de sério credível, o presidente fez uso de índices comportamentais e verbais, como uma fala mais pausada com um tom firme e comedido, por meio de uma elocução mais serena, além de construções e escolhas de palavras simples, em uma tentativa de reconstituição de seu *ethos* prévio, conhecido e reconhecido pelos seus interlocutores de um político vulnerável a acessos de cólera e rompantes diante de temas controversos. Buscou da mesma forma mostrar uma vocalidade de um bem falar, em um monólogo previamente elaborado com o objetivo de situar sua elevada posição hierárquica, a presidencial.

A imagem de um chefe de Estado foi discursivamente projetada pelo *ethos* do gestor competente e virtuoso, colocando-se diante do cidadão como o salvador na figura do "senhor da guerra" que iria enfrentar o desemprego causado pela histeria promovida pelos meios de comunicação, "contra tudo e contra todos". O caráter populista de chefe de Estado é projetado por meio de um *ethos* de potência por meio do qual ele exaltou sua força a partir do seu corpo e histórico de atleta, que não se abalaria caso fosse contaminado pela covid-19, gerando uma sensação de normalidade. As figuras do chefe soberano e do guia supremo foram acionadas a partir do imaginário de soberania associado ao religioso de um ser divino, um "pai" e "inspirador do espírito", ao mesmo tempo em que se colocou como um chefe em defesa da

pátria, resgatando valores nacionalistas e de soberania que iria liderar o país ao "novo Brasil", à "grande nação" e se amparando em uma modalidade de convicção, "acredito em Deus".

Apesar da predominância de um *ethos* de presidente chefe de Estado, é imprescindível trazermos para a análise final o tom provocador que Bolsonaro adotou por meio de um sorriso irônico, ao resgatar uma afirmação descontextualizada do médico Drauzio Varella, da *Rede Globo*, em que ele chamou o novo coronavírus de "gripezinha". Fazer uso da fala do médico é uma estratégia interdiscursiva que pode provocar efeitos diversos e ambíguos, como uma imagem de indiferença e um *ethos* de desumanidade para parte do auditório, mas, para outra parte, um efeito pathemico de tranquilidade, ao reduzir a gravidade da covid-19 a uma gripezinha, o que reforçaria para esse mesmo grupo a figura do salvador que denuncia a histeria provada pela imprensa.

9.9.2 O presidente candidato populista

Diferentemente do pronunciamento oficial em que o presidente se mostrou sério em grande parte do enunciado, no microdispositivo 2 – entrevistas jornalísticas –, identificamos um *ethos* distinto. Por se tratar de um veículo de comunicação alinhado politicamente ao Governo Federal, o contrato permitiu ao enunciador adotar um tom de intimidade durante a entrevista, chegando até mesmo a ser amistoso, sorridente, com uma postura firme, mas sem ser rígida, o que projeta um *ethos* mais popular, por meio da figura carismática do salvador. Da mesma forma, a vocalidade é mais relaxada, com efeitos oratórios e espaços para narrativas e metáforas com efeitos pathemicos, aproximando os temas tratados da realidade da população.

O *ethos* de chefe não foi omitido no enunciado, sendo mostrado e reiterado pelo figurino formal, sóbrio em tons neutros. A entrevista ocorreu em um espaço oficial, transmitindo seriedade para a imagem presidencial. Adotou ainda um vocabulário técnico-científico para acionar um e*thos* de competência, bem como um vocabulário bélico, para demonstrar seu papel de liderança, por meio do *ethos* de chefe, na figura do "senhor da guerra". Em suma, no enunciado, o *ethos* mostrado de Bolsonaro foi predominantemente o de chefe, em uma mescla da figura do salvador e do "senhor da guerra".

Com um *ethos* mostrado de chefe, ao longo do enunciado o que foi discursivamente elaborado foi uma imagem do presidente candidato populista. Aquele que, por meio da encenação da dramaturgia discursiva, estabeleceu um discurso em nome da soberania do povo

– os cidadãos de bem –, e de justificação de suas medidas. O presidente candidato populista projetou seu *ethos* como se estivesse acima dos conflitos e disputas com seus adversários políticos, apesar de ser próprio de regimes democráticos, e se colocou sempre em defesa dos interesses do povo.

O candidato que não quer ser responsabilizado e nem associado a situações negativas, como as mortes por covid-19 ou a crise econômica, para não ter sua popularidade eleitoral afetada. Para isso, discursivamente, a gravidade da pandemia, as mortes, o adoecimento das pessoas são negadas como acontecimento. Uma verdade factual é representada e reduzida sociodiscursivamente como pânico e histeria causados pela instância política adversária, os causadores da crise econômica, ao decretarem localmente medidas de prevenção à transmissão, como o distanciamento social e a restrição de circulação.

9.9.3 O presidente *Troll*

O microdispositivo 3 – fala no *cercadinho* no Palácio do Alvorada – tem algumas características muito peculiares e distintas em relação aos dispositivos anteriores. A principal diferença foi a presença física de sua claque, o que tornou o local uma espécie de palanque político-partidário eleitoral mesclado com coletiva de imprensa, já que, ao lado do grupo de apoiadores, jornalistas também aproveitavam a oportunidade para uma rápida entrevista para suas coberturas.

O *ethos* mostrado do EUe político *troll* na situação de comunicação se aproximou do papel previsto do enunciador*:* o *ethos* de potência populista autoritária. Por ser uma pessoa alta, o *ethos* de potência se materializou na forma como se postou, que foi intensificada pela sua gestualidade mais enérgica, principalmente quando era confrontado pelos jornalistas, sem deixá-los terminar as perguntas e muitas vezes sem ao menos respondê-las, o que reforçou na imprensa um *ethos* de potência com um viés negativo e uma vocalidade autoritária, com um tom desrespeitoso e insolente nas entrevistas.

No entanto, para seus seguidores, o *ethos* de potência pode projetar um caráter populista, esteticamente agressivo, irreverente e culturalmente popular, de enfrentamento ao sistema, um político que diz o que pensa, ao contrário dos políticos tradicionais, que são dissimulados. A violência verbal buscou mostrar uma pessoa que não engole sapos, alguém que

está indignado e revoltado com o sistema político. Bolsonaro buscou materializar dessa forma a antipolítica em suas transgressões estéticas verbais.

Portanto, em vez de palavras conciliatórias para uma ação conjunta de todas as esferas de poder, municipal, estadual e federal, ele se colocou como a pessoa que denuncia uma suposta "ditadura" de governadores e prefeitos, transgredindo de forma irresponsável e eleitoral a maneira como se responde a uma catástrofe, a uma crise sanitária. O que se projetou em seu *ethos* discursivo foi muito mais o mostrado do que o dito, já que seu comportamento *troll* violento sobrevalorizou a ruptura e transgressão em detrimento ao dito. Os efeitos pathemicos oriundos do *ethos* projetado do presidente *Troll* adquiriu demasiado valor, tornando até mesmo a importância da verdade um valor secundário. A forma passou a ter primazia ao conteúdo.

9.9.4 O presidente salvador

Por fim, no microdispositivo 4 – *live* realizada em perfis pessoais de redes sociais –, o enunciador se mostrou com uma postura corporal e facial mais relaxada, em um ângulo reto e frontal em direção à câmera, como se estivesse conversando diretamente com o público, o que contribui para uma imagem de intimidade e proximidade. Predominantemente, na *live*, Bolsonaro adotou uma tonalidade mais espontânea e amistosa, calma, com sorrisos que ocorreram durante o momento em que contava uma piada, um caso pessoal ou quando era irônico ao se referir a seus adversários políticos. Essa postura tem como intenção produzir uma tópica de simpatia e projetar um *ethos* de humanidade ao presidente, com um falar mais tranquilo e informal, aproximando-se de uma conversa entre amigos ou familiares, com o objetivo de gerar um efeito de simplicidade natural, intimidade e simpatia, de uma pessoa comum e autêntica.

Esse *ethos* do presidente salvador projetado por Bolsonaro se assemelha a sua imagem durante as eleições em 2018, em que parece falar a mesma língua e os mesmos assuntos dos brasileiros, como afirmam Moura e Corbellini (2019, p.111): "Como se ele incorporasse o ethos de padeiro, carteiro, atendente da farmácia, dona de casa, falando exatamente do que falam, com a linguagem que utilizam, enxergando a realidade que enxergam e preparando suas respostas a partir disso."

Isso é possível pela forma como as *lives* são organizadas, pela sua cenografia, em que as quebras de protocolos oficiais são constantes com Bolsonaro, seus convidados e a equipe

dos bastidores, ao conversarem durante a transmissão, gerando ares de improviso, o que reforçou a autenticidade mostrada.

Como nesse microdispositivo o público era sua base política, Bolsonaro buscou projetar discursivamente no enunciado um *ethos* de solidariedade e de humanidade em resposta às críticas recebidas que impactam sua popularidade eleitoral. Ainda para dialogar com sua base política, principalmente a liberal e antipestita, buscou um *ethos* de chefe competente, porém restrito a seus eleitores e a seu "povo". Este foi o dispositivo que mais se aproximou de sua figura populista do salvador para enfrentar a crise econômica e do guia-profeta que apontou a cloroquina como o medicamento mágico para lidar com a epidemia no Brasil. Dessa forma, de um lado, o *ethos* populista objetivou produzir um efeito pathemico de simpatia, do outro, o efeito de antipatia aos governos que adotaram políticas de prevenção associadas à esquerda e ditaduras, lideranças políticas que representam a elite de um estado opressor.

Concluímos que o EUe tem uma relação direta com o auditório e as características dos microdispositivos em determinadas situações de comunicação, influenciando nas escolhas intencionais do enunciador ao projetar seu *ethos* e construir discursivamente a imagem de si.

Em um dispositivo oficial, como o pronunciamento em cadeia de rádio e televisão, em que ali seu auditório é a população brasileira, a imagem do presidente da República como chefe de Estado foi produzida, bem como seus efeitos de seriedade e de credibilidade. Nas entrevistas aos veículos alinhados politicamente ao governo federal, apesar de não ser um comunicado oficial, o enunciador estava ali como entrevistado em decorrência do cargo que ocupa, portanto ainda era o presidente e fez uso do espaço discursivo para se mostrar como um presidente competente na condução da crise, projetando sua popularidade como candidato.

Nos outros dois dispositivos, o caráter não oficial dos dispositivos reverberou na situação de comunicação, na cenografia, no contrato e nos papéis do enunciador, que no cercadinho, diante dos seus eleitores, projeta o *ethos troll*, apesar de ainda não abrir mão do seu papel presidencial como uma estratégia para dar autoridade ao discurso.

10 CONCLUSÃO

> Porque a peste se tornava assim o dever de alguns ela surgiu realmente como era, isto é, o problema de todos. (CAMUS, 1958/2019, p. 117).

Cinco de maio de 2023. Escrevo estas reflexões finais no mesmo dia em que a OMS declara o fim da emergência de saúde pública de importância internacional referente à covid-19, o mais alto nível de alerta da Organização. Depois de três anos e três meses, uma retrospectiva de imagens e dores passou pela minha cabeça.

Na minha memória desse tempo que vivemos, estão as várias representações sociodiscursivas que o discurso bolsonarista impregnou em nossas lembranças. Está ainda o caminho de pesquisa que percorri desde a mudança do *corpus*, antes o discurso antivacina, para o discurso político durante a pandemia, mais especificamente, o discurso enunciado por Jair Bolsonaro, o então presidente da República.

No projeto de pesquisa apresentado para a qualificação, eram quinze vídeos que seriam analisados. Com o desenvolvimento das análises, devido à extensão do *corpus* e à recorrência das estratégias enunciativas, dos efeitos visados e das representações sociodiscursivas projetadas, reduzimos para quatro os vídeos a serem analisados, preservando a distinção entre os microdispositivos para evidenciar, por meio da comparação dos enunciados, a interferência da situação de comunicação.

O *design* metodológico proposto mostrou-se efetivo para a pesquisa e fundamental para lidar com a extensão do *corpus* e a profusão dos enunciados analisados. Os quadros resumos das categorias, após as análises no final de cada capítulo, e o quadro resumo comparativo, apresentado no último capítulo desta dissertação, possibilitaram identificar e evidenciar as recorrências das estratégias enunciativas e a linearidade de como Jair Bolsonaro representou sociodiscursivamente a pandemia da covid-19 em todos os vídeos.

Durante a produção da dissertação, percebi que vários imaginários nos quais Bolsonaro ancorava seu discurso precisavam ser abordados e estudados. Dessa forma, no primeiro capítulo, descrevi os que precederam as eleições presidenciais de 2018 e que sustentaram sua base de apoio, sobretudo os relacionados ao campo econômico – o libertarismo; religioso – o fundamentalismo religioso; político – o anticomunismo. Tais imaginários também projetaram os blocos discursivos políticos, que, em substituição aos partidos políticos, são

representações sociais compartilhadas nos atos de comunicação, sendo eles: o Partido do Boi, o Partido Teocrata, o Partido da Ordem, o Partido do Mercado e o Partido dos *Trolls*.

Ao evidenciar "quem o texto faz falar" e "quais sujeitos o texto faz falar", por meio de um *ethos* discursivo, do interdiscurso polêmico com outros discursos ou de uma dramaturgia discursiva, trouxemos possíveis pontos de vista políticos percebidos de forma menos opaca em nome de uma ideia societária e de valores de extrema direita nos quais o ex-presidente se baseou e pelos quais ele se manifestou e disse o que disse.

Não iremos repetir as análises feitas e descritas no trabalho. Vamos apresentar os principais pontos da nossa pesquisa que nos levaram a outras reflexões. Em cada um dos microdispositivos, um *ethos* discursivo foi projetado (presidente chefe de Estado, presidente candidato populista, presidente *troll* e presidente salvador), contribuindo com a eficácia do seu discurso, buscando exercer influência e persuasão em relação ao outro. A adaptação a seus alocutários e à sua visão de mundo deu força à fala de Jair Bolsonaro, o que só fez sentido pelos valores, crenças e representações compartilhadas pelo enunciador e o auditório projetado em cada uma das situações. A diversificação do *ethos* também se deu pelas especificidades dos tipos e gêneros do discurso, sendo parte constituinte das diversas cenografias engendradas.

O bolsonarismo operou produzindo antagonismos nos enunciados analisados. "Sem produzir antagonismos, ele não pode existir" (AVELAR, 2021, p. 35), e não foi diferente durante a pandemia, ultrapassando os limites do negacionismo. O que, para Barros e Lago (2022), pode ser uma ameaça à democracia quando o antagonista é apresentado como um inimigo a ser eliminado para a pacificação social. O antagonismo foi a espinha dorsal para a construção da imagem de si de Bolsonaro, por meio de uma dramaturgia discursiva populista em que o seu *ethos* como salvador ganhou força a partir do medo e da angústia diante da crise econômica, causada por seus adversários políticos ao adotarem e implementarem medidas preventivas que prejudicassem a economia, em uma polarização do "eu x eles" característica do populismo.

A partir de efeitos patêmicos antagônicos, a pandemia da covid-19 foi representada sociodiscursivamente nos enunciados analisados como histeria, visando provocar efeitos de tranquilidade e coragem na população, para que não adotassem as medidas de restrição de circulação, distanciamento social e até mesmo o uso de máscaras. O que foi também fortalecido pelo possível efeito de esperança que a cloroquina, como tratamento precoce, gerou em parte da população. No entanto, as medidas de prevenção foram associadas ao terror e medo da fome,

do desemprego em massa, ou seja, da crise econômica. Bolsonaro estabeleceu uma dicotomia dos afetos entre as crises sanitária e econômica, como se as ações para lidar com as duas fossem necessariamente excludentes. Dessa forma, Bolsonaro restringiu seu papel e a responsabilidade como presidente, bem como do próprio Estado, a partir de crenças liberais compartilhadas de um imaginário ultraliberal fatalista, que adota valores de um Estado com responsabilidade mínima na assistência social e na gestão da crise sanitária, sendo esta posta como uma responsabilização individual. O enunciador também fez uso do medo compartilhado do comunismo e do sentimento de antipolítica ao projetar a imagem de ditadura de esquerda, comunista, àquele Estado ou a políticos que adotaram medidas de prevenção para evitar a transmissão da covid-19.

Ainda para justificar seu posicionamento, Bolsonaro ancorou as representações em seu enunciado em relações polêmicas interdiscursivas, principalmente com o campo científico, para produzir efeitos de veracidade. Bolsonaro, assim o fez, traduzindo em seu enunciado conceitos epidemiológicos, médicos e científicos, como o de isolamento vertical, grupo de risco, imunidade coletiva, letalidade, curva descendente e comorbidade, intencionalmente de forma errônea ou incompleta. As relações interdiscursivas do discurso político com o campo científico, ao fim, levaram a uma banalização do discurso científico, esvaziando até mesmo a sua força de veracidade.

Destaco algumas questões discursivas a serem desenvolvidas e que neste trabalho não foram possíveis devido ao recorte do *corpus* e às escolhas metodológicas, mas que alguns apontamentos iniciais foram apresentados e podem ser desdobrados, a saber: o valor de verdade como saber de crença e sua relação com os efeitos pathemicos e o discurso autoritário; as características performáticas na construção da imagem de si no discurso populista; o papel do efeito pathemico baseado no medo provocado por um discurso de ódio; e o silenciamento como estratégia enunciativa no discurso bolsonarista, inclusive produzindo o apagamento de outras doutrinas liberais em que a igualdade é condição para a liberdade.

Além dos apontamentos citados, na análise discursiva, trouxemos e entendemos alguns dos mecanismos enunciativos operados por Bolsonaro, em que as estratégias interdiscursivas, a construção da imagem de si e os elementos pathemicos, ao produzirem efeitos de verdade, podem contribuir para estudos futuros acerca do discurso manipulatório da extrema direita.

O bolsonarismo não é um fenômeno isolado no Brasil. Constitui e é constituído por valores, crenças e imaginários tradicionais extremistas, autoritários para além do próprio Bolsonaro, em um movimento político que emerge em países europeus e nos Estados Unidos, em que seus representantes ocupam institucionalmente cargos eletivos, como é o caso da Itália que, recentemente, em outubro de 2022, elegeu como primeira-ministra Giorgia Meloni do partido Irmãos da Itália, líder eurocética, que apoia uma política nacionalista de rejeição à União Europeia. Com o *slogan* "Deus, pátria e família", a primeira-ministra liderou uma campanha baseada nas políticas anti-imigração, na redução dos direitos da comunidade LGBTQIA+ e contra o aborto. O movimento da extrema direita também se revela em grupos negacionistas, antivacinas, terraplanistas, neonazistas, armamentistas, misóginos, xenófobos e preconceituosos, como manifesto na série de ataques racistas que ocorreu na Espanha contra o jogador brasileiro de futebol Vini Júnior.

O discurso bolsonarista não tem apenas uma dimensão política, mas afeta o tecido social, as relações e o diálogo entre diferentes grupos e classes sociais. Por isso, é essencial que pesquisas como esta continuem a investigar e compreender as estratégias enunciativas, os efeitos pathemicos e as representações sociodiscursivas projetadas pelo discurso político de extrema direita. Somente assim poderemos criar mecanismos de combate e resistência a discursos manipuladores, autoritários e polarizadores, que ameaçam a democracia, a diversidade e a igualdade de direitos.

É nesse caldo que o bolsonarismo, maior que o próprio Bolsonaro, estabelece também relações interdiscursivas e se ancora imageticamente. Diante da emergência desse movimento político de extrema direita, temos uma futura problemática para uma análise crítica do discurso, que nos provoca a pensar onde se aloca, ou não se aloca, o discurso político conservador da direita brasileira no movimento geopolítico internacional. Que este trabalho possa contribuir para o debate acadêmico e para a reflexão crítica sobre os discursos políticos contemporâneos, em especial o discurso bolsonarista e o da extrema direita.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth, (org.). **Imagens de si no discurso:** a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.

ATOS PRÓ-BOLSONARO ocorrem em várias cidades. **Deutsche Welle**, 15 mar. 2020. Disponível em: https://l1nq.com/hR4M2. Acesso em: 07 maio. 2023.

AVELAR, Idelber. **Eles em nós:** retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI. São Paulo: Record, 2021.

BARROS, Thomás Zicman de; LAGO, Miguel. **Do que falamos quando falamos de populismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2022.

BENITES, Afonso; BETIM, Felipe. Congresso aprova renda básica por crise do coronavírus enquanto Planalto luta por protagonismo. **El País**, 30 mar. 2020. Disponível em: https://encurtador.com.br/fpszF. Acesso em: 07 maio. 2023.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. *In* BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 81-90.

BIGNOTTO, Newton. Bolsonaro e o bolsonarismo entre o populismo e o facismo. *In* BIGNOTTO, Newton. **Linguagem da destruição:** a democracia brasileira em crise. São Paulo: Cia. das Letras, 2022. p. 121-176.

BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opinião pública**, v. 10, n. 2, 2004.

BOLSONARO DESCUMPRE monitoramento por coronavírus, participa de ato e cumprimenta apoiadores no DF. **G1**, Política, 15 mar. 2020. Disponível em: https://l1nk.dev/htxTK. Acesso em: 07 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. Garantia da Lei e da Ordem. 04 dez. 2013. Disponível em: https://acesse.one/Hs6wp. Acesso em: 7 maio. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.844, de 18 de junho de 2019**. Estabelece a organização básica dos órgãos da Presidência da República e dos Ministérios; altera as Leis nos 13.334, de 13 de setembro de 2016, 9.069, de 29 de junho de 1995, 11.457, de 16 de março de 2007, 9.984, de 17 de julho de 2000, 9.433, de 8 de janeiro de 1997, 8.001, de 13 de março de 1990, 11.952, de 25 de junho de 2009, 10.559, de 13 de novembro de 2002, 11.440, de 29 de dezembro de 2006, 9.613, de 3 de março de 1998, 11.473, de 10 de maio de 2007, e 13.346, de 10 de outubro de 2016; e revoga dispositivos das Leis nos 10.233, de 5 de junho de 2001, e 11.284, de 2 de março de 2006, e a Lei nº 13.502, de 1º de novembro de 2017. Brasília, DF: Presidência da República, 2019. Disponível em: https://acesse.one/JQqR1. Acesso em: 11 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 07 dez. 2020. Disponível em: https://acesse.one/YBVr1. Acesso em: 02 set. 2021.

BRASIL. Senado aprova auxílio de R$ 600 para trabalhadores informais e autônomos. **Serviços e Informações do Brasil**, 30 mar. 2020a. Disponível em: https://l1nk.dev/Kf36x. Acesso em: 07 maio. 2023.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Cúpula extraordinária dos líderes do G20 – Declaração sobre COVID-19. **Nota à imprensa nº 51/2020**, 2020b. Disponível em: https://acesse.one/ySqsX. Acesso em: 07 maio. 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Biografia do(a) Deputado(a) Federal JAIR BOLSONARO**. [s.d.]. Disponível em: https://encr.pw/vdpyG. Acesso em: 01 maio. 2023.

CAMUS, Albert. **A peste**. 23. ed. São Paulo: Record, 2019. (Original publicado em 1958).

CASOS DE CORONAVÍRUS no Brasil em 25 de março. **G1**, Bem-Estar, 25 mar. 2020. Disponível em: https://l1nk.dev/d9CMa. Acesso em: 07 maio 2023.

CAVALCANTE, Isabella. Marca do governo, live do Bolsonaro às quintas está abandonada há 3 semanas. **Estado de Minas**, 17 nov. 2022. Disponível em: https://l1nq.com/S2tUX. Acesso em: 01 maio. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. *In* MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato (org.). **Gêneros:** reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/Fale-UFMG, 2004. p. 13-41.

CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso politico . *In* MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (org.). **As emoções no discurso**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a. p. 240-251.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. *In* Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (org.). **As emoções no discurso**. Vol. 2. Campinas: Mercado Letras, 2007b. p. 24-47.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu *corpus*, eu te direi qual é a tua problemática. **Revista Diadorim**, v. 10, p. 01-23, dez. 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor*. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p.571-591, jan./jun. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso:** modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Contrato de Comunicação. *In* CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 130-133.

CIDADES BRASILEIRAS têm atos pró-governo. **G1**, Política, 15 mar. 2020. Disponível em: https://l1nk.dev/WIj6X. Acesso em: 07 maio 2023.

COSTA, Fábio. Ratinho: 20 curiosidades dos 20 anos do apresentador no SBT. **UOL,** Observatório da TV, 29 out. 2018. Disponível em: https://l1nk.dev/niK35. Acesso em: 01 maio. 2023.

CRUZ, Isabela. Quais são as manifestações convocadas para março de 2020. **Nexo Jornal**, Expresso, 01 mar. 2020. Disponível em: https://encr.pw/d3djM. Acesso em: 07 maio. 2023.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade:** a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DIEGUEZ, Consuelo. **O ovo da serpente:** nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder. São Paulo: Cia. das Letras, 2022.

DOIS DEDOS de prosa com Ratinho (SBT). **YouTube**, canal Jair Bolsonaro, 2020. 1 vídeo (50 min.) Disponível em: https://encurtador.com.br/quHL4. Acesso em: 3 jul. 2022.

EX-COORDENADORA do PNI diz que 'líder da nação' prejudicou vacinação. **Agência Senado**, 08 jul. 2021. Disponível em: https://encurtador.com.br/ahmBM. Acesso em: 10 jun. 2023.

FLORES, Valdir do Nacimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

FOCO DO BRASIL. **YouTube**, canal Foco do Brasil, 2022. Disponível em: https://l1nq.com/BmQJW. Acesso em: 27 ago. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: https://www.forumseguranca.org.br. Acesso em: 01 maio 2023.

GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: remissas, conceitos, operadores de análise. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. 31 p, abril 2007. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/126/126. Acesso em: 28 ago. 2023

GOVERNO DE SÃO PAULO. **Quarentena**. 2020. Disponível em: https://l1nk.dev/fsvNq. Acesso em: 07 maio 2023.

JOVEM PAN. **Programa Os pingos nos is.** Assista os vídeos na íntegra – Jovem Pan. 2022. Disponível em: https://encr.pw/mCk8s. Acesso em: 27 ago. 2022.

KALIL, Isabela (coord.). **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018. Disponível em: https://l1nq.com/qV70R. Acesso em: 12 nov. 2022.

LOPES, Nathan. Japão tem número estável de coronavírus sem quarentena; como é possível? **UOL**, Coronavírus, São Paulo, 25 mar. 2020. Disponível em: https://l1nk.dev/7E1yj. Acesso em: 07 maio 2023.

MAINGUENEAU, Domenique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. *In* AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso:** a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-92.

MANDETTA, Luiz Henrique. **Um paciente chamado Brasil:** os bastidores da luta contra o coronavírus. São Paulo: Schwarcz, 2021.

MAPA DA VACINAÇÃO contra Covid-19 no Brasil. **G1**, Bem-Estar, 27 jan. 2021. Disponível em: https://acesse.one/1dOFa. Acesso em: 10 jun. 2023.

MATOS, Filipe; GARCIA, Gustavo; RESENDE, Sara; ORTIZ, Delis. Alcolumbre diz que fala de Bolsonaro na TV é "grave" e que país precisa de "liderança séria." **G1**, Política, Brasília, 24 mar. 2020. Disponível em: https://l1nk.dev/6G9Jf. Acesso em: 07 maio 2023.

MATOSO, Filipe; CASTILHOS, Roniara; PARREIRA, Marcelo. Bolsonaro recria Ministério das Comunicações e coloca deputado Fábio Faria como ministro. **G1**, Política, Brasília, 10 jun. 2020. Disponível em: https://acesse.one/Di2aj. Acesso em: 01 maio 2023.

MATTOS, Marcela. Alvorada: O palanque do presidente. **VEJA**, Política, 07 out. 2019. Disponível em: https://l1nq.com/iFFhX. Acesso em: 27 ago. 2022.

MENEZES, Willian. Um pouco sobre as emoções no discurso político. *In* MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (org.). **As emoções no discurso**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 310-328.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita no Brasil. *In* GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política**. A reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-26.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. **A eleição disruptiva:** por que Bolsonaro venceu?. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MOTTA, Anaís. Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga: os 4 ministros da Saúde da pandemia. UOL, Coronavírus, São Paulo, 15 mar. 2021. Disponível em: https://acesse.one/QcfVy. Acesso em: 02 set. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Líderes do G20 abordam como enfrentar pandemia do covid-19. **ONU News**, 26 mar. 2020. Disponível em: https://l1nq.com/G3XKr. Acesso em: 07 maio 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Folha informativa sobre COVID-19. Brasília, 2021. Disponível em: https://l1nq.com/lek4C. Acesso em: 02 set. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PIAIA, Miquele. Cenografia e ethos nos discursos de um Presidente: o sujeito político Jair Bolsonaro. **Caderno de Letras**, n. 41, p. 313-329, 2021.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Biografia do Presidente**. 2019. Disponível em: https://acesse.one/HMAsE. Acesso em: 20 dez. 2022.

PRESIDENTE BOLSONARO fala na saída do Alvorada (quarta-feira) 25/03/2020. **YouTube**, canal Jair Bolsonaro, 2020. 1 vídeo (16 min.). Disponível em: https://encr.pw/MMhPo. Acesso em: 3 jul. 2022.

PRONUNCIAMENTO do Presidente Jair Bolsonaro, em cadeia nacional de TV, sobre covid-19. **YouTube**, canal Jair Bolsonaro, 2020. 1 vídeo (5 min.). Disponível em: https://l1nq.com/NTTwM. Acesso em: 5 jul. 2022.

QUAL A DIFERENÇA entre isolamento vertical, horizontal e lockdown? FIOCRUZ, Covid-19, Perguntas e respostas, 01 jul. 2020. Disponível em: https://l1nq.com/PWrZ6. Acesso em: 7 maio. 2023.

QUEM É PEDRO GUIMARÃES, indicado para a presidência da Caixa. G1, Economia, 22 nov. 2018. Disponível em: https://l1nk.dev/vVo1K. Acesso em: 07 maio. 2023.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio:** crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

RODRIGUES, Fernanda Castelano. Cloroquina. **InformaSUS**, UFSCar, 2020. Disponível em: https://l1nq.com/kSciX. Acesso em: 11 jun. 2023.

SÃO PAULO, RIO, Belo Horizonte, Distrito Federal e Recife registram panelaço contra Bolsonaro. **G1**, Política, 17 mar. 2020. Disponível em: https://l1nk.dev/RxFJs. Acesso em: 07 maio 2023.

SCHAWARCZ, Lilia. **Quando acaba o século XX**. São Paulo: Schwarcz, 2020.

SILVA, Cris. **O bolsonarismo da esfera pública.** Uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

SP REGISTRA a primeira morte pelo novo coronavírus no Brasil. **G1**, São Paulo, 17 mar. 2020. Disponível em: https://l1nk.dev/o6Tza. Acesso em: 07 maio 2023.

STARLING, Heloisa Murgel. Brasil, país do passado. *In* STARLING, Heloisa Murgel et al. (org.). **Linguagem da destruição:** a democracia brasileira em crise. São Paulo: Cia. das Letras, 2022. p. 72-120.

STYCER, Mauricio. Público do SBT é o mais "família"; o da Globo e da Record têm mais recursos. **UOL**, Mauricio Stycer, 04 fev. 2019. Disponível em: https://l1nk.dev/spjUt. Acesso em: 07 maio 2023.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS de coronavírus de 25 de março. **G1**, Bem-Estar, 25 mar. 2020. Disponível em: https://l1nk.dev/4tyDD. Acesso em: 7 maio. 2023.

UNICEF. Uma abordagem global é a única maneira de combater a Covid-19, diz a ONU ao lançar o plano de resposta humanitária. **Comunicado de imprensa**, 25 mar. 2020. Disponível em: https://l1nq.com/wTSZe. Acesso em: 07 maio. 2023.

VALENTE, Jonas. Covid-19: governo declara transmissão comunitária em todo o país. **Agência Brasil**, 20 mar. 2020. Disponível em: https://encurtador.com.br/gEXY8. Acesso em: 07 maio 2023.

VIEIRA, Henrique. Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões. *In* GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política**. A reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 111-119.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard**. Geneva, 2023. Disponível em: https://l1nq.com/uGKB4. Acesso em: 09 jun. 2023.